80 Anos

De Lutas e Conquistas

Lelé Arantes
Antonio Miguel Morena Pires D'Ávila

ths
ARANTES EDITORA

Dr.Eleuses Vieira de Paiva CRM 35.135

INSTITUTO RIO PRETO DE MEDICINA NUCLEAR

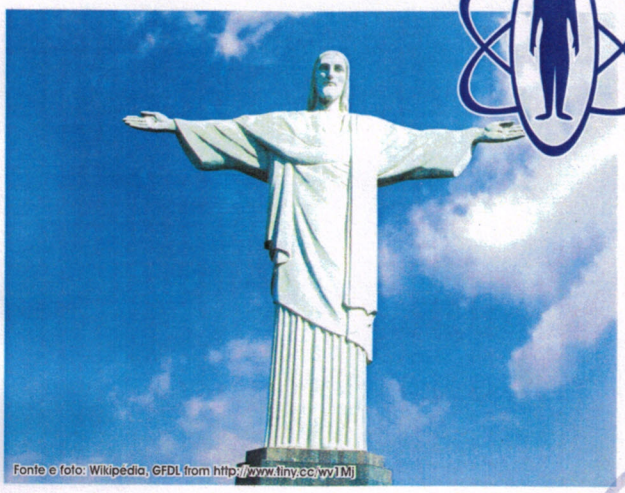

Fonte e foto: Wikipédia, GFDL from http://www.tiny.cc/wvJMj

Foto:Edson Baffi

São José do Rio Preto

Enquanto os homens marcam o tempo e fazem história

A ciência avança com o tempo e modifica a nossa história

Foto:Edson Baffi

Sociedade de Medicina e Cirurgia

Dr.Eleuses Vieira de Paiva CRM 35.135, Dra.Adriana Iozzi Joaquim CRM 81.553, Dr.Antélio Elias Perin CRM 103.713, Dr.Carlos Castilho Pin CRM 90.383, Dr.Celso Dario Ramos CRM 59.379, Dra.Elba C.S.C.Etchebehere CRM 75.508, Dr.Edwaldo E.Camargo CRM 11.625, Dr.Fernando Vilela Salis CRM 76.138, Dr.Mário Meira Lins Filho CRM 80.832

Rua Saldanha Marinho, 3233 - Centro- São José do Rio Preto/SP
Fone (17) 3232-3278 / Fax (17) 3233-3755/ E-mail: inuclear@terra.com.br
www.mn-d.com

35 Anos

Pioneirismo e inovação com humanização dos serviços

MN&D Medicina Nuclear
Diagnóstico e Terapia

Sociedade de Medicina e Cirurgia

de São José do Rio Preto

80 Anos de Lutas e Conquistas

Lelé Arantes

Antonio Miguel Morena Pires D'Ávila

ths
ARANTES
EDITORA

9 788560 397174

THS/ARANTES EDITORA
Textos, História e Serviço de Comunicação Ltda.
CNPJ 02.821.566/0001-00 - IE Isenta
Rua Bernardino de Campos, 2976 - sala 704
15015-300 - São José do Rio Preto - SP
Fone/Fax (17) 3222-5666 - (17) 3012-2142
E-mail: ths.arantes@superig.com.br
www.thseditora.com

Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto

80 Anos de Lutas e Conquistas

Lelé Arantes
Antonio Miguel Morena Pires D'Ávila

ths®
ARANTES EDITORA

Editor: **Lelé Arantes**

Diretoria editorial: **Regina Célia Ferreira**

Pesquisas: **Aretha Yarak e Lelé Arantes**

Entrevistas: **Maísa Râmia Nabuco**

Revisão: **Maura Loria**

Projetos editorial e gráfico: **Lelé Arantes**

Editoração e finalização: **Luciana de Godoy**

Capa: **Cleiton Taborda**

Secretaria editorial: **Kamila K. Tagliaferro**

Fotografias: **Edson Baffi, Hiroshi, Jaime Colagiovanni, Theodoro Demonte e Acervo da SMC**

Reprodução de fotografias: **Néia Rossetto**

Serviços gerais: **José Ribeiro de Godoy Junior**

Agradecimento: **Hemeroteca Prof. Dario de Jesus (Casa de Cultura Profª Dinorath do Valle)**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arantes, Lelé
Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto: 80 anos de história / Lelé Arantes, Antonio Miguel M. P. D'Ávila.
-- São José do Rio Preto, SP: THS Arantes Editora, 2007.

1. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto - História I. D'Ávila, Miguel M. P.. II. Título.

07-7876 CDD-610.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto: História 610.9

O conjunto de lembranças que um grupo de pessoas compartilha sobre um evento marcante e que, somado a fatos e imagens de domínio público, forma um tecido muito mais extenso e bem tramado do que a simples soma das recordações. Este tecido é tão forte, aliás, que pode ser compartilhado até mesmo por gerações que não assistiram aos acontecimentos.

Memória Coletiva
Maurice Halbwachs

- Por onde começar, disse o coelho ao Rei?
O Rei respondeu:
- Comece pelo começo e siga até o fim e lá chegando, terminará."

Alice no País das Maravilhas.
Alex Carrol

Índice

Prefácio - Dra. Regina Maria Volpato Bedone....9
Parabéns! - Dr. Jorge Carlos Machado Curi....11
Introdução - Dr. Wilson Daher....13
E assim se fez! - Dr. Domingo Marcolino Braile....15
Primeira parte - Dr. Antonio Miguel Morena Pires D'Avila....21
Apresentação....25
Aspectos Socioeconômicos da Região de São José do Rio Preto nos Anos de 1920....29
Primórdios da Medicina....39
Segunda parte - Lelé Arantes....51
Sociedade de Medicina e Cirurgia 1926 - 1971....53
Terceira parte - Lelé Arantes....119
A SMC e a Nova Sede....121
Ciência e Conhecimento....141
Atividades Sociais e Culturais....161
Vida Esportiva....187
Aos 80 anos....205
Galeria dos Presidentes....216
Galeria dos Diretores....219
Bibliografia....227

Dra. Regina Maria Volpato Bedone,
presidente da SMC (2006/2008)

Prefácio

"O que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir".
(Milton Nascimento)

Em 2006, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto (SMC) completou 80 anos de fundação. Em comemoração a esta data iniciamos a execução do projeto deste livro, idealizado pelo presidente que nos antecedeu, Dr. Pedro Teixeira Neto.

Este livro de memórias foi possível porque contamos com o empenho, a colaboração e a perseverança do nosso colega Dr. Antonio Miguel D'Ávila e do talentoso escritor e historiador Lelé Arantes, que com muito entusiasmo, em muitos dias e por muitas horas, compilaram dados nos arquivos da nossa entidade para que a história da SMC não ficasse relegada ao esquecimento. Afinal, o que a História não conta, não existiu.

Foi um desafio! Tarefa árdua porque exigiu tempo, dedicação, competência e busca de recursos financeiros. Porém, contamos com aqueles que valorizam e respeitam o passado. Sabem que os oitenta anos de história da nossa Sociedade de Medicina e Cirurgia e dos médicos de São José do Rio Preto são valiosos para as futuras gerações de médicos que continuarão honrando a Medicina.

A sociedade médica de Rio Preto foi fundada no dia 4 de março de 1926 e em reunião do dia 20 do mesmo mês seu nome foi definido como se perpetuou: Sociedade de Medicina e Cirurgia. Em seu primeiro estatuto ficou estabelecido o seu principal objetivo: a atualização científica através de apresentação e estudo de casos clínicos e cirúrgicos dos médicos associados. Teve como alicerce nomes de ilustres professores, médicos que se uniram em ideais comuns e souberam valorizar o conhecimento, o aprimoramento científico, o aperfeiçoamento de suas habilidades nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, e inclusive no exterior.

Desde a sua fundação, atuou como importante instituição, através das políticas médico-sanitárias, no município de São José do Rio Preto e também nos municípios da região como Mirassol, Monte Aprazível, Tanabi, José Bonifácio e Nova Granada. Com ações preventivas, unindo esforços da classe médica, interferiu positivamente na saúde da população em várias épocas, principalmente quando os recursos eram ainda muito precários.

Em várias gestões do governo municipal, médicos foram eleitos como prefeitos e vereadores, onde prestaram excepcionais e relevantes serviços à população e ao desenvolvimento de São José do Rio Preto.

As questões éticas passaram a ser discutidas e o exercício da medicina passou a ser fiscalizado combatendo o charlatanismo e os atos que desrespeitassem os códigos de ética médica.

Nos anos de 1960 a SMC também participou ativa-

mente da fundação da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP). Em 1967, o presidente em exercício, Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, deixou a presidência da SMC para assumir posteriormente o cargo do primeiro diretor da FAMERP. Desde então, as duas instituições estiveram sempre interligadas, promovendo a participação dos alunos da graduação, residentes, professores e médicos da cidade e região em atividades científicas, esportivas, socioculturais e de políticas médicas. O Congresso Médico do Oeste Paulista, que se encontra na XIX edição, é exemplo desta integração.

Médicos da SMC, renomados nacional e internacionalmente, foram também responsáveis por tornar São José do Rio Preto o "Centro Médico de Excelência do Oeste Paulista". Diversas especialidades médicas estabeleceram-se na cidade oferecendo serviços médicos comparáveis aos das grandes capitais e universidades.

Ao longo de seus oitenta anos de existência, a SMC foi presidida por trinta presidentes. Em outubro de 2005, em comemoração ao dia do médico, foi inaugurada na sede da entidade a "Sala dos Presidentes", onde estão expostas as fotos dos médicos que conduziram a nossa história: homens corajosos e idealistas que voluntariamente dedicaram o seu tempo precioso na luta pelos preceitos do código de ética médica, pela valorização do médico e da medicina, pela educação médica continuada e, principalmente, pelo respeito e amor ao paciente.

Como a 31ª presidente da SMC, representando a diretoria eleita para o triênio 2005-2008, estou honrada em entregar este livro aos médicos rio-pretenses e da região, associados da Associação Médica Brasileira, da Associação Paulista de Medicina, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto e dos médicos cooperados da UNIMED, certamente, estas memórias serão eternizadas e transformadas em fonte de exemplos de respeito à profissão e ao próximo, de lutas, de perseverança, de coragem e de glórias para os médicos das gerações futuras.

Dra. Regina Maria Volpato Bedone, presidente da
Sociedade de Medicina e Cirurgia
de São José do Rio Preto - 2006/2008

Dr. Jorge Carlos Machado Curi, presidente da Associação Paulista de Medicina (APM)

Parabéns!

É com imenso orgulho que comemoramos, junto dos colegas da região, os 80 anos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto. Trata-se de uma das mais antigas sociedades médicas do interior de São Paulo, e também do país. Tem participado ativamente da história da medicina do Brasil.

Nesta obra, o leitor parte em uma belíssima jornada iniciada na noite de quinta-feira, 4 de março de 1926, pelos médicos da região, com o intuito de oferecer uma adequada assistência aos cidadãos e também de defender os interesses dos profissionais da medicina. Esta jornada, aliás, perdura até os dias de hoje, e certamente muitas glórias ainda trará. Mesmo porque, a cada dia, novos especialistas, novos avanços e novas conquistas perpetuam a história de São José do Rio Preto e cidades vizinhas. Tudo isso sempre preservando o foco da proposta inicial, de zelar pelos interesses da classe e pela saúde população.

A história da SMC se confunde com a própria história da cidade. Nesta viagem pelo tempo, você terá acesso a fatos inéditos e a muitas curiosidades. Esta obra traz, por exemplo, os preciosos registros das reuniões até a fundação da Sociedade, bem como os detalhes da cerimônia de posse e a relação dos médicos em atividade. Cita os grandes nomes oriundos de São José do Rio Preto, que após vitoriosas gestões à frente da SMC, deram grandes passos na história de luta e de defesa dos médicos brasileiros. É o caso do colega Dr. Eleuses Vieira de Paiva, presidente no biênio 1994/1995, que chegou ao comando da APM e da Associação Médica Brasileira (AMB) juntamente com um grupo do qual tive o prazer e orgulho de participar. Seus ideais nos impulsionam fortemente até hoje.

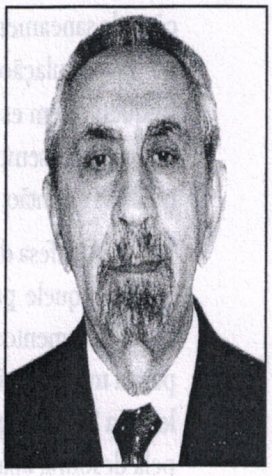
É um rico trabalho de pesquisa que atravessa o ano de 1971, quando foi adquirida a sede própria, um marco inesquecível, até chegar ao octagésimo aniversário da entidade, em 2006.

Iniciada por alguns médicos, graduados pelas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Salvador, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto tornou-se uma das principais entidades médicas do Estado; e a região, um dos grandes centros de excelência da medicina do país. Só podemos festejar e exteriorizar nosso orgulho.

Parabéns a todos.

Dr. Jorge Carlos Machado Curi, presidente da Associação Paulista de Medicina (APM)

Dr. Jorge Carlos Machado Curi, presidente da Associação Paulista de Medicina (APM)



Dr. Wilson Daher, professor de História da Medicina da FAMERP

Introdução

Entre o fim do século 20 e o início do atual, eu e Lelé Arantes nos propusemos a pesquisar e escrever sobre a história da medicina rio-pretense, desde os seus primórdios até os tempos atuais, em que a cidade se tornou referência na área médica. Após um início de trabalho profícuo e exaustivo, no entanto, o projeto foi sendo postergado e, quando nos demos conta, já estávamos envolvidos em outras atividades similares, que impediram a evolução da pesquisa.

Hoje, porém, sinto-me recompensado pelo privilégio de ler os originais desta obra do Dr. Miguel D'Ávila e do próprio Lelé Arantes, além de apresentá-la aos seus futuros leitores, a maioria dos quais, com certeza, não tem uma noção, mesmo que pálida, do que foi a luta pela consolidação de uma Sociedade de Medicina e Cirurgia (SMC), nos idos longínquos de 1926, quando éramos conhecidos como "boca do sertão", quando cidades hoje prósperas, como Votuporanga, ainda não existiam, mesmo como projeto.

Esta obra é fruto de um labor cuidadoso, elaborada por meio de pesquisas criteriosas, entrevistas prolongadas com pessoas ainda vivas e que, de alguma forma, testemunharam o crescimento da SMC, atuando como a memória de nosso trajeto rumo ao futuro brilhante que nos aguardava, dentro do panorama da medicina brasileira. Embora já em épocas que remontam ao início do século 20, alguns médicos aqui se estabeleciam (desde 1904), a precariedade dos recursos oferecidos pela cidade fazia com que estes profissionais não fincassem raízes, deixando a população a mercê de curandeiros, charlatões e "curiosas", como eram chamadas as parteiras até bem pouco tempo.

Porém, como era inevitável o contínuo desenvolvimento da cidade e região, graças à expansão dos trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), a partir de 1912, mais profissionais aqui acorriam (e permaneciam) dando motivos para que se pudesse pensar, desde então, na cidade como fatalmente predestinada a se transformar no pólo científico que hoje ostenta. Esta vocação, no entanto, só começou a tomar ares de realidade, a partir da noite de 4 de março de 1926, quando foi oficialmente fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia, sendo o Dr. José Mendes Pereira eleito seu primeiro presidente.

A pesquisa efetuada pelos autores desta obra, ressalta alguns aspectos curiosos. A SMC, além de cumprir com uma de suas metas estabelecidas nos estatutos originais, ou seja, desenvolver a medicina local dentro dos melhores parâmetros "científicos" da época, era um pólo para onde confluía grande parte dos anseios da sociedade, fossem políticos, religiosos, sociais. Figuras ilustres da política nacional, como o interventor Adhemar de Barros e o presidente Getúlio Vargas eram ali recebidos, quando não na residência de um de seus associados, como foi o caso de Getúlio, que fez um discurso à população, da sacada da residência do Dr. Sellmann Nazareth.

No terreno da medicina social, a pesquisa deixa claro que a luta contra as doenças provindas das péssimas condi-

ções de saneamento básico e dos precários costumes de higiene da população da época, era feita por meio de palestras freqüentes em estabelecimentos de ensino, e pelos jornais da época, que sempre abriam espaço para as considerações dos médicos de então.

A defesa dos interesses da classe contra o charlatanismo, mesmo aquele praticado por médicos "que não faziam coro aos mandamentos hipocráticos", era postulada como um dever para a manutenção da dignidade da profissão médica, fato que levou a SMC a expulsar alguns de seus membros que, marcados pela desonra, abandonavam a cidade.

Como testemunha de uma parte desta história, iniciei minhas atividades médicas em São José do Rio Preto, em 1965, egresso da antiga Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, na Praia Vermelha (Rio de Janeiro). Não apenas presenciei, mas participei de um momento de grande turbulência no seio da classe médica de então, como bem relatado nesta obra.

Eram tempos difíceis, início da ditadura militar que tomou conta do país, este passando por grandes trans-formações, inclusive no campo do atendimento médico. Nossa Sociedade de Medicina e Cirurgia foi uma das pioneiras no Estado, quiçá no Brasil, a reivindicar o que estava sendo proibido pelos órgãos da ditadura militar: a livre escolha do médico, pelo paciente previdenciário. Esta luta foi longa e persistente e a conquista do direito de livre escolha foi algo que uniu a classe em torno dos temas da dignidade e da honra de uma classe que não queria sobreviver à custa dos privilégios de alguns poucos profissionais.

Também a luta pela instalação de um hospital regional (Hospital de Base) e de uma Faculdade de Medicina, teve seu embrião formado no seio da SMC. Se hoje tais obras representam uma realidade, é bom que leiam este livro até o fim, para que compreendam melhor o ideal de uma classe unida em torno de um sonho, fecundado pela persistência em direção a uma conquista.

Para terminar: este é um livro que recomendamos a todos que se interessem pela compreensão da história de nossos antepassados médicos, que edificaram o alicerce de futuras conquistas como as que hoje presenciamos. No momento em que nos deparamos com a perspectiva da medicina do futuro, que tornará obsoletas muitas das conquistas das quais nos orgulhamos, hoje, voltar nosso olhar para o passado deixará que o compreendamos, não para repeti-lo, mas para nos surpreendermos com o que podia ser feito de uma forma tão heróica, com tão parcos recursos.

É possível que historiadores do próximo século pensem o mesmo a nosso respeito, quando escreverem sobre nossa história.

Prof. Dr. Wilson Daher, professor de
História da Medicina da **FAMERP**

Dr. Domingo Marcolino Braile,
professor livre-docente

E assim se fez!

Em 1963, tendo terminado minha formação em São Paulo, como sempre havia sido meu desejo, retornei a São José do Rio Preto, indo trabalhar na Casa de Saúde Santa Helena, com meu amigo inseparável e mestre Dr. Gilberto Lopes da Silva Filho. Logo, por orientação dos colegas, tornei-me sócio da Sociedade de Medicina e Cirurgia (SMC). Na época, o presidente era o Dr. Raul de Aguiar Ribeiro. Em maio do mesmo ano, juntamente com um grupo de idealizadores, realizamos em Rio Preto, a primeira Cirurgia Cardíaca do interior do Brasil, com repercussão nacional. Com grande alegria, apresentei a técnica utilizada em reunião científica aos membros da SMC, usando na exposição slides feitos aqui na cidade, vencendo desafios. A possibilidade de estar em constante troca de conhecimentos me manteve atuante junto à SMC, em que desenvolvi funções que foram fundamentais para o meu crescimento profissional. Fui secretário geral da gestão do Dr. Helion de Mello e Oliveira, sendo, em seguida, eleito presidente da Comissão de Defesa de Classe e vice-presidente da SMC, na gestão do Dr. Radovir Antonio dos Santos. Tive a honra de ser o criador e primeiro presidente do Congresso Médico do Oeste Paulista, uma novidade absoluta naqueles tempos! Anos mais tarde, fui novamente escolhido para vice-presidente, na gestão do Dr. Eliseu Denadai, quando, então, presidi o 11º Congresso Médico do Oeste Paulista, em 1989, sentindo que a semente que havia sido plantada em terreno fértil, não tendo sucumbido ao tempo, continua até hoje. Nesta diretoria fizemos grandes alterações estruturais na sede da SMC. Transformamos um salão de festas, com uma escada no centro, em um verdadeiro anfiteatro, como está hoje, dotando-o pioneiramente de ar condicionado, uma raridade para a época! Também tive a alegria de ocupar a presidência em algumas ocasiões, em virtude de licenças dos titulares.

Um legado que me dá grande prazer é a história da construção da atual sede do Clube dos Médicos, uma vez que, na época, a sede da SMC era localizada no centro da cidade, em instalações limitadas, que já não condiziam com as necessidades da classe médica que crescia em número e qualidade.

Tudo começou quando fui a Barretos fazer uma conferência sobre a cirurgia cardíaca que nascia aqui no sertão. Recebeu-me, entre muitos outros ilustres colegas, o Dr. Paulo Prata, fundador do Hospital do Câncer de Barretos, orgulho nacional. Fiquei muito bem impressionado com o Clube Médico daquela cidade, onde era possível desenvolver atividades científicas e de lazer num mesmo local, que por ser amplo e aprazível, comportava reuniões com grande número de pessoas.

Entendi que Rio Preto deveria ter espaço semelhante. Foi então que, aos 27 anos, com vibração e dinamismo próprios da idade, lancei a proposta aos companheiros mais antigos da diretoria. A idéia e o desafio foram aceitos por todos. A Santa Casa possuía uma vasta área de terrenos, onde hoje estão localizados a SMC, o Hospital de Base e a Faculdade de Medicina. Em uma reunião emblemática da Irmandade daquele Hospital, conseguimos a doação do terreno para a nova sede.

Eu nutria grande amizade com o Dr. Nicolau Oppide Neto, então diretor da previdência da Associação Paulista de Medicina (APM), que dispunha de recursos financeiros razoáveis para incentivar o desenvolvimento das entidades a ela ligadas. Ressalte-se que a nossa SMC é mais antiga que a própria APM, tendo se juntado a ela para o fortalecimento associativo da classe. Acertado o apoio da APM e a colaboração efetiva dos médicos de Rio Preto e da região, foi possível tomar providencias para erguer a nova sede, destinada a atividades científicas, culturais, sociais e recreativas. Fazia-se necessário um projeto que fosse moderno, ousado e confortável. Haviam, recém-chegados a Rio Preto, vindos da Universidade de Brasília, os arquitetos Lima Bueno e Ezio Glacy de Oliveira. A nosso pedido, apresentaram uma solução arquitetônica que agradou a todos, sendo aprovada por unanimidade. Mais um detalhe tem que ser ressaltado: nada cobraram pelo trabalho, pois se sentiram prestigiados em participar deste importante empreendimento para a cidade. Foi escolhido o Dr. João Freitas para comandar a obra, e o fez com muita competência e rigor nas contas. Durante a construção, havia uma grande união dos médicos que sonhavam com a inauguração o mais breve possível. Ficava claro que o desejo superava as dificuldades. A SMC foi o centro da difusão dos conhecimentos científicos até 1968, quando foi fundada a Faculdade de Medicina (FAMERP), mudando o foco da atualização profissional e da difusão dos conhecimentos para aquela entidade. Devemos ressaltar que esta nasceu no seio da nossa SMC, configurando o anseio idealístico da classe, desejosa de ver consolidada a hegemonia de Rio Preto na área medica. Diferentemente do que aconteceu em outras cidades, nas quais os médicos se postaram contra a instalação do curso de Medicina, em Rio Preto o apoio foi enorme. Da SMC surgiram todas as idéias e ações, sob a liderança do Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, que contando com um grupo de médicos, a maior parte deles diretores da entidade, não mediram esforços para fazer um antigo sonho tornar-se realidade. Citando de memória alguns dos que colaboraram para o êxito da missão relembro, com respeito e saudades, os nomes de Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, Dr. Oscar de Serra Dória, Dr. Antoine Yunes, Dr. Neon de Mello Oliveira, Dr. Cléo Roma e eu. Fomos os primeiros diretores e vivemos a alvorada desta instituição de ensino que honra a medicina brasileira. Sinto a enorme satisfação de, até hoje, continuar como um dos diretores, exercendo minha atividade na pós-graduação há mais de quatorze anos, vendo destacar-se mais este marcador de qualidade da nossa área científica.

Desejo ressaltar, mais uma vez, o fato da nossa SMC ter surgido antes da APM, em decorrência da qualidade dos médicos que aqui praticavam a arte de curar, no inicio do século passado. Pelo trabalho e dedicação destes colegas, São José do Rio Preto conquistou a sólida tradição em Medicina que conserva até hoje. Exerceram aqui a profissão, médicos muito preparados que atraiam a atenção de toda a grande área de confluência que centralizava suas ações em nossa cidade. Novamente, citando de memória, não poderia deixar de mencionar os colegas Dr. Fritz Jacobs, alemão de nascimento, rio-pretense de coração, grande médico, um dos fundadores da Santa Casa que doou um terreno no centro da cidade para a SMC e para a Santa Casa, a sede antiga está construída e onde a Santa Casa construiu um edifício que leva o nome do doador, na esquina da Voluntários de São Paulo com a Marechal Deodoro; Dr. Cenobelino de Barros Serra, grande cirurgião, político sagaz que foi prefeito de Rio Preto por várias vezes, Dr. Gilberto Lopes da Silva, outro cirurgião de alta estirpe (pai do Dr. Gilberto Lopes da Silva Junior, também um dos fundadores da Santa Casa e da Casa de Saúde Santa Helena) que foi prefeito de nossa cidade em uma época conturbada, conseguindo tranqüilizá-la; Dr. Mário Valadão Furquim, de família tradicional, pediatra com formação na Alemanha; Dr. Justino de Carvalho e Ernani Pires Domingues, outros entre os grandes nomes da Medicina rio-pretense; Dr. Sinésio de Mello e Oliveira, oftalmologista de renome, que também foi prefeito de Rio Preto; em anos mais recentes, a figura do exímio cirurgião Dr. Oscar Dória, sobrinho do Dr. Cenobelino, que levou longe o nome de nossa cidade por sua competência e espírito científico. Outros médicos também foram prefeitos, como o Dr. Loft João Bassitt e o nosso sempre presente Wilson Romano Calil. Incontáveis colegas foram ou são deputados e vereadores, levando aquilo que aprenderam no trato com os pacientes e os sofredores, para as esferas governamentais. Descrevê-los todos seria difícil, pois, certamente minha memória faria injustiças. Temos que saber, contudo, que nada é por acaso, e que, se hoje somos uma cidade líder no atendimento médico, temos uma SMC atuante e uma Faculdade de Medicina que nos enche de orgulho, devemos às bases sólidas lançadas pelos pioneiros que acreditaram que nos sertões da araraquarense seria possível fazer medicina de padrão internacional.

Um dos nomes que tenho a honra de listar na galeria dos desbravadores da Medicina de Rio Preto é o do meu pai, Lino Braile. Médico formado na Itália, veio para o Brasil e, em 1929, chegando à Rio Preto, logo tornou-se sócio da SMC. Existe, até, um artigo*, muito interessante, escrito por meu pai para o primeiro número da Revista da SMC, relatando como era difícil

o exercício da medicina no sertão daqueles tempos. Portanto, minha ligação com a SMC vem desde a infância, pois, freqüentá-la fazia parte da rotina daqueles tempos. Na época, a SMC não era apenas científica, ela buscava também a atualização e o desenvolvimento cultural dos médicos que viviam longe dos grandes centros. É muito difícil preparar pessoas para liderança sem dar-lhes acesso à cultura científica e também à cultura geral. Por isso, na SMC ocorriam com freqüência palestras interessantes, debates de temas atuais e concertos musicais por renomados artistas. Do ponto de vista científico, as diretorias esmeravam-se para manter os médicos atualizados com as últimas conquistas nas mais diferentes especialidades. Nas reuniões que ocorriam todas às quarta-feiras, médicos locais faziam palestras, apresentavam seus casos mais interessantes e discutiam os problemas concernentes à profissão, criando um clima de solidariedade e ajuda mútua. Aos sábados, convidados das melhores universidades, vinham a Rio Preto, de trem, para multiplicar conosco seus conhecimentos. Estiveram aqui grandes professores da USP, da Escola Paulista de Medicina e tantas outras faculdades para nos ensinar. Também presidentes e diretores da APM e da AMB nos visitavam com freqüência, pois os laços com as nossas entidades maiores foi se fortalecendo. Disto resultou a inserção de nossa cidade no contexto nacional com a presença de rio-pretenses nas diretorias das associações médicas brasileiras. Recentemente tivemos o privilégio de ter o Dr. Eleuses Paiva, como presidente da AMB por dois mandatos, realizando um trabalho elogiado por todos, marcado pela aproximação da AMB com o Conselho Federal de Medicina, resultando em grandes benefícios para a classe.

Todos os presidentes esforçaram-se para que a SMC tivesse uma posição de destaque nacional, defendendo nossa relevância como entidade de classe atuante e resolutiva. A medicina aqui exercida foi um dos fatores impulsionadores do grande desenvolvimento da nossa cidade. Atraindo pacientes que buscam por tratamentos especializados de alta qualidade, traz também progresso e movimento que se capilariza por muitas outras atividades presentes em uma cidade que tem como característica a prestação de serviços. Destas atividades decorrem aumento da atividade comercial, movimento dos restaurantes, shopping centers, rede hoteleira, etc. gerando empregos e renda. Isso, para nossa satisfação, é historicamente reconhecido, pelas autoridades que comandam nossos destinos.

Os médicos que fizeram a história da Medicina em Rio Preto sempre foram de vanguarda. Na minha área, fizemos a primeira cirurgia cardíaca do interior do País, e isso em grande estilo. Desta forma, São José do Rio Preto, até hoje, é uma das principais cidades em que se opera coração, tanto no Hospital de Base quanto na Beneficência Portuguesa. A Santa Casa e o Hospital Austa também mostram seu poder e pujança nesta área. Outras especialidades tiveram grande desenvolvimento, como transplantes de toda ordem, Oftalmologia, Dermatologia, Ortopedia, Hematologia, Endocrinologia. Cirurgia Vascular, Ginecologia e Obstetrícia, Diagnósticos por Imagens, Medicina Nuclear, Cardiologia, Medicina da Família e praticamente todas as 54 especialidades reconhecidas pela AMB.

A SMC vive um processo constante de evolução e crescimento, muito salutar. Com a mudança das características da profissão, as médicas vêm ocupando rapidamente posições de destaque dentro da medicina, o que se reflete também nos órgãos de classe. Mostrando sua característica de pioneirismo temos hoje na presidência de nossa SMC, uma médica, a Dra. Regina Volpato Bedone. Com sua capacidade de liderança e carisma conquistou a todos, realizando um trabalho associativo e científico, digno dos maiores elogios.

Exerço medicina de corpo e alma há mais de 50 anos, e sou testemunha do progresso e das mudanças que a profissão teve neste meio século. Na minha turma da faculdade, dos 80 alunos somente oito eram mulheres. Hoje, na FAMERP, setenta por cento dos estudantes são do sexo feminino. Acredito que isto representa uma evolução para melhor. A medicina não pode e não deve ser exercida somente por homens, pois a sociedade é constituída harmonicamente e as profissões devem representá-la. A falta de mulheres em uma profissão como a medicina é ruim, pois desvia o eixo da natureza que se mostra sempre equilibrada.

Eu espero que as novas gerações possam dar continuidade a esta tradição, criada por profissionais fantásticos. Muitos destes médicos pioneiros estão vivos e servem de exemplo e paradigma aos jovens, que neles devem se espelhar. Lembro-lhes a figura quase centenária do Dr. José Arroyo Martins, que foi provedor da Santa Casa por muitos anos, fazendo dela um hospital moderno. Foi também fundamental na construção do Hospital de Base, pois acreditou poder realizar o que parecia impossível. Tenho plena consciência que a nova geração saberá honrar o legado que recebeu daqueles que sempre trilharam o caminho do bem e da medicina feita seguindo os preceitos de Hipócrates adaptados aos tempos atuais. Sejam todos felizes na jornada que vos espera.

Certamente todos vão viver um pouco do passado lendo

esta crônica escrita por meu pai, Lino Braile, em 1968, que relata a vida dos pioneiros da Medicina em nossa cidade e região.

* VIDA EPISÓDICA DE RIO PRETO - 1929

Por LINO BRAILE

"Nesta época, o trenzinho de bitola estreita chegado em 1912, fazia ainda aqui ponto final e a Cidade era con-siderada "fim de trilha" rumo a oeste. O povoado, disforme e variado, se estendia entre os riachos Canela e Borá nas suas desembocaduras no Ribeirão Rio Preto. Tudo dava a impressão de um "farwest" cheio de pujança e de vida, fadado a dar lugar a uma linda e grande Cidade. Afluía aqui o comércio da vasta zona sertaneja compreendida no quadrilátero limitado pelo Rio Turvo, Tietê, Rio Grande e Rio Paraná. O maior coeficiente de riqueza eram os cereais e o café - representando Rio Preto o escoadouro natural das grandes safras. Corria muito dinheiro e o comércio atravessava uma fase áurea de sólidos e grandes negócios.

Os nosocômios se limitavam à Santa Casa — à Casa de Saúde Santa Helena onde por 40 anos deu ines-timável contribuição profissional, de amor ao próximo e de pro-bidade cívica — o Dr. Gilberto Lopes da Silva e o Sanatório Dr. Johnson Tawes, este de origem norte-americana. Dois grandes fatores contribuíram para o desbravamento dos 250 kms de sertão que separavam Rio Preto das barrancas do Rio Paraná:

1º) o apoio e segurança que os recursos médicos e ope-ratórios ofereciam às massas humanas que penetravam sertão adentro.

2º) as possibilidades que os fazendeiros e sitiantes desbravadores tinham em colocar suas safras no sólido e grande mercado de Rio Preto. Disputavam a Prefeitura e se alternavam no cargo dois elementos do mesmo partido. Eram eles: o grande patriota, cirurgião e humanista Dr. Cenobelino de Barros Serra e o prestigioso político Advogado Victor Britto Bastos. O primeiro, gozava grande simpatia e o apoio devotado do povo que aceitava o sacrifício de ver cortados seus sítios e fazendas para a passagem de estradas que demandassem Rio Preto, assim como renunciavam a direitos legais para favorecer o bem da coletividade. O segundo, com seu irmão Desembargador na Capital, obtinha do Governo do Estado a instalação de Repartições Públicas e outras prerrogativas regionais para a Cidade. Melhor focalizam a vida e o ambiente da época, dois episódios que passamos a relatar.

Estava no seu auge a crise econômica eclodida no Mundo em 1929. Uma manhã, proveniente do sertão do Ma-rinheiro, chega em Rio Preto um campônio que, por sua desdita, tinha engolido a própria dentadura. Dizia-se dono de vastas terras e de numerosas manadas de gado, não possuindo, porém, numerário em conseqüência da crise. O Dr. Cenobelino de Barros Serra, cuja alma grande e generosa não conhecia limites, opera o inditoso e na altura do cárdias remove-lhe a mortífera dentadura. Tendo recebido alta, o paciente ruma para seu sertão, deixando uma promissória das despesas hospitalares e honorários médicos. Depois de um ano, vencido o título e avolumando-se as dividas dos Hospitais e dos médicos, o Dr. Ceno-belino, resolve com dois amigos de confiança, enfrentar, em cheia estação das chuvas, as precárias estradas do sertão para chegar com um "Ford 29" à casa do cliente. A comitiva deixa Rio Preto em uma manhã garoenta, não sem os protestos dos amigos que desaconselhavam a viagem. Sertão adentro, o tempo fecha-se e, ao entardecer, a tempestade inunda a precária estrada, tornando-a um impenetrável lamaçal. O carro fica suspenso no trilho fundo, ladeado pela mata e impossibilitado de avançar ou retroceder. Seguindo o latido de cães, chegam a um rancho e o morador os informa que o individuo procurado, apelidado de "Zé do Bode", mora a 12 km dali e que a estrada não comporta passagem. O bom homem fornece três montarias e assim a comitiva, deixando o Ford, ao anoitecer, chega na morada do "Seu Zé". O espetáculo é desolador! À porta de um rancho coberto de sapé está o homem da dentadura, rodeado dos filhos desnutridos e maltrapilhos. No terreiro berram um velho bode e três cabritas magras - hiperbolizadas em pingue rebanho de bois pela fantasia do caboclo na iminência da morte. "Seu Zê", surpreso na realidade de sua infeliz miséria, mas esperto e sonhador, reage e se anima. Abre as portas de seu rancho aos visitantes; propicia-lhe fogo para enxugar-se; divide com eles o magro cardápio da família e acomoda-os a dormir em improvisadas camas de palha. Os três, pelo cansaço e desapontamento, dormem sobressaltados. O Dr. Ceno-belino, no meio de pesadelos, a miúdo desperta com a mão na carabina, pronto a ir dar termo à vida do homem que tinha salvo de morte. Os companheiros o seguram e o chamam em si. No fim de uma horrível noite, amanhece.

O Ford, com grande surpresa dos três, está ali no terreiro. É que durante a noite, debaixo de chuva, o "Seu Zé", ajudado por peões e com duas juntas de bois emprestados do vizinho, o tinha rebocado à porta do rancho!

Reunido o "estado maior" sertanejo, este decide rebocar o Ford por mais 15 km até uma estrada transitável que vai à balsa do rio Tietê. Dali, pelas estradas mais conservadas e transitáveis da Noroeste o desafortunado Fordeco pode seguir viagem. E assim, sem ver sombra de dinheiro e ainda ficando gratos a este povo tão amável, os três iti-nerantes, agarrados novamente à maquina, rumam para alcançar, pelo grande circuito Araçatuba, Birigui, Penápolis, sua querida Rio Preto. Abatidos, cansados, perseguidos pelas chuvas, descansam de noite nas fazendas onde encontram boa hospitalidade. Durante cinco longos dias as famílias nenhuma notícia têm deles, nem se pode sair em socorro, pois a implacabilidade das chuvas fechou todos os caminhos.

No sexto dia, bem de manhãzinha, aparece na frente do "Café Pinho" o heróico Fordinho com o Dr. Cenobelino e os companheiros, de barbas compridas, olhos fundos e embarreados, por ter tido a ousadia de antever cidades, estradas e riquezas ali onde permanecia o sertão bruto à espera de desbravadores! De Victor Britto Bastos lembramos o seu regresso de São Paulo onde tinha ido pleitear o primeiro ginásio oficial do Governo do Estado e não o conseguiu. Político expe-rimentado, a nós que pedíamos escolas para nossos filhos, respondia: não pensamos ainda em escolas; isto é pre-maturo..., Pensem um pouco o desequilíbrio que viriam criar em nosso meio, desviando os filhos de alfaiates, pedreiros, etc, para as profissões e desfalcando o nosso artesanato;. . . Ficaríamos descalços e sem roupas (sic)! Mas alguém nos perguntará: e a instrução?

Demolida pela nova concepção "democrática" a velha mentalidade de fazer da instrução um privilégio (não sempre dos mais idôneos) e chegando a riqueza com suas trinta sedes bancárias abarrotadas de dinheiro proveniente da produção agropecuária, dos lucros comerciais, e das rendas de sua indústria, São José do Rio Preto alcança hoje no setor educacional progressos gigantescos. Partindo de seu único "Grupo Escolar" de 30 anos atrás, conta atualmente com — 14 parques infantis; 15 grupos escolares; 6 ginásios do Estado; 5 escolas normais; 1 Instituto de Educação; 1 escola modelar para excepcionais; 2 escolas artesanais; o SENAC; a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras; a Faculdade de Economia e Finanças; a Faculdade de Direito; e a recém-criada Faculdade de Medicina. Esta em um primeiro tempo limitar-se-á a formar hábeis médicos e técnicos para atender os doentes dos seus 6 nosocômios, como os provenientes da vasta zona geoeconômica cujo centro é São José do Rio Preto. Em um segundo tempo estenderá suas atividades aos estudos experimentais e de pesquisas para prestar seu contributo ao progresso da Ciência."

E assim se fez!

Dr. Domingo Marcolino Braile

Primeira Parte

Antonio Miguel Morena Pires d'Ávila

Para nós médicos(as), o começo simbólico do exercício de nossa arte e técnica profissional coincide com o término do curso de graduação em medicina, umbral simbolicamente transposto e reconhecido publicamente numa cerimônia de colação de grau, na presença de nossos professores, pais, parentes, esposos(as), filhos(as), e demais convidados(as).

Jurado há séculos em nossa tradição médica ocidental, em cerimônias semelhantes, com algumas variações, as versões adotadas em nossas universidades e faculdades pouco diferem do que aqui ora se transcreve:

Juramento

"Juro por Apolo, médico, por Esculápio, por Hígia e por Panacéa, tomo por todos os deuses e todas as deusas, a que tomo por testemunhas do cumprimento deste juramento, que me obrigo a cumprir com todas as forças e minha vontade: dedicarei a meu mestre de medicina igual respeito ao que dedico aos autores de meus dias, dividindo com eles meus haveres e socorrendo-o, em caso de necessidade; considerarei seus filhos como meus irmãos e se quiserem aprender a medicina, ensiná-la-ei desinteressadamente e sem nenhuma recompensa. Instruirei com preceitos, lições teóricas e demais métodos de ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos que me acompanhem conforme a convenção e o juramento da lei médica e a ninguém mais.
Prescreverei o regime dos enfermos do modo que lhes seja mais proveitoso, conforme minhas possibilidades e o meu conhecimento evitando todo mal e toda a injustiça. Não darei venenos a ninguém, mesmo que me peça, nem farei sugestões neste sentido, abster-me-ei igualmente de administrar às mulheres grávidas pessários abortivos. Passarei minha vida e exercerei minha arte com simplicidade e pureza. Não praticarei a operação da talha, deixando esta operação aos que se dedicarem a praticá-la, ordinariamente.
Quando entrar em uma casa, não levarei outro propósito que não seja o bem e a saúde dos enfermos, cuidando de não cometer intencionalmente faltas injuriosas ou corruptoras e, sobretudo, evitando a sedução de mulheres e dos rapazes, livres ou escravos.
Guardarei segredo sobre o que vir ou ouvir na sociedade e que não seja preciso que se divulgue, seja ou não no exercício de minha profissão, considerando a discrição como um dever em tais casos.
Se observar com fidelidade este juramento, seja-me dado gozar felizmente minha vida e minha profissão, honrado sempre entre os homens; se o quebrar e for perjuro, caia sobre mim a sorte adversa.

Hipócrates - (460-377 a.C.)

Aforismo

"A vida é curta, a Arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganadora, o julgamento difícil. É preciso fazermos, não somente o que é conveniente, mas fazermos também com que o doente, os assistentes e as coisas exteriores concorram para isto. - Hipócrates

Ante problemas tão árduos e situações perigosas, o médico deve ser modesto e ter a íntima convicção de que não são só seus cuidados os que podem fazer voltar a saúde perdida, porque a experiência demonstra como, muitas vezes, as enfermidades se curam por si mesmas.

Segundo José Dias Moraes, a maioria dos comentaristas e dos tradutores é de opinião que este é o primeiro aforismo da obra de Hipócrates, não se sabendo por que começou ele assim sua obra.(Moraes, 2004)

Na logomarca da Associação Paulista de Medicina (APM), este aforisma está simbolizado nas três voltas da serpente em torno da espada, que significam respectivamente "a vida é curta", a "a arte é longa", "a experiência é difícil".

Serpente: simboliza o bem e o mal, portanto a saúde e a doença. É símbolo do poder de rejuvenescimento pela troca periódica de pele. Pode ser usada também como antídoto ou remédio (teriaga).

Espada: é símbolo do poder e utilizada como arma de defesa.

Apresentação

Intentar historiar sobre a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto (SMC), atendo-se apenas a datas e à biografia de seus presidentes e diretores, deixando de lado a historiografia inserida no contexto geográfico, socioeconômico, cultural e político de nosso município, estado e país à época de sua fundação e até os dias atuais, já seria um exercício de paciência e de disciplina antes de ser uma árdua tarefa.

Optou-se por realizar pesquisa no acervo da documentação arquivada na SMC, as Atas de reuniões da diretoria, e complementá-la com subsídios fornecidos através do auxílio de documentos de outras fontes, quer de órgãos públicos ou privados ou de depoimentos orais.

A utilização da fonte oral com as fontes tradicionais da história na construção de uma memória mais democrática do passado da SMC foi estimulada sempre que possível. Já se sabia que não seria obra para uma pessoa só. Também a noção de que seria mais difícil do que terminá-la, iniciar tal empreitada.

Primeiramente, entrou-se em contato com o presidente da SMC, à época o colega Dr. Pedro Teixeira Neto, e através de ofício formalizou-se o pedido, solicitando-lhe a constituição de uma comissão de três sócios da SMC para tal fim. Em sua gestão, foi inaugurada a galeria com fotos dos ex-presidentes da SMC, sendo o teor do ofício favoravelmente correspondido, isso em meados do ano de 2005.

Também solicitou-se o apoio dos membros do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (IHGG/RP), em julho de 2005, para a atenção ao tema dos "80 anos da SMC" e que uma comissão fosse formada para tal fim. Em outubro de 2005, o colega Dr. Osvaldo Miúra, então diretor cultural da SMC, através de ofício, franqueou o apoio de seu departamento. Por ocasião da posse da presidenta da SMC, a colega Dra. Regina Maria Volpato Bedone, e seu diretor cultural o colega Dr. Eduardo Paulo Boskovitz, assim se manifestaram favoráveis.

Já no início do ano de 2006, o vice-presidente da SMC, o colega Dr. Rui Nogueira Barbosa, solicitou o envio de material para publicação a ser divulgada no Jornal do Médico dos meses de fevereiro e março de 2006. Recebe este co-autor a grata notícia de que o ilustre historiador rio-pretense Lelé Arantes havia feito proposta à diretoria da SMC para escrever sobre a história da instituição. Por consenso, concluiu-se que, ao invés de se produzir dois docu-mentos desconexos, o melhor seria unirem-se as forças e produzir um livro em conjunto.

Estando já este co-autor realizando trabalho de pesquisa sobre o exercício da Medicina no interior do Estado de São Paulo em período anterior a 1926, com enfoque sobre o assentamento e o deslocamento populacional, as frentes de desmatamento, o ciclo do café, das ferrovias, das rodovias e o seu impacto sobre a nosologia regional, e tendo por base o território das áreas de confluência dos rios Tietê, Paraná, Grande e Paranaíba, concordou-se com Lelé Arantes que poder-se-ia, por medida estratégica, dividir-se o trabalho de pesquisa e a elaboração do texto, respeitando-se o estilo de cada um dos autores.

Inicialmente, para efeito cronológico, este trabalho, con-forme imaginou arbitrariamente este coautor, teria como balizamento três períodos não simétricos. O primeiro: anterior e até 1926, ano da fundação da SMC; o segundo, de 1926 a 1971, iniciando com a fundação da SMC e findando com a instalação da sua sede atual, na Alameda Oscar de Barros Serra Dória, com ênfase na atuação da instituição, obedecendo a cronologia, abordando em especial as reuniões e trabalhos científicos e a luta pela construção das duas sedes; e terceiro, o período contemporâneo, a partir de 1971 até 2006, completando o octagésimo aniversário de fundação da SMC.

Manteve-se o divisor cronológico, e o desenvolvimento da pesquisa à partir de 1926, ficou a cargo do historiador Lelé Arantes, cabendo à coautora Aretha Yarak a história contemporânea. Maísa Râmia Nabuco cuidou das entrevistas com ex-presidentes, que se transformaram em depoimentos, de forma a permitir melhor com-preensão da atuação de cada um.

Acordou-se também que o resgate de informações seria embasado na leitura dos livros de atas, boletins, revistas, jornais, anais dos congressos, correspondências expedidas e recebidas e demais documentos de interesse constantes dos arquivos da Secretaria da SMC, além da coleta e transcrição dos depoimentos orais dos personagens e atores que fizeram parte das diretorias, membros associados e funcionários atuais e aposentados, que ainda fossem possível localizar e que se predispusessem a relatar sobre o passado da SMC.

Dr. Antonio Miguel Morena Pires d´Àvila.

"Precisamos inferir e aceitar que a criatividade não deve ficar restrita exclusivamente a uma única cabeça. Ela depende cada vez mais de equipes disciplinadas e orientadas firmemente. Na realidade, criar depende fundamentalmente da interatividade entre três fatores: o indivíduo, que com sua fé, determinação, talento, pertinácia e liderança possa agir dentro do domínio sobre o qual exerce sua influência; a estrutura do meio em que trabalha e vive, que configura vocações em áreas de interesse; a sociedade em geral, com sua capacidade de selecionar e orientar os recursos necessários para atingir os alvos possíveis."
Osíres Silva[1]

A parte introdutória até o ano de 1926 foi subdividida em duas partes dentro do primeiro capítulo, cada uma articulada sobre tópicos da história tendo como foco o município de São José do Rio Preto, e correlacionadas com a ótica da evolução econômica da população e a do exercício profissional da medicina no Estado de São Paulo e no Brasil.

A primeira parte abre com o período que engloba a formação do município de São José do Rio Preto e vai até a fixação do primeiro médico na sede do território municipal. A segunda parte enfoca sobre as organizações da classe médica existentes no Estado de São Paulo e finda com a inauguração da SMC no ano de 1926, catalisada pelo Dr. Eduardo Floriano de Lemos.

[1]Silva, Ozires, São Paulo, 450 anos Sem medo de inovação, in 450 anos de história da medicina paulista, Natalini, Gilberto; Amaral, José Luís Gomes , São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

Aspectos Sócioeconômicos da Região de S. J. do Rio Preto nos Anos de 1920

Um viajante que percorreu a região em 1900 considerou Jaboticabal como a última baliza do mundo civilizado, porque a floresta virgem começa vinte quilometros adiante.

Este capítulo introduz o leitor, ainda que de maneira sumária, no contexto territorial da região de São José do Rio Preto, e sobre a situação de seu estado de desenvolvimento anterior a 1926. Discorre sobre as rotas terrestres de acesso ao território, existentes para o acesso às regiões fronteiriças dos estados vizinhos de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e da capital do Estado de São Paulo, no século 19 e início do 20.

Aborda também a ocupação pela posse do território pelo homem branco com o deslocamento do gentio e a subseqüente transferência do domínio das terras devolutas e a sua ocupação com o surto econômico iniciado pela cultura do café e da pecuária em nossa região.

Tomando como fio condutor o papel primordial desempenhado pela agricultura de subsistência pela população migrante distribuída em seu território, e com o conseqüente adensamento da mesma na sua sede administrativa municipal, houve a ne-cessidade por parte dos poderes públicos do fornecimento de diversos equipamentos de abastecimento, ensino e saneamento básico, dentre outros, e da promoção de meios para a prestação de serviços especializados, sendo o exercício da medicina e da cirurgia conseqüência inevitável desse adensamento na última década do século 19.

Antecipando ao leitor que apenas a partir da primeira década do século 20 passou o município de São José do Rio Preto a contar com um médico residente em sua sede, assim mesmo se dedicando mais às atividades subsidiadas pela municipalidade e tendo a responsabilidade de fazer cumprir as posturas do Código Sanitário Estadual, ou seja, exercendo a medicina social, pois parcos eram os recursos que deveria dispor para o exercício da clínica e muito menos da cirurgia, sendo o local de atendimento em uma farmácia, o hotel onde morava e na maioria das vezes no domicílio do paciente.

1. O TERRITÓRIO

O município de São José do Rio Preto foi criado em 19 de julho de 1894, pela lei nº 274, no governo de Bernardino de Campos. Sua ampla base, era na época, confinada ao polígono entre os rios Grande, Paraná e Tietê, e que avançava sobre este em sua margem esquerda, pois lhe pertencia o território do município de Penápolis.

Como marco inicial do município, temos na origem do bairro de São José do Rio Preto, pertencente ao município de Araraquara, a data de 20 de março de 1855, quando foi elevado a Distrito de Paz.

Pelo ato de 12 de janeiro de 1880, estabelecem-se as divisas na barra do São Domingos no rio Turvo, acima até as últimas cabeceiras, e desta vai às cabeceiras do rio Cubatão,

descendo por este até o rio Tietê, passando pelo outro lado, compreendendo tudo quanto verte para o mesmo Tietê.

De 1894 até 1910, a base territorial do município manteve-se inalterada, daí para a frente inicia-se uma longa série de desmembramentos que se prolonga até fins da década de 1950 do século 20.

O município de São José do Rio Preto foi o resultado dos seguintes desmembramentos:

Município	Ano da Instalação
São Paulo	1558
Pamaba	1625
Itu	1654
Porto Feliz	1797
Piracicaba	1821
Araraquara	1832
Jaboticabal	1867
São José do Rio Preto	1894

Fonte: Nogueira, 1952, p.35

A Comarca de Rio Preto, foi produto dos seguintes desmembramentos:

Comarca	Ano da Instalação
São Paulo	1700
Itu	1811
Campinas	1833
Franca	1839
Mogi-Mirim	1852
Araraquara	1866
Jaboticabal	1885
São José do Rio Preto	1904

Fonte: Nogueira, 1952, p.35

Como se pode observar, não houve uma correspondência entre o desmembramento dos municípios e a formação das comarcas.

Na última década do século 19, no estado de São Paulo, foram criados 41 novos municípios, a grande maioria em locais de assentamento populacional. Já entre 1900-1910 nenhuma criação foi anotada.

Não ocorreu estagnação populacional, mas o ajuntamento não justificou a formação de novos municípios. Também o que se observou, mesmo durante essa crise, foi o avanço da rede ferroviária, avançando em direção e rumo aos rios Paranapanema, Grande e transpondo o Paraná.

A alça econômica estava enredada com a chegada da ferrovia em Barretos, e a construção de um frigorífico, por Antonio Prado, grande fazendeiro e político de influência. Isso possibilitou o deslocamento de grandes rebanhos bovinos oriundos do vizinho estado do Mato Grosso, impulsionando a abertura de estradas que permitissem a passagem de tão importante "*commoditie*" na direção dos centros consumidores paulistas e da Capital Federal, então localizada no Rio de Janeiro.

Com o conflito de 1914-1918, apesar de atingir as plantações de café, a necessidade de consumo de carne em conserva facultou aos fazendeiros pecuaristas excelente possibilidade de expansão na franja pioneira, além da vocação agrícola cafeeira.

Nessa época, voltando-se a desmembrar o território paulista (entre 1910-1919) em mais 32 municípios e entre 1920-1929 alcançando mais 55 municípios.

Cronologicamente foram se emancipando, até o ano de 1926, do município de Rio Preto, os municípios de Penápolis e de Avanhandava em 1910, Catanduva em 1917, Ibirá em 1921, Mirassol, Monte Aprazível, Tanabi e José Bonifácio em 1924, Nova Granada, Potirendaba e Uchoa em 1925. Sendo o próximo, após o período deste estudo, em 1929, o de Cedral.

A toponímia do município foi simplificada em 1906, passando a denominar-se Rio Preto e, pelo Decreto-Lei estadual nº 14.334 retornou, em 1944, ao de São José do Rio Preto, permanecendo até hoje. Portanto, a base territorial onde se instalara a SMC em 1926 já não era a mesma quando da fundação do município.

2. AS VIAS DE ACESSO AO TERRITÓRIO ANTES DA CHEGADA DA FERROVIA

Para que possamos compreender como ocorreu a dispersão do elemento humano sobre o território de nossa região,

ainda que de maneira sucinta, é preciso retroceder no tempo e focar sobre o fenômeno da migração, ocorrido em Minas Gerais, após a segunda metade do século 18.

O governo da província de Mato Grosso desde 1816 se empenhava para abrir uma estrada que permitisse acesso, por terra, à ligação entre Cuiabá a São Paulo, fato que já era possível com muita dificuldade através de via fluvial.

Iniciada em 1829, sob o comando do sargento J. Martins de Carvalho, a estrada tomou rumo do Piqueri, em cujas cabeceiras havia, em 1830, um destacamento militar, com destino ao porto Tabuado, pouco abaixo da atual cidade de Aparecida do Tabuado, (atual estado do Mato Grosso do Sul), onde findava um precário caminho que de Constituição (atual Piracicaba) alcançava as margens paulistas do rio Paraná.

Depois de visitar o salto de Urubupungá (do tupi urubu e pungá = grasnado, lugar, ferida), um salto no rio Paraná, duas léguas (uma légua = 6,6 km) da foz do rio Tietê, desceram o rio, evitando sua margem esquerda (rio Paraná, margem esquerda no estado de São Paulo), porque nela viviam os Xavantes, índios intratáveis.

A Estrada do Taboado e o "Picadão"

Pelo lado paulista, mais um menos na mesma época, existia um vácuo populacional, e Rio Claro, simples ponto de parada para as tropas que se dirigiam para o Mato Grosso, era vista como "boca de sertão", assim considerada região limítrofe da ocupação, a partir da qual pouco era conhecido e ausente da ação da justiça. (LUCA,2007)

A vasta região era domínio dos índios, abrigando foragidos da polícia, escravos em busca de liberdade e poucos aventureiros com destino ao Mato Grosso. Já em 1828 se registraram ataques e cercos dos Xavantes a Araraquara, na época uma freguesia de Piracicaba. Ao ser elevada a vila em 1832, Araraquara assim o foi mais por motivos administrativos, a fim de que se pudesse fazer frente aos desordeiros que por lá perambulavam. (LUCA,2007)

Alfredo d´Escragnole Taunay traz as primeiras referências sobre o trajeto a ser utilizado para a ligação em sentido transversal e terrestre entre o estado de São Paulo e o vizinho de Mato Grosso do Sul, em 1867, assim se pronunciava:

> "por vezes temos chamado a atenção dos que se aplicam ao estudo das vias de comunicação para o sul de Mato Grosso para essa belíssima estrada natural reconhecida por aqueles que para lá viajam como a mais cômoda e segura e ligada a importantes interesses, pois sua freqüência não só muito desenvolveria as cidades de São Paulo, como Limeira, São João do Rio Claro, S. Bento de Araraquara, vilas de São Carlos, S. J. do Rio Preto, e outras povoações ainda em começo, como também atrairia cômoda emigração dos sertanejos daquela província de Minas para o imenso distrito de Santana do Paranaíba.

Com a criação do município de São José do Rio Preto, sua população não mais admitia o estado rudimentar de suas vias de ligação e a locomoção precária permitida por suas "estradas". Mobilizaram-se forças sobre o Governo do Estado, com a "Comissão Hummel", a fim de que as obras de ligação entre Jaboticabal e o Porto Taboado fossem realizadas. Em 1896, foram iniciadas, mas paralisadas logo após. Em 1897, assim se expressava Ugolino Ugolini, engenheiro italiano que se radicou em Rio Preto, ex-integrante da Comissão Hummel, e que iniciara as obras da estrada do Taboado:

> O gado que de Santana do Paranaíba se dirige aos mercados de São Paulo via Barretos , ou de Uberaba, tem duas despesas de impostos e passagem - uma no Rio Paranaíba e outra no Rio Grande. Tem de percorrer 80 léguas para chegar a Uberaba e 66 para chegar a Barretos. Pelo Porto do Taboado tem somente uma passagem a do Rio Paraná, um só imposto e uma distância de 36 léguas até Rio Preto (atualmente) mas reduzíveis a 26 léguas quando fosse aberto todo o traçado, agora juntando as 26 léguas as 20 para Barretos, teremos um total de 46 léguas, então um percurso de 20 léguas a menos pela linha de Rio Preto. (NOGUEIRA,1955)

Em 1902, o assunto ainda era motivo de debates na Câmara Municipal, que enviou ofício ao presidente do Estado, Bernardino de Campos:

> "A lavoura deste município já é importante e a criação não é menos. Nossos produtos tem duas saídas únicas: a criação e o café para Jaboticabal e daí para São Paulo; e os cereais, fumo e aguardente e também o café para Mato Grosso , por Santana do Paranaíba... Esse mercado será nosso desde que os tropeiros e principalmente os carreiros tenham facilidade de viajar por lá por estrada não dizendo boa, mas regular". (NOGUEIRA,1955)

O Serviço Postal mantido pelo Governo do Estado era feito de Jaboticabal até São José do Rio Preto por um único estafeta que ia e vinha a cavalo; de Uberaba chegava a correspondência de Santana do Paranaíba, isto em 1903.

No início do século 20, ainda não havia sido instalado o telefone, nem havia o automóvel alcançado nossa região e não existiam luz elétrica ou rede de água e esgoto e também não existia médico residindo no município.

Segundo Heloisa Candolo, em livro que conta a história de Uchoa, Sertão de Jaboticabal, tinha divisa ao norte com Minas Gerais, pelo rio Grande, ao sul com Araraquara, pelo rio dos Porcos, ao leste com Ribeirão Preto e Batatais pelo rio Mogi-Guaçu e pelo noroeste com o Mato Grosso, pelo rio Paraná e a oeste pelo rio Tietê. (CANDOLO, 2006)

Os índios Caingangues, Xavantes, Terenas e Coroados (assim chamados, devido seu corte de cabelo), habitavam toda a margem esquerda do rio Tietê e eram considerados intratáveis e violentos, foram praticamente exterminados ou expulsos da região, pela expansão da cultura do café e a abertura das ferrovias. Já os índios Guaranis habitavam a margem direita do Tietê e eram amistosos aos migrantes, convivendo com o migrante e sua cultura ou absorvidos pela sua miscigenação.

A ligação de São José do Rio Preto via terrestre com Araraquara era difícil, sendo o acesso mais procurado via Jaboticabal, no chamado *"Picadão"*, passando por Cordão Escuro (atual Palmares Paulista), Pitangueiras, Ribeirão Preto, Franca, Mococa e Casa Branca, acessando nesta cidade o vizinho estado de Minas Gerais, porta de entrada aos antigos moradores, muitos vindos da região sul mineira de Aiuruoca.

3.O ELEMENTO HUMANO E SUA ATIVIDADE ECONOMICA NO TERRITÓRIO

Em 1720, o governo português criava a Capitania de Minas Gerais, que apresentava rápido povoamento em virtude principalmente do ouro fácil, dos diamantes e pedras preciosas, o que motivou a chegada de muitos imigrantes portugueses, em grande parte ilhéus.

Esses portugueses, gente disciplinada e trabalhadora, antes confinada nos Açores, uma vez liberados à sua expansão em terras brasileiras, tendo na união de seu sangue ao dos paulistas uma proliferação rápida, acabaram por povoar o território das Minas Gerais, abrindo fronteiras e obtendo diversas sesmarias, onde estabeleceram fazendas e fundaram povoados, vilas e cidades.

Mineração, imigração e migração resultaram, portanto, no surgimento de diversos povoados, vilas e cidades, como Vila Rica, hoje Ouro Preto, que data de 1711, um dos mais importantes centros culturais e políticos da Colônia, também Paracatu, localizado mais ao norte, perto de Goiás, e também São João del Rei.

Já na metade do século 18, a produção mineradora entrou em declínio, havendo nova dispersão do elemento humano de origem européia impulsionando-o ainda mais para o oeste, rumo às terras do Brasil Central, ao Triângulo Mineiro, ao Sudoeste Goiano, ao Sul Mato-grossense e ao Nordeste Paulista. (BRANDI, 2002; CAMPESTRINI, 2002; LEMOS, 1962; MONBEIG, 1984)

Não foi um novo surto de bandeirantismo totalmente pacífico, pois o elemento silvícola ainda ali estava assentado e não totalmente dócil e submisso, o objeto de prear não era o que interessava ao migrante alienígena, mas sim a posse da terra e não mais a mera utilização do braço escravo do indígena.

Era o mineiro que se arriscava na matas do interior paulista, ou talvez o descendente do paulista miscigenado com o português em terras mineiras que estava retornando ao solo paulista e novamente embrenhando-se pelos rincões mato-grossenses e goianos, enfrentando os últimos índios e as febres palustres, lutando pela vida e tentando a sorte que não mais lhe sorria em terras mineiras.

No rastilho que se estabeleceu ao longo do caminho, a chamada estrada do Anhangüera, que iniciando em São Paulo de Piratininga, fazia trajeto onde hoje se localizam as cidades de Jundiaí, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Casa Branca, Araraquarara, Franca, alcançando e transpondo o rio Grande, adentrando no Triângulo Mineiro e daí se deslocando através do vácuo de terras devolutas do sul mato-grossense até alcançar Água Boa, atual cidade de Goiás, no estado do mesmo nome.

Após 1850, os precursores vieram quase todos de Minas Gerais, que não se restabelecera da crise econômica, acarretada pela decadência da mineração. Em 1852, é um mineiro que constrói a primeira cabana em São José do Rio Preto.

Durante a Guerra do Paraguai, de 1865 a 1870, muitos preferiram correr os riscos da vida no sertão a sujeitar-se ao alistamento militar.

O principal recurso de subsistência era a criação de porcos, tradicional em Minas, bastava semear milho nos campos desmoitados pelo fogo e neles deixar os animais em liberdade. Da venda dos suínos provinham os recursos para a compra da pólvora para as espingardas e o sal grosso para o gado.

Levavam os porcos andando até Araraquara ou São Carlos. Estabeleceram-se segundo Pierre Monbeig, nas manchas

de campos em Rio Preto e Tanabi. Só começaram a penetração nas matas quando passou a se evidenciar a possibilidade da cultura do café com a aproximação da estrada de ferro. (MONBEIG,1984)

Foram os precursores mineiros submergidos pela massa dos pioneiros do café entre 1880 e 1910. Quando se pôs em movimento o avanço paulista, era de grandes fazendeiros, que ao mesmo tempo dirigiam importantes sociedades bancárias e ferrovias, bem como detinham postos na administração pública.

O café ditava a marcha para as zonas pioneiras, estando o oeste do Estado no seu trajeto. No rumo do rio Paranapanema, na direção do rio Grande e até o rio Paraná, os trilhos das ferrovias estavam sendo levados adiante.

Naquele tempo, a população de São José do Rio Preto encontrava-se distribuída por vasta área da zona rural, não haviam estradas e nem a ferrovia havia chegado até a sede do município, o transporte era feito em carro de boi e o atendimento médico, quando existia, era no domicílio e utilizando-se o cavalo como meio de transporte para o deslocamento .

Por volta de 1879, informa Carlos Rodrigues Nogueira, já havia muita gente espalhada e em franca atividade de colonização e de trabalho, com a instalação da paróquia, em 1882, e logo após o Distrito de Paz. (NOGUEIRA,1952)

Em 1890, os presos já não ficavam na sacristia, sendo acomodados numa casa da rua do Comércio, onde havia um coqueiro ao qual eram acorrentados os "criminosos de responsabilidade". (NOGUEIRA,1952)

Em 1893, foram criadas duas escolas de instrução primária, sendo uma para cada sexo, na sede da vila de São José do Rio Preto. Porém, o provimento das vagas nas escolas apresentava dificuldades acentuadas; nos recantos mais longínquos onde o conforto e a vida era uma aventura nova em cada dia, estas localidades permaneciam completamente esquecidas, de tal forma que nos mapas geográficos do Estado, sobre a área situada no Oeste, havia uma tarjeta pouco convidativa: *"zona pouco conhecida e povoada de índios"*. (NOGUEIRA,1952)

Em 1896, a superfície do Estado era dividida, por decreto do Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em cinco distritos territoriais, estando o município de São José do Rio Preto incluso no 4º Distrito, com sede em Jaboticabal e compreendendo o território dos municípios de Jaboticabal, Bebedouro, Pitangueiras, Ribeirãozinho (Taquaritinga), São José do Rio Preto, Monte Alto, Brotas, Dois Córregos, São Sebastião da Alegria, Bariri, Jaú, São João da Bocaina, São Carlos do Pinhal, Araraquara, Ribeirão Bonito, Boa Vista das Pedras (Itápolis), Ibitinga e Barretos.

Foi considerável a massa dos pioneiros. Entre 1887 e 1900 adentraram 863 mil imigrantes no estado de São Paulo, principalmente europeus mediterrâneos. Foram os braços da lavoura do café. Foi a época do colono, essencialmente um operário rural.

Quando os colonos conseguiam comprar um lote nos territórios virgens da Noroeste, da Alta Paulista ou da Alta Araraquarense, como fizeram os espanhóis em Mirassol e Tanabi, ou a colônia portuguesa e açoriana em Borboleta, hoje Bady Bassitt, tornavam-se proprietários de pequenas glebas e logo que podiam mudavam-se para as cidades sede.

Porém, tinham sido atingidas regiões mais propícias à pecuária que ao café. A chegada da estrada de ferro em Barretos e a construção de um frigorífico por Antonio Prado demonstrou a possibilidade de lucro com a criação de gado, além da plantação de café.

Inicialmente, eram os comissários que preparavam a mercadoria a ser exportada, mesclando os cafés dos fazendeiros, classificados de acordo com o seu valor comercial. Uma vez vendido o café, caberia ao comissário repartir entre os fazendeiros o dinheiro apurado, não apenas levando em conta as quantidades, mas a qualidade do café vendido.

Tal sistema de "relações pessoais" exigia forte dose de honestidade e confiança entre as partes, dos entendimentos comerciais passava-se às operações que permitiam liberar ao plantador crédito, sem qualquer garantia especial além da entrega da mercadoria. Com o adiantamento de parte dos valores a serem apurados, os fazendeiros podiam ampliar as plantações, seja nas próprias terras ou comprar outras propriedades.

A crise de 1900-1905 assentou-lhes um golpe rude, atingindo as duas partes envolvidas, não havendo consenso sobre quem tinha razão. Foi propícia a ocasião para a entrada das sociedades anônimas, que gradualmente iriam substituir os comissários, proporcionando as garantias que a soma dos capitais mais vultosos exigiam. Com isso, o capital estrangeiro definitivamente adentrou no comércio do café paulista, sendo por volta de 1905 que os ingleses começaram a comprar terras em todas as zonas paulistas, não ficando o domínio de grandes glebas de terras na Alta Araraquarense imune a este crédito de casas bancárias estrangeiras.

Os fundos financeiros eram fornecidos aos fazendeiros em dificuldades e, quando insolventes, as suas terras tornavam-se propriedades agrícolas das casas financeiras. Como indicou Monbeig em seu estudo, o movimento pioneiro paulista era cada vez mais um negócio mundial.

Na época, em Rio Preto, haviam duas correntes de pensamento radicadas na região. A mais antiga, segundo Carlos Rodrigues Nogueira, era a composta pelos paulistas, mineiros e baianos, que se dedicava quase exclusivamente "a formação de fazendas e a agricultura". A segunda, a colônia síria, entregue de corpo e alma ao comércio.(NOGUEIRA,1952)

Em 1906, fundava-se a povoação de Cerradão, nome originado do córrego que lhe banhava, atual José Bonifácio.

Em 1907, foram iniciados os fundamentos da povoação de Três Córregos, atual Potirendaba. E as vilas de Jataí (atual Tanabi) e São Sebastião da Cachoeira (Ibirá) já reclamavam a criação de linhas postais.

Em 1908, a cidade de São José do Rio Preto não possuía hospital ou casa de saúde. Os doentes que necessitavam de internação e repouso tinham de se deslocar até Jaboticabal, que distava 22 léguas, sendo o local mais próximo com hospital. Em agosto daquele ano, o Hospital Santa Isabel, daquela localidade, enviava ofício ao prefeito de Rio Preto, solicitando subvenção ou auxílio financeiro, pois os pacientes oriundos desta região eram 2% do total dos doentes internados.(NOGUEIRA, 1952).

Ainda em 1908, foi aberto o patrimônio de Água Limpa, depois São Bom Jesus de Monte Aprazível, atual Monte Aprazível, pelo capitão Porfírio Pimentel. E Cerradinho, atual Catanduva, era sede de Distrito Policial

Em 1910, o município de Rio Preto limitava-se com o de Jaboticabal, Monte Alto, Barretos, Pedras, Bauru e a longínqua comarca de Sant'Anna do Paranaíba, no estado do Mato Grosso e parte do Estado de Minas Gerais. Na época, o município possuía os seguintes distritos de Paz: Ibirá, Itapirema, Tanabi, Avanhandava, Penápolis, Itapura, Cerradinho (Catanduva), Santa Cruz e Monte Belo. Compreendia uma superfície de 20.250 quilômetros quadrados e 40 mil habitantes, dos quais 1.680 residindo na sede.

Em 1910, Joaquim da Costa Penha, cognominado Capitão Neves, começava a clareira na localidade por ele denominada de São Pedro da Mata Una, atual Mirassol. A cidade, como toda a circunvizinhança, era foco de surtos epidêmicos, sendo insipiente e em começo de atividade os serviços de higiene pública e domiciliar.

Ainda em 1910 houve vários casos de bexiga, que obrigaram as autoridades a isolar os doentes, sendo recuperado aqui o relato do secretário da Inspetoria de Higiene, João de Oliveira Cunha:

> Os doentes, na ocasião em que cheguei, achavam-se na cozinha, sentados no chão, comendo arroz, feijão, carne de vaca; em caráter particular interroguei dos doentes, que tal o tratamento? - Respondeu-me Chico Mesquita - "que sendo sempre assim, pela forma que vai indo, e tendo por zelador a pessoa que esta encarregada desse serviço, convem ter bexiga!"

A ferrovia inglesa São Paulo Railway (SPR) iniciou suas operações em 1865, ligando Santos a São Paulo, atingindo Jundiaí, borda do "Velho Oeste", em 1867. Os trilhos da Paulista (EFP) chegaram em 1872 a Campinas, final do "Velho Oeste" e início do "Novo Oeste", que se estendia até Casa Branca naquela época. A ferrovia alcançou Araraquara e Jaboticabal em 1892, permanecendo nesta cidade até 1899. Em 1900, um viajante que percorreu a região, considerou Jaboticabal como a "última baliza do mundo civilizado".

Em 9 de junho de 1912, chegava à estação de São José do Rio Preto o primeiro trem da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), e permaneceu como fim de linha até 1933, fato de grande influência no desenvolvimento do Município e da Comarca. Em 1929, apenas o sertão de Rio Preto permanecia o menos povoado após a marcha para o oeste.

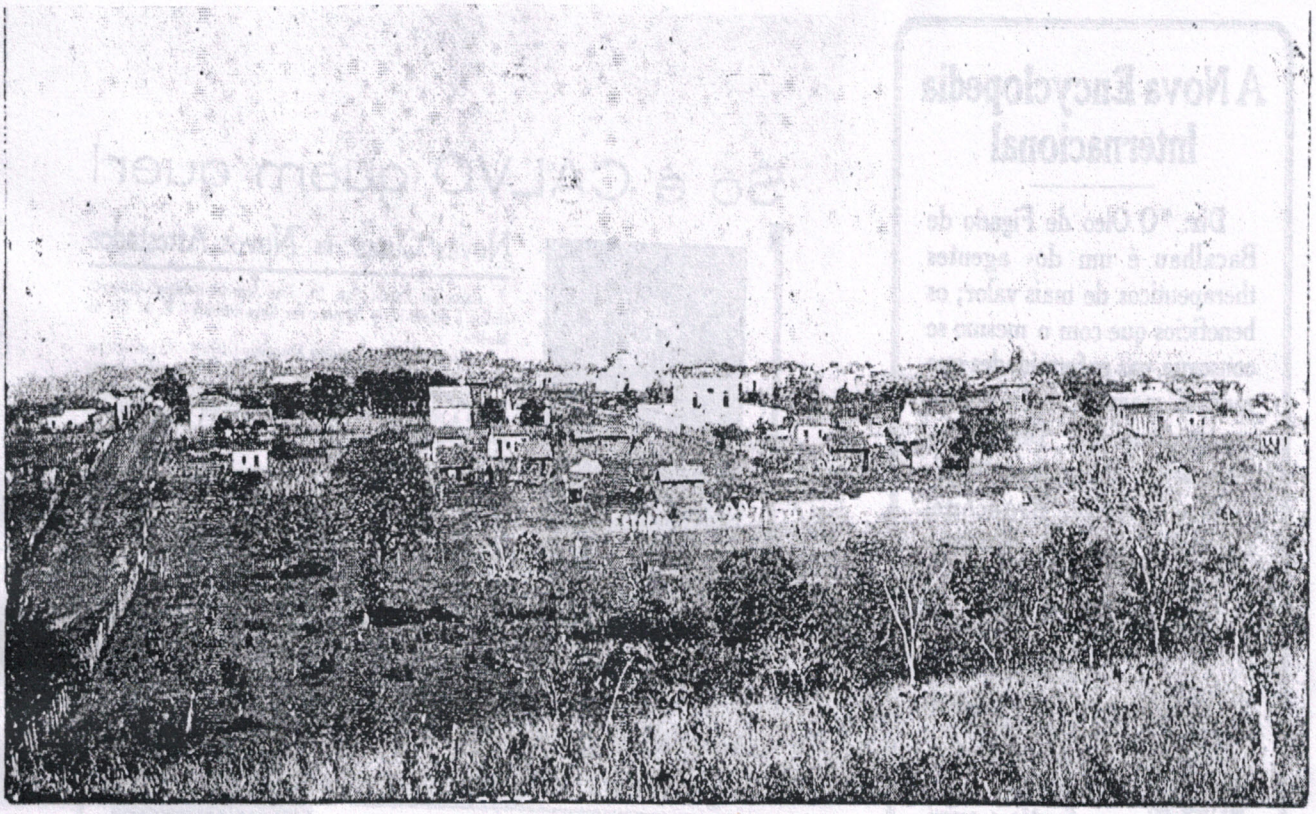
Em 1913, era fundada Vila Bela, atual Nova Granada, e na mesma ocasião o distrito de Paz de Engenheiro Schmitt.

Em 1916, o Serviço Sanitário do Estado apresentava o resultado da analise de laboratório da água captada no Rio Preto e fornecida à população da cidade, considerando-a perigosa e impura, não havendo proteção tanto nas suas cabeceiras quanto no seu trajeto, pela existência de pastos em suas margens.

Em 1917, era solicitada, junto à Câmara Municipal pela Chefia de Inspecção Médica, a nomeação de um médico inspetor escolar para o município.

Em 1918, o município de São José do Rio Preto era o segundo do Estado em extensão territorial e, instado pelo chefe de Recrutamento do Exército Nacional, assim se expressava:

> Dada a grande distância a percorrer em nosso município, sem outra comunicação e transporte a não ser por ca-valgadura, e mais não havendo jornais semanários, torna-se de todo



Vista geral de São José do Rio Preto em junho de 1912. Vê-se em primeiro plano, o edifício quadrado, que era a Cadeia Pública (onde hoje se ergue a sede dos Correios) e logo atrás, a Capela de São José, que foi demolida no ano seguinte. Revista Illustração Paulista, n 71, 1912.

> impossível a convocação determinada por V.S.,(...) acredito mesmo que a maior parte dos sorteados, ora havido como insubmissos, não o sejam voluntaria-mente, e, antes, por ignorarem a sua chamada, pois tal o local de sua residência, ignorem mesmo haver sido alista-dos.(NOGUEIRA,1952)

Em 1920, o município possuía 15.442 menores em idade escolar, sendo 1.725 alfabetizados e 13.717 analfabetos.

As estradas de rodagem começaram as ser abertas com o apoio das prefeituras ou de empreendedores particulares. Em 1923, as estradas já proporcionavam o assentamento de sitiantes, num raio de cinqüenta quilômetros da sede do município, com propriedades desmembradas entre cinco e 25 alqueires. A estrada era a garantia contra o isolamento e uma oportunidade a mais para a pequena propriedade.(MONBEIG,1984)

Segundo Pierre Monbeig "está aí uma razão suficiente para se conhecer bem e apreender o mundo pioneiro e estudar através das paisagens e da economia seus homens e seus problemas."

Em 1900, a capital do Estado tinha 250 mil habitantes, atingindo a cifra de 700 mil habitantes em 1920. No mesmo período, ou seja, em 1900, a população do município de São José do Rio Preto era de 3.221 habitantes e em 1920 alcançava 126.796 habitantes. Em 1934, já sem boa parte de seu território, a população era de 62.090 habitantes, mas localizada numa área de apenas 1.693 quilômetros quadrados, sendo que em 1996 atingia 433 quilômetros quadrados. A densidade (hab/km^2) era de 5 em 1920 e de 44 em 1940. Segundo estimativa da Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica, em 2005 a população era de 406.826 habitantes e com 943,25 hab/km^2.

Portanto, apenas quarenta anos após a chegada do trem em Campinas, Rio Preto já era ponto de linha ferroviária, e considerada a nova "Boca do Sertão".

A chegada da ferrovia significava a implantação de um conjunto de novos edifícios, escritórios, como armazéns, oficinas, escritórios e prédios administrativos e as residências dos ferroviários. Também as casas comerciais, serviços e equipamentos públicos deveriam ser implementados ou adequados ao surto populacional trazido pelo assentamento da ferrovia, assim como o maior fluxo de informações e novas práticas culturais que sempre alteram a vida e o consumo nas cidades.

As ferrovias viabilizavam a expansão da cultura cafeeira ao facilitar o trânsito de trabalhadores e o escoamento de sua produção, mas também proporcionaram o incremento das atividades econômicas urbanas e, dentre elas, a prestação e o consumo de serviços médicos à sua população.

A Nova Encyclopedia Internacional

Diz: "O Oleo de Figado de Bacalhau é um dos agentes therapeuticos de mais valor; os beneficios que com o mesmo se consegue, nas enfermidades que causam magreza, não podem ser supplantados. Deve-se tomar para a Tuberculose, Rachitismo, Anemia, Bronchite, Debilidade Geral e Molestias Nervosas."

A EMULSÃO DE SCOTT

contem o melhor e mais puro Oleo de Figado de Bacalhau da Noruega e o administra na forma mais vantajosa para a sua digestão e assimilação por todos os estomagos. Não contem alcool nem nenhuma substancia nociva.

Exijam a Legitima Emulsão de Scott.

Só é CALVO quem quer!

Novas Curas e Novos Attestados

Carta do Exmo. Snr. Dr. José Acurcio Benigno, distincto clinico e delegado de Hygiene em Nova Friburgo, E. do Rio de Janeiro:

«*Illm. Sr. Pharmaceutico Francisco Giffoni.* — Agradeço penhorado a V. S. a sua lembrança de enviar-me um vidro do seu preparado PILOGENIO, e com prazer communico-lhe que se apresentou a opportunidade de empregal-o em um caso de alopécia em placas, de que era portador um filho meu, com resultado proveitoso.

Animado com este feliz e surprehendente exito, em muitos casos de alopécias, doenças de barba, das sobrancelhas, caspas, etc., tenho obtido a cura completa por meio do uso do seu PILOGENIO que, devo declarar, é um preparado, por suas excellentes qualidades e resultados tão satisfactorios, de uma superioridade incontestavel sobre todos os outros até agora preconisados.

A sua *loção pilogenica e antiseptica*, não só triumpha na cura dos estados parasitarios do couro cabelludo, mas exerce uma acção notavel sobre o crescimento e vitalidade dos folliculos pilosos.

Felicitando a V. S. por mais este successo, póde V. S. fazer desta declaração o uso que lhe convier.

Nova Friburgo, 18-12-909. — *Dr. José Acurcio Benigno*»

Bexiga, Rins, Prostrata, Urethra

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado na insufficiencia renal, nas cystites, pyclites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, inflammação da prostata, catharro da bexiga, thypho abdominal, uremia, diathese urica, areas, calculos, etc.

As pessoas edosas, ou não, que tem a bexiga preguiçosa e cuja urina se decompõe facilmente devido á retenção, encontram na UROFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

Encontra-se nas boas Drogarias e Pharmacias desta Capital e dos Estados e no DEPOSITO:

Drogaria Francisco Giffoni & C. — Rua Primeiro de Março, 17 - Rio de Janeiro

Molestias Broncho-Pulmonares

O PHOSPHO-THIOCOL granulado de Giffoni é o melhor tonico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões; elle actúa não só pelo gayacol como pelas combinações sulfurosa e phospho-calcarea que encerra e é muito efficaz na fraqueza pulmonar, nas bronchites, bronchorréas, tosses rebeldes, tuberculose pulmonar, aguda e chronica, na debilidade organica, no rachitismo, nas convalescenças em geral e especialmente na convalescença da influenza, da pneumonia, da coqueluche e do sarampo.

Restaurador pulmonar de grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de Giffoni tonifica o organismo de modo a fazel-o resistir á invasão do bacillo de Kock e extermina este quando já ha contaminação. Agradavel ao paladar póde ser uzado puro ou no leite, cujo sabor não altera.

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade e dos Estados e no deposito:

Drogaria Francisco Giffoni & Comp.
Rua Primeiro de Março, RIO DE JANEIRO 17

Nas páginas 36 e 37 vê-se reproduções de propagandas de remédios publicadas na revista Ilustração Paulista, edição nº 71, de 13 de junho de 1912. A revista se apresentava como a "mais popular no Estado de S. Paulo"

LUGOLINA

DO Dr. EDUARDO FRANÇA

Medalha de Ouro na Exposição Universal de Buenos-Ayres em 1910

Vende-se em todas as perfumarias, pharmacias e drogarias do mundo

Depositarios: No Brazil: ARAUJO FREITAS & C., Rua dos Ourives, 88 - Na Europa: CARLO ERBA, Milão - Argentina, Uraguay, Chile, Perú, Bolivia: FRANCISCO LOPES, Buenos-Ayres.

Elixir de Nogueira

do Phar. e Chimico JOÃO da SILVA SILVEIRA

PELOTAS — Rio Grande do Sul

Grande depurativo do sangue
Unico que cura a syphilis

UNICO ENCONTRADO EM QUALQUER PHARMACIA DO BRASIL - PREMIADO COM MEDALHA DE OURO MILHARES DE ATTESTADOS - MILHARES DE CURAS

CASA MATRIZ:

PELOTAS - Rio Grande do Sul - Caixa Postal, 66

CASA FILIAL E DEPOSITO GERAL:

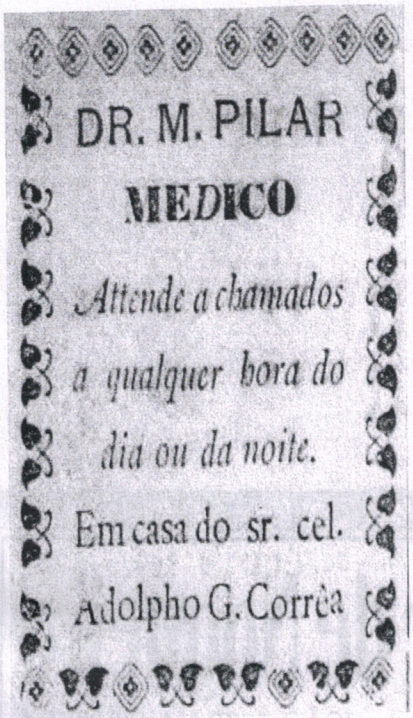
RIO DE JANEIRO - Caixa Postal, 148

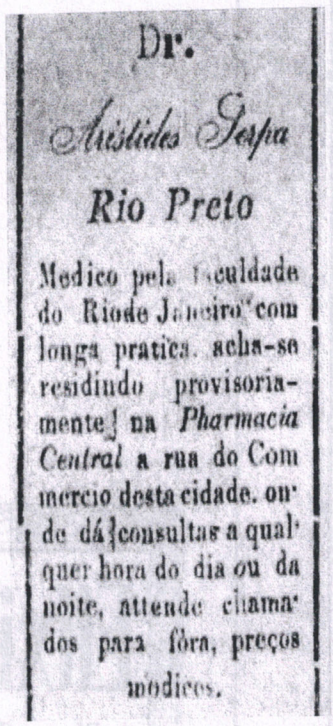
ATTESTADOS:
Combate a syphilis! Nunca falhando!

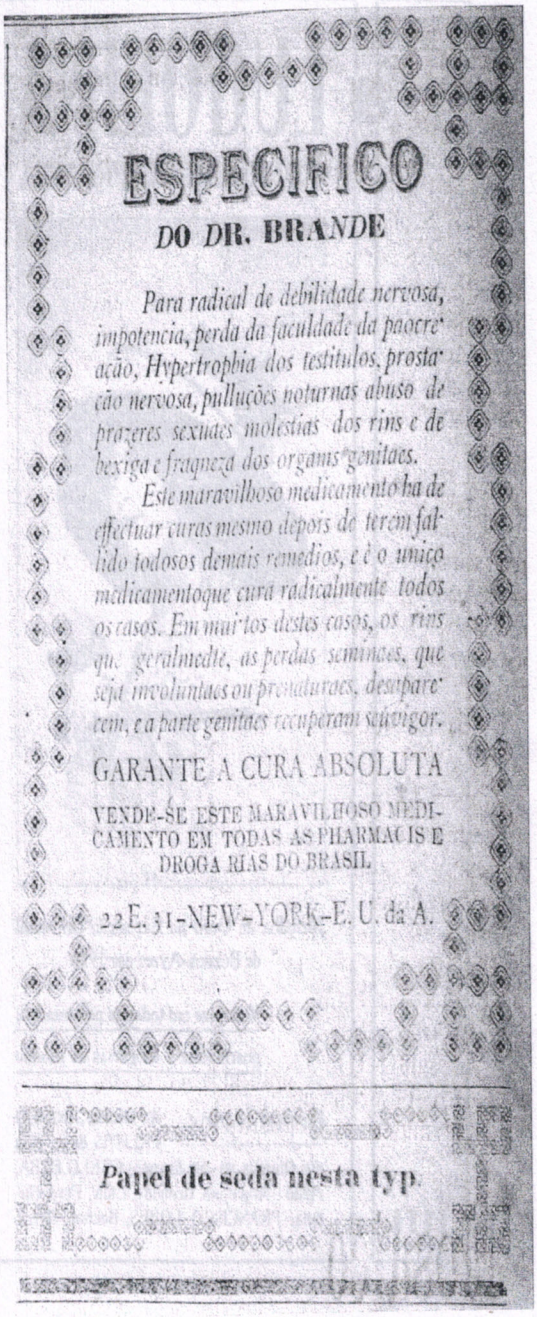
Eu, Theodoro de Souza Bomfim, negociante, com 31 annos de idade, estando soffrendo ha mais de cinco annos de horrivel syphylis terciaria e tendo feito uso de grande quantidade de preparados anti-syphiliticos sem o menor effeito, attesto que fiquei radicalmente curado depois de ter tomado sómente oito vidros do milagroso depurativo do sangue Elixir de Nogueira, Salsa, Caroba e Guayaco Iodurato, do pharmaceutico e chimico João da Silva Silveira.

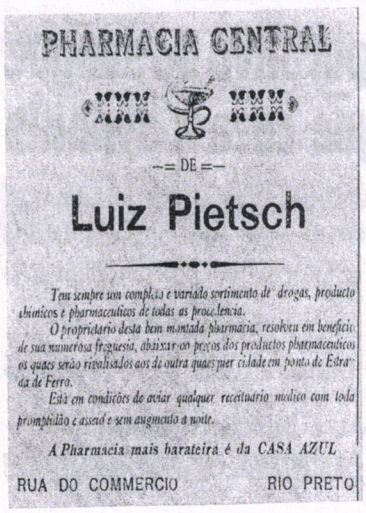
Jequirica, Bahia, 25 de Fevereiro de 1910

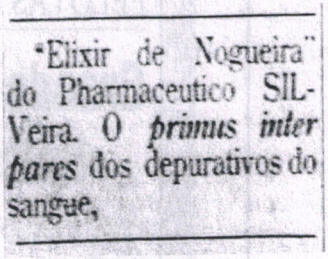
Theodoro Bomfim
(Firma reconhecida)

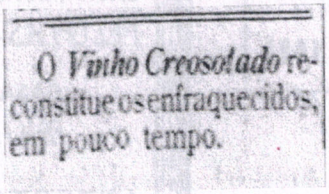


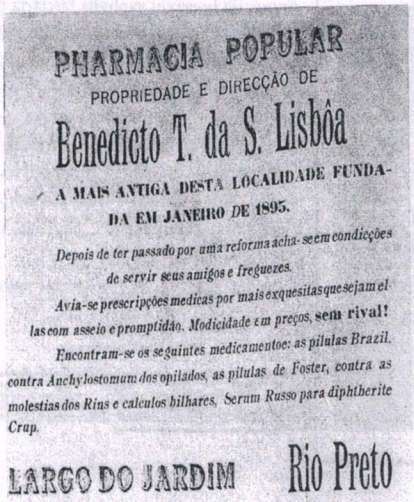


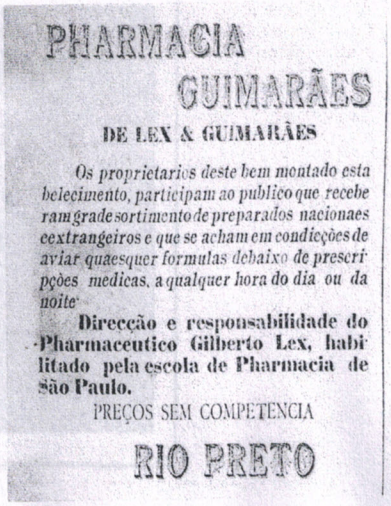












Propagandas dos primeiros médico e das primeiras farmácias de São José do Rio Preto, e de remédios, publicadas nos jornais O Porvir e O Poder Moderador entre os anos de 1904 e 1912

Primórdios da Medicina

A segunda parte deste livro trata dos antecedentes e da fundação da SMC, já possuindo massa crítica de profissionais médicos exercendo medicina curativa, a obstetrícia e a cirurgia geral na sede do município, e excursionando em outras áreas de seu território e assistindo os municípios vizinhos, já conseguindo sobreviver apenas à custa da profissão.

Naquele tempo, os médicos eram cidadãos ativos, interagindo com os poderes públicos e com a população sobre assuntos de interesse da área da saúde, e também por esta interação foram gradativamente se destacando e assumindo cargos nos poderes legislativo e executivo municipais.

Discute-se, ainda que de maneira sucinta, sobre as organizações que envolviam especificamente a classe médica existentes até aquele momento no estado de São Paulo e as suas principais funções.

Após a graduação em medicina, não havia cursos de especialização ou de pós-graduação formal no estado de São Paulo, nem se cogitava uma residência médica como atualmente se conhece, fato advindo em nosso país após a Segunda Guerra Mundial.

Porém, os médicos necessitavam trocar experiências entre si e aprimorar seus conhecimentos a fim de poder acompanhar a evolução da ciência médica de seu tempo. Os mais abastados conseguiam viajar ao exterior, principalmente para os centros médicos da Europa, pois a medicina exercida na América do Norte ainda estava em processo de evolução científica.

Mesmo assim, sempre que possível, deslocavam-se para São Paulo ou ao Rio de Janeiro, também quando entendiam ser o caso do paciente de interesse a outros colegas, e promoviam o envio para publicação nas poucas revistas médicas existentes no país.

Mas isso não bastava para se manterem atualizados e mesmo para a defesa de seus interesses profissionais, pois não existiam ainda conselhos de ética médica, sindicatos médicos ou associações científicas, fato também que não ocorria em outras localidades do interior do Estado de São Paulo.

Assim, encontravam-se isolados os médicos, afastados das academias e faculdades de medicina onde haviam se graduado. Os médicos estrangeiros, que conseguiam com facilidade o registro de seus diplomas, também eram bem recebidos em nosso país, visto a carência de médicos no Brasil na década de 1920 do século 20, muitos deles dominando técnicas e formulários terapêuticos que procuravam adaptar ao exercício do dia-a-dia de sua profissão.

Como exposto, em relação à defesa e do poder de fiscalização do exercício da medicina em todo o Estado de São Paulo, existia grande carência a quem de direito recorrer.

Nesta parte, desenvolver-se-ão algumas linhas sobre esses tópicos, sendo dado enfoque sobre a maneira pela qual foi fundada a SMC, sendo o momento político propício para que a atuação do Dr. Eduardo Floriano de Lemos, que no entender dos autores, apesar de não ter sido o primeiro profissional da medicina a cogitar a criação de uma sociedade de médicos na região de São José do Rio Preto, foi sem dúvida o seu principal aglutinador.

1. ANTECEDENTES DA FUNDAÇÃO DA SMC

O Ensino da Medicina

No Brasil, desde a chegada da família real portuguesa, em 1808, até os meados da década de 1930 do século passado, o ensino da medicina era monopólio das escolas oficiais, inicialmente competência da União.

Houve tentativa de se fundar uma faculdade de medicina no Estado de São Paulo no ano de 1891, mas, ao invés desta, optou-se pela promulgação de um código sanitário estadual, e a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi inaugurada em 1913, a primeira faculdade oficial a ser mantida por um estado da Federação.

Um ano antes, em 1912, fora inaugurado um curso livre de medicina pelo médico mineiro Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães, contemplado pela reforma Rivadávia Correa, que facultava a abertura de escolas de ensino superior livre e mantidas pela iniciativa privada. Foi constituída no bojo de um projeto maior de Universidade de São Paulo. Porém, não conseguiu seu intento, apesar de ter funcionado por alguns anos, sem graduar nenhuma turma de médicos. (SILVA,2006)

Até o ano de 1926, existiam apenas dez faculdades de medicina em funcionamento, como citado, todas federais, com exceção da de São Paulo. E mesmo assim, até aquele ano, não era permitido aos diplomados desta faculdade exercerem a profissão fora dos limites do Estado de São Paulo, pois não havia equiparação com as escolas federais para que tal permissão fosse concedida. Também a Faculdade de Medicina de Niterói apenas estava inaugurando seu curso médico no ano de 1926. A de Recife acabara de graduar a sua primeira turma no ano de 1925 e a de Belém a sua segunda turma. (Vide quadro 1)

Por outro lado, era permitido o exercício da medicina em qualquer região do território nacional a quem comprovasse ter diploma de médico expedido por faculdade de medicina estrangeira, uma vez reconhecido e de acordo com legislação específica em vigor no país.

Respeitamos, no Quadro 1, a denominação atual das universidades, fato que não correspondia ao período em estudo, por exemplo no caso de São Paulo, não existia a Universidade de São Paulo, fundada apenas em 1934, sendo a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo um instituto isolado.

Quadro 1- Cursos de Medicina por Período, Unidade da Federação e Administração - Brasil 1808-1926

Nº	Criação ano	Nome da Instituição	Administração
01	1808	Universidade Federal da Bahia - Salvador/BA	Federal
02	1808	Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ	Federal
03	1898	Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS	Federal
04	1911	Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte/MG	Federal
05	1912	Universidade do Rio de Janeiro/RJ	Federal
06	1912	Universidade do Paraná Curitiba/PR	Federal
07	1913	Universidade de São Paulo/SP	Estadual
08	1919	Universidade Federal do Pará - Belém/PA	Federal
09	1920	Universidade Federal de Pernambuco - Recife/PE	Federal
10	1926	Universidade Federal de Fluminense - Niterói/RJ	Federal

Fonte: DAES/INEP/MEC

Portanto, eram poucas as escolas de medicina no país, sendo a maioria dos médicos em exercício na região de São José do Rio Preto graduados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ou na de Salvador, havendo já alguns pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e de Belo Horizonte. Também por aqui clinicavam médicos graduados em faculdades do exterior, como Fritz Jacobs, na Alemanha, e Cenobelino de Barros Serra, na Suíça, dentre outros.

2. ASSOCIAÇÕES MÉDICAS EXISTENTES NA ÉPOCA DA FUNDAÇÃO DA SMC NO ESTADO DE SÃO PAULO

As oportunidades de aperfeiçoamento e educação continuada eram muito restritas, se não nulas, no interior do estado de São Paulo, nas primeiras décadas do século 20.

A aquisição do conhecimento médico pós-graduado era feita através da leitura de revistas e livros e raras vezes à freqüência aos congressos médicos, que eram escassos em nosso país.

Resumidamente relembramos aqui as organizações médicas existentes até o ano de 1930.

SOCIEDADE MÉDICA DO RIO DE JANEIRO

Foi fundada em 30 de junho de 1829, com o nome de Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 8 de maio de 1835, recebeu o nome de Academia Imperial de Medicina e, em 1889, mudou para Academia Nacional de Medicina, mantido até hoje.

Seu objetivo mantém-se inalterado desde a sua fundação: o de contribuir para o estudo, a discussão e o desenvolvimento sobre a prática da medicina, cirurgia, saúde pública e ciências afins, além de servir como órgão de consulta do governo brasileiro sobre questões de saúde e de educação médica.

À época de sua fundação, a medicina aplicada no Brasil era rudimentar, exercida com suas limitações, conforme indica o site da ANM, por médicos, parteiras, dentistas e boticários licenciados nas Escolas de Medicina (Rio de Janeiro e Salvador) e mais amplamente por médicos formados em universidades estrangeiras, especialmente nas escolas de Coimbra e Paris.

A elite médica do Rio de Janeiro, à época, se encontrava na Santa Casa de Misericórdia, onde as reuniões eram realizadas. Lá se encontrava o médico Joaquim Cândido Soares de Meirelles, graduado no Rio de Janeiro e doutor em Medicina e Cirurgia em Paris, onde freqüentou as sessões da Academia Nacional de Medicina da França e trouxe essa experiência ao retornar ao Brasil. Dessa vivência, viria propor a criação de uma associação médica no Brasil, fundando em sua residência a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. É atualmente a mais antiga e a única entidade cultural e científica a reunir-se regular e ininterruptamente por tanto tempo.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO

Fundada em 7 de setembro de 1888, a Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo teve vida curta, sendo dissolvida em 1891 e considerada a primeira sociedade médica da capital paulista, conforme o Dicionário das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi criada em 24 de fevereiro de 1895, a primeira sede foi na rua de São Bento, nº 230, anteriormente escritório de Sergio Florentino de Paiva Meira.

Tinha como objetivos zelar pelos interesses da classe médica e contribuir para a solidariedade desta. Os estatutos apresentados na assembléia extraordinária de 18 de fevereiro de 1895 definiram o dia 7 de março para a sessão comemorativa do aniversário. Esses primeiros estatutos apresentavam como finalidades da instituição: o estudo de assuntos relativos às ciências médicas e naturais, a defesa dos interesses da classe médica, a elaboração de pareceres sobre questões de interesse da classe médica, a publicação de boletins com os trabalhos dos sócios e de outros de interesse para a instituição, a promoção e auxílio à criação de instituições instrutivas e beneficentes relacionadas à profissão médica e a criação de uma biblioteca e de um museu relacionado ao estudo médico. (TEIXEIRA, 2001)

Refletindo a sociedade elitista da época, restringia por força estatutária o número de sócios a 50 cadeiras. Só era permitido o ingresso de novos membros para completar o número restrito por ocasião do falecimento dos membros. (TEIXEIRA, 2001).

Manteve a Policlínica em uma de suas salas atendendo gratuitamente àqueles que a procuravam, sobretudo nos serviços de pediatria e de clinica médica. Pugnou pela abertura de uma faculdade de medicina na capital de São Paulo no final do século 19. Patrocinou o primeiro congresso médico paulista em 1916 e, em 1953, passou a denominar-se Academia de Medicina de São Paulo.

SOCIEDADE DE MEDICINA DE CAMPINAS

Em 19 de novembro de 1925, trinta médicos de Campinas se reuniram no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes em sessão preparatória, e em 1º de dezembro de 1925, com a eleição da primeira diretoria, ficou definitivamente fundada, e em 10 de abril de 1926, adquiriu personalidade jurídica. Portanto, incipiente, foi fundada pouquíssimos meses antes da SMC, pode-se dizer concomitante a esta.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Conforme nos ensina Luís Antonio Nunes, as razões que levaram um grupo de proeminentes médicos de São Paulo a unirem-se e a formarem uma associação devem ser buscadas procurando inseri-los no contexto histórico do país, do estado e da cidade, bem como analisando as características do exercício da medicina na época. (NUNES,2005)

A medicina tinha modelo de profissão liberal à época.

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por uma forte instabilidade social e intensos debates políticos. A Revolução de 1930 marcou o fim do domínio das elites cafeeiras agro-exportadoras, com governos estaduais autônomos, sendo substituídos por um governo nacional centralizado, de base social voltada para o mercado interno através de seus setores produtivos.

Descontentes com a inexistência de uma entidade que defendesse os interesses da categoria médica além das questões

científicas, em 29 de novembro de 1930, a Associação Paulista de Medicina foi fundada em assembléia, onde estavam presentes 140 médicos, reunidos no anfiteatro da Faculdade de Medicina de São Paulo. Desde o início, ficou claro que uma das missões seria zelar pela defesa do exercício profissional. Seu primeiro presidente foi Domingos Rubião Alves Meira. Na ata inaugural, conforme Guido Arturo Paloma, foi apresentada e aprovada proposta assinada pelos médicos Barbosa Corrêa, Alberto Nupieri e Nestor Reis. Lida por Nupieri, continha as seguintes proposições:

> Os fins da sociedade serão manter um departamento científico, organizar congressos, promover cursos, distribuir prêmios, publicar um jornal, manter uma biblioteca médica, manter um clube médico.

Muito se deve a Alberto Nupieri, em seu trabalho de "catequese" batendo de porta em porta, de consultório em consultório, numa verdadeira cruzada para a fundação de uma entidade sem *"numerus clausus"*, cuja restrição era apenas a moral do candidato. Nupieri recorreu até à imprensa leiga para conquistar a adesão dos médicos de São Paulo; inicialmente congregando apenas os médicos da capital. Portanto, em 1926, a APM era inexistente, apenas alcançando seu status de associação médica estadual após 1948, sendo a SMC uma de suas afiliadas.

SINDICATO DOS MÉDICOS DE SÃO PAULO

Ao ser fundado em 1929, por pequeno número de médicos, permaneceu sem sede, com suas reuniões da comissão executiva realizadas em uma sala da Santa Casa de Misericórdia, foi reconhecido em 1941 e até 1946 estava circunscrito ao município de São Paulo. Seu primeiro presidente foi o Dr. Flamíno Fávero. De acordo com os fins expostos no Capitulo I, parágrafo único, o sindicato cuidará principalmente:

> a) do estreitamento das relações sociais dos membros da classe;
> b) do combate ao exercício ilegal da medicina, ao curanderismo, ao charlatanismo e às demais práticas desonestas da medicina;
> c) da instituição de meios e obras de assistência, previdência e defesa profissional dos seus membros e do amparo judicial da classe;
> d) das questões referentes ao ensino médico.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO

Foi fundada em 26 de março de 1930, com objetivos específicos e congregando apenas os ex-alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, que, nas pouco mais de dez turmas graduadas, ainda não alcançavam mais do que algumas centenas de médicos.

O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA MEDICINA

Não havia na época, nenhuma instituição de cunho estadual ou nacional que se ocupasse em 1926, dos desvios de conduta ética e profissional, bem como contra o exercício ilegal da medicina, na qual a classe médica pudesse se apoiar, em casos de conflito entre médicos, ou se recorria à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, quando envolvia algum de seus sócios, ou à Justiça Comum e à Polícia no caso do exercício ilegal.

3. Nasce a SMC

Segundo Lernardo Gomes, quase no fim da segunda década do século 20, em encontro informal no Automóvel Clube, os Drs. Fritz Jacobs, Ernani Domingues, José Mendes Pereira, Cenobelino de Barros e Justino de Carvalho examinavam a hipótese de criação de uma entidade médica.

Tamanho vulto de intenções, contrastando com meia dúzia de facultativos absortos no lufa-lufa da desordenada atividade urbano-rural, crestou-lhes as esperanças, arrastando a gentil idéia a ponto morto.(A Notícia de 30/10/1926: Sociedade Médica, por Justino de Carvalho, GOMES,1975)

Mal decorrido um lustro, surgia providencial, em plagas riopretanas, o Dr. Floriano de Lemos, médico-pediatra, dado às belas-artes, cronista assíduo de revistas e diários cariocas, além de titular da Academia Nacional de Medicina, que, examinando as possibilidades do ambiente cultural, retomaria corajoso os latentes propósitos dos colegas, reconduzindo-os à peleja, sem demora: "Havia carência de um Centro Médico na vasta zona sertaneja, onde mourejavam perto de 100 profissionais capazes, interessados no progresso das ciências".

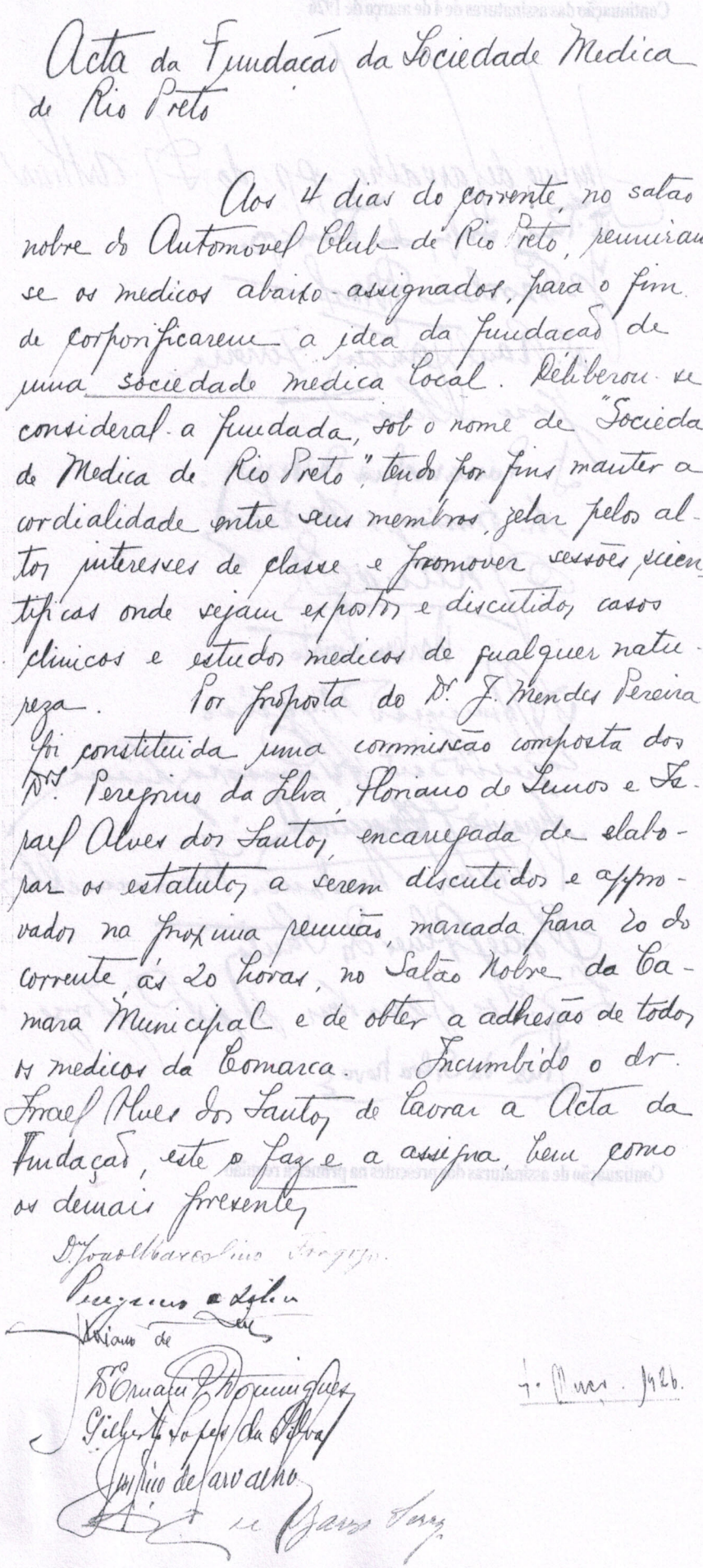
Travava-se, assim de imediato, vivo diálogo epistolar, pelas colunas d'A Notícia, entre Floriano de Lemos e Peregrino da Silva, amiúde interrompida por Justino de Carvalho, em chistosa e construtiva promoção.(A Notícia, 30/10/25, 17/11/25, 24/10/25, 2/3/26, 4/3/26, 20/3/26;GOMES,1975)

Eduardo Floriano de Lemos, nascido em 9/11/1885, no Rio de Janeiro, médico, jornalista, poeta, escritor e membro da Academia Nacional de Medicina e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, à época recentemente aqui residente, em 17 de novembro de 1925, publicou artigo no jornal A Notícia conclamando os médicos rio-pretenses para a fundação da

Sociedade Médica de Rio Preto. Esse artigo provocou uma reunião, que foi realizada no dia 4 de março de 1926, na sede do Automóvel Clube, com oito médicos. Eles decidiram, nessa reunião, fundar uma sociedade médica.

No salão da Câmara Municipal, onde também funcionava a Prefeitura, reuniram-se os médicos da cidade (menos Fritz Jacobs, em vilegiatura na Europa) e alguns colegas das vizinhas cidades de Mirassol, de Uchoa, de Schmitt e de Cedral; vinte ao todo, sob a presidência de João Marcolino Fragoso, o mais idoso da turma e firmaram a ata de fundação, elaborada por Israel Alves dos Santos. (GOMES, 1975,P.167)

Os médicos Floriano de Lemos e José Mendes Pereira receberam a incumbência de redigir os estatutos, que foram apresentados na reunião seguinte, em 20 de março, já com 23 participantes. A primeira diretoria foi presidida por José Mendes Pereira, que teve como vice-presidente Cenobelino de Barros Serra, secretário Israel Alves dos Santos, tesoureiro Ernani Pires Domingues e orador oficial Floriano de Lemos.



Acta da Fundação da Sociedade Medica de Rio Preto

Aos 4 dias do corrente, no salão nobre do Automovel Club de Rio Preto, reuniram se os medicos abaixo-assignados, para o fim de corporificarem a idéa da fundação de uma sociedade medica local. Deliberou se consideral-a fundada, sob o nome de "Sociedade Medica de Rio Preto", tendo por fins manter a cordialidade entre seus membros, zelar pelos altos interesses de classe e promover sessões scientificas onde sejam expostos e discutidos casos clinicos e estudos medicos de qualquer natureza. Por proposta do Dr. J. Mendes Pereira foi constituida uma commissão composta dos Drs. Peregrino da Silva, Floriano de Lemos e Israel Alves dos Santos, encarregada de elaborar os estatutos a serem discutidos e approvados na proxima reunião, marcada para 20 do corrente ás 20 horas, no Salão Nobre da Camara Municipal e de obter a adhesão de todos os medicos da Comarca. Incumbido o dr. Israel Alves dos Santos de lavrar a Acta da fundação, este o faz e a assigna, bem como os demais presentes

Dr. João Marcolino Fragoso

Peregrino da Silva

Floriano de

Dr Ernani Domingues

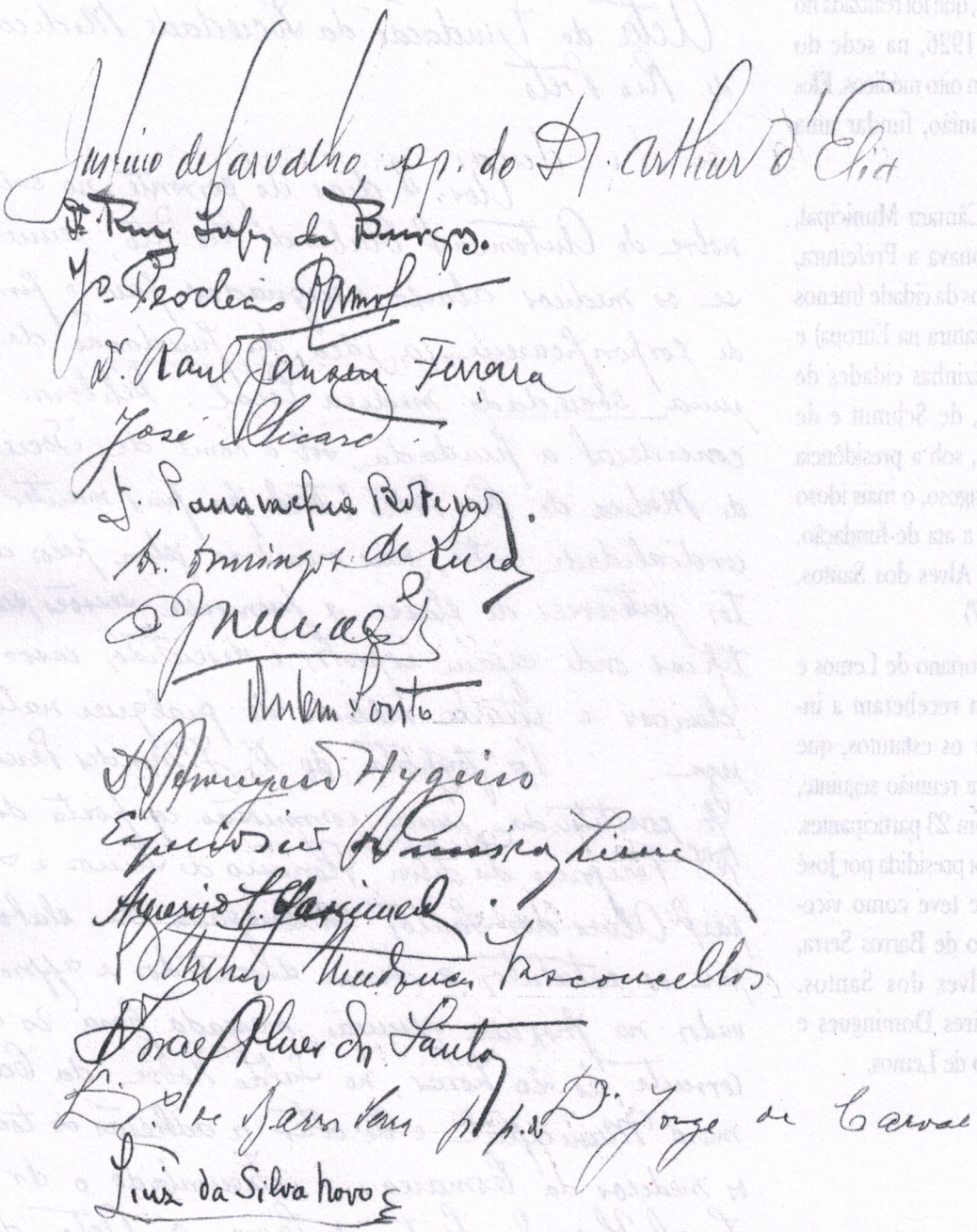
Gilberto Lopes da Silva

Justino de Carvalho

7 de Março de 1926.

Ata da primeira reunião de fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto, em 4 de março de 1926

Continuação das assinaturas de 4 de março de 1926



Continuação de assinaturas dos presentes na primeira reunião

Acta da sessão de 20 de Março de 1926

Ás 20 horas do dia 20 de Março de 1926, na séde da Camara Municipal local reuniram-se em sessão extraordinaria os socios fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto os drs. João Marcolino Fragoso, Peregrino da Silva, Floriano de Lemos, Ernani Domingues, Gilberto Lopes da Silva, Justino de Carvalho, Cenobelino de Barros Serra, Ruy Lopes de Burgos, João Deoclecio Ramos, Raul Jansen Ferreira, José Sicard, Passalacqua, Botelho, Domingos de Lucca, J. Mendes Pereira, Ruben Souto, Jeronymo Hygino, Esperidião de Queiroz Lima, Americo do Nascimento, Arthur Mendonça de Vasconcellos e Israel Alves dos Santos fazendo-se representar o dr. Arthur d'Elia pelo dr. Justino de Carvalho e o dr. Jorge de Carvalho pelo dr. Cenobelino de Barros Serra. Aberta a sessão pelo dr. Marcolino Fragoso, que a presidiu, é, pela commissão provisoria, posto em discussão o projecto dos Estatutos da Sociedade e que depois de varias emendas ficaram definitivamente constituidos nos seguintes termos.

Artigo primeiro: Subordinada ao titulo de Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto fica constituida nesta cidade de Rio Preto Comarca do mesmo nome, Estado de São Paulo, uma associação medica de accordo com o que ficou resolvido em reunião de quatro deste mez e constante da acta que nessa data foi lavrada.

Artigo segundo: São seus objectivos principaes

a) O estreitamento das relações entre os medicos clinicando legalmente na Comarca.

b) O estudo de casos clinicos e de quantos se prendam ás sciencias medicas quer sob o ponto de vista restricto e applicado á clinica, quer sob o aspecto de problemas sociaes.

c) O estudo, em plenario de questões pertinentes aos interesses da classe e sua elevação moral.

Artigo terceiro: Haverá mensalmente uma sessão ordinaria para apresentação e discussão de theses e observações e tantas sessões extraordinarias quantas necessarias.

Paragrapho primeiro: A sessão ordinaria salvo deliberação em contrario, será no dia quinze de cada mez.

Paragrapho segundo: Haverá annualmente uma sessão extraordinaria para prestação de contas e eleição da Directoria.

Paragrapho terceiro: As sessões ordinarias poderão ser convocadas pelo presidente ou por um numero de seis membros effectivos que o farão em seus nomes si houver recusa do presidente quando solicitado a fazer a convocação.

Paragrapho quarto: A convocação será feita pela imprensa local e por officio a cada membro effectivo, deliberando a assembléa com qualquer numero de membros superior a seis.

Artigo quarto: De cada sessão será feito um resumo em boletins que serão distribuidos aos socios e associações congeneres.

Artigo quinto: Haverá tres categorias de socios: effectivos, correspondentes e honorarios.

Íntegra da ata da segunda reunião e eleição da primeira diretoria da SMC em 30 de março de 1926

São membros effectivos os socios fundadores desta Sociedade e aquelles que, clinicando legalmente na Comarca, forem propostos e acceitos.
São correspondentes os que residirem fora da Comarca e forem propostos e acceitos e os effectivos que se transferirem para outra localidade. São honorarios os que a Sociedade entender homenagear.
Artigo sexto. Serão acceitos membros effectivos um pharmaceutico e um cirurgião dentista diplomados por escola official e a titulo de representantes das respectivas classes.
Paragrapho primeiro. Esses membros não poderão tomar parte nas discussões de casos clinicos nem nelles terão voto. Poderão propor e discutir ~~cas~~ theses de suas especialidades e discutir, com voto, problemas de medicina social.
Paragrapho segundo. Terão voto na eleição da Directoria, na approvação de contas e na discussão de theses de suas especialidades.
Artigo setimo. A Directoria terá mandato annual e compor-se-á de um presidente, um vice-presidente, um secretario, um orador e um thesoureiro. Cabe ao presidente e no seu impedimento ao vice-presidente: presidir ás sessões ordinarias, convocar e presidir ás sessões extraordinarias; representar officialmente a Sociedade; autorizar os pagamentos votados em sessão.
Ao secretario cumpre a correspondencia e redacção das actas.
Ao orador cumpre representar a Sociedade quando designado, fallando em nome della, redigir o boletim dos debates e a communicação á imprensa local digo leiga de quanto resultar beneficio social.
Ao thesoureiro cumpre a arrecadação da receita e pagamento da despeza tudo devidamente autorizado digo escripturado.
Artigo oitavo. A contribuição de cada socio effectivo será de 20 mil reis mensaes pagos adeantamente e por trimestre, independentes de quotas extraordinarias que forem approvadas e rateadas.
Paragrapho unico. Os socios que se atrazarem em contribuições de seis mezes consecutivos, serão considerados desligados da Sociedade.
Artigo nono. Logo que for possivel terá a Sociedade sede propria onde realize suas sessões, organise sua bibliotheca e sirva de ponto de reunião aos medicos.
Foi depois eleita a Directoria que deverá ir até Abril de 1927, sendo eleitos em primeira votação: para presidente o dr. J. Mendes Pereira, para Secretario o dr. Israel Alves dos Santos, para thesoureiro o dr. Emani Rodrigues e para orador o dr. Horiano de Lemos. Houve empate na eleição do vice-presidente entre os drs. Peregrino da Silva e Cenobelino de Barros Serra, com oito votos cada um. Em segundo escrutinio foi eleito o Dr. Cenobelino de Barros Serra.
Deliberou-se que a nova Directoria tomasse posse em sessão extraordinaria, no dia 1 de Abril proximo, nos salões do Automo-

Continuação da ata da segunda reunião

vel Club de Rio Preto com a maior solemnidade possivel contribuindo cada socio effectivo com cincoenta mil reis para os gastos.
Nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada pelo Dr. Presidente e por mim lavrada esta Acta.
Rio Preto 20 de Março de 1926
Socios presentes á sessão ordinaria de 15 de Abril de 1926

Membros fundadores presentes á sessão de 20 de Março de 1926

Continuação da ata da segunda reunião

EDUARDO FLORIANO DE LEMOS

Nascido em 9 de novembro de 1885 e f alecido em 19 de novembro de 1968, Eduardo Floriano de Lemos foi músico, jornalista, médico, naturalista, escritor e poeta. Filho legítimo de Zeferino José Lemos e Ernestina Amália da Silva Lemos, e em sua época de estudante, admirando o marechal Floriano Peixoto, adotou o nome Floriano, passando a ser Eduardo Floriano de Lemos. Foi casado duas vezes e teve oito filhos.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, na qual faleceu. Em 1908, defendeu a tese sobre a "Simplificação da Terapêutica", sendo aprovado com distinção no grau de Doutor em Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde foi Professor Livre Docente na cadeira de História Natural Médica (Botânica). Foi membro titular da Academia Nacional de Medicina, em 1919, e membro emérito em 1944. Foi agraciado com a Comenda da Ordem de Damião, defendendo a liberdade dos hansenianos.

Exerceu inicialmente a clínica no Rio de Janeiro, posteriormente em Minas Gerais em 1914, no Mato Grosso de 1917 a 1920, em Minas Gerais 1924 a 1925, em São José do Rio Preto de 1929 a 1930, em Minas Gerais em 1932 e no Rio de Janeiro de 1933 a 1965.

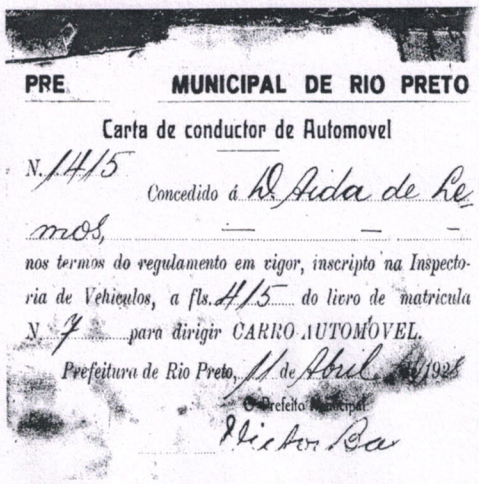
Sobre o motivo que impulsionou o Dr. Floriano de Lemos, como apreciava ser chamado, a estabelecer-se em Rio Preto no ano de 1925, foi que era jornalista e escrevia semanalmente, desde 1906, no jornal Correio da Manhã, periódico conceituado da cidade do Rio de Janeiro, cujo dono era o Sr. Edmundo Bittencourt. À época, jornal de oposição ao presidente da República, Arthur Bernardes, o doutor Floriano foi alertado pelo Sr. Edmundo que o jornal seria fechado pelo governo federal e que todos os que nele escreviam estavam passivos de serem presos, o que posteriormente realmente ocorreu.(LEMOS,2007)

O Dr. Floriano de Lemos não esperou a prisão, mesmo sendo um cronista apolítico; tomou o primeiro trem da Central do Brasil, fez baldeação em São Paulo e tomou destino à última estação da EFA, vindo a desembarcar com a esposa e filhos na "boca de sertão", que era Rio Preto, em setembro de 1925.

Logo por aqui chegando, não perdeu tempo, pois era membro titular da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, encontrando ambiente propício, fomentou entre os médicos aqui residentes, através do jornal A Notícia, uma reunião, de onde emergiu a primeira sociedade de médicos do interior do Estado de São Paulo.

Permaneceu primeiramente em Mirassol, e posteriormente até o início de 1930, manteve consultório na especialidade: "Doenças de Crianças - Partos", na rua XV de Novembro nº 53, em Rio Preto, como era chamado nosso município. Por aqui atuou não só como médico, mas como jornalista e teatrólogo. Segundo a professora Maria de Lourdes, sua filha, ele retornou ao Rio de Janeiro quando por lá o ambiente já havia "serenado" e também porque um de seus filhos contraiu febre tifóide, não se restabelecendo totalmente em nossa cidade.

Os livros de Atas da SMC nos informam que o Dr. Floriano de Lemos "resignou" ao cargo de presidente da SMC em reunião do dia 15 de janeiro de 1930, e assim tendo a partida de tão ilustre personalidade, desfalcado os meios médicos de São José do Rio Preto.

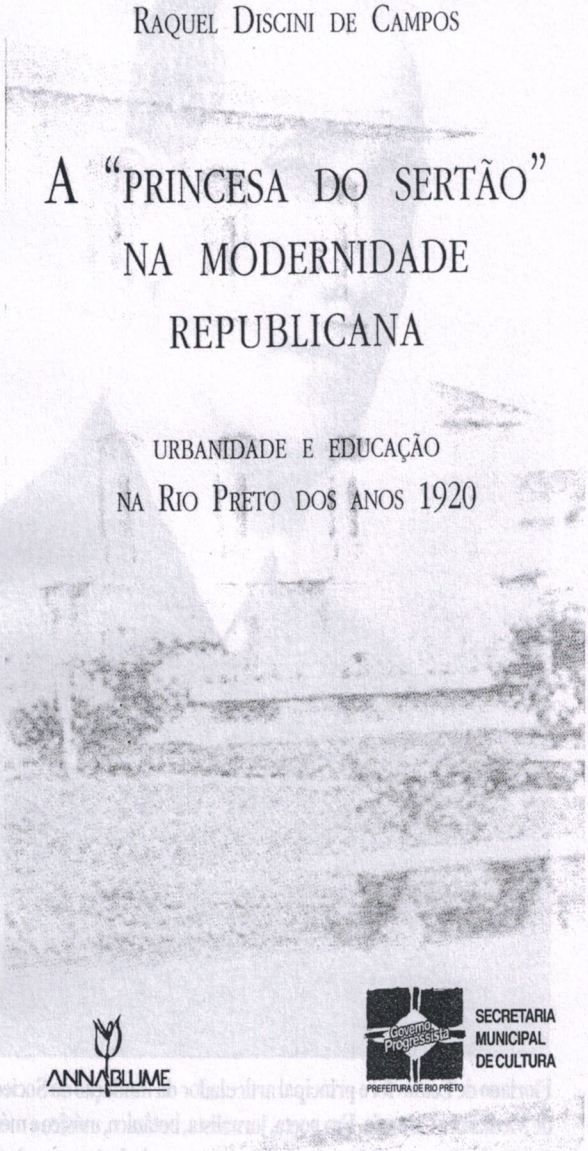


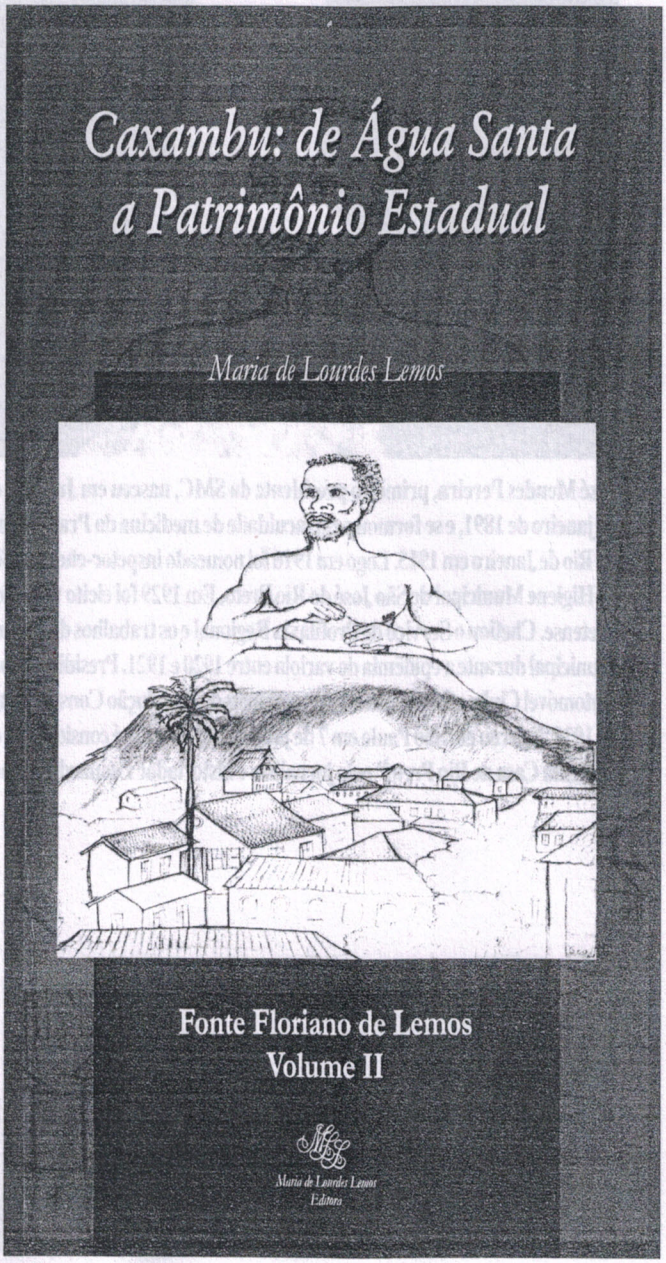
Aída de Lemos, mulher do Dr. Floriano de Lemos, foi uma das primeiras a obter carteira de motorista em São José do Rio Preto em 18 de abril de 1928

José Mendes Pereira, primeiro presidente da SMC, nasceu em Jundiaí, em 18 de janeiro de 1891, e se formou pela faculdade de medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro em 1915. Logo em 1916 foi nomeado inspetor-chefe do Serviço de Higiene Municipal de São José do Rio Preto. Em 1929 foi eleito vereador rio-pretense. Chefiou o Serviço de Profilaxia Regional e os trabalhos do Isolamento Municipal durante a epidemia de variola entre 1920 e 1921. Presidiu o Rio Preto Automóvel Clube e foi um dos líderes regionais da Revolução Constitucionalista de 1932. Faleceu em São Paulo em 7 de janeiro de 1969. Ele é considerado o "Pai da Santa Casa de Rio Preto" pelo jornalista e historiador Leonardo Gomes.

Floriano de Lemos foi o principal articulador da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Era poeta, jornalista, botânico, músico e médico. Foi batizado como Eduardo de Lemos, mas, ainda jovem, adotou o "Floriano" em homenagem ao presidente Floriano Peixoto e nunca mais assinou como Eduardo. Seus descendentes moram no Alto da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, onde ele é nome de rua e de um Centro Municipal de Atendimento Social Integrado; ele dá nome a uma fonte na cidade mineira de Caxambu. Era cronista no jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro. Publicou vários livros sobre medicina e alguns de poesia.

O livro da historiadora Raquel Discini de Campos revela que os médicos tiveram forte influência na formação cultural e educacional de São José do Rio Preto nas primeiras décadas do século 20





Livro sobre a história de Caxambú registra a passagem do Dr. Floriano de Lemos por essa cidade mineira antes de se fixar em São José do Rio Preto

Segunda Parte
Lelé Arantes

Sociedade de Medicina e Cirurgia 1926 - 1971

Foi numa noite de quinta-feira, em 4 de março de 1926, que um grupo de médicos radicados em São José do Rio Preto e na região se reuniu na sede do Rio Preto Automóvel Clube para fundar o que chamaram, nesse primeiro encontro, de uma Sociedade Médica de Rio Preto[1]. Três objetivos principais de atuação foram delineados nessa primeira reunião: "manter a cordialidade entre seus membros, zelar pelo altos interesses de classe e promover sessões scientificas onde sejam expostos e discutidos casos clínicos e estudos médicos de qualquer natureza".

A distância e a precariedade de transportes, aliadas à dificuldade enorme de locomoção, colaboravam com a fama que a cidade ostentava no âmbito estadual: "boca do sertão" e "ponta de trilhos". As rotulações, sejam pejorativas ou não, tinham suas vantagens e desvantagens. Boca do sertão compreendia uma série de significações, todas carregadas de signos que podiam ser interpretados de acordo com a cultura e os interesses de cada um. No exercício da medicina, a "cidade boca do sertão" representava um centro de recurso médico para onde acorriam todos os doentes da vizinhança. Boca do sertão, nesse caso, surgia como referência de esperança, de saúde e de vida para os moradores e um excelente lugar para o médico iniciar carreira e fixar o nome.

Por outro lado, boca do sertão, na terceira década do século 20, era ainda um desenho político do final do século 19, pontilhando em cada esquina um coronel[2] que, amparado por jagunços, mandava e desmandava nas cidades interioranas, ditando ordens e regras, espalhando medo, sempre avesso à disseminação do conhecimento e inimigo ferrenho da liberdade de pensamento. A cidade de Rio Preto, em 1926, não fugia à regra geral dos aglomerados urbanos brasileiros. Na manutenção do poder, os coronéis encastelados no poder municipal, por meio de suas alianças políticas e econômicas, lutavam para oferecer aspectos de avanços sociais em seus governos, como o coronel Adolpho Guimarães Corrêa, que patrocinou a vinda dos médicos: Fileno Faggiani, que deve ter chegado à cidade em 1904 e a deixou às pressas em maio de 1905, após desavenças com os políticos locais; Manoel Martins do Pilar, que clinicou na cidade entre outubro e dezembro de 1906, montando consultório na casa do próprio coronel Adolpho; e Aristides Serpa, que chegou em setembro de 1907, apesar de ter sido nomeado em julho de 1905 pelo governo estadual como chefe do Posto de Higiene, com licença para atender também aqueles que podiam pagar.

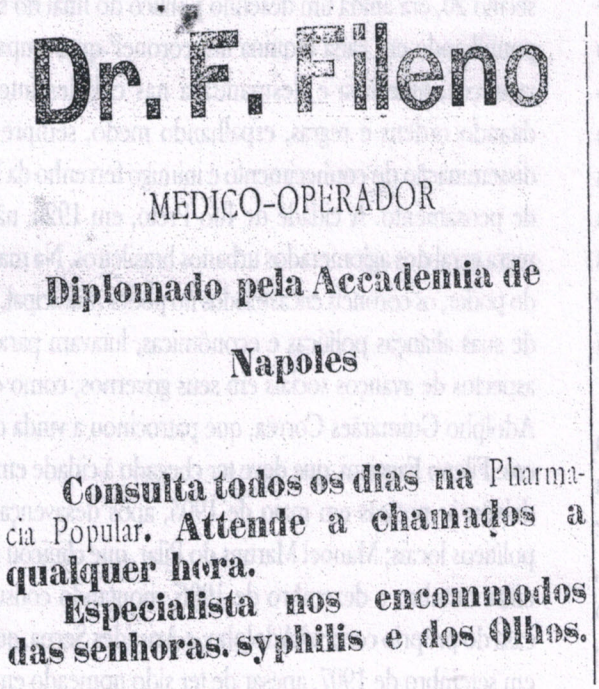
A falta de recursos médicos nos inúmeros vilarejos que começavam a florescer na região a partir de 1900 fez com que Rio Preto se transformasse no ponto de convergência da população em busca de atendimento médico. A cidade fechou a

(1) Entre 1906 e 1944 o nome da cidade era apenas Rio Preto.

(2) Os coronéis eram civis, como fazendeiros e homens de posse, que compravam patentes da Guarda Nacional, um exército de segunda linha, que foi extinto em 1928.

primeira década do século 20, em 1910, com dois ou três médicos oferecendo seus serviços à população. A segunda década registrou a presença de oito médicos estabelecidos em Rio Preto, dois em Cedral, dois em Uchoa, dois em Ibirá, um em Mirassol e um em Três Córregos (atual Potirendaba), conforme foi registrado no Álbum de Rio Preto, do advogado Fernando Oiticica Lins e do dentista Raul Silva. Nos meados da terceira década, em 1926, a região já se firmava como forte centro de irradiação de recursos médicos.

A constituição de uma sociedade médica não teria sentido sem o caráter científico e de estudos de prática médica para aglutinar os médicos espalhados nos pequenos vilarejos ao redor de Rio Preto, também uma cidade em formação. No campo social, funcionava, desde 1920, o Automóvel Clube, no esportivo, o Rio Preto EC desde 1919, nos negócios funcionava havia seis anos a Associação Comercial, Industrial e Agrícola, e para dança e jogos havia pelo menos meia dúzia de clubes. Os engenheiros,


Dr. F. Fileno

MEDICO-OPERADOR

Diplomado pela Accademia de Napoles

Consulta todos os dias na Pharmacia Popular. Attende a chamados a qualquer hora.

Especialista nos encommodos das senhoras. syphilis e dos Olhos.

Anúncio do Dr. Fileno Faggiani publicado em várias edições do jornal O Porvir, em 1904

gráficos e os empregados no comércio, em março de 1926, já estavam organizados enquanto categorias profissionais. A iniciativa dos médicos provavelmente influenciou no surgimento das associações dos cirurgiões-dentistas em abril, e dos farmacêuticos em maio, ambas fundadas em 1926.

A comarca de Rio Preto, na segunda metade da década de 1920, tinha cerca de 40 vilarejos em florescência e mais ou menos 200 mil habitantes, abrangendo os novos municípios de Mirassol, Monte Aprazível, Tanabi, José Bonifácio, Ibirá e Nova Granada. "Os pequenos vilarejos de hontem, são hoje grandes cidades e nos sertões virgens, soberbos e perigosos, lá vae a onda humana abrindo picadas e agrupando núcleos, numa avidez de conquistas que tem qualquer coisa de épico e sublime", escreveu, em 1928, o jornalista português e redator do Álbum da Comarca de Rio Preto, Abílio Cavalheiro[1]. Nessa época, o município rio-pretense contava com cerca de 50 mil habitantes, dos quais 22.700 residiam na sede urbana e outros 5.100 habitavam a zona rural. Dentro do território do município, vicejavam sete povoados classificados como distritos de paz: Cedral, com cerca de 5.000 habitantes, Engenheiro Schmitt com 3.750 habitantes, Ribeirão Claro (atual Guapiaçu) com 4.300 habitantes, Ipiguá com 2.200 habitantes, Borboleta (atual Bady Bassitt) com cerca de 900 habitantes, dos quais apenas 350 residiam no núcleo urbano; Nova Aliança com mais de 5.000 habitantes e Monte Belo com quase 2.000 habitantes.

O Álbum da Comarca de Rio Preto começou a ser escrito em 1925 e só foi concluído em 1929. No momento de seu lançamento, já funcionava parte da Santa Casa de Misericórdia que, em 1926, na época da fundação da SMC, ainda estava em construção, sob a responsabilidade do construtor Raphael Fiorda[2]. Além da Santa Casa, a cidade contava com a Sociedade Beneficente de Rio Preto, responsável pela manutenção do "Asylo dos Leprosos" e "várias casas de saúde e maternidade, estas porem com trabalhos remunerados", segundo o Álbum[3].

A topografia da cidade indicava a existência de 3.150

(1) Álbum da Comarca de Rio Preto, pág. 83, "Rio Preto Atravez da Lenda", um ensaio crítico em que o autor tece ácidas críticas às pessoas que na sua opinião difamavam a cidade com lendas, comentários e boatos que definiam Rio Preto como uma cidade bárbara, sem lei e violenta.

(2) A Notícia, edição de 12/3/1926, registra em suas páginas a comemoração do 4º aniversário de lançamento da pedra fundamental das obras da Santa Casa, recordando que na festa realizada em 12/3/1922 estivera presente o prefeito em exercício coronel Neca Medeiros (Manoel Jorge de Medeiros e Silva). O jornal lamenta, em 1926, as paralisações da obra e registra a retomada dos serviços por Raphael Fiorda.

(3) O Álbum da Comarca registra na pág. 117, como entidades que cuidam de doentes, a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos (fundada em 15/9/1917, com o nome de Centro Hespanhol de Socorros Mutuos), Irmandade de São Vicente de Paulo (o Asilo São Vicente de Paulo foi fundado quatro anos mais tarde, em 11/3/1930) e a Associação das Damas de Caridade (fundada em 28/8/1923).

imóveis construídos e distribuídos por 40 ruas e três jardins, com sua economia amparada no comércio desenvolvido com 512 estabelecimentos em funcionamento, 35 máquinas de benefício de arroz e café, dez grandes oficinas mecânicas[1], sete serrarias e diversas pequenas fábricas de gelo, bebidas, licores, xaropes, laticínios, salames e presuntos, etc. Todos servidos por quatro agências bancárias: Banco do Commercio e Industria de São Paulo, Banco Commercial do Estado de São Paulo, Banco do Brasil e Banca Franceza e Italiana e um banco genuinamente rio-pretense: a Casa Bancária Chaim, de Chaim José Elias.

Na educação, os rio-pretenses contavam com dois grupos escolares públicos e dez colégios privados. Três cinemas, o Éden Park, o Capitólio e o Boa Vista, estavam em funcionamento, enquanto aguardavam a inauguração do São José, que prometia ser o maior de todos. Ostentando a condição de "ponta de trilhos", a cidade oferecia aos viajantes 16 hotéis e várias pensões, bares e restaurantes. Dentre os profissionais liberais, a cidade contava com 31 advogados, dez engenheiros, 13 dentistas, 13 "pharmaceuticos" e 20 médicos.

Os autores do Álbum da Comarca assim definiram São José do Rio Preto daqueles tempos:

> pode-se considerar a terra mais democratica do mundo, porque ninguém consegue distinguir o capitalista do proletário e isto é uma qualidade que prova a nobreza de sentimentos da nossa população".[2]

Discutir saúde era indispensável à sociedade médica que se fundava em 1926. Bastava correr olhos nas estatísticas do Posto de Higiene, inaugurado pela segunda vez em 11 de janeiro de 1927, sob a chefia do médico Esperidião de Queiroz Lima, para se ter um retrato da situação da população distribuída no território rio-pretense: 125 casos de tifo, 115 de varíola, 31 de malária, 55 de sífilis, 81 de gonorréia, 27 de cancro mole, 220 casos de tracoma, além de meningite, varicela, lepra, difteria e verminoses. No primeiro ano de funcionamento, o Posto de Higiene havia vacinado 48.296 pessoas contra a varíola e 11.771 contra o tifo. Os números de óbitos relacionados com a demografia sanitária registraram em 1927 a morte de 578 crianças com menos de dois anos. A tuberculose matou, naquele ano, 18 pessoas, e outras 17 morreram de tifo. A meningite, a difteria e o sarampo também ceifaram vidas rio-pretenses. Analisar esse quadro, trocar idéias e experiências, encontrar soluções para amenizar o sofrimento da população eram a missão dos fundadores da SMC.

Estavam estabelecidos em São José do Rio Preto, em 1926, segundo a lista telefônica, os médicos: A. Almeida Filho[3], rua do Commercio[4] s/nº; Aguinaldo Pondé, rua Antonio Olympio[5], nº 57; Américo Nascimento, rua Antonio de Godoy, nº 13; Cenobelino de Barros Serra, rua Antonio Oympio, nº 17; Ernani Pires Domingues, rua Antonio Olympio, nº 12; Espiridião de Queiroz Lima, rua Rubião Junior, nº 9; Floriano de Lemos, rua 15 de Novembro, s/nº; Francisco Purita, rua Bernardino de Campos, nº 25; Israel Alves dos Santos, rua Pedro Amaral, nº 38; Justino de Carvalho, rua Silva Jardim, nº 10; José Barreto Filgueiras, rua Jorge Tibiriçá, nº 21; João Marcolino, rua Antonio de Godoy, nº 35; José Borges de Carvalho, rua Tiradentes, nº 9; Peregrino da Silva, rua Bernardino de Campos, nº 86; Raul Jansen Ferreira, rua Bernardino de Campos, nº 82; Taufik Rahd, rua do Commercio, nº 46; mais três casas de saúde: Santa Helena, rua Silva Jardim, s/nº; a do Dr. Taves, rua Antonio Olympio, nº 63; e a do Dr. Fragoso, rua Antonio de Godoy, nº 35.

Na região, estavam instalados Benito Malzoni, em Cedral; Alcides Ferreira, Durval de Souza Brito, Elyezer Magalhães, Joel Neves, José Muylaert, José Sicard, João D. Ramos, J. Marcolino Fragoso, Arthur Mendonça Vasconcellos e Orlando Oberlander, em Mirassol; Hernani Senra de Oliveira, Benjamin Bretas, Alcides Corrêa Arruda e Arthur Martins de Oliveira, em Monte Aprazível; Baldomero Seabra, Luiz Guimarães Fernandes Pinheiro e Samuel Dutra, em Potirendaba; José Barbosa Lima, Xavier Telles e Paulo Pompillio de Abreu, em Tanabi; Ruy de

(1) Leve-se em conta que o primeiro automóvel a circular na cidade chegou em 1919, um Oldsmobile 1917 adquirido pelo comerciante Nagib Gabriel, em troca de uma dívida. Oito anos mais tarde, em 1927, a cidade registrava a existência de 840 automóveis licenciados pela Prefeitura.

(2) Álbum relaciona a cidade com os bairros Monte Serrat (atual Maceno) "onde o proletariado vive em perfeita promiscuidade com fazendeiros, capitalistas, donos de fabricas, engenhos, etc.); Boa Vista "onde as construcções têm ares de aristocracia, mas onde a população vive entrelaçada, confundindo-se muillionarios com caldeireiros, proprietários com chacareiros e capitalistas com pobres operários"; a Villa Ercilia "o mais pobre e menos populoso de todos", a Villa São Bom Jesus "bastante populosa apezar de nova" e a Villa Redemptora "cujos terrenos foram vendidos a prestações" (páginas 114 e 115).

(3) Mudou-se para Nova Granada ainda em 1926

(4) Atual rua Coronel Spínola de Castro

(5) Atual rua Voluntários de São Paulo

Da esquerda para a direita, em pé: Eduardo Alvares, farmacêutico; Benedicto de Castro, (N.I.), Álvaro Rea, Raul Silva, dentista; e João Deoclécio da Silva Ramos. Da esquerda para a direita, sentados: Aguinaldo Pondé, Sellmann Nazareth, Cenobelino de Barros Serra, Floriano de Lemos, Synésio de Mello e Oliveira e Raul Jansen Ferreira. Todos considerados fundadores da SMC

Dr. Israel Alves dos Santos

Burgos, em Uchoa. Cinco médicos atuavam em Nova Granada, mas não há relação de seus nomes. Alguns médicos, como Barreto Filgueiras, João Deoclecio Ramos e Marcolino Fragoso atendiam em duas cidades.

Coube a Israel Alves dos Santos lavrar a ata de fundação de Sociedade de Medicina e Cirurgia naquela noite de quinta-feira, 4 de março de 1926. Foi sucinto na sua tarefa. Usou 23 linhas para registrar o ato histórico, passando em seguida o livro para a assinatura dos médicos presentes. Por coincidência, foram 23 assina-turas. Dois médicos, Arthur D'Elia e Jorge de Carvalho, foram representados por procuração, o primeiro por Justino de Carvalho, e o segundo por Cenobelino de Barros Serra.

A primeira iniciativa dos fundadores foi nomear uma comissão, formada por Peregrino da Silva, Floriano de Lemos e Israel Alves dos Santos para elaborar e escrever o estatuto, marcando para o dia 20 de março a próxima reunião, definindo que seriam convidados todos os médicos residentes na região que, estando presentes, seriam considerados igualmente fundadores da SMC.

A reunião do dia 4 de março registrou a presença de João Marcolino Fragoso, Peregrino da Silva, Floriano de Lemos, Ernani Pires Domingues, Gilberto Lopes da Silva, Justino de Carvalho, Cenobelino de Barros Serra, Arthur D'Elia por procuração, Ruy Lopes de Burgos, João Deoclécio Ramos, Raul Jansen Ferreira, José Sicard, J. Passalacqua Botelho, Domingos de Lucca, José Mendes Pereira, Rubens Souto, Jerônimo Higino, Esperidão Queiroz Lima, Américo do Nascimento, Arthur Mendonça Vasconcellos, Israel Alves dos Santos, Jorge de Carvalho por procuração e Luís da Silva Novo. Pode-se verificar que muitos médicos tanto de Rio Preto como das cidades vizinhas não atenderam o convite.

Para a reunião do dia 20, realizada na Câmara Municipal, nenhum novo nome compareceu. Coube a Marcolino Fragoso presidir a reunião para discussão e aprovação do estatuto. Várias emendas foram apresentadas e votadas. A principal delas foi a que definiu o nome da instituição: Sociedade de Medicina e Cirurgia. O estatuto estabeleceu como ação principal da instituição a realização mensal, sempre no dia 15 de cada mês, de uma reunião de tese científica apresentada por associados para relatar, discutir estudar os casos médicos regionais. Para os fundadores, as teses serviriam aos interesses da classe e colaborariam na elevação moral dos serviços médicos. Cada sessão de tese seria publicada num boletim a ser distribuído aos sócios e associações congêneres.

O estatuto previu a existência de três categorias de sócios: os efetivos, que eram os sócios fundadores e aqueles que, clinicando legalmente na comarca, fossem propostos e aceitos; os correspondentes, aqueles que, residentes fora da comarca de Rio Preto, fossem propostos e aceitos, e aqueles que se mudassem para fora da comarca rio-pretense; e os honorários, a quem a instituição decidisse prestar uma homenagem. Também ficou decidido que a sociedade poderia ter um farmacêutico e um cirurgião-dentista com formação legal, indicados pelas suas categorias como seus representantes. Esses dois membros não teriam direito a voto nem poderiam opinar sobre as teses médicas, entretanto, caso quisessem, poderiam apresentar teses relativas às suas especialidades.

Também ficou definida a forma de diretoria: presidente, vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e um orador. Em termos populares, o cargo de orador era a vitrine, pois era o único diretor autorizado a representar a instituição nos atos solenes e oficiais, a prestar esclarecimentos à imprensa, a pronunciar os discursos, e cabia-lhe a função de editar o boletim. Estabeleceu-se como mensalidade o pagamento de uma contribuição no valor de 20 mil réis "pagos adeantados e por trimestre". O sócio que deixasse de pagar sua mensalidade por seis meses consecutivos seria desligado automaticamente. O artigo 9º do estatuto determinava que "logo que for possível terá a Sociedade sede própria onde realize suas sessões, organize sua biblioteca e sirva de ponto de reunião aos médicos".

Na mesma noite, foi eleita a diretoria para mandato até abril de 1927. José Mendes Pereira foi eleito presidente, Israel Alves dos Santos, secretário, Ernani Pires Domingues, tesoureiro, e Floriano de Lemos, orador. Na eleição do vice-presidente houve empate entre Peregrino da Silva e Cenobelino de Barros Serra. Na segunda votação, foi eleito Barros Serra. Para dar posse à nova diretoria, em sessão solene, foi escolhido o dia 11 de abril, no salão de festas do Automóvel Clube. Para a festa de posse, cada sócio fez uma contribuição de 50 mil réis.

Dr. Esperidião de Queiroz Lima, um dos fundadores da SMC e chefe do Posto de Higiene a partir de 1927

A sessão solene de posse foi aberta às 21 horas do dia 11 de abril de 1926, um domingo, com grande presença de convidados e representantes do governo estadual e da sociedade organizada, como o juiz Antonino do Amaral Vieira, o prefeito Alceu de Assis e o comissário de polícia Antonio Tavares de Almeida, que era intelectual e líder comunista. A sessão foi aberta por Peregrino da Silva, que a presidia e que "em brilhantes palavras congratulou-se com a sociedade de Rio Preto pelo acontecimento", dando posse à diretoria eleita em nome da diretoria provisória. Ao tomar posse, Mendes Pereira saudou os convidados e fez um pronunciamento para delinear os objetivos da SMC, passando em seguida a palavra ao orador Floriano de Lemos que, segundo a ata redigida por Israel Alves dos Santos, "em bellas palavras definiu o nobre papel do médico na sociedade e da medicina no progresso da humanidade". Em seguida, passou-se a palavra ao prefeito Alceu de Assis, que felicitou os médicos e desejou longa vida à instituição recém-fundada. Aos convidados, ofereceu-se uma "magnífica mesa de doces e um animado baile que se prolongou até às três e meia do dia 12".

No dia 15, quinta-feira, a diretoria realizou sua primeira reunião de trabalho, no salão nobre da Câmara Municipal, aberta com a leitura de uma carta de John Nicholson Taves desculpando-se pelo não comparecimento à posse e solicitando sua inscrição como sócio efetivo. Na mesma noite, foram apresentados os nomes de José Borges de Carvalho pelo presidente Mendes Pereira, o de Joaquim Augusto Fagundes por Israel Alves dos Santos, o de José Alves das Neves por Mendonça de Vasconcellos, o de Baldomero Seabra por Raul Jansen Ferreira e o de Roberto Tedesco por Floriano de Lemos. Peregrino da Silva apresentou como sócio correspondente Genésio da Silva, de Araraquara. Todos foram aprovados por unanimidade.

O secretário leu o voto de congratulações com os médicos rio-pretenses pela fundação da SMC, encaminhado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Foi aprovada sugestão de Peregrino da Silva de se conceder títulos especiais aos sócios efetivos e a de se formar uma comissão para redigir um regimento interno. A comissão foi formada por Domingos de Lucca, Raul Jansen Ferreira e Passalacqua Botelho. Foi aprovado um voto de pesar pelo falecimento do farmacêutico Adalberto Silva.

Coube a Floriano de Lemos a apresentação da primeira tese da SMC, discorrendo sobre a "Tuberculose na Infância", que foi discutida por Peregrino, Mendes Pereira e Raul Jansen. O segundo trabalho, de Barreto Filgueiras, enfocou "Formas Evolutivas do Paludismo" que, pelo adiantado da hora, deixou-se para discussão na próxima sessão.

Quatro dias depois, em 19 de abril, foi realizada uma sessão extraordinária, convocada por um abaixo-assinado de uma dúzia de sócios, para discutir uma solicitação do prefeito Alceu de Assis que queria a opinião da SMC sobre um surto epidêmico de febre tifóide. Após discussão, foi assinado um ofício ao prefeito com o seguinte teor:

> Considerando os casos de febre typhoide recentemente apparecidos nesta cidade, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto, em reunião de 19 do corrente approvou as duas seguintes sugestões: 1ª, vacinação preventiva; 2ª, notificação compulsória e desinfecção vigorosa dos focos.

Por indicação de Israel Alves dos Santos, foi formada uma comissão para estudar os focos da doença. Constituíram a comissão o próprio Israel mais Floriano de Lemos, Justino de Carvalho, Borges de Carvalho e Esperidião de Queiroz Lima. Os sócios presentes também aprovaram um voto de louvor e solidariedade com o inspetor do Posto de Higiene, Borges de Carvalho, "por tudo o que até agora tem feito na sua acção contra a febre typhoide".

A sessão de 15 de maio foi presidida pelo vice-presidente Cenobelino de Barros Serra, registrando a eleição da primeira diretoria da Associação Odontológica de Rio Preto, sob a presidência de Mattos Filho. A Associação dos Farmacêuticos encaminhou oficio indicando Eduardo Álvares de Abreu Sobrinho como seu representante na SMC. Nessa noite, Peregrino da Silva apresentou duas teses, a primeira tratando da influência do sistema nervoso no trabalho do parto e a segunda abordando o choque anafilático.

No mês seguinte, a sessão mensal foi presidida por Ernani Domingues e teve como novidade a posse do farmacêutico Eduardo Álvares de Abreu Sobrinho, que foi introduzido à

reunião por Gilberto Lopes da Silva e Justino de Carvalho. O novo sócio foi saudado pelo orador Floriano de Lemos, que ressaltou a importância do farmacêutico na profissão do médico. O novo sócio respondeu à saudação oficial com "um brilhante e longo discurso", segundo registrou o secretário. Domingos de Lucca, por sua vez, provocou a discussão em torno da "questão Malzone" que, por proposta de Israel Alves dos Santos, ganhou status de "sessão secreta". No final, após os pronunciamentos de Peregrino da Silva, Floriano de Lemos e Gilberto Lopes da Silva, os membros presentes decidiram condenar "mais uma vez, a acção do Dr. Benito Malzone e do seu defensor, Domingo de Lucca". As atas não registraram os detalhes da discussão nem quais teriam sido as ações do médico de Cedral que mereceram a condenação dos colegas. Pesava sobre Malzone denúncias de prática de charlatanismo.

Dr. Raul Jansen Ferreira, médico maranhense, que foi nomeado prefeito rio-pretense em 1932

No dia 6 de julho, foi realizada nova sessão extraordinária, dessa vez para resolver "o caso de Lucca". Os sócios foram convocados extraordinariamente porque Domingos de Lucca continuava a defender "clara e encobertamente" o colega Benito Malzone. Floriano de Lemos explicou aos colegas que havia viajado ao Rio de Janeiro e a São Paulo para tratar do caso de Malzone, tendo falado com o professor Rocha Vaz sobre a questão. Após sua explanação, os sócios presentes decidiram desligar Domingo de Lucca[1] do quadro de associados da SMC, por oito votos contra um. O presidente Mendes Pereira aproveitou para informar que estivera no Rio para representar a SMC nos festejos realizados em homenagem ao professor Miguel Couto.

Em agosto, o médico Barreto Filgueiras foi eleito para substituir, na comissão do regimento interno, o colega Passalacqua Botelho, que havia se mudado para São Paulo. Peregrino da Silva aproveitou para pedir urgência na redação do regimento. A reunião foi encerrada com a convocação de uma extraordinária para o dia 1º de setembro. Entretanto, essa foi a última ata redigida em 1926; nenhuma ata foi escrita até 15 de fevereiro de 1927, quando a SMC empossou Raul Silva como sócio efetivo, representando a Associação dos Cirurgiões-Dentistas. Após a posse, os sócios ouviram trabalho de Esperidião de Queiroz Lima sobre a presença de "Tênia hymenolepis nana" em crianças de um a doze anos. Um ano após a sua fundação, a presença da SMC estava perfeitamente inserida na comunidade rio-pretense, conforme pode ser atestado pela correspondência oficial da Prefeitura Municipal encaminhada ao presidente Mendes Pereira, dando conta da eleição do novo prefeito, Victor Brito Bastos.

A sessão de 15 de março de 1927 foi eleitoral. Ao contrário da eleição anterior, essa de 1927 teve disputa. Mendes Pereira foi reeleito com nove votos. Floriano de Lemos recebeu sete votos para presidente e ficou fora da diretoria, porque perdeu o cargo de orador para Peregrino da Silva. Fritz Jacobs, que tomou posse naquela noite como sócio, foi eleito vice-presidente; Justino de Carvalho elegeu-se tesoureiro e João Deoclécio Ramos, secretário. A posse de Fritz Jacobs foi saudada inicialmente por Floriano de Lemos e depois por Peregrino da Silva, que foi pródigo nos elogios ao médico alemão, afirmando que ele e seus colegas da SMC se sentiam em júbilo vendo ao seu lado "um médico que pela sua idade, correção de proceder, inteireza de caráter, profundidade de conhecimentos, amor ao estudo, havia conseguido não só entre os da sua classe, mas também perante a cidade e a comarca um prestígio inconfundível". Na mesma noite, foram aprovados como novos sócios Aguinaldo Pondé e Edson de Mello.

Dez dias depois, em 25 de março, houve a posse da nova diretoria, com o presidente reeleito fazendo um balanço do primeiro ano de existência da SMC. "Embora pareça que nada produziu, só uma manifesta má vontade poderá negar o valor do pequeno número de casos clínicos e cirúrgicos discutidos em sessão, sem contar a resolução de conflitos de ética profissional e questões outras atinentes aos interesses da nossa classe, resolvidos com nobreza e altivez", disse Mendes Pereira. A pedido da assembléia, a presidência foi passada "ao decano da classe", Fritz Jacobs, para que desse posse aos novos diretores.

Após a posse, Peregrino da Silva apresentou seis propostas

(1) Domingo de Lucca foi destacado líder da secção rio-pretense do Partido Fascista nos anos de 1920

Dr. Benito Malzone, médico italiano que clinicava em Cedral e foi o pivô de uma crise na SMC que provocou a renúncia do presidente Floriano de Lemos

de trabalho. Cinco que já estavam em andamento e em discussão foram aprovadas, entre elas, uma novidade: a realização de conferências de interesse médico com palestrantes convidados. A sexta proposta, que tratava da construção da sede própria, para instalação da "Casa do Médico", foi reprovada com os votos contrários de Fritz Jacobs, Mendes Pereira e Justino de Carvalho, que a consideraram "precoce e precipitada". Entretanto, no calor da discussão, a assembléia encarregou Ernani Domingues de encontrar e alugar prédio para instalar a sede da SMC, desde que o valor do aluguel não ultrapassasse a quantia de 150 mil réis. Também foi aprovado que as sessões ordinárias da SMC fossem realizadas quinzenalmente, enquanto Esperidião de Queiroz Lima recebia a incumbência de realizar a 1ª Conferência Médica Popular.

Em 15 de junho de 1927, os diretores e sócios receberam a primeira versão impressa do estatuto social. Mendes Pereira anunciou a fundação e eleição da primeira diretoria da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Catanduva. Ernani Domingues informou a diretoria sobre o resultado infrutífero de seu esforço para alugar um imóvel com a quantia de 150 mil réis, por mais modesto que fosse o prédio. Os diretores decidiram que a segunda reunião de cada mês seria utilizada para leitura de publicações médicas nacionais e estrangeiras que fossem importantes para a atualização profissional dos sócios.

A sessão do dia 30 de junho teve a presidência de Fritz Jacobs, que discutiu circular enviada pelo Serviço Sanitário do Estado à Associação de Farmacêuticos, proibindo os farmacêuticos de aviarem receitas de médicos que estivessem clinicando ilegalmente na comarca. A SMC decidiu encaminhar ofício à repartição de fiscalização do exercício da medicina, solicitando a listagem com o nome de médicos, farmacêuticos e cirurgiões-dentistas que estivessem sem os devidos títulos registrados. Justino de Carvalho fez uma sinopse das principais novidades médicas publicadas pelas revistas especializadas. Ele fez a leitura de reportagem da revista "Presse Medicale", da Argentina, que abordou "o tratamento argentino da tuberculose óssea, ganglionar e pulmonar" e outros vários artigos que foram discutidos com os sócios presentes.

A partir das reuniões quinzenais, as atas começaram a rarear. De 30 de junho saltou para 3 de setembro. Essa reunião foi realizada no salão nobre da Prefeitura e recebeu redação concisa e lacônica, narrando com muita superficialidade dois casos médicos apresentados, um por Peregrino da Silva e outro por Ruy de Burgos sobre uma cirurgia abdominal realizada por Cenobelino de Barros Serra. É provável que a SMC não tenha se reunido nesse período sem registro em ata. Mas, a partir daí, voltou a se reunir normalmente, tanto que em 15 de outubro a SMC registrou, efusivamente, a posse de dois novos sócios: Synésio de Mello e Oliveira e Sellmann Nazareth, "ambos especialistas em oculística", segundo registro do secretário João Deoclécio Ramos, que naquela noite apresentou um trabalho sobre berne[1].

No dia 30 de novembro, foi apresentado um trabalho sobre "Grangrena Gazosa em Obstetrícia e Ginecologia", elaborado por José Alves das Neves, de Neves Paulista, e por João Deoclécio Ramos, de Mirassol. Peregrino da Silva, após discutir o trabalho, sugeriu que fosse feita uma separata para publicação na Revista Brasileira de Obstetrícia e Ginecologia. No mês seguinte, em 30 de dezembro, a diretoria anunciou o recebimento do boletim de debates da Academia Nacional de Medicina, enquanto Justino de Carvalho fazia a leitura de vários artigos de revistas especializadas, abordando temas como tratamento da epilepsia, vômitos na gravidez, "rachianestesia", prognóstico das crises convulsivas das crianças e esterilização do organismo sifilítico. Os assuntos foram vivamente discutidos e comentados, enquanto Esperidião de Queiroz Lima apresentava, logo depois, um quadro de infestação de verminoses observado no Posto de Higiene, e Peregrino da Silva falou sobre colostro e ginecopatias, levantando discussão entre os médicos presentes, com Ernani Domingues inscrevendo-se para falar na próxima sessão sobre "Presença do Colostro nas Doenças do Útero".

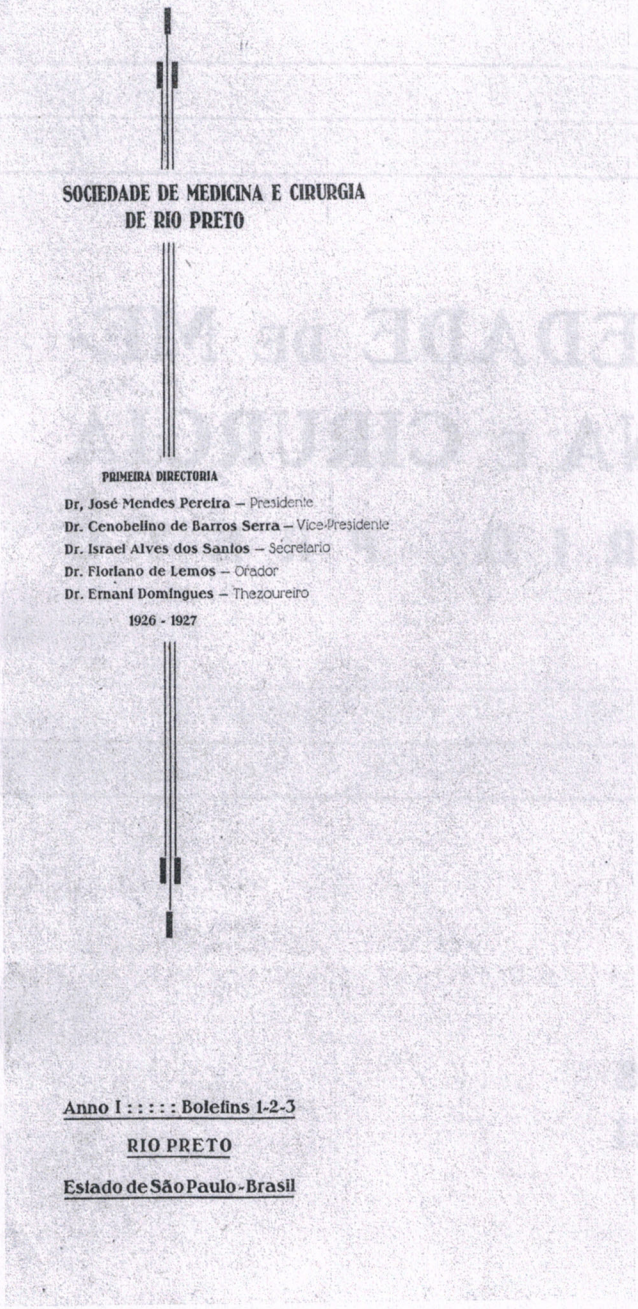
(1) Berne: larva da mosca-do-berne (dermatobia hominis), que provoca tumor subcutâneo produzido em animais e no homem; também conhecido como varejeira.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE RIO PRETO

BOLETINS
I - II - III

E. S. PAULO
1 9 2 6
BRASIL

Capa do primeiro número do Boletim da SMC, reunindo as três primeiras edições. Nas páginas seguintes, estão os discursos proferidos na posse da primeira diretoria, e o índice de matérias dos três boletins



SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA
DE RIO PRETO

PRIMEIRA DIRECTORIA

Dr, José Mendes Pereira – Presidente
Dr. Cenobelino de Barros Serra – Vice-Presidente
Dr. Israel Alves dos Santos – Secretario
Dr. Floriano de Lemos – Orador
Dr. Ernani Domingues – Thezoureiro

1926 - 1927

Anno I : : : : : Bolefins 1-2-3

RIO PRETO

Estado de São Paulo - Brasil

SESSÃO SOLEMNE DE 11 DE ABRIL DE 1926

DISCURSO DO DR. PEREGRINO DA SILVA

Senhoras minhas; Senhores:

A mim membro da commissão directora da Sociedade de Medicina e Cirurgia, me coube a honra insigne de inaugurar esta solemnidade, e o primeiro recado que me confiou a commissão que neste momento finda o seu mandato foi o de agradecer-vos:

A vós, senhoras minhas, que sois todas cheias de graça e bondade, que sois todas gentis e formosas, o encanto que quizestes fazer a esta festa;

A V. Excia. sr. representante do preclaro Presidente do Estado; a V. Excia. sr. representante do Exmo. Secretario do Interior, a V. Excia. sr. representante do Dr. Juiz da Comarca; a V. Excia. sr. Dr. Prefeito do Municipio, e a todos vós senhores meus, a honra de vossas presenças nesta solemnidade, com o que tanto nos distinguis e desvaneceis.

Dentro em poucos minutos a palavra mirifica de Floriano de Lemos irá dizer a esta illustrissima assembléa do ponto em que puzeram sua mira os medicos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgica, e o que della tem por esperar esta terra de Rio Preto.

Elle vos dirá, com aquella eloquencia que os deuses lhe outorgaram, com os tropos e os ouropeis de seu verbo, do papel do medico nas sociedades, da grandeza moral da nossa profissão, parodiando o conego Francisco de Santa Maria quando ensinava que o medico —"não só deve ser venerado por necessidade, mas por amor; porque nos serve e nos assiste quando é inutil a soberba dos palacios, vão o estrondo dos titulos, sem valor os thezouros, sem prestimo os amigos, dando muita vez por moderada paga a joia mais preciosa a qual não podem dar as corôas nem as riquezas."

Na magnificencia de seu estylo, esplendendo nos primores dos adjectivos e das hyperboles, objectivando as paisagens sobrenaturaes do sentimento, elle vos dirá do nosso amor, da nossa fé, da divina e immarcessivel belleza da nossa arte.

A mim me cumpre e resta tão só proclamar definitivamente installada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto, e os nomes de eleitos para a sua direcção durante o periodo de Abril de 1926 a Abril de 1927, que são os seguintes senhores:

Dr. José Mendes Pereira — Presidente
Dr. Cenobelino de Barros Serra — Vice-presidente
Dr. Israel Alves dos Santos — Secretario
Dr. Floriano de Lemos — Orador official
Dr. Ernani Domingues — Thezoureiro

os quaes declaro empossados, ro-

gando-lhes de virem occupar os seus lugares.

Fio destes nobres collegas, que diante de vós, reiteram um compromisso de honra: o bom destino desta agremiação que sob tão claros auspicios se inaugura.

Discurso do dr. José Mendes Pereira

Ao penetrar neste recinto, divisando o acolhimento dado pela sociedade de Rio Preto á Sociedade de Medicina e Cirurgia, chocou-se em borbotões de enthusiasmo o coração. Enthusiasmo plenamente justificavel, porque esse apoio é o pronunciamento seguro da realisação do nosso ideal. E é, meus senhores, com alicerce dessa natureza, que se têm edificado as instituições mais nobres e elevadas que têm resistido aos embates de todas as epocas.

A comarca de Rio Preto, com a sua vasta extensão territorial, com a intensa população e varias endemias que infestam os seus sertões, exigindo assim as suas necessidades grande numero de medicos, formando hoje uma classe bem numerosa, onde se contam intelligencias fulgurantes, o momento era opportuno para se cogitar da fundação de uma sociedade medica, para se congregarem esses elementos dispersos. Não se trata, portanto, de uma simples associação de classe, mas de uma sociedade de utilidade scientifica. Quem sabe se a propria sociedade de Rio Preto, no dia de amanhã, não irá bater ás nossas portas, para solucionar algum caso de interesse para a collectividade?

Meus senhores. — A sorte, cega como é, e a excessiva gentileza dos meus collegas, quizeram que para presidir os destinos de tão douta corporação fosse retirado da classe medica de Rio Preto o nome mais obscuro. Mas, senhores, uma qualidade julgo possuir identica á dos meus collegas, e esta não me tem faltado em todas as eventualidades da minha vida: é a força de vontade.

É escudado na poderosa alavanca da vontade, contando com a collaboração de meus illustres companheiros de directoria e com a cooperação efficaz dos demais membros dessa corporação, que tudo hei de fazer para elevar bem alto o nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto.

Meus senhores, antes de terminar e ceder a palavra ao medico illustre, ao jornalista notavel e ao orador eloquente dr. Floriano de Lemos, cuja palavra acrysolada esperam todos com anciedade, quero, mais uma vez, patentear os meus profundos agradecimentos áquelles que me confiaram tão honroso e elevado cargo.

Discurso do dr. Floriano de Lemos

Exmo. Sr. Representante do Presidente do Estado. Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca. Exmo. Sr. Dr. Prefeito de Rio Preto. Exmos. Srs. Prefeitos dos municipios visinhos. Exmas. Senhoras e Senhoritas. Meus Senhores. Meus collegas:

Eu sabia da existencia daquella personagem mythologica, a cuja palavra magica as pedras se punham a mover. Que terá herdado daquelle nume a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto? Nascida como um sonho peregrino ha poucos dias, ella, hoje que se faz a festa, por assim dizer, do seu registro civil e do seu baptismo social, vê correr a afagal-a, enchendo-a de excepcionaes regosijos, tudo o que de melhor, mais excelso e mais bello possuem as sociedades: a presença das altas autoridades politicas e administrativas, o interesse tiributado pelas intelligencias mais brilhantes e o fulgor e a graça, o encanto e a elegancia das nossas formosissimas patricias

Cabe ao orador da festejada, nesta solemnidade, agradecer tão grande demonstração de fidalguia e de apreço, que vem ecoando, em todos os recantos da Comarca, desde o dia 20 de Março, e que agora aqui se représa sob este aspecto inedito e admiravel. O agradecimento é pallido, todavia; não dá idéa do que vae na emotividade dos directores e dos demais membros da nova corporação scientifica. Mas não admira que elle se arraste perturbado e obscuro, diante da magnitude do espectaculo desta sessão, onde os rumores, as luzes e os perfumes constituem um ambiente estranho, dentro do qual não é possivel ouvir como bate, enternecido, o coração de cada um daquelles pelos quaes eu tenho de falar.

O successo da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto demonstra que ella veiu a seu tempo, que nasceu exigida por uma necessidade geral. E isso importa muito, porque a verdade é que o publico, o grande mundo, nem sempre comprehende o que representa o medico dentro da sociedade em que vive.

Cada um, pessoalmente, ajuiza das cousas e dos factos, conforme sua educação, gráo de cultura e meio em que cresceu. O homem de negocios, typo americano, cuja existencia agitada se passa nos escriptorios de emprezas e de bancos, chegando a esquecer o proprio lar nas quadras de arrojadas operações financeiras, deve ter da classe medica esta opinião commercial: uma classe que explora uma profissão de renda segura, pois o traballiador costuma ser remunerado de modo vantajoso. Certos idealistas tomam um rumo opposto, inventando um adjectivo para ficar como luva sobre os facultativos das cidades—o termo humanitario: por essa fórma, rendem uma homenagem á caridade profissional, a qual, aliás, para muita gente bôa, não é senão uma obrigação, pois o juramento do gráo deve fazer de cada novo filho de Hippocrates um pae de todos os que soffrem. Muitas outras pessoas admiram os esculapios pela sua bagagem scientifica—e esse é o lado mais vistoso, onde a justiça se faz com intuitiva propriedade, pois não ha quem não reconheça a illustração

do mais humilde clinico de aldeia, e não ha quem não exalce o pedestal de gloria em que assentam os sabios da envergadura de um Oswaldo Cruz.

Assim, na composição complexa e heteroclita das sociedades, onde elementos diversos e oppostos se chocam e entrecruzam, o corpo medico entra e age para ser julgado de differentes modos, valendo ainda a impressão de momento e a phase de sua acção. Os palhaços de circo, na sua grotesca linguagem, definem e resumem bem a opinião geral, quando lançam aquella pilheria conhecida, comparando o discipulo de Galeno a uma mistura de Deus e do Diabo: Deus, quando cura; Diabo, quando cobra.

Por isso tudo, não acho fóra de proposito que, nesta allocução academica, commemorando a fundação da Sociedade de Medicina de Rio Preto, eu recorde o papel da divina arte e sciencia de curar, traçando ainda o perfil do Missionario do Consolo.

Na era actual, prevenir é o alto escopo do Estado. E como a humanidade se encontra num periodo tumultuoso e decadente, devido ao augmento das doenças sociaes que inferiorisam a raça, cujo futuro será o mais desgraçado se não lhes fôr opposto um paradeiro efficaz, segue-se que hà de ser o medico o illuminador dos governos, e nenhuma politica logrará dar bons fructos si a medicina social não lhe trouxer indispensavel collaboração. Mais ainda. Como formular leis e crear penalidades aos seus infractores, si não se conhecer devidamente, com o pulso sob os dedos, o organismo do povo e a caracteristica do espirito de raça? Como pretender abrir estradas e vias ferreaes, por mais uteis e necessarias que sejam, se não se fizer previamente o saneamento dos trechos por onde as rodas das locomotivas ou os pneumaticos dos automoveis irão fincar os marcos do progresso?

Focalisando especialmente o caso da nossa Comarca de Rio Preto, ahi encontramos dezenas de circumstancias e questões que só poderão ser resolvidas com a boa vontade, o esforço e a iniciativa dos medicos. Em certos particulares, a campanha merece o titulo de apostolado: tal o problema do combate á doença conhecida vulgamente por amarellão. Si durante muitos annos seguidos o povo não for perseverantemente instruido pela hygiene, desde a escola primaria; si elle não for tratado todas as vezes que se reinfecciona—e isso se dá quasi que diariamente; si os governos não attenderem á palavra da sciencia, que diz, que insiste, que clama «é preciso exigir a fossa sanitaria, custe o que custar», então, nunca a nossa gente se libertará da formidavel praga, que é um dos maiores factores de fraqueza physica, de preguiça e inactividade, de miseria e de soffrimento, de toda uma população que quer progredir e de toda uma nacionalidade que precisa constituir-se com as suas caracteristicas definitivas. O problemma da ankylostomiase não pertence a Rio Preto, mas a todo S. Paulo, mas ao Brasil inteiro.

Basta esse exemplo para apontar o quanto póde a medicina na formação e no desenvolvimento actual das sociedades. Entre nós, outros casos semelhantes, todos graves, existem e ninguem os ignora, como o da prophylaxia das febres do grupo typhico inteiramente solidario com o do abastecimento da agua aos districtos, cidades e municipios da Comarca.

Por tudo isso—o medico é actualmente um profissional que necessita um preparo vastissimo de sciencias, ao lado de uma insoffrida capacidade de trabalho. Não lhe é só preciso saber tudo desde os mysterios physiologicos do corpo até ás incognitas psychologicas do caracter; é preciso ainda fazer tudo, catechisar o doente para que se trate, insistir cruzadas prophylaticas. No seu ministerio em pról do bem estar alheio, o medico tem que se servir de todas as armas de acção pratica: o esforço pessoal, o pedido insistente, propaganda pela imprensa a luta diuturna e continua junto ao doente, a discussão nas academias e sociedades scientificas como a que acabamos de fundar.

E' um nunca acabar de exhaustivos trabalhos.

Assim, costumo dizer que a primeira condição para ser medico é ter saude. A segunda é ter coragem.

Essa coragem reveste multiplos aspectos, todos curiosos, suggestivos, impressionantes. No primeiro dia de estréa, de calouro, ao entrar para a Escola, coragem é o encontro com cadaveres, na sala de anatomia, e ter que lhes palpar aquellas carnes que vão apodrecendo, ter que revolver aquellas visceras que se vão decompondo, seguir o exemplo de Bichat, como um corvo bemdito, profanando o socego da morte para arrancar o segredo da vida. Depois, quando interno dos hospitaes, coragem é a morada nas casas de asylo e misericordia, privando com males contagiosos ou repellentes, a tuberculose aberta, a lepra chagada, a variola pustulenta, de que todo o mundo foge. Mais tarde, é o clinico—e a sua coragem assume modalidades novas: encouraçado pelo habito de lidar com a morte e affrontar os perigos mais naturaes da vida, anda de lar em lar, recolhendo com serenidade as queixas dos enfermos, assistindo impavido ás scenas mais commoventes, desde uma convulsão de criança que põe louca uma mãe extremosa, até o ultimo suspiro de quem tem ao lado toda uma familia inteira de corações que o não querem acceitar, que a elle não se resignam logo, que no transe supremo de amarguras se erguem contra o medico e blasphemam contra Deus. Essa coragem clinica revela-se ainda quando o facultativo arrosta as intemperies, não conta com malfeitores, despresa o calor do seu leito e a tranquilidade carinhosa de seu lar, para sair, em noite de chuva, a attender um chamado distante, ora a pé, numa caminhada difficil, ora num carro que pode enguiçar no meio da floresta, onde se ha de passar a noite como a Deus aprouver.

A terceira virtude do medico é a paciencia. E' só com ella que se conquista a clinica e é sempre na companhia della que se curam os doentes graves. Tão vasta é a sua latitude, que o grande professor Chapot-Prevost dizia que o successo na espinhosa carreira dependia de tres coisas: 1. paciencia; 2. paciencia; 3. paciencia. Todos os facultativos que monopolisaram a clinica em uma dada cidade, devem o renome geral, o bafejo das sympathias que se tornaram unanimes, á sua paciencia; e bem se comprehende o valor dessa arma, quando consideramos que exactamente é a virtude que o doente não tem. Aliás é mister possuir qualquer

coisa de genio para, dominando a clinica, alçar-se a uma culminancia dessa ordem; e Buffon já definira o genio como sendo "uma longa paciencia".

A esses attributos reunem-se naturalmente muitos outros, mas que não são indispensaveis á pratica da medicina, nem deixam de ser exigidos nas demais profissões.

Quero entretanto, dentro de um instantaneo que já foi vivido, destacar mais um grave aspecto do medico e da medicina.

Já lá se vão vinte annos. Era eu quintannista e interno da Santa Casa, no Rio. Pela manhã, mal chegado á enfermaria, o roupeiro chamou-me a um canto e pediu:

— O doutor podia ir agora ver a minha mulherzinha? Eu só posso sair ao meio dia e o chamado é urgente. Como a casa fica aos fundos de uma chacara, aqui está a chave do portão; assim excusa o doutor de bater.

Disse-lhe que sim, e fui. Tomei um bonde de Riachuelo, saltei á Ladeira do Senado, subi o pedregoso ziguezague, e, dentro de alguns minutos, surgia-me a rua indicada, onde, a certo ponto, um flamboyant de flores sangrentas sombreava um portão estylo colonial.

Dei volta á fechadura com a chave recebida, entrei numa vereda aberta entre silva e logo se me depararam uns fundos de casa, para os quaes davam — de um lado, a sala de jantar e de outro, num angulo, a casinha, Na sala estava uma senhora de seus vinte a vinte e cinco annos.

Apresentei-me. Ella deu-se por sciente, sentou-se e, arregaçando as saias com simplicidade, mostrou-me a perna esquerda, onde uma ulcera enorme e feia caminhava, subindo a coxa. Terminado o exame, retirei-me, tornando ao hospital, para dar ao roupeiro a receita e a chave. O caso em si não teria a menor importancia, si mezes depois eu não lesse, pasmo, nos jornaes, que aquelle sujeito atirara num outro, tentando ainda matar a esposa, por causa de um ciume feroz, selvagem, animal. Esse ciume forçava-o a trazel-a, noite e dia, trancada em casa, — medida preventiva que lhe ditava o coração agoniado das mais assassinas desconfianças e da duvida mais cruel.

Na manhã em que as folhas publicavam a tragedia de Paula-Mattos, quando, no meu bonde normal, da Tijuca, tambem eu descia como toda a gente para o trabalho, houve um facto que ninguem podia notar senão eu: emquanto, em voz alta, como bons camaradas, os passageiros commentavam o crime, — dentro de mim mesmo riam e choravam, sem saber porque, os meus vinte e um annos de edade.

Aquella chave, a mim emprestada para devassar um lar alheio, que o dono guardava como uma fortaleza, foi a primeira carta de medico — minuciosa, clarissima nos seus dizeres severos — que recebi no mundo.

SOCIEDADE de MEDICINA e CIRURGIA de RIO PRETO

INDICE:

Boletim n. 1:

«Dysenteria por fragellados» - dr. Esperidião Queiroz Lima. Pagina 1

«Hydronephrose e Nephrectomia» - drs. Gilberto Silva e Ernani Domingues. . . . . » 4

«Diabete e Nucleos tuberianos» - dr. Floriano de Lemos . » 5

«Caso clinico de Meningococcia» - dr. Ernani Senra de Oliveira (de Monte Aprazivel) . . . . . » 7

«Pleuriz infantil duplo, insidioso, terminado por morte subita» - dr. J. Deoclecio Ramos (de Mirasol) . . » 9

Boletim n. 2:

«Hymenolepis nana em Rio Preto» - dr. Esperidião Queiroz Lima . . . . . Pagina 1

«O systema nervoso central e o utero em trabalho de parto» - dr. Peregrino da Silva . . . . . » 2

«Ruptura e cura espontanea de aneurisma da poplitéa» - dr. Ernani Domingues . . . . . » 7

«Tuberculose na Infancia» - dr. Floriano de Lemos . . . » 8

«Para evitar a gravidez» - dr. J. Deoclecio Ramos (de Mirasol) » 13

Boletim n. 3:

«Ligeiras considerações sobre a evolução clinica do paludismo» - dr. Barreto Filgueiras . . . . . Pagina 1

«Da inconveniencia do optimismo em medicina» — dr. J. Deoclecio Ramos (de Mirasol) . . . . . » 11

«Febres do grupo T. A. B.» - dr. Floriano de Lemos . . » 14

Annexos:

«Relação dos trabalhos apresentados á Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto, durante o anno social de 1926-1927» . . . . . Pagina 16

Sessão solemne de installação em 11 de Abril de 1926

«Discurso do dr. Peregrino da Silva» . . . . . » 18

«Discurso do dr. J. Mendes Pereira». . . . . » 19

«Discurso do dr. Floriano de Lemos» . . . . . » 20

Dr. Cenobelino de Barros Serra, eleito prefeito de S. J. Rio Preto para os anos de 1929 e 1931

A SMC abriu o ano de 1928, em 15 de janeiro, aprovando voto de pesar pela morte de Nascimento Gurgel, professor da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Os diretores também se despediram de Ernani Pires Domingues, com viagem marcada para a Europa, "onde pretende aperfeiçoar seus estudos médicos especializados". Na sua despedida, ele falou sobre menstruação e gravidez e sobre a presença de colostro nos tumores de útero. Na mesma noite, foi empossado como sócio o médico Albuquerque Cavalcante.

A cidade viveu uma situação política inusitada em 1928. Dois prefeitos foram eleitos simultaneamente pela Câmara Municipal, gerando desconforto político para os cidadãos rio-pretenses. De um lado, Alceu de Assis tentava voltar à Prefeitura e, do outro lado, Victor Brito Bastos tentava continuar no cargo. Naqueles tempos, a eleição do prefeito era indireta, escolhido entre os vereadores, para mandatos de um ano. Durante seis meses, a cidade teve dois prefeitos, eleitos por grupos diferentes de vereadores. Em junho, o Tribunal de Justiça do Estado considerou legítima a eleição de Victor Brito Basto, que tomou posse num dia e embarcou no outro para a Alemanha. O vice-prefeito, o médico Cenobelino de Barros Serra, tomou posse como prefeito interino e administrou a cidade até o final de dezembro. Politicamente bem, Cenobelino foi eleito prefeito para os dois anos seguintes, 1929 e 1930.

Em 28 de abril, a SMC se reuniu para eleger seu novo presidente. Foram necessários três escrutínios para se conhecer o vitorioso. No primeiro, Esperidião de Queiroz Lima recebeu sete votos, Peregrino da Silva, cinco, e Gilberto Lopes da Silva dois. No segundo, Esperidião e Peregrino empataram em sete votos. No terceiro, Peregrino manteve os cinco votos iniciais enquanto Esperidão foi declarado eleito com nove votos. Fritz Jacobs foi reeleito vice-presidente e para o cargo de secretário houve empate entre João Deoclécio Ramos e Selmann Nazareth; no desempate, venceu o primeiro. Borges de Carvalho foi eleito tesoureiro com 11 votos e Floriano de Lemos voltou para o cargo de orador com 12 votos. Logo após a eleição, João Ramos agradeceu a confiança dos colegas e declinou do cargo, argumentando que se sentia impedido por motivos supe-riores. Alegando o "adiantado da hora", o presidente Mendes Pereira disse que a renúncia teria que ser analisada noutro momento e aproveitou para aprovar um voto de pesar pelo falecimento do professor Fernando Filgueiras, considerado "o príncipe da pediatria brasileira".

Na primeira reunião presidida por Esperidião de Queiroz Lima, novos sócios foram propostos, dois correspondentes e dois efetivos: Raul Medeiros, de Monte Alto, e Satyro de Mello, de Taquaritinga, como correspondentes, e José Barbosa Lima, de Tanabi, e José Curado Fleury, do Tejo, vilarejo do município de Nova Granada. O secretário João Ramos desistiu da renúncia, entretanto, o tesoureiro Borges de Carvalho renunciou ao seu cargo e para a sua vaga foi eleito, em 15 de maio de 1928, Justino de Carvalho. Em 5 de junho, a SMC ganhou novos sócios, fortalecendo sua representatividade: Álvaro Rea, Edmundo Cabral Botelho e Francisco Purita, de Rio Preto, e Alcides Ferreira, de Mirassol. Logo na sua primeira reunião, Rea apresentou um trabalho científico sobre "Ascite Hypogenital" enquanto Israel Alves dos Santos falou sobre "Úlcera duodenal crônica com degeneração cancerosa e duas perfurações do estômago". Na sessão seguinte, em 30 de junho, Floriano de Lemos expôs estudo sobre "Meningite Gripal na baixa infância".

Com a chegada de novos membros, como Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti, de Engenheiro Schmitt, Joel Nunes, de Mirassol, e Soares da Rocha e Jayme de Almeida, de Vila Neves (atual Neves Paulista), que se associaram em setembro de 1928, a apresentação de trabalhos sobre doenças e cirurgias tornou-se rotina nas reuniões dos médicos, fortalecendo os profissionais de medicina com intensa troca de informações e experiências.

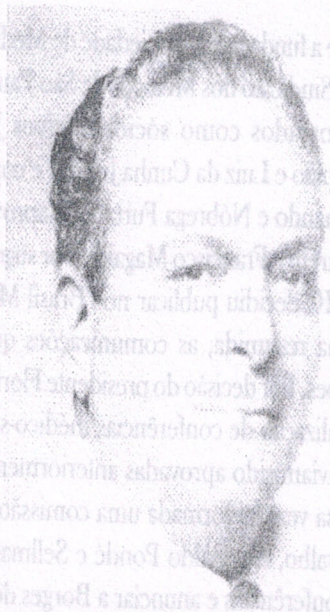
No campo sociopolítico a SMC ocupava, no decorrer do seu terceiro ano de existência, importância reconhecida, tanto que, no dia 15 de setembro de 1928, uma comissão formada por Borges de Carvalho, Fritz Jacobs e Esperidão de Queiroz Lima apresentou parecer sobre o local em que se pretendia construir um pavilhão para recolhimento dos leprosos indigentes da comarca. Os médicos presentes gostaram tanto do parecer que sugeriram a sua publicação pela imprensa. A contribuição da SMC estava ligada ao esforço que a cidade vinha realizando para amparar os leprosos que viviam perambulando pela cidade, esmolando de porta em porta, com canecas nas mãos, num

espetáculo dantesco e deprimente. Eles deixavam as canecas nos portões porque as pessoas tinham medo de pegar a doença por contágio com a simples aproximação do portador da lepra. Renegados pela família e pela sociedade, os portadores de hanseníase precisavam esmolar para sobreviver. Construir um pavilhão para abrigá-los era uma forma de oferecer um mínimo de dignidade aos leprosos e, ao mesmo tempo, impedir que eles continuassem nas ruas esmolando e assustando as pessoas.

Na mesma sessão, a diretoria decidiu organizar uma festa de despedida para Peregrino da Silva, um dos mais entusiasmados fundadores da SMC, que agora estava de mudança para São Paulo. No mês seguinte, em outubro, os médicos discutiram a realização da "Semana Anti-Alcoólica", que estava envolvendo médicos e higienistas de todo o país. Synésio de Mello e Oliveira fez uma longa explanação sobre os malefícios do alcoolismo em oftalmologia. Nessa noite, foram empossados como sócios Benjamin Masson Jacques, Jayme de Almeida e Luiz Guimarães Fernandes Pinheiro. Coube ao novo sócio, Jacques, fazer uma palestra sobre alcoolismo, com Floriano de Lemos finalizando a reunião falando sobre o alcoolismo na infância.

A reunião do dia 30 de novembro de 1928 foi histórica para a SMC. Ela recepcionou pela primeira vez "um cathedratico de medicina", conforme fez questão de frisar na ata o secretário João Ramos. Era o professor Linneu Silva, titular de Oftalmologia da Universidade de Belo Horizonte. Floriano de Lemos, ao fazer a oração de recepção, lembrou que fora colega de turma de Linneu Silva enquanto Coutinho Cavalcanti informava que tinha sido seu aluno em Minas Gerais.

Ao tomar a palavra, Linneu Silva afirmou que estava vindo a Rio Preto para "lançar uma semente nesse terreno ubérrimo de boas intenções", referindo-se à profilaxia do tracoma, dizendo que a maneira mais correta de combater esse mal "é o inverso do que se tem feito: é preciso combatê-lo da periferia para o centro, dos municípios para a capital". Para ele, o tracoma era "a grande mancha negra da carta nosographica de São Paulo", defendendo "menos burocracia, menos complicações administrativas e hierarchicas; mais trabalho e aptidões é de que se precisa". Segundo o professor Linneu, cerca de 400 mil pessoas eram portadoras do tracoma no estado de São Paulo. Os oftalmologistas Synésio de Mello e Oliveira e Sellmann Nazareth fizeram um agradecimento especial, louvando a "semente-idéia" que fora trazida das Minas por Linneu Silva.



Dr. Francisco Purita, médico e professor notável. Nascido em Parghelia, naturalizou-se brasileiro e atuou 41 anos em Rio Preto

Na sessão de 15 de dezembro, Mendes Pereira propõe um voto de pesar pelas vítimas do hidroavião Santos Dumont enquanto Floriano de Lemos propunha voto de felicitações a Miguel Couto por ter aquiescido aos colegas e discípulos e permanecido na sua cátedra na Universidade do Rio de Janeiro. Synésio Oliveira apresentou aos colegas trabalho sobre a dificuldade de extração de berne nas regiões palpebrais, expondo "uma prática engenhosa de que lançou mão no último caso que lhe aparecera no consultório".

Justino de Carvalho leu um parecer da lavra do presidente Esperidião de Queiroz Lima acerca do serviço de água de Rio Preto, que era precário no final dos anos vinte. Coutinho Cavalcanti, satisfazendo insistentes pedidos dos colegas, expôs para todos a teoria pansexualista de Sigmund Freud. Essa teoria freudiana, lançada em 1905, foi bastante criticada na sua época e também foi criticada naquela noite de 1928, por Francisco Purita, que se colocou contrário à referida teoria, taxando-a de "exageros da teoria freudiana". A noite foi encerrada com Floriano de Lemos fazendo uma explanação sobre a "Frigidez sexual das mulheres e as glândulas de secreção interna", como fragmento de um estudo endocrinológico que vinha desenvolvendo.

Vinte sócios estiveram na sessão de eleição do dia 16 de março de 1929, no salão nobre da Prefeitura. Floriano de Lemos foi eleito com 11 votos, vencendo Gilberto Lopes da Silva, que obteve sete votos; Fritz Jacobs recebeu um voto e houve um voto em branco. Gilberto Lopes da Silva foi eleito vice-presidente com 12 votos. Sellmann Nazareth, Synésio de Mello e Oliveira e Israel Alves dos Santos foram eleitos, respectivamente secretário, tesoureiro e orador, todos em terceiro escrutínio e com votações apertadas, o que demonstra o desejo dos médicos associados de fazerem parte da diretoria.

Na primeira sessão sob a presidência de Floriano de Lemos, em 15 de maio de 1929, foram lidas correspondências

sobre a fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Marília e do Sindicato dos Médicos de São Paulo. No mesmo dia, foram empossados como sócios efetivos José Maria Rollemberg Sampaio e Luiz da Cunha Junior, e como correspondentes José Sizenando e Nóbrega Furtado, e aprovada a entrada de Aniloel Nazareth e Francisco Magaldi. Por sugestão de Aguinaldo Pondé a SMC decidiu publicar no "Brasil Médico", mensalmente, de forma resumida, as comunicações que se discutiam nas suas sessões. Por decisão do presidente Floriano, foi votada e aprovada a realização de conferências médico-sociais. Essas conferências já haviam sido aprovadas anteriormente, mas nunca realizadas. Dessa vez, foi formada uma comissão composta por Justino de Carvalho, Aguinaldo Pondé e Sellmann Nazareth para realizar as conferências e anunciar a Borges de Carvalho que a primeira caberia a ele. Mais três sócios foram admitidos: Attila Borges de Vasconcellos Duarte, de Nova Granada, e João Sperandeo e Eduardo da Silva Coelho, ambos de Nova Aliança.

As conferências sociais médicas foram realizadas durante o mês de outubro de 1929. Uma, na sede da União dos Empregados no Comércio, e as outras três, no Cine São José. Os médicos conferencistas foram Borges de Carvalho, Coutinho Cavalcanti, Justino de Carvalho e Floriano de Lemos, abordando temas que preocupavam a população, como a febre tifóide e noções elementares de higiene. Na reunião mensal daquele mês, Elyeser Magalhães apresentou trabalho sobre cardiopatia congênita e Francisco Magaldi apresentou voto de pesar pela morte de Carlos Pinto Seidl, presidente da Academia Nacional de Medicina entre 1911 e 1913, e considerado pelos rio-pretenses como "uma das glórias da medicina nacional". O médico Levínio de Souza e Silva foi proposto sócio, aprovado e empossado.

A SMC abriu o turbulento ano de 1930 em crise. Logo na primeira reunião do ano, em 15 de janeiro, os sócios foram surpreendidos pelo pronunciamento de Justino de Carvalho, que externou "surpresa e admiração" pela atitude do presidente Floriano de Lemos que "se constituiu advogado de defesa da questão Benito Malzone e Domingo de Lucca". O médico residente em Cedral havia sido acusado, em 1927, de praticar charlatanismo pelo próprio Lemos, o que culminou com o afastamento de Domingo de Lucca da SMC, defensor de Malzone. Para Carvalho, o presidente devia, antes de defender o acusado, renunciar ao seu cargo na SMC. Lemos se defendeu, afirmando que não podia tratar daquele assunto em sessão ordinária por se tratar de um caso para sessão secreta. Israel Alves dos Santos propôs a transformação da sessão em secreta, como era de praxe quando surgia assunto daquela natureza. Floriano de Lemos não aceitou a sugestão e se retirou da sala. Os demais diretores decidiram convocar uma extraordinária para o dia 19, para que Lemos pudesse responder a todos os pontos apresentados por Justino de Carvalho naquela noite.

Dr. Sellmann Nazareth

Se essa reunião extraordinária aconteceu, não houve registro em ata. Somente em 17 de março, os médicos voltaram a redigir ata de reunião, sob a presidência em exercício de Sellmann Nazareth, com a presença de 14 associados, apontando como ata anterior aquela do dia 15 de janeiro, que foi aprovada por unanimidade[1]. Foi lida no início dos trabalhos a carta de renúncia de Floriano de Lemos, informando que não fizera a sua própria defesa junto à assembléia da SMC por entender que havia entre um grupo de consórcios "pouca isenção de ânimo e pouca serenidade de espírito", coisas que ele julgava necessárias para que pudesse expor sua defesa até o final "sem interrupção e violências". Ele demitiu-se da presidência e requereu seu afastamento da SMC, instituição que ele havia propugnado no passado recente pela sua criação, informando que levaria o caso para conhecimento do Sindicato dos Médicos.

A carta de Floriano de Lemos provocou demorada discussão entre os presentes, com Gilberto Lopes da Silva solicitando registro em ata de um voto de protesto pela afirmação de Lemos a respeito de "violências prováveis". Para Gilberto, a apresentação da defesa não era coisa que interessava diretamente a Lemos e que era inaceitável a alegação de imaginárias violências ou possíveis atentados à sua integridade física para justificar seu silêncio, afirmando que Lemos deveria "com toda segurança, confiar na educação absoluta e primorosa correção de todos os seus colegas".

Logo em seguida, foi eleita a nova diretoria para 1930/

(1) Livro de Atas nº 1, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio Preto, páginas 80 e 81.

1931, elegendo-se para presidente Justino de Carvalho, vice-presidente João Deoclécio Ramos, secretário Francisco Purita, tesoureiro Agnaldo Pondé e orador Elyeser Magalhães. A posse solene foi marcada para 22 de março, com o registro de um voto de louvor à diretoria que se despedia, em especial pelo trabalho dos diretores Sellmann Nazareth e Synésio de Mello e Oliveira. Nessa reunião, foram apresentados dois trabalhos científicos, um por João Ramos, sobre extrofia da bexiga, e outro por Synésio, sobre "paralisia periférica do nervo facial e do motor ocular comum". Os trabalhos foram encerrados logo após a apresentação do nome de Olavo de Souza Carvalho, médico residente em Tanabi, para sócio.

Em 7 de maio, foram aprovadas as alterações ao estatuto da SMC e aceitos como novos sócios Frederico Navarro da Cruz, residente no distrito de Ribeirão Claro (atual Guapiaçu) e J. Reis Dias. O novo estatuto foi aprovado definitivamente no dia 15 de maio, na mesma sessão que aprovou a entrada de José Figueira Lopes como sócio. A nova diretoria havia retomado as reuniões quinzenais para agilizar os trabalhos da SMC, permitir maior convivência entre os sócios e ampliar o conhecimento e a troca de experiências. No dia 2 de junho, por exemplo, Synésio de Mello e Oliveira levou um paciente que estava sendo tratado com aplicação de raios ultra-violeta, apresentando progressiva melhora num quadro oftalmológico (zona oftálmica). No dia 16 de junho, foram lidos pareceres dos colegas sobre o trabalho que Synésio havia apresentado em 22 de março, sobre paralisia periférica do nervo facial e do motor ocular comum. Eram pareceres carregados de elogios. Os médicos que redigiram os pareceres, Israel Alves dos Santos e Borges de Carvalho, consideraram esse trabalho de um inestimável "valor scientifico".

Em 1º de julho, na posse do sócio Adhemar Soares da Rocha, houve a apresentação do trabalho científico sobre anemias, por Israel dos Santos. Duas semanas depois, Borges de Carvalho levou à reunião um doente que havia cinco anos percorria as clínicas de diversas localidades para curar um edema nos lábios. O caso e o doente foram discutidos pelos médicos rio-pretenses, que se propuseram a encontrar juntos uma solução. Em 16 de agosto, a SMC deu posse ao médico Olavo de Souza Carvalho, apresentado em março. O novo sócio explicou aos presentes que não pudera tomar posse antes porque estava sendo vítima de perseguição por parte do delegado de polícia de Tanabi, que o estava impedindo de exercer livremente seu ofício de médico. A SMC decidiu recorrer à Delegacia Regional de Polícia para resguardar os direitos de Olavo Carvalho.

A SMC teve sua rotina quebrada em 16 de setembro por dois convites bem diferentes dos que estava acostumada a receber. O primeiro, do grêmio literário e esportivo das "Escolas Unidas D. Pedro II" (atuais Faculdades D. Pedro II), solicitando dois médicos para palestras sobre o álcool e o fumo. Foram escolhidos para cumprir a tarefa Levínio de Souza e Silva e Elyeser Magalhães. O outro era um convite da Igreja Católica, pedindo a indicação de um representante dos médicos para compor a comissão de recepção ao primeiro bispo de Rio Preto, D. Lafayette Libânio. Para essa comissão histórica, foi indicado o próprio presidente da SMC, Justino de Carvalho. Nessa noite, Elyeser Magalhães apresentou trabalho sobre "tratamento do impaludismo pelo tártaro emético".

Em 2 de outubro, Israel Alves dos Santos levou para a SMC um caso de "lombartria", apresentada como uma "síndrome interessante e rara, bem estudada por André Léri[1], sábio da extirpe mental comparável à Duchenne[2] ou Charcot[3]", A observação feita por Santos foi documentada por uma radiografia obtida por Gilberto Lopes da Silva "mediante a qual se pode confirmar o diagnóstico". Em seguida, Justino de Carvalho narrou um caso de "edema de Quincke", apresentado como "uma ocorrência habitual de um doente de sua clínica".

No meio dos boatos e comentários sobre a iminência de revolução e guerra civil, a SMC se reuniu extraordinariamente, em 18 de outubro de 1930, para redigir uma moção de solidariedade ao presidente Justino de Carvalho contra uma campanha desencadeada pelo jornal O Município. Os médicos entenderam que a campanha era injusta e atingia a imagem de Justino de Carvalho, baseada em preconceito étnico, por ele ser português. O país estava passando por um momento político complicado, com ameaça de guerra civil contra o presidente Washington Luís. Também foi aprovado um voto de agradecimento ao jornalista Manoel dos Reis Araújo, de A Notícia, por sua "espontânea manifestação de repulsa a tal campanha".

O movimento revolucionário que depôs o presidente da República e provocou a queda da República Velha, em 27 de

(1) André Léri, neurologista da Universidade de Paris, que faleceu em 8 de setembro de 1930, com 55 anos, estudioso das afecções das articulações, da osteologia, da síndrome Marie-Léri e da lombartria de Léri.

(2) Guillaume Duchenne, neurologista francês que primeiro escreveu sobre a distrofia muscular, em 1868.

(3) Jean Martin Charcot, considerado o fundador da clínica neurológica na França. Nasceu em Paris em 1825 e morreu em Nièvre, em 1893.

outubro, teve ação direta na vida dos rio-pretenses e da própria SMC, que voltou a se reunir somente em 15 de dezembro, oportunidade em que Synésio de Mello e Oliveira e Justino de Carvalho apresentaram dois trabalhos, o primeiro falando sobre oftalmologia e o segundo, sobre "radianesthesia". Entre os revolucionários vitoriosos estavam Elyser Magalhães, Gilberto Lopes da Silva, Israel Alves dos Santos, Levínio de Souza e Silva, José Borges de Carvalho e José Sicard. Entre os que foram apeados do poder estavam Cenobelino de Barros Serra, vereador ocupando o cargo de prefeito, e José Mendes Pereira, que era vereador.

Em 1931, a primeira reunião só aconteceu em 16 de março. A sessão foi aberta com a leitura de um ofício da Sociedade dos Empregados no Comércio e Indústria sobre "o regime ditatorial provisório, em virtude da crise econômica e administrativa". Também foi discutido pedido do Ginásio Municipal, querendo que os médicos fizessem gratuitamente exames de sanidade nos seus alunos, que em breve receberiam curso de cultura física. A diretoria entendeu que, como o ginásio era particular e, portanto, cobrava mensalidade dos alunos, não podia pleitear um serviço gratuito da classe médica. Na mesma noite, foi lido pedido do prefeito revolucionário João Augusto de Pádua Fleury[1], acompanhado de relatório do Departamento de Inspetoria de Higiene dos Municípios, solicitando uma estatística dos cegos de nascença, de origem traumática, de tracoma e outras incidências existentes no município de Rio Preto. Os médicos decidiram colaborar com o governo e fazer o levantamento.

Levínio de Souza e Silva apresentou nessa noite uma proposta considerada complexa: a criação de um sistema de cooperativismo médico para atendimento à população. Por causa da eleição da diretoria, marcada para aquele dia, o assunto foi deixado para ser discutido nas reuniões futuras, todavia, esse assunto nunca mais foi ventilado, sequer lembrado nas reuniões seguintes. João Deoclécio Ramos foi eleito presidente com 12 votos, Borges de Carvalho, vice-presidente, J. Reis Dias, secretário, Mendes Pereira, tesoureiro e Levínio de Souza e Silva, orador. A posse aconteceu na Câmara Municipal em 30 de março, com Agui-naldo Pondé anunciando a compra de um epidiascópio[2] para permitir a projeção de fotografias, gráficos e clichês nas apresentações dos trabalhos científicos dos médicos.

Em 15 de abril, mais dois sócios foram apresentados, o pediatra Mário Valadão Furquim e o higienista José Passos Maia.

(1) João Augusto de Pádua Fleury foi prefeito de Rio Preto de 2 de janeiro a 18 de abril de 1931

(2) Epidiascópio, projetor de imagens inventado em 1926

Dr. Coutinho Cavalcanti, mais tarde eleito deputado federal, morava e clinicava em Engenheiro Schmitt

No mês seguinte, em maio, a SMC subscreveu sua participação na formação do Comitê Regional Pró-Liberdade de Consciência. Eram tempos atribulados e a próxima reunião só aconteceu em 17 de novembro, com a inscrição do médico Pedro Nava como sócio da SMC, apresentado pelo seu colega de faculdade Coutinho Cavalcanti. Nava, anos mais tarde, tornou-se o maior memorialista brasileiro e figura de proa da intelectualidade nacional. Ele participou muito pouco das atividades da SMC.

A SMC fechou o ano de 1931 sem fazer nenhuma nova reunião, voltando a se reunir em março de 1932 para eleger sua nova diretoria, formada por José Borges de Carvalho na presidência, Israel Alves dos Santos na vice-presidência, Edmundo Cabral Botelho como secretário, Ernani Pires Domingues como tesoureiro e Justino de Carvalho como orador. Na posse, Mário Valadão Furquim comentou o artigo 14 do Decreto nº 20.931, baixado em 11 de janeiro de 1931, pelo presidente Getúlio Vargas, regularizando o exercício da medicina no Brasil, determinando que os médicos diplomados em faculdades estrangeiras só poderiam continuar clinicando no país se já estivessem exercendo a profissão em território nacional há mais de dez anos. O decreto foi visto pela SMC como nocivo aos interesses do Brasil e ruim para a moralização da formação médica, encarregando Justino de Carvalho, médico nascido em Portugal, mas formado em medicina no Brasil, para redigir um protesto contra essa ação do governo getulista junto ao Sindicato Médico.

Os tempos de crise de 1932 contribuíram para o fortalecimento da SMC que recebeu como sócios, além de Pedro Nava, Abelardo Lima, Paulo Elejaldo, Olavo de Sá Pires, Lauro Machado, Oscar Taves, Pedro Brandão de Oliveira, Agostinho Nogueira, Eurico Aragão, Lino Braile, Sylvio de Godoy Cremer, José Mesquita, Luiz de Oliveira Coimbra, Aristides Novis[1] e Habib Garzuzi.

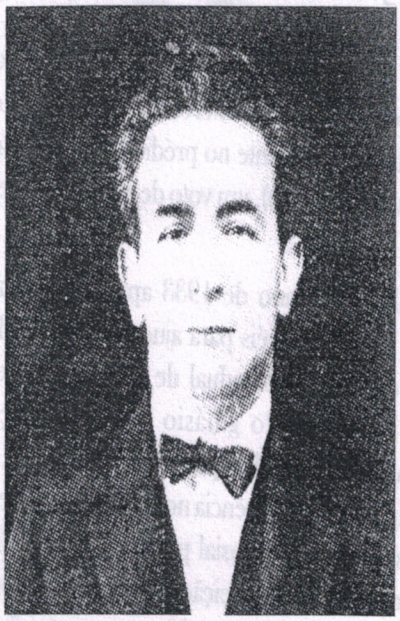
(1) Aristides Novis deixou S. J. do Rio Preto no final de 1932, conforme registrado na ata de 31 de janeiro de 1931. Em Salvador ele dá nome a um Centro de Saúde Mental, a um colégio no bairro Brotas, e a uma rua, no bairro Federação.

A presença de novos sócios elevou consideravelmente o nível das discussões em torno dos temas científicos que eram apresentados e repassados para avaliação das comissões, provocando fortes debates. O primeiro debate aconteceu em torno do trabalho de Paulo Elejalde sobre meningite, com parecer de Coutinho Cavalcanti. Em seguida, foi apreciado o parecer de Justino de Carvalho e Ernani Pires Domingues sobre trabalho apresentado por Oscar Taves abordando tratamento de queimaduras pelo tanino. Na mesma noite, Sellmann Nazareth apresentou um doente portador de um aneurisma da região submaxilar esquerda. O doente foi examinado por todos os médicos presentes e o estudo do caso foi repassado para Aristides Novis que, logo após, apresentou uma comunicação sobre cisto adenoma do apêndice com hematuria. Esse trabalho provocou fortes discussões entre os médicos, que analisaram a prática da capsulação do rim em torno do sintoma hematuria e sua relação possível com órgãos linfóides como apêndice e amigdalas. De acordo com a ata escrita por Francisco Purita, todos os médicos que estavam na sessão discutiram esse assunto.

As discussões em torno desse assunto foram tão intensas e levantaram tantas questões que provocaram uma sessão extraordinária, realizada no dia 31 de julho, com Novis exigindo registro em ata sobre dois pontos que ele pretendia esclarecer a respeito de críticas feitas por Paulo Elejalde sobre seu trabalho: o primeiro sobre a existência de nefrites crônicas dolorosas e o segundo sobre a indicação de descapsulação renal nas nefrites agudas, apontando várias literaturas de âmbito internacional e livros como *Patologia Cirúrgica*, de Augusto Paulino, *Tratado de Urologia*, de Marion, *Tratado Cirúrgico de Urologia*, de Lequen, *Novo Tratado de Medicina*, de Chaufard, *Terapêutica Cirurgica*, de Lecene e Lerich, e autores como Seignet, Flaudrin, Blum, Baltazard e outros.

Na mesma noite, a SMC prestou uma homenagem à memória do cientista brasileiro Carlos Chagas, com o presidente tecendo vários elogios e prestando informações importantes sobre o caráter primoroso do médico brasileiro. Os médicos aprovaram por unanimidade um voto de pesar pela morte de Chagas. Em seguida, a SMC discutiu comunicação de Justino de Carvalho sobre o grande número de reclames (publicidade) publicados nos jornais da cidade por médico recém-chegado à cidade, que foi classificado como "curandeiro acobertado por um diploma que mal lhe encobre a ignorância". Os associados decidiram recorrer ao Sindicato Médico solicitando providências.

Aguinaldo Pondé apresentou parecer sobre trabalho apresentando por Lino Braile abordando uma síndrome estranha, do tipo anafilático, ocorrido no impaludismo. Habib Garzuzi, por sua vez, apresentou peça sobre "lábios leporinos, güela de lobo e meningo encefalocele", respaldado com fotografias das deformidades. Francisco Magaldi, Fritz Jacobs e Aristides Novis foram nomeados para oferecer um parecer sobre as questões propostas por Garzuzi.



Dr. Justino de Carvalho, médico português, entusiasta fundador da SMC

A SMC só voltou a se reunir em 3 de novembro de 1932, desta vez na sala de reuniões da Santa Casa. O lapso de julho a novembro está relacionado diretamente com a guerra deflagrada pelos paulistas contra o governo de Getúlio Vargas em nome da restauração constitucional do Brasil. Vários médicos estiveram engajados diretamente no conflito, muitos foram para a frente da batalha. Alguns médicos ocuparam posição de comando, tais como Cenobelino de Barros Serra, nomeado comandante-em-chefe na região, representando diretamente o coronel Eduardo Leujene, e outros, como Israel Alves dos Santos, Coutinho Cavalcanti, Synésio de Mello e Oliveira, Ernani Pires Domingues e Levínio de Souza e Silva. A guerra também provocou uma divisão entre os profissionais porque nem todos eram a favor da guerra paulista, como Sellmann Nazareth, que apoiava o governo getulista.

A sessão de 3 de novembro teve caráter extraordinário para discutir as atitudes tomadas pela diretoria diante da posse do médico Raul Jansen Ferreira no cargo de prefeito da cidade. O presidente Borges de Carvalho havia assinado em nome da SMC, uma carta de protesto, endereçada ao interventor militar de São Paulo contra a nomeação do colega para o cargo de prefeito. Borges de Carvalho explicou aos colegas que tomou a iniciativa de assinar o protesto por entender que a SMC comungava com as demais forças representativas da cidade e após ter ouvido grande número de associados. Apoiada por Levínio de Souza e Silva, a questão foi colocada em votação e aprovada por unanimidade. Raul Jansen Ferrreira deixou o cargo

de prefeito em 26 de novembro, sendo substituído por outro médico, Gilberto Lopes da Silva, que mereceu, na reunião de 30 de novembro (realizada novamente no prédio da Prefeitura, como eram feitas antes da revolução), um voto de congratulações registrado em ata.

Os médicos abriram o ano de 1933 aprovando uma contribuição no valor de 500 mil réis para ajudar o esforço da cidade na instalação do Ginásio Estadual de Rio Preto. Eles entenderam que a instalação do ginásio era um avanço significativo na educação, oferecendo oportunidade para que a juventude pudesse ampliar a sua freqüência nos bancos escolares. Até então, quem quisesse fazer o ginasial precisava sair de Rio Preto. Em 2 de março, foi realizada eleição para diretoria, com Borges de Carvalho sendo reeleito com 12 votos contra dois que foram dados a Gilberto Lopes da Silva, que ocupava o cargo de prefeito. Israel Alves dos Santos foi eleito vice-presidente, Edmundo Cabral Botelho, secretário, Ernani Pires Domingues, tesoureiro, e Levínio de Souza e Silva, orador.

No mês seguinte, em 17 de abril, a SMC abriu discussão, instada por Justino de Carvalho, sobre a criação da Ordem dos Médicos, uma instituição de caráter nacional para defender os interesses corporativos da categoria. Borges de Carvalho, Levínio de Souza e Silva e Gilberto Lopes da Silva participaram ativamente da discussão. A SMC decidiu apoiar e aplaudir a fundação da Ordem. Por sugestão de Coutinho Cavalcanti foi formada uma comissão integrada por Gilberto, Levínio e Justino para redigir propostas dos médicos rio-pretenses à Ordem.

Em 16 de junho de 1933, a SMC se reuniu para escolher um representante da categoria na Assembléia Constituinte. Eles decidiram indicar o médico Alceu de Santanna, do Rio de Janeiro. A indicação era feita diretamente ao Ministério do Trabalho. Dias depois, chegava uma carta do médico indicado, informando que não podia aceitar a indicação, indicando o nome de outro médico carioca, Américo Affonso do Nascimento, que foi aprovado por unanimidade. Na mesma época, a SMC escolheu o médico e ex-sócio Elyezer Magalhães, agora residente no Rio de Janeiro, para representá-la na elaboração dos estatutos da Confederação dos Sindicatos Médicos e no banquete solene da Casa dos Médicos no Brasil, construída na então capital federal. Em 6 de novembro de 1933, atendendo convocação do Sindicato Médico Brasileiro, a SMC escolheu três representantes, Gilberto, Synésio e Levinio, para representá-la em São Paulo, em 12 de novembro, para a criação do Conselho das Disciplinas Médicas no Estado de São Paulo.

Dr. Aguinaldo Pondé, fundador e um dos presidentes da SMC

A primeira reunião de 1934 aconteceu em 15 de fevereiro, com a SMC abrindo os trabalhos com a notícia da morte do médico José Luiz de Mesquita em São Paulo. Ainda em fevereiro, no dia 28, foi realizada eleição, com José Borges de Carvalho sendo reeleito para o terceiro mandato consecutivo com sete votos. Sellmann Nazareth foi eleito vice-presidente, Luiz Antonio de Oliveira Coimbra, secretário, Ernani Domingues, tesoureiro, e Mário Valadão Furquim, orador. Aliás, foram feitos dois escrutínios para o cargo de orador, porque Levínio de Souza e Silva, eleito, disse não poder aceitar sua recondução ao cargo. Feita nova votação, foi eleito Furquim, que dias depois encaminhou ofício renunciando ao mandato em caráter irrevogável. Foi eleito para o cargo de orador João Deoclécio Ramos.

Em 16 de abril de 1934, Mendes Pereira propõe a publicação de um boletim da SMC nos jornais da cidade, ganhando o apoio imediato de Justino de Carvalho, Levínio de Souza e Silva e Aniloel Nazareth. A próxima reunião só aconteceu em 30 de julho, quase quatro meses depois, com a SMC discutindo a organização da semana da tuberculose, com o chefe do Posto de Higiene, Herbert Harrison Mercer sendo aceito como sócio e fazendo uma explanação da saúde pública na cidade, em especial sobre o esforço do governo estadual na profilaxia da tuberculose. Por sugestão de Borges de Carvalho, a SMC batizou a semana de "Semana de Tuberculose Miguel Couto", em homenagem ao grande médico e professor brasileiro. O programa da semana estabeleceu que João Deoclécio Ramos falaria sobre a tuberculose na Escola Normal, Francisco Purita no Ginásio Estadual e Aniloel Nazareth no Centro Operário; Justino de Carvalho e Levínio de Souza e Silva escreveriam sobre o assunto nos jornais, Gilberto Lopes da Silva e Paulo Elejalde falariam sobre as necessidades da população em relação à doença, Herbert Mercer ficou encarregado de apresentar aos médicos um trabalho sobre BCG e Mário Furquim sobre a tuberculose na infância.

No dia 26 de outubro de 1934, a SMC se reuniu para escolher seu delegado repre-sentante para participar, no Rio de Janeiro, da eleição dos represen-tantes dos médicos na Câmara dos Deputados, conforme determinação do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral. Por meio de votação secreta, Mário Valadão Furquim foi eleito delegado-eleitor com 13 votos; Edmundo Cabral Botelho recebeu um voto.

O Dr. José Borges de Carvalho foi presidente da SMC de 1932 à 1938

Em 22 de fevereiro de 1935, José Borges de Carvalho foi reeleito para o quarto mandato consecutivo, tendo Levínio de Souza e Silva como vice-presidente, Paulo Elejalde para secretário, Ernani Pires Domingues como tesoureiro e Herbert Mercer como orador. A posse aconteceu em 30 de abril, com Borges de Carvalho apresentando um trabalho sobre as personalidades de Carlos Chagas e Miguel Couto, "vultos proeminentes da medicina pátria" que haviam morrido no ano anterior. Ele aproveitou para dar posse a dois novos sócios: Francisco Sizenando Junior e A. Pires Ferreira. Em maio, entrava um novo sócio, Sólon da Silva Varginha, enquanto a diretoria convocava uma assembléia geral para reformar os estatutos.

Foi nessa época que, por proposta de Levínio de Souza e Silva, a SMC decidiu acionar a Associação dos Farmacêuticos, solicitando sua atuação severa contra o "exercício ilegal de clínica por eles (farmacêuticos) largamente exercida em nossa cidade, com reais prejuízos para a nossa classe e de seus clientes". A proposta levantou forte discussão entre os médicos presentes à reunião de 15 de maio de 1935. Na assembléia geral convocada para 30 de maio para reformar os estatutos, o assunto que ganhou repercussão foi o curandeirismo, abordado por Edmundo Cabral Botelho, e o exercício ilegal da medicina, por Levínio de Souza e Silva, enquanto Herbert Mercer falava sobre os aspectos médico-legislativos. A gravidade da situação na cidade a respeito do exercício ilegal e do curandeirismo era tão forte e evidente que os médicos fizeram questão de registrar em ata a íntegra do discurso de Edmundo Cabral Botelho para conhecimento das gerações futuras:

> Se estivesse presente na última reunião da Sociedade, teria apoiado incondicionalmente as palavras do Dr. Levíniio de Souza e Silva de combate ao curandeirismo. Ainda mais, senhores, teria chamado a atenção da Sociedade para os médicos charlatães que aqui aportam continuamente. Fato certo é que estes indivíduos por si mesmo se desmoralizam, mas não é menos certo que atrás de um que se vai outro aqui se nos chega, para explorar a inesgotável crendice popular, lesando-nos em nossos direitos e causando sérios estragos à saúde pública.
> Penso que a Sociedade deve, ainda que em vão, clamar, protestar junto dos poderes competentes contra tais indivíduos. Queria também lembrar a Sociedade que intercedesse junto dos seus associados para que não fossem trazidos a nossa zona certos contratos que por outros lugares há, que só servem para desmoralizar o médico e a profissão, transformando o profissional em verdadeiros escravos de fazendeiros inteligentes e solertes. Não senhores, evitemos importar para aqui os famigerados contratos de fazendas, a não ser que sejam feitos estabelecendo um salário mínimo para os que dele queiram fazer parte. Outra coisa que não posso deixar de condenar, no homem temente, é a simbiose que por ai se faz entre médico e farmacêutico, favorecendo a este e desmoralizando aquele.
> Senhores, o curandeirismo campeia infrene, sob tais aspectos: o diplomado, o mais condenável, a que entregam médicos cujo caráter abjeto e ignorância crassa escondem atrás de seu título oficial; o semi-diplomado, praticado por farmacêuticos gananciosos e sem consciência que exploram a boa fé do pobre jeca; o leigo, exercido rezadores, benzedores, curandeiros, espíritas, etc. Este talvez seja o mais perdoável, pela ignorância, mas nem por isto o menos pernicioso. Poderia vos citar inúmeros exemplos dessas três classes, mas não avancemos demais, ficará para outra oportunidade. Entretanto, quero desde já chamar vossa atenção para uma célebre parteira, cuja clínica ginecológica, obstétrica e médica, ultrapassa em número e qualidade a de qualquer médico de Rio Preto. Mantém a mesma uma casa de saúde, onde interna os seus clientes, das mais variadas afecções, contrariando, assim, os mais comezinhos princípios de higiene pública e, tripudiando sobre as leis sanitárias do país, em prejuízo de nossa pobre classe.
> Caros colegas, consentis neste esbulho de nossos direitos, cruzando os braços à práticas como estes crimes? Façamos de nossa Sociedade uma sentinela avançada de nossos interesses e da saúde pública, constantemente ameaçada; combatamos onde ele se encontra, o curandeirismo, por bem, se possível, por mal se necessário. Estou finalmente convencido, meus senhores, que os males que infelicitam a nossa classe dessa mesma partiram: o médico é o único responsável pela situação do médico. Não pleiteando os seus direitos, não se unindo sob

uma mesma bandeira, consentindo que impunemente os curandeirismos proliferem, aplaudindo e pactuando com farmacêuticos que não honram a sua classe, enfim, não se conduzindo com a devida ética dentro da sua profissão o médico nada mais é, nem tem sido, do que o coveiro da mesma.

Em 3 de agosto de 1935, a SMC realizou reunião extraordinária para escolher seu delegado eleitor para a escolha do representante dos médicos na Assembléia Legislativa do Estado. Estiveram presentes 12 associados, dos quais seis votaram em Levínio de Souza e Silva, quatro votaram em Borges de Carvalho e dois votaram em Ernani Domingues. Após a escolha, Levínio foi bastante elogiado pelos colegas, que lembraram da sua atuação na formação do Conselho Disciplinar do Sindicato Médico Brasileiro, em São Paulo. Lembraram também da carta escrita e assinada pelo dr. Flamínio Fávero[1], encaminhada à SMC, carregada de elogios à atuação de Levínio. Aliás, Levìnio chegara em Rio Preto no início dos anos 30 com fama de bom médico e intelectual bem preparado, enfronhando-se rapidamente na comunidade rio-pretense, atuando também na imprensa como articulista, na política e na maçonaria, com grande atividade na Loja Maçônica Cosmos. Anos antes, em 1926, ele havia dirigido, com a médica de origem belga Maria Rennotte[2], o primeiro posto médico gratuito da Cruz Vermelha, anexo à Escola de Enfermagem de São Paulo. A próxima reunião só aconteceu em 4 de outubro.

Dr. Edmundo Cabral Botelho, ferrenho combatente do charlatanismo e do curandeirismo

Paulo Elejalde mudou-se para São Paulo, no final de 1935, ganhando da SMC, em 19 de novembro, uma sessão de homenagem para marcar sua despedida dos rio-pretenses. Os médicos tinham ciência de que estavam perdendo um grande colega de prática de medicina. Três anos e três meses depois de sua partida, em 9 de fevereiro de 1939, Elejalde assumiu a regência da cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, ocupando-a até janeiro de 1941. Ele sucedeu Osvino Alvares Pena e foi sucedido por Octávio de Magalhães. Vale ressaltar que até aquele momento, com nove anos de funcionamento, a SMC não havia prestado nenhuma homenagem de despedida para sócios que haviam se mudado da cidade.

A primeira reunião de 1936, realizada em 17 de janeiro, teve como fatos marcantes a apresentação dos novos sócios Arnaldo de Campos, médico legista, e Luiz Felipe Saldanha da Gama, e a discussão em torno de uma endemia que, segundo Herbert Mercer "está grassando com relativa intensidade os municípios e localidades vizinhas, revestindo-se de aspectos de inquietadores para toda a população, determinando por parte da repartição sanitária medicas excepcionais". Para os médicos, tudo levava a crer que se tratava de um novo avanço da febre amarela na região. Mercer fez uma explanação das medidas por ele adotadas como chefe do Serviço Sanitário e pediu sigilo absoluto dos médicos presentes. Ele não tinha ainda certeza absoluta de que se tratava de uma endemia ou epidemia, conforme grafou na ata o secretário[3]. Após tecer uma série de informações sobre a febre amarela, Mercer recebeu por unanimidade um voto de louvor dos médicos presentes.

A SMC voltou a se reunir em 8 de abril para eleição da nova diretoria, porém, antes da votação, aprovou uma moção a ser encaminhada à Delegacia de Saúde de São Carlos, à qual o Posto de Higiene de São José do Rio Preto era subordinado, relatando a brilhante atuação de Herbert Mercer para debelar e impedir a progressão do "surto amarílico" na região. O surto de febre amarela surgiu em Monte Aprazível e Tanabi, mobilizando imediatamente a defesa sanitária, comandada por Mercer, para impedir sua expansão, que poderia provocar uma verdadeira epidemia. A moção era dirigida também ao diretor geral do Serviço Sanitário do Estado.

Logo em seguida, foi realizada a eleição que reelegeu Borges de Carvalho para presidente, Levínio de Souza e Silva, vice-presidente, Ernani Domingues para tesoureiro e Herberte Mercer para orador. A novidade da diretoria foi a eleição de Justino de Carvalho para secretário, substituindo Paulo Elejalde. Borges de Carvalho tentou evitar a reeleição, mas, segundo o secretário, "a casa, irremovível, insistiu tanto e tanto que venceu suas razões". Na mesma noite, foi lida carta assinada por Levínio de Souza e Silva que anunciava sua despedida da SMC, porque

(1) Flamínio Fávero nasceu em São Paulo, em 1895. Formou-se em 1919, na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo, tornando-se um dos principais médicos legistas de São Paulo. Em 1955, foi eleito primeiro presidente do Conselho de Medicina no Estado de São Paulo (Cremesp), que ele lutou para fundar. Morreu em 1982.

(2) Maria Rennotte (1842-1952), médica nascida na Bélgica, fundadora da Cruz Vermelha de São Paulo.

(3) O grifo é do secretário que redigiu a ata, Paulo Elejalde.

pretendia se mudar da cidade. Os médicos preferiram mantê-lo no cargo de vice-presidente, uma vez que sua partida iria demorar alguns dias, talvez meses. A nova diretoria tomou posse em 19 de abril e na mesma reunião decidiu reformar os estatutos da SMC, nomeando uma comissão integrada por Ernani Domingues, Levínio de Souza e Silva e Justino de Carvalho.

Ainda na sessão de posse da diretoria de 1936, os médicos discutiram, instados pelo presidente Borges de Carvalho, a questão de tuberculose, afirmando que essa doença era "um fragmento de um problema muito mais vasto que tem a resolver o Estado e a Nação", propondo que a SMC se interessasse pela questão, abraçando a proposta feita pelo Rotary Club, que estava se oferecendo para auxiliar os médicos na luta para impedir a propagação da doença na região[1]. A questão foi bastante discutida entre os médicos e formou-se uma comissão composta por Herbert Mercer, Levínio de Souza e Silva e João Deoclécio Ramos para estudar a melhor maneira de unir os esforços da SMC com o Rotary Club para a elaboração de um "plano de combate ao flagelo na parte que diz respeito a esta zona, articulado ou não com um programa oficial de maior envergadura que se venha estabelecer por parte dos poderes públicos".

Nessa mesma noite, às 21 horas, abriu uma segunda sessão extraordinária, para recepcionar o deputado estadual Renato Bueno Neto, que veio a Rio Preto a convite da Associação Odontológica, para receber homenagens por conta dos "grandes serviços que vem prestando à classe dos cirurgiões dentistas". Renato Bueno chegou à reunião da SMC acompanhado de Theothônio Monteiro de Barros Filho, deputado federal eleito por Rio Preto em 1933, e Raul Silva, presidente da Associação Odontológica.

No dia 13 de outubro de 1936, no salão nobre da Prefeitura, às 21 horas, a SMC realizou uma sessão pública de abertura da "Semana da Tuberculose", organizada pela comissão composta pelos médicos Mercer, Levínio e Ramos. Estavam presentes várias personalidades rio-pretenses, como o prefeito Victor Brito Bastos, o juiz de direito Herotides Lima, o promotor de justiça Alvaro de Toledo, o bispo D. Lafayette Libânio e o deputado Theothônio Monteiro de Barros Filho. O presidente Borges de Carvalho abriu a sessão e logo em seguida passou a presidência dos trabalhos para o prefeito Brito Bastos que, após comentar os motivos daquela reunião, passou a palavra para Herbert Mercer, que fez uma conferência sobre a tuberculose.

Mercer fez um extenso relato sobre a tuberculose e sua presença no Brasil, afirmando categoricamente, que fosse qual fosse ao programa geral adotado pelos governos, fosse estadual ou federal, para debelar a "peste branca", um problema se impunha de pronto: "a angústia da situação dos tuberculosos de Rio Preto". Ele procurou enfatizar a necessidade de acudir os doentes de tuberculose da cidade e da região, conclamando o poder público e a "iniciativa particular" para agir "o mais rápido e eficientemente possível para criar um tipo de assistência devidamente aparelhado que venha a ser, naturalmente, mais tarde, um dos elos da cadeia que envolverá o grande flagelo". Ele propôs a criação de uma liga de combate à tuberculose e a construção de um dispensário de acordo com a Santa Casa e as normas do Serviço Sanitário do Estado. A conferência provocou uma série de debates entre os presentes e culminou com a formação de uma comissão integrada por D. Lafayette Libânio, Theothônio Monteiro, Herotides da Silva Lima, João Camarero[2] e Justino de Carvalho, com a missão de estudar a fundação de uma "liga contra a tuberculose em Rio Preto". Uma semana depois, em 19 de outubro, por conta dessa reunião e do discurso de Mercer, foi fundada a Liga Rio-pretense de Combate à Tuberculose, que na composição de sua primeira diretoria teve dois membros da SMC: Justino de Carvalho na vice-presidência e o próprio Mercer como secretário; o presidente foi o juiz Herotides Lima e os tesoureiros, o major João Baptista França e Domingos Grisi.

Nos dias 6 e 13 de março de 1937, a SMC realizou duas reuniões extraordinárias para discutir o projeto de lei que tramitava na Câmara dos Deputados criando a Ordem dos Médicos do Brasil. Apesar do assunto ter ganhado grandes espaços para comentários nos jornais brasileiros, havia pouca repercussão na região. Apenas 13 médicos participaram das duas reuniões, levando o redator das atas a registrar comentário informando que eles não representavam mais que 20% dos médicos residentes na cidade e região, entendendo que certamente os demais médicos considerariam que a SMC era, de forma natural, o órgão próprio para discutir a questão em nome de todos. Além de ler e discutir o projeto de lei, os médicos presentes fizeram questão de que o inteiro teor do projeto ficasse registrado em ata.

A SMC voltou a se reunir em 2 de abril de 1937 para eleição. Mais uma vez Borges de Carvalho, foi reconduzido à

(1) O Rotary Clube São José do Rio Preto foi fundado em 29 de novembro de 1935, tendo entre seus fundadores os médicos Herbert H. Mercer, Coutinho Cavalcanti, José Borges de Carvalho, Mário Valadão Furquim e Synésio de Mello e Oliveira.

(2) Lauretino João Camarero, foi vereador de 1936 a 1937.

presidência, dessa vez tendo Justino de Carvalho como vice. Francisco Purita foi eleito secretário, Ernani Domingues foi mantido na tesouraria e João Ramos elegeu-se orador, vencendo Herbert Mercer por sete votos a cinco. A SMC entrou o ano de 1937 com uma dúzia de associados e fechou o primeiro semestre com dois novos sócios: Alberto Naffah e Ricardo Farina.

Em 19 de junho de 1937, a SMC recebeu a visita do tisiólogo Homero Braga, que viera à cidade para fazer propaganda sobre a necessidade de se construir um abrigo para receber os tuberculosos. Nessa noite, Homero Braga ministrou uma palestra sobre "Tratamento da Tuberculose", discorrendo sobre várias formas de atuação médica, como a "climatoterapia", "chiomioterapia" e "collassoterapia terapêutica biológica e terapêutica cirúrgica", enfatizando a necessidade do diagnóstico precoce das lesões iniciais, indicando que para isso os raios X "constituem o recurso mais eficiente e indispensável". Ele terminou afirmando que se podia considerar como fato consumado a fundação da Liga Rio-pretense de Combate à Tuberculose, que já se encontrava em funcionamento havia quase um ano e que agora encontrara a melhor boa vontade entre médicos, autoridades sanitárias e a população em geral para a construção do abrigo.

Em seguida, a palavra foi passada a Alberto Naffah, que iniciou sua palestra falando da boa fama que a SMC gozava em outras localidades do estado de São Paulo como entidade científica para, em seguida, fazer uma preleção sobre "tuberculinoterapia", citando práticas de outros países e observações realizadas no Hospital São Sebastião, do Rio de Janeiro. Ele aproveitou para elogiar a diretoria da Santa Casa, que havia aceitado atender os doentes de tuberculose, o que deveria transformá-la, em pouco tempo, num importante centro de estudos especializados. Também Ricardo Farina teve oportunidade de expressar seus conhecimentos falando sobre "Tuberculose e Gravidez".

A reunião do dia 15 de julho de 1937 marcou a despedida de José Borges de Carvalho que renunciou ao mandato de presidente da SMC por motivo de mudança: ele e a família voltaram a residir em Belo Horizonte. Francisco Purita, ao registrar a ata, fez questão de frisar o clima de emoção que envolveu Borges de Carvalho e os médicos presentes. No seu último discurso como presidente da SMC, ele lembrou da chegada dos primeiros médicos "na Rio Preto dos tempos de antanho, quando a mentalidade dominante era a força bruta, onde se conjugava o verbo matar como na Índia se conjugava, no dizer do padre Antonio Vieira, o verbo furtar em todos os tempos e modos". Borges de Carvalho terminou ressaltando a coragem dos médicos pioneiros que "aqui armaram sua tenda e foram os novos bandeirantes da arte de curar".

Dr. Ernani Pires Domingues, fundador da SMC, ocupou por vários mandatos a tesouraria e foi duas vezes prefeito rio-pretense

O tesoureiro Ernani Domingues apresentou o balancete da diretoria, enquanto Borges de Carvalho dava conta do projeto em que vinha trabalhando havia algum tempo para a criação de uma caixa de previdência da própria SMC. Logo depois, já sob a presidência de Justino de Carvalho, o médico Ricardo Farina sugeriu a realização do programa "Hora da Saúde", na Rádio PRB 8[1], sob o patrocínio da SMC, a exemplo do que já se estava fazendo em outros centros urbanos, com o objetivo de levar educação sanitária e noções de práticas de medicina e higiene ao povo, combatendo, dessa forma, o curandeirismo e o charlatanismo. A sugestão foi bastante aplaudida pelos colegas, que prometeram empenhar-se na execução do programa radiofônico.

A SMC fechou o ano de 1937 discutindo o que Sizenando Junior e Saldanha da Gama classificaram, em documento encaminhado ao presidente Justino de Carvalho, de "avassaladora praga": a prática cada vez mais constante em notável do curandeirismo, sob o beneplácito das autoridades. Os dois médicos chamaram os colegas aos brios, afirmando que "a classe dos curandeiros em Rio Preto e nas cidades vizinhas está crescendo assustadoramente nestes últimos tempos, mercê da falha de providência dos poderes competentes". Sizenando e Saldanha foram enfáticos afirmando que os curandeiros estavam cada vez mais ousados na prática "de seus crimes, contando infelizmente, para isso, com a complacência das autoridades e dos próprios médicos".

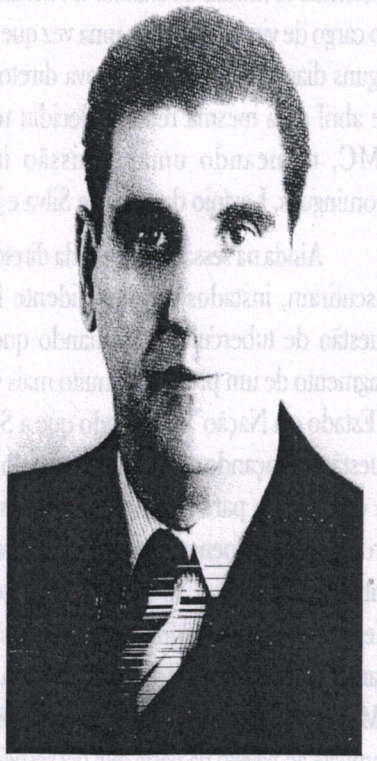
(1) Rádio Rio Preto - PRB 8, fundada em 1935, pelo cirurgião dentista Raul Silva. Essa rádio deixou de em 1974.

presidência, dessa vez tendo Justino de Carvalho como vice. Francisco Purita foi eleito secretário, Ernani Domingues foi mantido na tesouraria e João Ramos elegeu-se orador, vencendo Herbert Mercer por sete votos a cinco. A SMC entrou o ano de 1937 com uma dúzia de associados e fechou o primeiro semestre com dois novos sócios: Alberto Naffah e Ricardo Farina.

Em 19 de junho de 1937, a SMC recebeu a visita do tisiólogo Homero Braga, que viera à cidade para fazer propaganda sobre a necessidade de se construir um abrigo para receber os tuberculosos. Nessa noite, Homero Braga ministrou uma palestra sobre "Tratamento da Tuberculose", discorrendo sobre várias formas de atuação médica, como a "climatoterapia", "chiomioterapia" e "collassoterapia terapêutica biológica e terapêutica cirúrgica", enfatizando a necessidade do diagnóstico precoce das lesões iniciais, indicando que para isso os raios X "constituem o recurso mais eficiente e indispensável". Ele terminou afirmando que se podia considerar como fato consumado a fundação da Liga Rio-pretense de Combate à Tuberculose, que já se encontrava em funcionamento havia quase um ano e que agora encontrara a melhor boa vontade entre médicos, autoridades sanitárias e a população em geral para a construção do abrigo.

Em seguida, a palavra foi passada a Alberto Naffah, que iniciou sua palestra falando da boa fama que a SMC gozava em outras localidades do estado de São Paulo como entidade científica para, em seguida, fazer uma preleção sobre "tuberculinoterapia", citando práticas de outros países e observações realizadas no Hospital São Sebastião, do Rio de Janeiro. Ele aproveitou para elogiar a diretoria da Santa Casa, que havia aceitado atender os doentes de tuberculose, o que deveria transformá-la, em pouco tempo, num importante centro de estudos especializados. Também Ricardo Farina teve oportunidade de expressar seus conhecimentos falando sobre "Tuberculose e Gravidez".

A reunião do dia 15 de julho de 1937 marcou a despedida de José Borges de Carvalho que renunciou ao mandato de presidente da SMC por motivo de mudança: ele e a família voltaram a residir em Belo Horizonte. Francisco Purita, ao registrar a ata, fez questão de frisar o clima de emoção que envolveu Borges de Carvalho e os médicos presentes. No seu último discurso como presidente da SMC, ele lembrou da chegada dos primeiros médicos "na Rio Preto dos tempos de antanho, quando a mentalidade dominante era a força bruta, onde se conjugava o verbo matar como na Índia se conjugava, no dizer do padre Antonio Vieira, o verbo furtar em todos os tempos e modos". Borges de Carvalho terminou ressaltando a coragem dos médicos pioneiros que "aqui armaram sua tenda e foram os novos bandeirantes da arte de curar".



Dr. Ernani Pires Domingues, fundador da SMC, ocupou por vários mandatos a tesouraria e foi duas vezes prefeito rio-pretense

O tesoureiro Ernani Domingues apresentou o balancete da diretoria, enquanto Borges de Carvalho dava conta do projeto em que vinha trabalhando havia algum tempo para a criação de uma caixa de previdência da própria SMC. Logo depois, já sob a presidência de Justino de Carvalho, o médico Ricardo Farina sugeriu a realização do programa "Hora da Saúde", na Rádio PRB 8[1], sob o patrocínio da SMC, a exemplo do que já se estava fazendo em outros centros urbanos, com o objetivo de levar educação sanitária e noções de práticas de medicina e higiene ao povo, combatendo, dessa forma, o curandeirismo e o charlatanismo. A sugestão foi bastante aplaudida pelos colegas, que prometeram empenhar-se na execução do programa radiofônico.

A SMC fechou o ano de 1937 discutindo o que Sizenando Junior e Saldanha da Gama classificaram, em documento encaminhado ao presidente Justino de Carvalho, de "avassaladora praga": a prática cada vez mais constante em notável do curandeirismo, sob o beneplácito das autoridades. Os dois médicos chamaram os colegas aos brios, afirmando que "a classe dos curandeiros em Rio Preto e nas cidades vizinhas está crescendo assustadoramente nestes últimos tempos, mercê da falha de providência dos poderes competentes". Sizenando e Saldanha foram enfáticos afirmando que os curandeiros estavam cada vez mais ousados na prática "de seus crimes, contando infelizmente, para isso, com a complacência das autoridades e dos próprios médicos".

(1) Rádio Rio Preto - PRB 8, fundada em 1935, pelo cirurgião dentista Raul Silva. Essa rádio deixou de em 1974.

Justino de Carvalho colocou os documentos dos colegas à apreciação da categoria, que decidiu convocar uma reunião especial para o dia 23 de dezembro para discutir apenas esse problema e propor uma solução. Os convites foram propagados pelos jornais A Folha e A Notícia. Coube a Edmundo Cabral Botelho apresentar um parecer sobre o assunto. Dois anos antes, em maio de 1935, Botelho havia feito um libelo contra o curandeirismo e o charlatanismo. Seu parecer, assinado também por Francisco Sizenando Junior e Luiz Coimbra, oferece um retrato da situação do embate entre médicos e curandeiros nos anos de 1930:

> A comissão abaixo assinada, encarregada de apresentar sugestões sobre o que se deve fazer na campanha ora iniciada de combate ao curandeirismo, antes de dar desempenho a esta incumbência quer se congratular com a Sociedade de Medicina e Cirurgia pelo acerto da medida e a coragem de iniciá-la. Expoente da classe médica desta região, não podia ela ter outra atitude que não fosse essa: de combate sistemático e contínuo por todos os meios ao seu alcance àqueles que exercem ilegalmente a medicina; assim procedendo, ela trabalha para o alevantamento moral da classe, bem como para o seu bem-estar material.
>
> Não temos a veleidade de crer que esta campanha tolha de vez a prática do curandeirismo, mas temos certeza que, se todos os médicos derem o seu apoio à nossa Sociedade poremos um pouco de decoro neste estado de coisas, se é que se de falar em decoro na prática de um crime. Para que posamos ter êxito nesta campanha preciso se torna que contemos com o apoio decidido dos médicos e das autoridades sanitárias e policiais. Quanto aos primeiros, principais interessados no assunto, devem assegurar um compromisso formal de tudo fazer em auxílio da Sociedade, procurando coibir por todos os meios a prática ilegal da medicina, pautando sempre a sua atuação pela mais estrita ética profissional e sujeitando-se, em caso contrário, a penalidades, tais como: exclusão do quadro da Sociedade, recusa de conferências médicas pelos demais colegas, etc..
>
> As autoridades sanitárias e policiais serão procuradas por uma comissão organizada para tal fim, com o fito de se assentarem as bases de um combate a este crime previsto pelo Código Sanitário e o Código Penal.

O parecer da comissão indicava a proliferação do curandeirismo também entre os farmacêuticos e apontava a necessidade de se convocar o presidente da Sociedade Farmacêutica para expor o problema e a decisão de combater a prática. Para a comissão, os médicos deveriam promover um "boycott" do farmacêutico dado ao curandeirismo. O documento ia mais além, afirmando que "caso não adiram todos ou não se ponham no seu respectivo lugar somos partidários da criação de uma farmácia da Sociedade para onde serão encaminhadas as nossas receitas".

Finalmente, a comissão fechou o parecer defendendo uma grande campanha educativa, pelos jornais e pela Rádio PRB 8, para mostrar à população os perigos a que estava exposta ao entregar a sua saúde e sua vida nas mãos de "desabusados curandeiros".

Colocado em discussão, o parecer foi aprovado, com o chefe do Serviço Sanitário, Herbert Mercer, prometendo envidar todos os esforços para auxiliar no combate ao curandeirismo que diretamente atingia a saúde pública. Os médicos formaram uma comissão, integrada pelo presidente Justino de Carvalho, Francisco Sizenando Junior, Luiz Coimbra, Herbert Mercer e Edmundo Cabral Botelho, para visitar o delegado regional de polícia e os dois promotores de justiça da comarca, fornecendo-lhes uma lista completa com o nome de todos os curandeiros em atividade na cidade "exercendo seu maléfico ministério". A segunda decisão era a de que todos os médicos deveriam exercer rigorosa vigilância sobre a prática do curandeirismo. Também decidiram que todos os médicos assinariam um compromisso de honra na defesa dos interesses da categoria. Um ofício-circular foi distribuído a todos os farmacêuticos, solicitando seu apoio e cooperação, e definiu-se por uma ampla campanha de educação do povo, alertando para os perigos do curandeirismo, por meio dos jornais e da rádio local.

A SMC voltou a se reunir somente em 21 de março de 1938 para eleição de nova diretoria, mas, especialmente, para realizar uma sessão de homenagem póstuma à memória de Levínio de Souza e Silva, com a presença de representantes de várias instituições, como João Camarero, provedor da Santa Casa, e Luiz Nunes Ferreira Filho, representando os advogados. Coube a João Deoclécio Ramos fazer o panegírico à memória de Levínio de Souza e Silva, lembrando de sua paixão pelo jornalismo, pela política, pela maçonaria e, principalmente, pela medicina.

João Ramos recordou aos ouvintes que Levínio, logo ao concluir o curso de medicina, seguiu para a Europa para lutar ao lado dos aliados na 1ª Guerra Mundial, porque entendia que era seu dever lutar em favor da "civilização contra a barbárie". Finda a guerra, permaneceu um tempo em Paris, na França, para aperfeiçoar seus estudos médicos. Ao retornar ao Brasil, ao invés de voltar para Minas, onde tinha amigos influentes na política e na medicina, ele preferiu enveredar-se pelo sertão paulista, chegando a Rio Preto após andar "de déo em déo, de cidade em cidade". Ramos retrata Levínio como "pequenino, sóbrio de costumes, perdulário de idéias e de gestos ao falar, simpático, amigueiro, espalhando pelas colunas de jornais os seus artigos momentosos, conversador atraente, parlador elegante, polemista,

imbuído de programas e partidos políticos moderando contudo no lidar com reformas sociais, só um defeito, a nosso ver, tinha o Levínio: a sua indiferença religiosa, o agnosticismo, defeito que lhe adviera do contato com os moços do seu tempo; mas os seus atos revelavam, a todo transe, uma formação moral que desmentia em absoluto a artificialidade desta atitude indiferente".

Levínio era oriundo de Minas Gerais, todavia, quando rebentou a revolta paulista contra Getúlio Vargas, ele se tornou uma das colunas basilares da defesa dos ideais constitucionalistas, escrevendo nos jornais, concitando os paulistas à luta contra o governo federal. Com o avanço da tuberculose, ele foi um dos primeiros a colocar-se a campo para combater a doença, sendo um dos principais defensores da idéia de criação da Liga Riopretense de Combate à Tuberculose. Porém, por ironia do destino, descobriu-se portador da doença que combatia com tanta galhardia. É João Ramos que relata a situação do médico inteligente e ativo que foi Levínio de Souza e Silva: "Pensamos que bem poucos dos que agora nos ouvem, em situação como a dele, conservariam o seu otimismo ou saberiam dissimular tamanho abatimento moral, no que já se revelavam qualidades transcendentais. Pobre, cheio de filhos pequenitos, sem um ceitil[1] de reservas, obrigado a separa-se da família e sem deixar meios à subsistência dessa, impossibilitado de produzir, moço ainda e necessitando de repouso completo e do ócio como remédio, com meia vida de preparativos e outra meia de sofrimentos permeados de esperanças, sem desfalecimentos, presa do mal, cuja cura, além de problemática é imprecisa no tempo, foi ele para o Sanatório de Campos de Jordão", disse Ramos, ressaltando que, apesar de tantos sofrimentos físicos e morais, "nunca o surpreendemos em desânimo, nunca lhe ouvimos uma imprecação".

Em Campos do Jordão, Levínio doente não repousou. Passou a ajudar os médicos, a auscultar os doentes, a interpretar radiografias, "a apurar segredos da tisiologia", segundo Ramos, indo constantemente a São Paulo para aprender mais sobre a doença e para aprimorar técnicas de cirurgias, assumindo o posto de cirurgião dos sanatórios populares de Campos do Jordão. "E pois, em plena atividade, lutando contra a inércia, frutificando para si e para os seus, desdenhando a morte, fugindo à humilhação de merecer auxílios, que ele se apagou.(...) Era um fingimento seu cetismo, bom cristão é o que ele era, resignado e cheio de fé. Ao prestarmos-lhe a última homenagem, meditemos profundamente na tragédia humana que se desenrolou com a

Dr. Levínio de Souza e Silva, vice-presidente da SMC, recebeu homenagem póstuma dos colegas

dissipação inglória de uma vida como essa, feita exclusivamente para a bondade, e lancemos novamente ao ar a cogitação inicial e inquietante: 'vale a pena viver?'. É a recordação luminosa de Levínio que nos responde, pelas antenas de nossas consciências exaltadas ante o exemplo de sua vida afanosa mas cheia de beleza e paciência. É ele, o que se fingia de inquieto, o que parecia duvidar e que não tinha fé, a responder-nos, com a firmeza inderrocável de um santo: Sim! Vale a pena viver! Ainda que seja só para sofrer!".

O redator da ata mais extensa de todas as reuniões da SMC desde a sua fundação (foram 14 páginas manuscritas) registrou: "A oração do Dr. Ramos foi ouvida em religioso silêncio pela assistência que coroou com uma prolongada salva de palmas, as últimas palavras do orador". O tesoureiro Ernani Domingues informou que estava repassando 300 mil réis à viúva para que ela pudesse cobrir suas despesas mais urgentes, enquanto o presidente Justino de Carvalho convidava todos os presentes para a missa que seria celebrada pelo Monsenhor Gonçalves no dia seguinte, na Catedral de São José.

Na segunda parte da reunião, Justino de Carvalho fez uma ampla prestação de contas da diretoria que se findava, em especial sobre o resultado da campanha contra o curandeirismo que provocou fortes reações na cidade. "Coube a mim, desajeitado e imprevidente, mexer na toca dos marimbondos", explicou Justino aos colegas, ao abordar a reação à sua palestra na Rádio PRB 8, abordando o tema "Curandeirismo espírita". Segundo ele, enquanto a SMC desvendava o curandeirismo praticado por boticários, farmacêuticos e parteiras, as reações eram as mais diversas, porém, se limitavam a cartas anônimas ou a comentários de esquinas por este ou aquele simpatizante dos atingidos, todavia, quando falou sobre a atividade de alguns setores do

(1) Ceitil: moeda portuguesa do tempo de D. João I (1385-1433), sinônimo de valor insignificante.

espiritismo que promoviam o curandeirismo, a reação extrapolou com o aparecimento de folhetins anônimos espalhados pela cidade contra os médicos. "Até a emissora de rádio foi alvo de protestos e inventivas", finalizou o presidente.

A SMC usou o programa idealizado por Ricardo Farina, "Hora da Saúde", para orientar a população sobre medicina preventiva e pública e combater os curandeiros. Edmundo Botelho, Francisco Purita, Sizenando Junior, Synésio de Mello e Oliveira e Alberto Naffah ocuparam os microfones da PRB 8, mas foi a fala de Justino de Carvalho que desencadeou a polêmica com os setores espíritas. Logo depois, foi a vez de Purita abordar o tema "Medicina e Religião". As palestras radiofônicas fizeram surgir folhetins com a finalidade de calar os médicos envolvidos na campanha. Os folhetins ficaram conhecidos como "Variação Fernando Magalhães" e "Variação Raul Leite". O primeiro reproduzia uma opinião que teria sido expressa por Fernando Magalhães na Academia Nacional de Medicina, em 5 de novembro de 1909, em que ele teria dito que não via perigo nas práticas espíritas e que a academia devia "em vez de condenar a terapêutica espírita deve evangelizar a medicina".

A SMC encaminhou a Fernando Magalhães um ofício narrando a ocorrência dos fatos averiguados em Rio Preto e cópia de um dos folhetins, solicitando uma manifestação pessoal a respeito do assunto. Considerado "mestre" pelos médicos rio-pretenses, Magalhães não respondeu. A esse seu silêncio, Justino de Carvalho deu um veredicto irônico: "águias não perdem tempo em caçar moscas", apontando a indiferença do mestre Fernando Magalhães como "falta de espírito gregário".

Por outro lado, alguém havia espalhado fora da cidade que "um médico português" havia falado mal, numa palestra radiofônica, dos preparados medicinais do país e, particularmente, dos produtos dos laboratórios de Raul Leite, famoso fabricante de remédios. O representante do laboratório na região, por sua vez, mandou uma circular aos farmacêuticos que denegria a imagem de Justino de Carvalho, o que levou a SMC a encaminhar a Raul Leite um telegrama para restabelecer a verdade dos fatos. Os médicos informavam ao dono do laboratório que a circular "malevolamente sofismada causou revoltante estranheza da classe médica", por causa de seus termos "descorteses e agressivos que denunciam um lastimável nacionalismo puramente comercial e inoportuno". O telegrama fazia ver que a circular, ao invés de investir contra as duas entidades que promoviam a campanha contra o curandeirismo, ou seja, a SMC e o Sindicato Médico, investia contra a pessoa do presidente das duas instituições, Justino de Carvalho, português de nascença com formação em Medicina no Rio de Janeiro.

Raul Leite respondeu ao telegrama, dando uma satisfação positiva em favor de Justino de Carvalho que, em 1938, completava 31 anos de vida no Brasil. Naquela noite de 21 de março, Justino de Carvalho levantou-se para agradecer a solidariedade dos colegas médicos, que não o deixaram sozinho em nenhum momento da campanha difamatória, afirmando que "há muito lavrei em meu peito, tacitamente, a minha carta de naturalização de brasileiro e a vossa solidariedade, essa eu a encaro como se vossas assinaturas houvessem firmado como fiadoras do compromisso que tomei para comigo de bem servir e bem amar esta grande e querida terra".

Justino de Carvalho informou que havia viajado a São Paulo e aproveitou para visitar o professor Alcântara Machado, integrante da comissão que estava redigindo o novo Código Penal, para sugerir a inclusão do curandeirismo como crime. Ele pediu a Machado mais atenção sobre "essa modalidade do exercício ilegal da arte de curar que pretende se acobertar sob o disfarce de caráter religioso", indicando que as disposições do código vigente ou as formalidades do processo "têm sido de uma inocuidade acoroçoadora".

Na mesma época, uma comissão de médicos esteve com o delegado de polícia, Amilar Belmonte de Rezende, para cobrar do policiamento mais rigor no combate aos curandeiros. Na mesma noite de 21 de março, Justino de Carvalho foi eleito presidente da SMC, tendo Edmundo Cabral Botelho como vice-presidente, Aguinaldo Pondé como secretário, Ernani Domingues como tesoureiro e João Ramos como orador. A posse foi marcada para o dia 2 de maio, mas o presidente eleito, Justino de Carvalho, não compareceu. Francisco Purita abriu a reunião convidando Aguinaldo Pondé para assumir a secretaria, enquanto lia um ofício encaminhado por Carvalho renunciando ao cargo de presidente. Os protestos foram gerais e Pondé informou que três dias antes Carvalho havia manifestado a intenção de renunciar. O próprio Pondé pediu para que os colegas não aceitassem a renúncia, explicando quais os motivos que levaram Carvalho a tomar aquela atitude, frisando, porém, que, como secretário, ele não registraria na ata esses motivos. Por unanimidade, os médicos presentes recusaram o pedido de renúncia e incumbiram Pondé de levar a notícia ao presidente eleito em sua residência, assim que a reunião se encerrasse.

Entretanto, uma carta enviada à SMC pelo prefeito Victor Brito Bastos, solicitando três informações, provocou forte

discussão entre os sócios. Enquanto alguns, como Edmundo Cabral Botelho e Aniloel Nazareth, defendiam que a carta não devia ser respondida, outros, como Francisco Purita e João Ramos, defendiam a sua resposta imediata. Herbert Mercer e Synésio de Mello e Oliveira moderaram a discussão argumentando que a SMC, naquele exato momento, estava no meio de uma grave crise com o pedido de renúncia do presidente eleito e que, antes de qualquer iniciativa, deveria primeiro debelar a crise. Diante dos argumentos, todos decidiram ir até a residência de Justino de Carvalho e resolver a questão.

Pessoalmente, Carvalho explicou seus motivos, abordando desde a questão da polêmica com os curandeiros – ele se tornara o principal alvo dos ataques dos curandeiros e farmacêuticos acusados de curandeirismo – e a política nacionalista de Getúlio Vargas que o atingia diretamente por ter nacionalidade portuguesa. Por fim, disse que era contra a reeleição nos cargos de diretoria e que só aceitaria assumir a presidência se os colegas assumissem o compromisso de não mais realizar reeleições, pelo menos para a presidência. Suas palavras receberam uma salva de palmas e logo em seguida a diretoria foi devidamente empossada. A carta do prefeito foi analisada pela diretoria, com Frederico Navarro da Cruz lançando luz ao assunto, dizendo que Victor Brito Bastos precisava daquelas respostas para concluir uma sindicância que estava em curso na prefeitura a pedido de alguns sindicatos. O secretário não registrou em ata o teor da carta, porém os médicos decidiram que a SMC não devia interferir na questão, colocando ponto final sobre o assunto.

Em seguida, por sugestão de João Ramos, decidiu-se aprovar uma moção de aplauso ao jornal A Notícia pela série de reportagem sobre os malefícios do curandeirismo, respaldando a campanha da SMC. Para os médicos, a posição editorial do jornal representava "incalculáveis benefícios ao povo dessa vasta e próspera região". Pondé aproveitou para ler sentença condenatória exarada pela 1ª Vara Criminal do Rio de Janeiro e publicada pelo boletim do Sindicato Médico Brasileiro, edição de dezembro de 1937, proibindo as parteiras, mesmo as diplomadas, de manter consultórios para exame e curativos. Pondé entendia que essa sentença reforçaria a campanha contra o curandeirismo e contra o exercício ilegal da prática de medicina.

Em 16 de maio de 1938, a SMC aprovou sugestão do presidente de publicar nos jornais o resumo das suas sessões, como forma de dar publicidade às questões abordadas nos encontros dos médicos. Uma sugestão para premiar o melhor trabalho científico apresentado no ano foi rejeitada pela maioria. Nessa noite, os sócios deram posse a três novos confrades, Mazzei Nogueira, José Pontes Alves e Gino Donadio, e aprovaram a expedição de uma carta telegráfica endereçada ao Dr. Enjolras Vampré, desejando-lhe pronto restabelecimento. No dia 30 de maio, os médicos rio-pretenses lamentaram a morte de Vampré[1], prestando-lhe uma homenagem com a leitura de sua biografia, frisando que se tratava de "uma homenagem pequena para quem foi grande mestre e grande médico".

Ainda em 30 de maio, a SMC retomou a apresentação de teses sobre casos médicos, com Sizenando Junior relatando um caso de "paralisia post-diphericas". O trabalho foi encaminhado para comissão de avaliação que, em 13 de junho, teve desdobramentos com Aniloel Nazareth apresentando estudos a respeito de "soro anti-dipherico", apontando opiniões de pesquisadores proeminentes, como Clementino Fraga, Mangabeira Albernaz, Guido Ozar, Pablo Kause e outros. O presidente Justino de Carvalho fez um pronunciamento biográfico sobre o jubileu profissional que se comemorava em São Paulo em homenagem ao professor Celestino Bourroul. Mazzei Nogueira e Aguinaldo Pondé apresentaram dois trabalhos científicos que foram muito bem recebidos pelos sócios presentes.

No dia 9 de julho, os médicos discutiam o anteprojeto da criação da Ordem dos Médicos do Brasil. Justino de Carvalho lembrou aos colegas que o projeto anterior havia sido apresentado pelo governo à Câmara dos Deputados que, diante dos protestos e da discrepância enorme entre os deveres e os benefícios, decidiu arquivá-lo. Agora, um novo projeto, com 129 artigos, estava sendo discutido. Ele procurou chamar a atenção dos colegas para um fato preocupante: não havia sequer uma linha na nova peça que protegesse os médicos estrangeiros que estivessem exercendo legalmente a medicina no Brasil, portanto, com direito adquirido. A nova lei era clara em estabelecer que para se inscrever na Ordem dos Médicos do Brasil o profissional teria que ser brasileiro legítimo ou naturalizado. A SMC deliberou e decidiu encaminhar à comissão organizadora do anteprojeto as observações de Justino de Carvalho, que era português. A SMC tinha entre seus membros outros médicos estrangeiros, como o alemão Fritz Jacobs. Foram escolhidas duas comissões de representação, uma para participar da inauguração da Casa de Saúde São Luiz, dos sócios Edmundo Botelho, Saldanha da Gama e Habib Garzuzi, e outra para os

(1) Enjolras Vampré é nome de rua em São José do Rio Preto, no bairro São Manoel, próximo ao Hospital de Base.

festejos de homenagens ao presidente Getúlio Vargas e ao interventor do Estado, Adhemar de Barros.

No dia 25 de julho de 1938, a SMC recebeu correspondência assinada por Samuel Libanio, da comissão responsável pela elaboração do anteprojeto de criação da Ordem dos Médicos, informando que a sugestão havia sido encaminhada para análise e discussão. Justino de Carvalho apresentou como pauta de reunião a discussão de vários artigos do anteprojeto que a seu ver mereciam "estudo meticuloso". Para ele, o anteprojeto deveria, declaradamente, fazer a inscrição compulsória dos médicos que estavam em atuação no país "preservando-lhes a dignidade e estabelecendo regras de ética, defender-lhes os interesses profissionais, desenvolvendo a cultura médica, aperfeiçoando o ensino científico e ampliando a sua ação". Ele também defendia que o anteprojeto deveria interferir nos serviços de assistencial social e propunha como sugestão a ser encaminhada a criação de uma caixa de pensões e aposentadorias exclusiva para o profissional de medicina.

O orador João Ramos disse que os médicos estavam pouco habituados com a disciplina, mas não poderiam deixar de sentir certo receio e embaraço contemplando "as algemas que nos vão, parece, manietar os pulsos, e cercear a liberdade tão cara", apontando alguns artigos punitivos, indicando castigos, tais como advertência, suspensão e perda do direito de clinicar. O projeto era sério e precisava ser discutido com máxima seriedade, observou João Ramos, lembrando aos colegas que os conselhos regionais, que seriam formados com a instalação da Ordem dos Médicos, seriam acionados com uma simples denúncia, resumindo que a "Comissão de Sindicância, muito em segredo, sindicará; e a Comissão de Disciplina, disciplinará".

A preocupação, porém, do orador, não estava relacionada com as punições em si. O que ele queria saber era o que o médico teria em troca em termos de proteção legal. Apontou por exemplo a criação de uma caixa de pecúlio que garantiria a aposentadoria e pensão ao médico. Ele sugeriu que se encaminhasse à comissão de elaboração uma sugestão para as disposições transitórias, obrigando a Ordem dos Médicos a nomear, em 30 dias após a vigência da lei, o Conselho Federal provisório e este, por sua vez, teria 15 dias para nomear os conselhos regionais. Ramos criticou a tendência dos políticos brasileiros de não cumprirem os prazos estabelecidos por eles mesmos. Também defendeu que o artigo 114, referente ao amparo ao médico, deveria receber uma redação mais incisiva e direta. Assim como estava ele considerava um "artigo molengo, dizendo 'cuidará... promoverá...' é capaz de, da forma como está escrito, não cuidar, e não promover". Coube ao secretário Aguinaldo Pondé sistematizar as sugestões para encaminhar à comissão.

A SMC só voltou a se reunir em 3 de setembro, quando o médico Mario Valadão Furquim apresentou trabalho sobre "Convulsão na Infância", relatando um caso de uma criança que estava doente havia quatro dias, quando chegou em suas mãos, de febre e convulsões e que, naquele quarto dia, entrou em coma. Ele havia feito os exames de costume, mas às 23 horas do quarto dia, a situação se agravara. No quinto dia, o exame de sangue apontou a presença do "plasmodium falciparum". Medicou a criança e as convulsões cessaram, dando alta definitiva em oito dias. Todavia, ele trouxera a questão para os colegas por causa dos antecedentes do caso e pelo receio que sentiu de a criança morrer em suas mãos sem poder diagnosticar a causa da moléstia, lembrando que antes de procurá-lo a família esteve com um farmacêutico que disse tratar-se de "ataques de lombriga" e com um colega médico que afirmou aos pais que "os ataques eram causados por vermes que, desta ou daquela maneira, haviam penetrado no pulmão da criança".

Os médicos voltaram a se reunir em 7 de novembro, o que levou o presidente Justino de Carvalho, justificar que o intervalo grande entre uma e outra reunião se devia ao número muito pequeno de trabalho apresentado pelos colegas para apreciação e discussão. Naquela noite, Synésio de Mello e Oliveira apresentou trabalho sob o título "Considerações a propósito de oito casos de Hemeralopia (cegueira noturna) congênita, na mesma família". Antes de iniciar sua apresentação, Synésio fez questão de registrar em ata seu "encantamento pela forma gentil com que o Dr. Penido Burnier e seus dignos residentes me receberam em seu modelar instituto e me puseram à disposição a sua valiosa biblioteca". Após tecer inúmeros elogios à organização e à riqueza da biblioteca de Burnier, o médico rio-pretense disse que, graças a isso, foi possível que em poucos minutos ele tivesse em suas mãos o que havia de mais moderno da literatura médica do mundo concernente à questão da hemeralopia e doenças hereditárias e, mais particularmente, as familiares. Verificou que no Brasil não havia nenhum caso semelhante publicado, nem mesmo na América do Sul. O que lhe socorreu na pesquisa foi a literatura japonesa, por meio de um artigo assinado pelo oculista Niimi que estudara nove casos genealógicos de hemeralopia do tipo Nougaret (célebre caso francês). Ele pôde estudar os casos verificados por Niimi, em 1937 e os casos verificados em maio de 1909 e apresentados à Société Française d'Ophthalmologie.

Dr. Mario Valadão Furquim

Por meio desses estudos, Synésio pode observar que os casos da família Salviani, de que ele havia cuidado, eram de "hemeralopia hereditária congênita devida à ametropiamiopia com várias lesões oculares acompanhadas, sobretudo, de lesões oftalmológicas". Ele fez também uma ampla explanação sobre a hemeralopia desde os tempos remotos.

No dia 19 de dezembro, a SMC voltou a se reunir, dessa vez extraordinariamente, para prestar uma homenagem ao médico Adhemar de Barros, interventor do Estado, que estava visitando Rio Preto. A reunião foi presidida pelo vice-presidente Edmundo Cabral Botelho, que saudou o homenageado com palavras elogiosas, registrando também a presença de Mariano de Oliveira Wendel, secretário de Agricultura.

No seu discurso, Adhemar de Barros disse que a SMC estava lhe proporcionando uma grande satisfação, porque "este contato que tenho com meus colegas de profissão constitui para mim verdadeiro lenitivo nas amarguras porque passa um homem de Estado em nossa terra, depois de uma crise pavorosa como a que tivemos. É entre os médicos que tenho encontrado muito do que preciso. Tenho vivido 15 anos na profissão, embora não tenha vivido materialmente dela, mas com ela, em espírito, fui de um dia para outro guindado à atual posição".

Essa foi a primeira vez e a única que um governador do Estado discursou numa sessão da SMC. O secretário Aguinaldo Pondé, ciente do momento histórico, registrou na íntegra a fala de Adhemar e seu discurso é um mosaico da situação política e da saúde no Estado, naquele final de 1938, após um ano de Estado Novo, sob a batuta do agora ditador Getúlio Vargas:

> Bem sabeis em que situação me encontro no governo do Estado. Não tendo pleiteado este cargo e não vivendo dele, encontro-me perfeitamente à vontade e conservo o mesmo espírito adquirido no decorrer do curso médico e reforçado no contato com a dor, o sofrimento e a morte. Para mim, o presente é um acidente na vida. Tenho procurado cumprir com o meu dever dando ao Estado o melhor dos meus esforços. Como médico que sou, conhecendo bastante os problemas médicos e sociais de nossa terra, tenho olhado com carinho tudo quanto se refere a saúde pública, higiene social e ensino primário. Embora me tenha sido difícil tratar desses problemas, em virtude da difícil situação em que encontrei o Estado, já consegui remodelar o antigo Serviço Sanitário, formando, até o momento, perto de 20 centros de saúde. Temos procurado melhor as antigas delegacias regionais de saúde, enquanto não podemos formar, em cada cidade, um centro de saúde. O centro de saúde é a melhor forma pela qual o governo distribui serviços médicos à coletividade; trata-se, porém, de um organismo custoso e teremos de esperar até que o Tesouro disponha de meios suficientes para ser levada avante esta obra de tanta importância.
>
> Fundamos 420 classes primárias, 11 grupos escolares e tenho me interessado vivamente pela assistência social, procurando dar-lhe eficiência, pois a importância da obra de assistência social nos principais países civilizados equivale a de um ministério. Os países escandinavos despendem com a assistência social mais do que com o Exército e Marinha, mas em conseqüência, possuem uma raça forte que não conta com tuberculosos, leprosos ou sifilíticos. Em São Paulo, encontramos problemas dos mais graves no que concerne à saúde pública. Assim é que existem cerca de 800 dementes nas cadeias do interior, temos 500 mil tracomatosos no Estado e outros tantos impaludados. Se descontarmos estes contingentes de nossa população, vamos verificar que os homens em condições de produzir são em número relativamente pequeno. Não considero solução prática e econômica o governo trazer novos braços para o Estado, porque as estatísticas relevam que das levas de imigrantes nada menos que 50% é constituída de doentes, homens que não estão em condições de produzir. Eis a razão pela qual, logo no início do meu governo, determinei ao secretário da Agricultura que suspendesse completamente o serviço de imigração, pois que grande parte dos imigrantes compunha-se de doentes que vinham para nossas instituições de caridade.
>
> Devemos encarar o problema de falta de braços por outro prisma, procurando melhorar as condições higiênicas da nossa população, por meio do exame pré-nupcial e de uma assistência completa à infância. Destarte, dentro de alguns anos, teremos melhorado o nível de saúde de nossas populações e disporemos de elementos produtivos e sãos que muito contribuirão para o engrandecimento do Estado e do país sem precisar recorrer à imigração que é assaz dispendiosa para os cofres públicos, pois, famílias há que já custaram nada menos de 14 contos ao Estado. Tenho procurado economizar o mais possível, mas reconheço que há despesas reprodutivas e, nestas, se enquadram aqueles feitos com a assistência social. Tenho a impressão que o ano de 1939 será promissor e poderemos, então, levar avante diversas obras úteis para a coletividade. Como chefe de governo, como amigo e colega, agradeço a manifestação de simpatia de todos vós e reafirmo aqui o espírito que formamos durante o curso que se baseia na lealdade, na simpatia e no carinho.

A primeira reunião de 1939 aconteceu em 17 de fevereiro, com a posse do novo sócio, apresentado como o mais moço dos médicos rio-pretenses, Waltrudes Baraldi. Pelas palavras de João Ramos, Waltrudes foi o primeiro rio-pretense de nascença a se formar em Medicina. Nesse dia, o presidente Justino de Carvalho prestou conta da sua administração e convocou os sócios para eleição da nova diretoria. Aguinaldo Pondé foi eleito presidente, Synésio de Mello e Oliveira, vice-presidente, Mário Valadão Furquim, secretário, Luiz Coimbra, tesoureiro, e Francisco Purita, orador.

Oito dias depois, em 25 de fevereiro, a SMC se reuniu em sessão extraordinária para prestar homenagem ao médico Herbert Harrison Mercer, que estava sendo transferido para São Paulo. Ao despedir-se dos colegas, Mercer disse que "Rio Preto é hoje a minha terra", informando que estava deixando a cidade para fazer um curso de aperfeiçoamento e que sua intenção não era deixar a cidade "onde encontrei ambiente predileto, mas se os fados me destinarem outras funções na carreira de sanitarista que abracei, jamais esquecerei esta terra".

A nova diretoria tomou posse em 8 de março de 1939 e um mês depois realizou sua primeira reunião efetiva, aceitando mais dois sócios, o pediatra Sebastião Lins Prado e Assis R. de Souza. Sobre Lins Prado, Ricardo Farina disse que ele vinha de Santo Amaro, onde clinicara por longo tempo e instalara, na Santa Casa, um ambulatório infantil e lactário, beneficiando mais de três mil crianças. Sizenando Junior apresentou trabalho cientifico sobre as meningites em geral.

Em abril, no dia 29, a SMC reuniu-se extraordinariamente para conferência de José Paulo Vieira. No mês seguinte, em maio, registrou-se a filiação de José Arroyo Martins, médico recém-formado, e a desfiliação de Luiz Coimbra, que renunciava ao seu cargo de tesoureiro, por ter se mudado para Campinas, para atuar como médico no Hospital da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência. Para preencher sua vaga no cargo de tesoureiro foi eleito Alberto Naffah.

Em julho de 1939, a SMC protagonizou um momento crucial referente à denúncia de que Deocleciano Rigieri de Carvalho, que clinicava em Neves (atual Neves Paulista), estaria exercendo ilegalmente a profissão. Rigieri encaminhou um ofício à SMC, informando que havia sido preso pela polícia e transportado com violência para Rio Preto, deixando paciente em estado grave na sua casa, porque o seu diploma de medicina, expedido pela Faculdade de Medicina da Bahia, não estava registrado no Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Ernani Domingues, chefe do Centro de Saúde de Rio Preto, informou aos colegas que tinha esclarecimentos que não corroboravam as informações de Rigieri e que, segundo o Serviço de Fiscalização de Medicina, ele era "pessoa leiga exercendo ilegalmente a medicina". Segundo Ernani, havia sido expedido um aviso a Rigieri para que ele apresentasse sua documentação profissional antes que houvesse uma ação policial.

Dr. Synésio de Mello e Oliveira

O assunto foi discutido acaloradamente, com Selmann Nazareth contestando as informações de Ernani Domingues e confirmando que a polícia havia agido com uma violência que ele jamais havia visto contra os "curandeiros, charlatões e todos aqueles que exercem ilegalmente a medicina". Saldanha da Gama reforçou as informações de Nazareth e disse que não havia decorrido tempo hábil para que Rigieri recebesse o aviso e providenciasse a documentação exigida. Justino de Carvalho disse que a SMC deveria adotar uma atitude digna e enérgica enquanto Synésio de Mello e Oliveira pedia calma, aconselhando que se averiguasse todos os lados da questão. Coube a Selmann Nazareth tirar a limpo a história de Deocleciano Rigieri de Carvalho.

Entre os dias 26 e 31 de julho, o professor Barbosa Corrêa, a convite do presidente Aguinaldo Pondé, proferiu uma série de conferência para os médicos de Rio Preto e região sobre a "Phisiologia da Hypertensão", com a finalidade de simplificar o estudo das causas que provocam a hipertensão. Levantamento apontado em ata revela que 38 médicos acompanharam os conhecimentos apresentados por Barbosa Corrêa; desses, 12 estavam radicados em cidades da região, como Neves, Bálsamo, Cedral, Ibirá e Nova Granada. As atas com 22 páginas, são verdadeiras aulas sobre a hipertensão e como ela era vista no segundo lustro da década de 1930. Na quarta conferência, ocorrida em 28 de julho, às 15 horas, Barbosa Corrêa discorre

sobre o tratamento da hipertensão, afirmando de início que "o ideal do tratamento é o profilático", apresentando dois grandes grupos: os hipertensos sem sintomas (fase pré-clínica) e hipertensos com sintomas. Alguns dos ensinamentos sobre hipertensão em 1939:

> Para felicidade do doente quanto mais longa a fase pré-clínica melhor. Na questão terapêutica, o médico, antes de mais nada deve cuidar do moral do doente. É criminoso o médico que não levante o moral de um hipertenso e de todos os cardíacos em geral. (O grifo é do secretário que redigiu a ata). A preocupação do hiper-tenso é tão grande que ele precisa mais de carinho do que de remédio. (...) O fator moral tem grande importância.
> Repouso e Alimentação. Vida ao ar livre.
> A causa principal da hipertensão é a irregularidade de vida. O melhor tratamento é a vida higiênica: 8 horas de sono.
> Profissão: aconselhar os hipertensos, na fase pré-clínica, resolver favoravelmente esse problema.
> Exercício: enquanto não há fase de insuficiência cardíaca o exercício é até vantajoso: golf, banho de mar, pois eles aceleram a circulação intra-cardiaca.
> Alimento: pode usar o fumo desde que esse não prejudique. Café não temos base cientifica para dizer se faz mal ou bem. Problema sério é o sal. (...) Não comer pão e se alimentar com alimentos sem sal. Não faz restrição a líquidos. O álcool era tido como vasodilatador, mas depois surgiu a campanha contra o álcool, agora fica-se com o meio termo : quem sempre bebeu pode continuar a beber, sem alcoolismo (sic). Barbosa Corrêa toma um cálice de vinho branco ao se deitar e tem se sentido muito bem, pois os vasos se dilatam realmente.
> Proteínas: não devem ser restringidas a doentes que não sofrem dos rins. Suprimir o prazer da carne ao carnívoro hipertenso é desnecessário. O hipertenso não deve aumentar de peso quando seu peso é normal. Comer, portanto, para se alimentar.
> Medicamentos: na fase pré-sintomática nenhum, pois quase todos provocam dor de cabeça.
>
> Barbosa Corrêa aponta alguns remédios que recomendava aos hipertensos:
>
> Cefaléia (aspirinas, etc.) mas o melhor é a supressão completa de sal. Em 48 horas cede a cefaléia mais rebelde.
> Insuficiência cardíaca: pode-se dar digitalina; normaliza mas não aumenta a pressão. Redução dos líquidos quando houver edemas.
> Nervosismo: calmantes; o hipertenso precisa dormir.

Todos os grifos foram do secretário. A lista de remédios e recomendações é enorme, tais como a sangria, que Barbosa Corrêa desaconselha, informando que para dar resultado seria preciso retirar dose de 8 cc. por quilo de peso do paciente. Ele também discorreu sobre quais medicamentos, dosagens e quantidades devem ser ministrados por dia em cada fase da doença.

No total foram oito conferências. Na primeira, ele abordou as causas da hipertensão; na segunda, discorreu sobre a patologia da hipertensão arterial; na terceira, abordou a sintomatologia; na quarta, o tratamento da hipertensão; na quinta, tratou da "electrocardiographia"; na sexta, falou cobre "método da phonocardiographia"; na sétima, discorreu sobre "theoria do colapso e seu tratamento" e, na oitava, abordou tratamento pela digitalina.

A SMC só voltou a se reunir novamente em 16 de outubro de 1939 para ouvir uma conferência preparada por Mário Vadalão Furquim sobre o tema: "A criança como fator econômico". Ele iniciou a dissertação informando que no biênio 1933/1934 nasceram em São José do Rio Preto (abrangendo os distritos e o bairro Boa Vista) 1.510 crianças e nesse mesmo período morreram 379 crianças abaixo de um ano, o que vem demonstrar que a mortalidade infantil no município era de 250%. Ele considerava era cifra enorme, apesar de apontar os números de outras cidades, como Santos, com 191%, Porto Alegre 226%, Salvador, 239%, e Maceió, 550%. "Isso, todavia, não deve servir de nenhum consolo para nós, mesmo porque o professor Schmidt, da Universidade de Harvard, afirma que 'todo país com organização moderna de saúde pública apresenta mortalidade infantil abaixo de 100%", comentou Furquim, apontando que, em Rio Preto, desde 1931, existia o Serviço de Higiene Infantil e mesmo assim a mortalidade infantil havia atingido 250% em 1933/1934.

No dia 31 de março de 1941, Selmann Nazareth apresentou trabalho científico sobre "Otite aguda nas lactantes", abordando a sintomatologia e a terapêutica, amparado com vasta documentação, afirmando que a sua terapêutica se resume na parecentese e que jamais se arrependeu dessa orientação. O secretário fez questão de registrar em ata que a apresentação de Nazareth "foi vivamente aplaudida pelos presentes". Jamil Kenan foi o primeiro a se manifestar sobre o trabalho apresentado, apontando o professor pernambucano Edécio Cunha que também defendia a parecentese. "Ele prefere errar 99 vezes abrindo um tímpano são do que deixar um intacto com a caixa comprometida", finalizou Kenan, sobre os estudos de Cunha, ex-presidente da Sociedade de Pediatria de Pernambuco.

No mês seguinte, em abril, foi a vez de Saldanha da Gama fazer o relato de uma difícil intervenção cirúrgica que obteve grande sucesso. Tratava-se de um rapaz, surdo e mudo, que fora ferido a bala num baile na região e internado imobilizado na Santa Casa, com quadro grave de "paraplegia absoluta", com retenção vesical, retenção de gazes e distúrbios da sensibilidade

e da motricidade. Gama relatou seus procedimentos, informando que a bala estava alojada no espaço intervertebral da 11ª e 12ª dorsais, segundo mostrou com precisão a radiografia de perfil. Com anestesia local, ele realizou a cirurgia, reconduzindo o doente, em quinze dias, "à quase normalidade de suas funções". Os presentes discutiram com ele a história clínica e a cirurgia, assim como estudaram a sintomatologia "apresentada pelos traumatizados da medula". O autor da explanação recebeu elogios e cumprimentos dos colegas Edmundo Botelho, Selmann Nazareth. Mário Furquim e João Ramos.

Em abril, Fuad Daud apresentou um extenso e detalhado trabalho sobre "Foliculina e Circulação", apresentando dados experimentais de diferentes autores, provando que a foliculina introduzida "é eliminada pelas fezes e pela urina, utilizada pelos tecidos ou destruídas ao nível de certas vísceras". No estudo do mecanismo fisiológico da menstruação, Daud apoiou-se nos trabalhos, então recentes, de Peralta Ramos, admitindo, com esse experimentador, que a menstruação "é o resultado da queda da foliculina sanguínea pelo fenômeno da circulação biológica circulatória do fator gonadoestimulante".

No dia 28 de maio de 1941, o presidente Mário Furquim abriu a reunião informando que a SMC havia sido aquinhoada com um donativo precioso do Dr. Fritz Jacobs: um terreno medindo 11x17 metros na rua Marechal Deodoro, no centro da cidade, para a construção de sua sede própria. Nessa noite, a SMC concedeu ao doador o título de sócio benemérito e encaminhou um ofício ao prefeito Cenobelino de Barros Serra solicitando a alteração do nome da rua São Paulo, onde estava situada a Santa Casa, para Fritz Jacobs, como forma de agradecimento perpétuo pelos feitos do médico alemão em favor da coletividade rio-pretense e, particularmente, em favor dos médicos. Também foram registrados dois agradecimentos, um à Prefeitura, por ter dispensado a SMC do pagamento do laudêmio (enfiteuse), e outro ao cartorário Raul de Carvalho, que fez o registro da escritura de doação gratuitamente. Antes de encerrar o expediente, abriu discussão sobre o anteprojeto de construção da sede. Como o assunto suscitou bastante interesse, ele preferiu deixá-lo para a reunião seguinte. Coube ao médico Aniloel Nazareth o trabalho científico daquela noite histórica para a SMC, abordando o tema "Sopro musical do coração, com tonalidade de arrulho de pombo", com apresentação do doente. Todos os médicos foram convidados a auscultar o doente. Após a auscultação, Aniloel narrou o caso, dizendo que poucos meses antes o paciente começou a perceber que "a veia cantava como arrulho de pombo", fazendo em seguida uma narrativa de todas as providências que havia tomado para solucionar a questão.

Dr. Fritz Jacobs, foi vice-presidente da SMC e doou terreno para a construção da sede, na rua Marechal Deodoro

Apesar da guerra que assolava a Europa, África e Ásia, os médicos rio-pretenses continuaram se reunindo todos os meses em 1941 para discutir ciência e receber informações. No dia 18 de junho, por exemplo, foi a vez de Lins Prado fazer uma explanação sobre "Anemia na infância". Sua apresentação teve bastante repercussão entre os médicos presentes, com manifestações de Aniloel Nazareth, Fuad Daud, Herbert Mercer, Edmundo Botelho e João Ramos. O presidente Furquim, por causa do adiantado da hora, não colocou em debate, mais uma vez, a questão da sede.

Em julho, a SMC recebeu o médico Eduardo Monteiro, convidado para proferir uma série de quatro conferências. Na primeira, no dia 5, com a presença de 23 associados, ele abordou o tema "A avitaminose A e suas manifestações cutâneas na infância". Nas outras conferências, ele abordou temas, como "Moléstia de Pfeiffer-Fürk", "Ortodiagnóstico", e a última versou sobre "As repercussões cardíacas das pneumopatias". Eduardo Monteiro deixou a cidade fazendo questão de registrar as suas impressões sobre "o alto nível cultural do corpo médico de Rio Preto". Ainda em julho, no dia 17, foi a vez do médico Jamil Kenan apresentar um trabalho sobre "Orientação prática no tratamento do diabete".

Na verdade, julho de 1941 foi diferente e especial para os médicos rio-pretenses. No dia 28, eles receberam o professor

Martagão Gesteira(*), presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1938, que veio falar sobre a "Doença de Heine-Medin" (poliomielite/paralisia infantil). Foram duas conferências naquele dia. Na segunda, ele falou sobre "espondilite tuberculosa".

No dia 30 de agosto, Synésio de Mello e Oliveira apresentou relatório sobre a sua participação no 4º Congresso Nacional de Oftalmologia, realizado no Rio de Janeiro. No dia 13 de setembro, foi a vez do presidente Mario Furquim apresentar um trabalho, relatando "Trinta casos de Doença de Heine-Medin no surto epidêmico de 1938-39 em Rio Preto". Furquim faz um relato surpreendente dos números da epidemia na cidade, apontando 14 casos de paralisia em ambas as pernas, quatro na perna direita, três na perna esquerda, quatro no pescoço e tronco, dois com tetraplegia, um em ambos os braços, um com hemiplegia direita e um com paralisia facial esquerda. Teceu comentário sobre a febre inicial, a hiperestesia, as perturbações gastrointestinais e da regressão das paralisias, afirmando que observou regressão da paralisia em todos os 30 casos no decorrer de dois meses, que se mostrou mais acentuada nos primeiros 30 dias, ressaltando que, após o terceiro e quarto meses, as regressões processadas foram insignificantes.

Furquim relatou que, dos 30 pacientes havia perdido notícias de seis, mas dos 24 que acompanhou obteve os seguintes resultados: cura completa de quatro, cura quase completa de dois, grandes melhoras em cinco, melhoras em onze e pequenas melhoras em dois. Os tratamentos foram desenvolvidos com o uso em série de 20 a 30 irradiações de ultravioleta e licor de Fowler em doses crescentes, ministrando também, em alguns casos, vitaminas A e D e complexo B. Sobre o uso do licor de Fowler, ele disse desconhecer a origem da prescrição, porém costumava receitá-lo para estimular o apetite das crianças e notara que ele favorecia a regressão da paralisia. A apresentação de Mário Furquim só foi discutida na reunião seguinte, com Herbert Mercer apresentando informações sobre o surto epidêmico da doença na região da araraquarense, afirmando que provavelmente o número de contágio teria sido muito superior aos 30 casos relatados, ressalvando que sua transferência de Rio Preto o impediu de fazer um levantamento detalhado dos casos. Entretanto, chamou a atenção para o fato de o surto ter tido caráter rural, circunscrito às crianças residentes nas zonas rurais, lembrando que o contágio direto da "doença de Heine-Medin" tinha como veiculação a água.

Furquim participou ativamente dos debates, informando ao colega Olavo Martins dos Santos, que questionou o não encaminhamento das crianças doentes para os grandes centros, como a Policlínica de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde havia um avançado centro de pesquisa sobre a paralisia infantil, que a situação financeira das famílias não permitia essas transferências e que o "método Bordier", utilizado nos grandes centros, em muitos casos, revelava exíguo valor. Sobre o contágio pela água, Furquim lançou mão dos estudos de Kleine Schmidt, apontando que na Alemanha a informação de que o contágio dessa doença podia ocorrer pela água resistia à crítica. Estudos revelavam, segundo Furquim, a inexistência de casos de infecção da doença nas zonas ribeirinhas, ao passo que os casos relatados eram de zonas intermediárias entre as ribeirinhas e as urbanas. Disse também que havia estudos indicando a possibilidade de contágio pelas gotículas nasais e pelas fezes, ressaltando a notícia das experiências do Prof. Hara-Hara, que havia obtido bons resultados no tratamento dessa doença com ondas ultra-sonoras em macacos inoculados com Heine-Medin.

Após os debates sobre o trabalho do presidente Mário Furquim, foi a vez de Lauro Ribeiro apresentar um trabalho sobre "Refração Ocular e Clínica", que abriu sua conferência afirmando que "a refração ocular é assunto que tratado superficialmente é banalidade, e, examinado com minúcia é do campo do especialista", referindo-se ao "sintoma de ligação entre a oculística e a clínica que é a dor de cabeça", acentuando que "o astigmatismo miopico ou hipermetrópico são, dos vícios de refração, os que mais causam cefalalgia". Finalizou solicitando aos colegas não oculistas que encaminhassem o mais rápido possível aos oftalmologistas os doentes portadores de estrabismo, particularmente as crianças. Em 18 de outubro, foi a vez de Synésio de Mello e Oliveira abordar a questão do estrabismo, afirmando que "a grande maioria desses infelizes deixa de se libertar do seu defeito baseados em falsos preconceitos ou em conceitos errôneos que possuem da correção do seu desvio ocular".

Em 3 de novembro de 1941, os médicos foram convocados para uma sessão extraordinária para discutir a realização de uma homenagem ao médico Justino de Carvalho, que estava de mudança para Santos. Eles decidiram realizar um banquete no Hotel Terminus, para reunir "a família médica" e como lembrança mandaram fazer uma estatueta em bronze. As homenagens foram marcadas para o dia 10 de novembro, começando com uma missa celebrada na capela da Santa Casa pelo bispo D. Lafayette Libânio. O banquete aconteceu à noite e, no dia seguinte, às 16h40, um grande número de médicos e amigos esteve na gare da estrada de ferro para se despedir do

Dr. Justino e de sua mulher "após 23 anos de luta ingente e heróica". Na ata que marcou a despedida de Justino de Carvalho, foi registrada também a morte do médico cientista Albert Czerny, de origem tcheca, que foi um dos fundadores da Pediatria Moderna. Mário Valadão Furquim fez um discurso necrológico de Czerny, de quem tivera o privilégio, conforme acentuara, de ter sido aluno.

A SMC abriu o ano de 1942 prestando uma homenagem fúnebre ao professor da Escola Paulista de Medicina, Lemos Torres, com Herbert Mercer fazendo a leitura do seu necrológio. Em 21 de fevereiro, teve eleição, com Edmundo Cabral Botelho sendo guindado à presidência, João Ramos foi eleito vice-presidente, Fausto d'Oliveira Quaglia, secretário, Alberto Naffah, tesoureiro e Herbert Mercer, orador, com posse realizada no dia 17 de março. No discurso de posse, o novo presidente enfatizou como principal missão de sua administração o combate ao charlatanismo, ao curandeirismo e ao exercício ilegal da profissão. Entretanto, talvez por causa dos transtornos com a guerra que se desenrolava na Europa, África e Ásia, os médicos muito pouco se reuniram nesse ano. Em setembro, a SMC encaminhou ofício ao comandante da 2ª Região Militar sugerindo a implantação em Rio Preto de um curso de medicina de emergência, tendo em vista as necessidades da guerra, informando que os médicos da região estavam prontos para ajudar na implantação, de acordo com as necessidades. O curso não foi instalado, mas o Exército respondeu à pretensão dos rio-pretenses, em ofício assinado pelo coronel Nébias, chefe do Serviço de Saúde da 2ª Região Militar. No dia 20 de novembro, foi realizada uma reunião extraordinária para saudar o sócio-fundador Israel Alves dos Santos, que estava visitando a cidade na condição de diretor do Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

A partir do final de 1942, a SMC passou a trazer professores e médicos renomados de outros centros para fazer conferências e palestras. No dia 1º de dezembro de 1942, por exemplo, os médicos receberam Horácio Kneese de Mello, presidente do Centro Acadêmico Pereira Barreto, da Escola Paulista de Medicina, de 1934 a 1935, e professor de Clínica Propedêutica Médica, autor de dezenas de estudos científicos. As reuniões científicas continuaram e, em 27 de fevereiro de 1943, a SMC recebeu a visita de José de Toledo Pisa para proferir palestra sobre "A febre maculosa em São Paulo - Aspecto geral do problema". Essa febre, segundo Toledo Pisa, apareceu por volta de 1928 e 1929, com as primeiras observações no Hospital do Isolamento da Capital, onde eram internados os doentes, com o surto epidêmico se alastrando pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro nas regiões de Araras e Tatuí.

A eleição de 17 de fevereiro de 1943 elegeu a diretoria composta por João Deoclécio Ramos, presidente: Aniloel Nazareth, vice-presidente; secretário, Fausto d'Oliveira Quaglia; tesoureiro, Alberto Naffah; e orador, Herbert Mercer. A primeira reunião científica do ano aconteceu em 20 de março, com a presença de Onofre de Araújo, livre docente e assistente da cadeira de Obstetrícia da Facul-dade de Medicina da USP.

Na reunião do dia 15 de maio de 1943, os médicos rio-pretenses se reuniram para prestar homenagens póstumas aos colegas falecidos em São Paulo, Fritz Jacobs e Fuad Daud. Também foram prestadas homenagens à memória de Ranulfo Prata, que por muitos anos clinicou na região de Rio Preto, e do cientista Cardoso Fontes, que foi inspetor sanitário dos Serviços de Profilaxia da Febre Amarela e Peste do Rio de Janeiro, diretor do Instituto Oswaldo Cruz e professor-fundador da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro. Em 4 de setembro, a SMC recebeu dois médicos de renome nacional, Nelson de Carvalho, do Instituto de Radium São Francisco de Assis, de São Paulo, e Dante Pazanese, chefe do Serviço de Eletro-cardiografia do Hospital Municipal de São Paulo. Em 23 de novembro, era a vez da conferência de José Dutra de Oliveira, professor da cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina da USP. A SMC fechou o ano de 1943 com novos sócios: Heitor Jacintho Guimarães, Antonio Cury, Luiz Bonfá e Benjamin Constant de Aquino Bretas, e três correspondentes: Octacílio Lopes, Cervantes Ângulo e Horácio Kneese de Melo. Em 7 e 8 de dezembro, a SMC promoveu outra conferência, com quatro convidados, Eduardo Vaz, Eurico Toledo de Carvalho, Murilo P. Azevedo e Ítalo Martirani, todos abordando as questões da hematologia no Brasil.

A SMC abriu o ano de 1944 realizando uma reunião de homenagem, em 26 de janeiro, para despedir do médico Saldanha da Gama, que estava se mudando para São Paulo, com a presença de mais de 40 médicos de Rio Preto e região. Nos dias 27, 28 e 29 os médicos receberam a visita do livre docente em Neurologia Carlos Gama[1], para uma série de conferências, abordando várias questões relativas à área, entre elas a palestra "Meios semióticos neuro-cirúrgicos para diagnósticos dos tumores do encéfalo". Sua

(1) Antonio Carlos Gama Rodrigues, da Secção de Neuro-Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina

Sociedade de Medicina e Cirurgia 1926 - 1971

Os médicos se reúnem defronte a Santa Casa para a despedida do Dr. Justino de Carvalho, que estava de mudança para Santos, no dia 10 de novembro de 1941. Na primeira fileira, da esquerda para a direita: Aniloel Nazareth, Eduardo Silva Araújo, Francisco Sizenando Junior, Ernani Pires Domingues, Justino de Carvalho, Cenobelino de Barros Serra, José Mendes Pereira e Aguinaldo Pondé. Atrás, vêem-se os médicos: Crescêncio Centola, Wenceslau Botelho, Alberto Naffah, José Arroyo Martins, Sellmann Nazareth, Mário Valadão Furquim, João Deoclécio da Silva Ramos, Synésio de Mello e Oliveira, Solon Varginha, Edmundo Cabral Botelho, Herbert Harrison Mercer, entre outros

Dr. João Deoclécio da Silva Ramos, fundador e presidente da SMC

passagem por Rio Preto foi encerrada com um banquete no Hotel Terminus.

Em 25 de fevereiro, foi eleita a nova diretoria, com a eleição de José Mendes Pereira para presidente, Aniloel Nazareth, vice-presidente, Lins Prado, secretário, Olavo Martins dos Santos, tesoureiro e João Deoclécio Ramos, orador. No dia 20 de abril, quem esteve na cidade foi Nilson de Rezende, a convite especial de Mário Valadão Furquim, para proferir palestra sobre enxertos de nervos periféricos. De Rezende, residente nos Estados Unidos, havia feito estrondoso sucesso nos meios médicos e científicos no Yale's Laboratory of Physiology.

Em 31 de maio de 1944, o presidente Mendes Pereira, retomou o assunto da construção da sede, informando que o projeto original havia sofrido algumas modificações. Disse também que agora pretendia encaminhá-lo para o governo estadual, pelas mãos de Herbert Mercer, e que estava em contato com o prefeito, o colega Ernani Pires Domingues, que havia lhe prometido, pessoalmente, verificar a possibilidade de liberar um auxílio no valor de 50 mil cruzeiros para dar início às obras.

A proposta feita ao governo do Estado, encaminhada ao diretor geral do Departamento de Saúde, José Pedro de Carvalho, previa a liberação de uma verba de 200 mil cruzeiros e, em contrapartida, seria instalada na sede da SMC a Delegacia Regional de Saúde, a título de locação por vinte anos, dos dois pavimentos previstos. Caberia ao estado pagar taxas, impostos, água, luz e conservação do prédio. O custo total da obra, orçado pelo engenheiro da Prefeitura, era de Cr$ 270 mil.

No dia 18 de março, dentro do calendário do cinqüentenário da emancipação política de Rio Preto, a SMC trouxe para conferência o catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras, Clemente Fraga, abordando o tema "O Médico e a Literatura". Nesta reunião, estiveram presentes o poeta e acadêmico Manuel Bandeira, o reitor da USP Jorge Americano e Ulisses Lemos Torres.

No dia 25 de setembro de 1944, Herbert Mercer apresentou proposta de associação dos médicos Deocleciano Funes e sua mulher, Yvone Xavier Funes, que tomaram posse somente em 5 de março de 1945. O secretário Arruda Barbato, ciente do momento histórico, registrou em ata que a entrada do casal era um fato marcante para a SMC, "pois nela entrava a primeira mulher". Ela se tornou a primeira mulher a integrar a SMC, com o galardão de ser a primeira médica a clinicar na cidade. No mesmo dia, Mendes Pereira solicitou de Mercer que marcasse uma audiência com o interventor estadual (governador) José Carlos de Macedo Soares para discutir a liberação de verba para as obras da sede.

Em 19 de fevereiro de 1945, os sócios se reuniram para fazer mais um pleito eleitoral, elegendo para presidente Synésio de Mello e Oliveira, vice-presidente Tácio de Barros Serra Dória, secretário Orlando de Arruda Barbato, tesoureiro Eduardo Silva Araújo e orador João Deoclécio Ramos. Na solenidade de posse, em 5 de março, o novo presidente disse que urgia agora tomar como tarefa a construção da sede, que ele via como "o templo que acolherá a memória dos que se foram", citando, como exemplo, alguns médicos falecidos que foram sócios da Sociedade e que por ela haviam doado tempo e trabalho voluntários, como Fritz Jacobs, Levínio de Souza e Silva, Fuad Daud, José Luiz de Mesquita e Habib Garzuzi. Ele concitou os médicos presentes a se unirem para que "possamos erguer o cenáculo, onde pontifiquem os visitantes ilustres como Clementino Fraga, Martagão Gesteira, Barbosa Corrêa, Nilson de Rezende, Carlos Gama, Eduardo Monteiro e Josué de Castro, e outros tantos de resplendentes culturas; que construamos o ambiente que nos proporcionou o ensejo de reuniões freqüentes, onde a par da convivência amiga, de verdadeira confraternização, criemos mais oportunidades para aprendermos uns com os outros, para melhor nos conhecermos e melhor nos estimarmos". Também nesse dia tomava posse como sócio o jovem médico Oscar de Barros Serra Dória que, logo na reunião seguinte, em 3 de abril, usou da palavra por "um bom quarto de hora", segundo o secretário.

Com os olhos voltados para as questões nacionais, e acompanhando as tendências políticas do momento, a SMC redigiu em abril de 1945 um telegrama enviado ao presidente Getúlio Vargas, com o seguinte teor:

Deocleciano e Yvone Xavier Funes, a primeira médica a se instalar em Rio Preto e a se associar à SMC, acompanhados do colega José Arroyo Martins e sua mulher, Judith

No legítimo anseio de redemocratização da nação brasileira, no momento em que pulsam com veemência os corações dos brasileiros, sentindo próxima a vitória dos que se bateram heroicamente pelos sacrossantos ideais de liberdade, os médicos de São José do Rio Preto se dirigem à V. Excia. fazendo coro com a geral aspiração do povo brasileiro, solicitando seja concedida imediatamente a anistia ampla e irrestrita a todos os condenados políticos, numa admirável pacificação da família brasileira, reintegrando todos no seus legítimos direitos de cidadão de uma pátria livre, assim terá V. Excia. completado as sábias medidas de que tem procurado por em prática para colocar o País dentro dos moldes democráticos. Assinados, atenciosamente, Synésio de Mello e Oliveira, João Deoclécio Ramos, Eduardo Silva Araújo, Orlando de Arruda Barbato, Aniloel Nazareth, Alberto Naffah, Lauro Ribeiro, Deocleciano Funes, Yvone Xavier Funes, Cunha Junior, Navarro da Cruz, Fausto D'Oliveira Quaglia, Heitor Guimarães, Benjamin Bretas, O. Mascarenhas, Olavo Martins dos Santos, Luiz Coimbra, Mendes Pereira, Tácio Barros Serra Dória, Oscar de Barros Serra Dória, Lins Prado, Bolívar Vidal, Arroyo Martins, Manuel Ferraz do Vale, Sizenando Junior, Antonio Cury, Cenobelino de Barros Serra, Edmundo Cabral Botelho e Ernani Pires Domingues, Assis Souza, Arnaldo Campos, Jamil Kenan, Solon Varginha, Célio Garcia Pereira e Sellman Nazareth.

Em 30 de junho de 1945, a SMC recebeu a vista do professor J. Onofre Araújo, que abordou o tema "Aplicação à clínica obstetra de recentes aquisições da ciência", dividindo em duas partes, a primeira sobre o fator Rh, aglutinogênio encontrado na hemacia e descoberto, em 1940, por Landsteimer e Wiener e, na segunda parte, falou sobre as vantagens da anestesia local na assistência ao parto. A SMC reuniu-se no dia 30 de janeiro de 1946 para uma aula aplicada por Synésio de Mello e Oliveira, apresentando um paciente com a Síndrome de Marcus Gunn (*sincinesia mandíbulo palpebral*), e Oscar de Barros Serra Dória, apresentando um caso de anomalia reversiva do aparelho genital feminino (*uterus bicornis unicollis uniforis*). Aliás, a SMC entrou em 1946 aprovando a entrada de novos sócios, tais como Antonio Pedro de Pádua, Artur Campanhã Afonso, Edgard A. Beolchi, Lotf João Bassitt, Bady Bassitt e Rubem Bottas. A nova

diretoria tomou posse em 12 de março e, pela primeira vez, o resultado da eleição não foi transcrito em ata: presidente Francisco Sizenando Junior, vice-presidente Aniloel Nazareth, secretário Oscar de Barros Serra Doria, tesoureiro Eduardo Silva Araújo e orador Herbert Mercer.

Os médicos da cidade voltaram, em 1946, a apresentar seus trabalhos, como Orlando de Arruda Barbato, que narrou, em 30 de abril, o caso de um menino de cinco anos que ele atendeu na Santa Casa, que lhe chegou com febre e mau cheiro no nariz, do qual saía sangue, com a narina esquerda obstruída, notando-se uma fibrino-sanguinolenta. Diagnosticou renite diftérica. Fez o exame bacteriológico e deu negativo. Diante disso, pensou na existência de um corpo estranho na narina, passou o "gancho" e tirou de dentro um caroço de feijão já brotado. Entretanto, no dia seguinte, a febre persistia. Novamente fez os exames e, aí sim, eles apontaram a renite diftérica, entrando com a medicação apropriada. Barbato também apresentou o caso de um homem de 40 anos que recebeu um tiro na nuca, cujo projétil, de calibre 38, foi retirado pelo médico Egberto Silva, por via trans-maxilar. Entretanto, saia-lhe pus da boca e nariz, além da paralisia facial do lado direito. Barbato levara o caso para exposição por causa do curioso trajeto que a bala percorreu, fazendo uma neurotomia do facial, passando incisura digástrica e indo alojar-se na protuberância, não causando maior dano ao paciente. Na mesma noite, Herbert Mercer apresentou um levantamento da mortalidade infantil na zona rural, apontando 1.016 nascimentos com 97 óbitos de zero a um ano, em 1945, apresentando um decréscimo com relação aos anos anteriores. Ele apontou como fator de redução da mortalidade o aparecimento das sulfas e pronta generalização de seu uso na terapêutica das diarréias e enterites, que eram a principal causa da mortalidade infantil na região, e a melhoria na assistência médica infantil especializada, apontando a presença de três especialistas clinicando na cidade, e um terceiro fator, que era a propaganda da educação sanitária como modo de prevenção, pelos centros de saúde.

No mês seguinte, em 30 de maio, foi a vez de Rubem Bottas, considerado pelo secretário Oscar Dória como "médico da roça cuja inteligência e cultura põem-se em destaque", narrou o caso de um tumor renal num paciente muito especial, de apenas 22 meses, que apresentou uma hematuria macroscópica que cedeu com simples sintomática, porém, a seguir, notou moderado emagrecimento, palidez pouco acentuada. Poucos dias depois, surgiu nova hematuria, fez a apalpação e notou tumefação

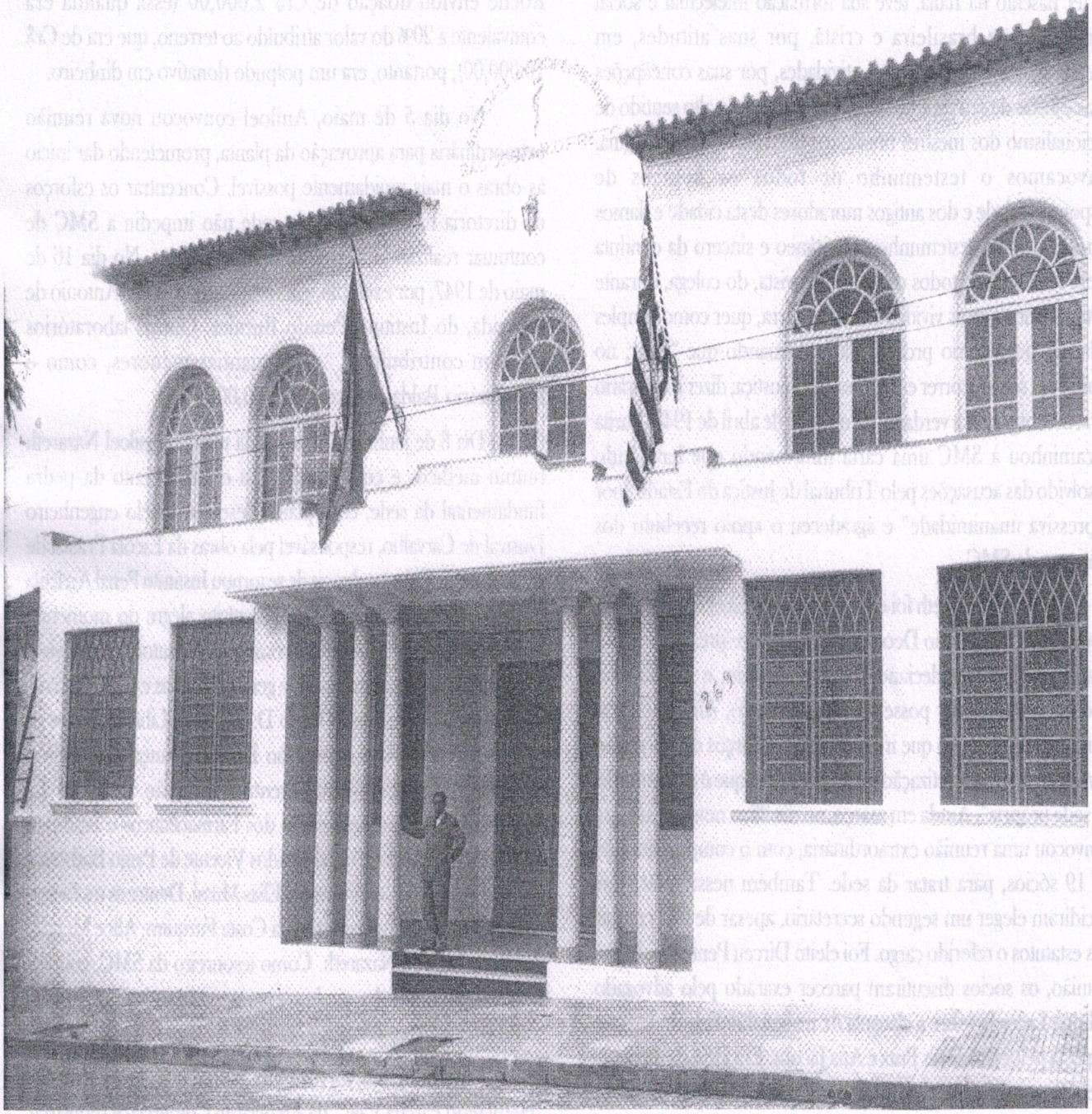
Orlando de Arruda Barbato, diretor da SMC, foi vereador e presidente da Câmara Municipal de São José do Rio Preto

globulosa, no hipocôndrio esquerdo, que se dirigia para baixo em direção à fossa ilíaca hominima, enquanto a parte superior não se podia apalpar por causa de sua localização, mas se tinha a impressão de maior volume. Levou a criança ao pediatra Lins Prado que, após os exames, diagnosticou o tumor renal. Com o diagnóstico, seguiu para o Rio de Janeiro, à procura de Martagão Gesteira[1], que, por sua vez, disse que nunca havia visto um caso de sarcoma do rim esquerdo em criança, dizendo que esse tipo de tumor ataca sempre o rim direito. A criança foi operada em 30 de novembro de 1945, por Fernando Paulino, e se encontrava, agora, em maio de 1946, completamente curada. Era um paciente especial, porque se tratava do seu próprio filho[2].

Em 30 de julho, Aniloel Nazareth apresentou trabalho sobre a necessidade do exame pré-nupcial e terminou sua palestra solicitando dos colegas da SMC que o ajudassem a liderar um movimento para fazer constar na nova Constituição Federal a obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial, afirmando que não se poderia fazer como foi feita na última Constituição, em que a Assembléia Constituinte deixou para as constituições estaduais resolver o problema e as estaduais não discutiram a questão por entenderem que o problema era federal. Dessa vez, disse Aniloel, era obrigação das classes médicas não deixar os deputados constitucionais darem uma de Pilatos, lavando as mãos e empurrando o problema para os Estados. Por intercessão de Sizenando Junior, decidiu-se encaminhar ao deputado Noveli Junior a reivindicação em nome dos médicos rio-pretenses. Na

(1) Joaquim Martagão Gesteira, patrono da Cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Pediatria.

(2) Trata-se de Antonio Carlos de Oliveira Bottas, nascido em 1/11/1943, jornalista e radialista, também conhecido como "Véio Tatau", que faleceu em 14/4/1991, de problemas renais).



Fachada da sede da SMC, na rua Marechal Deodoro, construída em cima de terreno doado por Ana e Fritz Jacobs

mesma noite, Eduardo Araújo Silva apresentou relatório de uma paciente de 29 anos que apresentava amenorréia de quatro meses. Feito o exame, apontou hímen intacto, acentuado vaginismo e tumor globuloso no hipogástrico. Foi feito o diagnóstico de gravidez de quatro meses, com hímen rígido persistente e vaginismo conseqüente. Ele terminou a narração do caso, informando que o parto foi normal e dois meses depois constatou-se a cura completa do vaginismo.

Em 30 de novembro, o médico Miguel Chaddad, de Uchoa, levou à SMC um trabalho intitulado "A Obstetrícia longe das Maternidades", narrando vários casos difíceis entremeados com a psicologia e os costumes do povo da roça. A SMC fechou o ano de 1946 assinando um documento, datado de 30 de dezembro, fazendo uma ampla e muito bem fundamentada defesa do médico Francisco Purita, que, segundo os colegas, fora injustamente acusado de prescrever, sem necessidade, doses excessivas de entorpecentes e de ser "informante do Eixo", por causa de sua naturalidade. Purita era brasileiro naturalizado, nascido na Itália. Os médicos que assinaram a sua defesa, encerram o documento escrevendo que Francisco Purita, apesar

de ter nascido na Itália, teve sua formação intelectual e social genuinamente brasileira e cristã, por suas atitudes, em circunstâncias várias, por suas atividades, por suas concepções retas e justas de seu espírito lúcido, reflexo fiel do alto sentido de nacionalismo dos mestres brasileiros que lhe serviram de guia, "invocamos o testemunho de todos os homens de responsabilidade e dos antigos moradores desta cidade e damos o nosso próprio testemunho espontâneo e sincero da conduta irrepreensível, sob todos os pontos de vista, do colega, durante os trinta anos e mais vividos em nossa terra, quer como simples cidadão, quer como profissional", afirmando que "calar, no momento, seria incorrer em clamorosa injustiça; dizer o contrário seria menosprezar a verdade". No dia 25 de abril de 1947, Purita encaminhou à SMC uma carta informando que havia sido absolvido das acusações pelo Tribunal de Justiça do Estado "por expressiva unanimidade" e agradeceu o apoio recebido dos colegas e da SMC.

Aniloel Nazareth foi eleito presidente na eleição de 24 de fevereiro de 1947; João Deoclécio Ramos, vice-presidente; Lins Prado, orador; Deocleciano Funes, secretário, e Luiz Bonfá, tesoureiro. Ao tomar posse, em 12 de março, Aniloel deixou claro em seu discurso que iria dedicar os esforços de sua gestão para "o êxito e concretização do nosso sonho que é a construção da sede própria". Ainda em março, no dia 28, o novo presidente convocou uma reunião extraordinária, com o comparecimento de 19 sócios, para tratar da sede. Também nessa noite, eles decidiram eleger um segundo secretário, apesar de não constar nos estatutos o referido cargo. Foi eleito Dirceu Penteado. Nessa reunião, os sócios discutiram parecer exarado pelo advogado Felippe Lacerda sobre a cláusula de inalienabilidade do terreno imposta pelos doadores Fritz e Ana Jacobs. Era idéia da diretoria oferecer o terreno como garantia à empresa construtora. O parecer de Lacerda orientou que o ônus da inalienabilidade não permitia que o terreno fosse dado em garantia, porém era possível dar em garantia o próprio prédio a ser construído. Aniloel, por sua vez, informou que havia visitado o juiz de direito da 1ª Vara, Acácio Rebouças, para tratar do cancelamento da inalienabilidade e foi informado que nada poderia ser feito pelo caráter de vitaliciedade da doação. Também foram discutidas várias formas de viabilização econômica da obra, mas não houve nenhuma aprovação. Ernani Domingues defendeu que a SMC deveria encaminhar um ofício ao governador Adhemar de Barros, solicitando uma verba para auxiliar na construção. Uma das idéias aprovadas foi solicitar doações em dinheiro aos laboratórios. A idéia começou a surtir efeito em abril, quando o Laboratório Roche enviou doação de Cr$ 2.000,00 (essa quantia era equivalente a 20% do valor atribuído ao terreno, que era de Cr$ 10.000,00), portanto, era um polpudo donativo em dinheiro.

No dia 5 de maio, Aniloel convocou nova reunião extraordinária para aprovação da planta, prometendo dar início às obras o mais rapidamente possível. Concentrar os esforços da diretoria na construção da sede não impediu a SMC de continuar realizando as conferências científicas. No dia 16 de maio de 1947, por exemplo, era recepcionado o Dr. Antonio de Almeida, do Instituto Penido Burnier. Outros laboratórios também contribuíram, com quantias menores, como o Laboratório Baldassari, com Cr$ 50,00.

Dia 8 de junho, às 11 horas da manhã, Aniloel Nazareth reuniu médicos e convidados para o lançamento da pedra fundamental da sede, com planta desenhada pelo engenheiro Durival de Carvalho, responsável pela obras da Escola Prática de Agricultura (EPA), que depois de se tornou Instituto Penal Agrícola (IPA). O autor da ata registrou o espírito alegre do momento, anotando "a assistência seleta, composta de autoridades civis e eclesiásticas, sócios, convidados e gentis senhoras e senhorinhas". A benção foi oficiada pelo bispo D. Lafayette Libânio. Entre os presentes estavam o prefeito João Baptista França, José Felício Miziara, que presidia e representava a Legião Brasileira de Assistência (LBA), a Associação dos Farmacêuticos e Sindicato do Comércio Varejista; os advogados Vicente de Paulo Barbosa e Waldemiro Naffah, e o industrial Elias Mussi. Dentre as mulheres, assinaram a lista de presença Célia Costa Furquim, Alice Mendes Pereira e Risoleta Nazareth. Como tesoureiro da SMC, coube a Luiz Bonfá acompanhar as obras e apresentar os relatórios mensais sobre o andamento dos serviços.

Em 2 de agosto, foi realizada conferência, no salão nobre "Hemetério Páscua Vale", da Associação Comercial e Industrial, com três palestras proferidas pelos visitantes Wolff Netto, autor do livro *Endometriose*, que abordou o tema "Fisiopatologia da menstruação", Galucci, que versou sobre "Hemorragias genitais", e José Medina, que falou sobre "Terapêutica hormonal dos distúrbios da menstruação". Mantendo o nível das conferências, os rio-pretenses receberam, em 6 de setembro, Raul Briquet, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise, para falar sobre "Doença hipertensiva específica da gravidez".

A SMC fechou o ano de 1947 lutando, ao lado das demais sociedades médicas paulistas, na campanha para equiparação dos vencimentos médicos em funções públicas de acordo com a tabela criada pelo governo estadual para os advogados. Em 17

Adhemar de Barros, único governador a proferir um discurso numa reunião da SMC, em 19 de dezembro de 1938

de outubro, os médicos rio-pretenses atenderam convite da Associação de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com sede na rua do Carmo, nº 54, para acompanhar a nova legislação do salário mínimo que estava em discussão no governo federal e a nova Lei Orgânica da Previdência Social "da qual pode resultar uma socialização sub-total da medicina brasileira". Nairo França Trench assinou a circular paulista conclamando os médicos a discutir as questões e oferecer sugestões que seriam levadas à Câmara dos Deputados e ao Ministério do Trabalho.

Em 6 de fevereiro de 1948, a diretoria já começava a se preparar para a inauguração da sede social, decidindo encaminhar convite a dois eminentes cientistas médicos brasileiros para que eles viessem participar de uma conferência em Rio Preto: Flaminio Fávero e Alípio de Castro. Também foi marcado o dia 4 de março para a inauguração, com expedição de convites para os fundadores que já não residiam mais na cidade, como Justino de Carvalho, Floriano de Lemos, Peregrino Silva, Borges de Carvalho e Israel Alves dos Santos. Também estava em curso a reforma do estatuto, com a nomeação de uma comissão composta por Orlando de Arruda Barbato, Oscar Dória e Deocleciano Funes. O novo estatuto foi discutido, votado e aprovado em 13 de fevereiro.

O novo estatuto ampliou a composição da diretoria e criou o conselho fiscal com três membros. A diretoria passou a ter o presidente, vice-presidente, dois secretários, dois tesoureiros, um orador, um bibliotecário e um vice-bibliotecário. A redação final do estatuto foi assinada por Synésio de Mello e Oliveira, Sebastião Lins Prado, Oscar Dória, Arruda Barbato, Crescêncio Centola e Deocleciano Funes.

Em 27 de fevereiro de 1948, a SMC registrou a doação de Cr$ 10.000,00 feita pelos cidadãos Severino Junior e Júlio César Pereira Cardoso, que não eram médicos, contribuindo para a construção da sede. Na mesma noite, José Mendes Pereira foi eleito presidente por aclamação.

No mês seguinte, no dia 18, foi convocada uma reunião extraordinária para discutir a proposta elaborada por José Arroyo Martins de construção de um Hospital Regional, de caráter interestadual. Segundo o autor da proposta, a implantação desse hospital deveria "concretizar a importância de Rio Preto como centro médico dessa vasta região, para onde afluem todos aqueles que necessitam de recursos hospitalares". A SMC nomeou uma comissão para representá-la nas discussões sobre a proposta, composta por Aniloel Nazareth, Mendes Pereira, João Fava Neto e o próprio Arroyo Martins. A proposta do Hospital Regional havia sido apresentada na Câmara Municipal pelo próprio Arroyo Martins, que era vereador e diretor da Sociedade Amigos da Cidade. A idéia não prosperou.

Em 15 de julho de 1949, Rollemberg Sampaio presidiu reunião para formação de comissões de redação para cuidar da Revista da SMC. As comissões de avaliação dos artigos foram definidas de acordo com as especialidades médicas, subordinadas por uma comissão geral integrada por João Ramos, Oscar Dória, Rollemberg Sampaio e Alípio de Castilho.

Em 15 de outubro de 1949, com a volta do presidente Synésio de Mello e Oliveira, que viajara à Europa, a SMC decidiu

Dr. Aniloel Nazareth, o presidente construiu a sede da rua Marechal Deodoro

nomear Herbert Mercer para representá-la na Associação Paulista de Medicina (APM) nos debates sobre a equiparação do salário dos médicos aos dos advogados na tabela do Estado. Quatro dias depois, a SMC definiu uma comissão, formada por Jamil Kenan, Domingos Tedeschi, Oscar Dória, Herbert Mercer e Alberto Naffah, para recepcionar os delegados da APM que deveriam visitar a cidade em 4 de março de 1950. Herbert Mercer levou para a diretoria, em 3 de fevereiro, uma questão delicada que era a filiação à APM, que estatutariamente exigia a incorporação do patrimônio de suas associadas. Synésio lembrou que o patrimônio da SMC era composto por um imóvel doado de forma inalienável e que, dessa forma, seria impossível se associar à APM. Por outro lado, mesmo sem a incorporação do patrimônio, a simples filiação à APM exigia alteração no estatuto da SMC. Para adequar o estatuto à APM, foi nomeada uma comissão composta por Wenceslau Botelho, Lauro César Ribeiro e Herbert Mercer. O estatuto foi reformado, a SMC associou-se à APM, mas seu patrimônio não foi alienado, permanecendo sob sua propriedade, conforme queria o casal Jacobs. No âmbito interno, decidiu-se criar uma galeria de fotografias de sócios falecidos, ficando a cargo de João Ramos recolher as fotos e emoldurá-las. Também, na reforma estatutária, os sócios decidiram pela criação de um Clube Médico e, no dia 6 de março de 1951, o presidente Mario Valadão Furquim nomeou Arruda Barbato e Ernani Domingues para darem início aos estudos para viabilizar a proposta.

Em 26 de abril de 1951, voltou à tona a questão do exercício ilegal da medicina e a prática de charlatanismo na cidade, assunto que foi amplamente debatido pelos sócios. Herbert Mercer explicou aos colegas que já havia acionado o diretor de Fiscalização do Exercício Profissional da APM que, por sua vez, estava adotando as medidas cabíveis e legais. Alípio de Castilho levantou as questões das parteiras que, a seu ver, exerciam ilegalmente a medicina na cidade, inclusive com práticas abortivas.

No mês seguinte, em 29 de maio, a diretoria começou a discutir sugestão para adquirir uma chácara para instalação de um clube de campo. Para isso, seria preciso contrair um empréstimo bancário na ordem de Cr$ 160 mil. Para cuidar da questão, foi nomeada uma comissão incorporadora, integrada por Arruda Barbato, Mendes Pereira e Lotf Bassitt, com a missão de comprar o terreno e subscrever o empréstimo, enquanto outra comissão seria nomeada mais tarde para redigir o estatuto próprio do Clube dos Médicos. Três dias depois, em 1º de junho, o presidente Mario Valadão Furquim apresentou aos sócios um plano para o clube, informando que havia um terreno de três alqueires e três quartos nos arredores da cidade, no qual seria construída uma sede de campo, com campos esportivos, uma "cidade de meninos" para adaptar um jardim de infância para os filhos dos sócios, implantação de um pomar de laranjeiras e um bosque para recreação. Parte do terreno deveria ser loteada e vendida para sócios com o objetivo de financiar as construções previstas. Colocado o plano em discussão, Mendes Pereira disse que a idéia apresentada era magnífica, mas, antes, era preciso garantir uma base financeira para o empreendimento e que para isso era imperativo aumentar a sede social, construindo novas acomodações para ampliar o número de sócios. Após sua argumentação, os sócios presentes decidiram, por unanimidade, protelar a implantação do clube e investir na ampliação da sede. No mês seguinte, em 20 de julho, foi anunciada a compra de um terreno de 9x11 metros, nos fundos, por Cr$ 50 mil, para ampliar o prédio da sede.

Em fevereiro de 1952, os diretores decidiram mais uma vez reformar o estatuto para permitir a criação de vários departamentos específicos, com os de otorrinolaringologia e o de ortopedia e traumatologia, nos moldes da APM. Synésio de Mello e Oliveira, delegado escolhido para a assembléia geral da APM e para o 3º Congresso Médico, fez um amplo relatório sobre sua representatividade, apresentando as decisões tomadas pelos mais de 2.600 médicos que haviam participado dos eventos. Enfocou principalmente a questão do "Livro Verde", que tinha o objetivo de uniformizar as atividades médicas no estado de São Paulo. Aberta a discussão, Radovir Antonio dos Santos abordou o

Dr. Lauro Cesar Pereira Ribeiro, presidente e diretor da SMC

problema da seleção de médicos para cargos públicos ser efetuada com espírito político e não científico. Eduardo Araújo Silva falou sobre a socialização de medicina, apontando vários pontos de disparidades verificadas na região, recebendo o apoio de Tácio Dória, que citou um caso específico e pessoal ocorrido na Estrada de Ferro Araraquarense (EFA). Todos os sócios presentes comentaram o assunto em tom de irritação, segundo o autor da ata, com o que foi classificado como "exploração da classe médica". O presidente Furquim propôs que o assunto fosse levado para a APM, enquanto Wenceslau Botelho registrava sua esperança de que "a AMB vele doravante pelo futuro do médico no Brasil".

Sentindo falta de trabalhos médicos, os sócios discutiram, em 26 março de 1952 a volta das reuniões científicas para apresentação de casos médicos mais difíceis e interessantes. No dia 17 de setembro, por sugestão de Oscar Dória, a diretoria decidiu realizar, entre 23 e 29 de novembro, a 1ª Semana de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto, para comemorar a inauguração da sede social ampliada. Para abrilhantar a semana e chamar a atenção dos médicos de toda a região, a diretoria decidiu convidar personalidade ilustres da medicina nacional: Alípio Corrêa Neto, para abertura das festividades; Jairo Ramos, Mário Degni, Hilton Rocha, Mário Abreu, Geraldo Siffert e Antonio Morais Ulhoa Cintra.

Em 21 de agosto de 1953, a diretoria nomeou Francisco Sizenando Junior para representar a SMC na reunião da APM, com a missão de pleitear a realização do 4º Congresso Médico Regional de 1955 em Rio Preto e de votar na chapa encabeçada por Alípio Corrêa Neto. Em setembro, o presidente Furquim informava aos colegas que Mário Degni havia esposado a causa de Rio Preto e estava defendendo a realização do 3º Congresso Médico na cidade em 1954 e não o 4º, que só ocorreria em 1955. Dessa forma, em 4 de novembro de 1953, Furquim confirmava a realização do 3º Congresso na cidade, a ser realizado na segunda quinzena de abril. Mas o congresso foi marcado para maio, nos dias 13, 14 e 15, com Wenceslau Botelho sendo nomeado presidente da comissão de propaganda. Para ministrar as palestras, a APM escalou especialistas de renome, como Aristides de Carvalho, Francisco Marat Proença e Mario Degni.

Em 2 de março de 1956, a SMC recebeu a visita do vereador Daud Jorge Simão, que estava lutando para criar a Universidade Municipal, que deu origem à Faculdade de Filosofia (FAFI), atual Ibilce. Ele foi conclamar os médicos e a SMC a encamparem a luta pela criação de uma faculdade de medicina em Rio Preto. Ele apontava como fator favorável um artigo assinado por Zeferino Vaz no Diário de S. Paulo. Em 14 de março, o presidente Furquim apresentou proposta para realização da 1ª Mesa Redonda Sobre Problemas Médicos-Administrativos nos Hospitais, definindo os dias 14 a 17 de abril.

No dia 6 de abril, a diretoria se reuniu para definir a organização da mesa redonda, estruturando-a com dois temas principais, ambos abordando conceitos de administração hospitalar, o primeiro com base na situação administrativa das Santas Casas da região e o segundo, voltado para os hospitais particulares. Para conduzir os debates, foram escolhidos os representantes, nem todos da área de medicina, como o advogado Olímpio Rodrigues, de Rio Preto, e o professor Ultimatum Fava, de Votuporanga. Outros nomes designados para a formação dos painéis de discussão foram os de Oscar Dória, do Hospital das Clínicas (em fase de construção) e representante regional da Associação Paulista de Hospitais, Eneas Bueno, Miguel Gerosa, Irmã Joana, da Santa Casa de Rio Preto, Geraldo Reis, Barreto Filgueiras, Irineu Sanches da Casa de Saúde Santa Helena, Lauro Ribeiro, Manoel Dourado e João Lania, da Santa Casa de José Bonifácio, Orival Nascimbene, da Casa de Saúde São Luiz. Uma segunda reunião fechou a programação acrescentando Olímpio Rodrigues, Wenceslau Botelho e Hubert Eloy Pontes, representando o Hospital Bezerra de Menezes.

Apesar da filiação à APM, que enviava oradores convidados para ministrar palestras de caráter científico na SMC, os sócios manifestavam a necessidade de maior independência nessa área, como se pôde verificar na manifestação de Raul de Aguiar Ribeiro, em 9 de janeiro de 1957, quando disse que "independente dos oradores enviados pela APM devíamos fazer nossos próprios convites a personalidades ilustres da classe médica para conferências em reuniões extraordinárias", citando

No plenário do Congresso da APM em 1954, vê-se, entre outros, os médicos Ernani Pires Domingues, Orlando van Erven, João Damásio de Oliveira e Oscar de Barros Serra Dória

Banuete do Congresso Médico, no Grande Hotel de Ibirá, em 1954. Vê-se Germana Dória, Aurora Mello e Oliveira, Sofia Mercer, entre outras, e o Dr. Mario Valladão Furquim

Prof. Jairo Ramos e os médicos Dr. Mario Valladão Furquim (presidente da SMC), Oscar de Barros Serra Dória, entre outros

Dra. Libia Barbato, Germana Dória e Helena Mello Mendes

O prefeito Philadelpho Gouveia Neto, discursa no congresso. Na mesa: Mario Valadão Furquim e professor Mario Degni, entre outros

Célia Araújo, Carmen Silva Lopes Pereira, Dra. M. Aracy Freitas Oliveira participam do coquetel de abertura do Congresso Médico da APM

Na mesa, várias esposas de médicos, como Judith Arroyo, Dora Correa, Martha Sestini dos Santos, Lais Cherubini e Erta Botelho, no coquetel do Congresso Médico da APM, realizado na SMC

Uma vista do almoço realizado no Grande Hotel de Ibirá, durante o Congresso Médico da APM, vendo-se, entre outros, os Drs. Luiz Bonfá e Crescêncio Centola

Mais um panorama do plenário do Congresso Médico de 1954, realizado em São José do Rio Preto pela APM

como exemplo Joaquim Romeu Cançado, de Belo Horizonte, e João Sampaio Goes Júnior, de São Paulo.

Ainda em janeiro de 1957, no dia 30, os diretores discutiram, pela primeira vez, a necessidade de contratação de um secretário executivo para trabalhar uma hora por dia, à noite, de segunda a sexta-feira, na sede. Na reunião seguinte, no dia 7 de fevereiro, decidiu-se que o secretário contratado trabalharia durante o dia, das 10 às 11 horas. Em 13 de março, discutiram-se as propagandas veiculadas pelos médicos nas rádios da cidade e da região, a necessidade de se aumentar o quadro de associados buscando os médicos que residiam e clinicavam nas cidades da região, e definiu-se pela organização da biblioteca da SMC, cuja tarefa foi conferida a Carlos Eduardo Elias Cabbaz. Em 27 de agosto, a SMC organizou a realização da 1ª Jornada de Gastroenterologia de São José do Rio Preto, programada para 6, 7 e 8 de setembro, com hospedagem dos convidados no Metrópole Hotel, refeições no Restaurante Juçara e encerramento com um almoço numa fazenda na Cachoeira do Marimbondo.

A SMC fechou o ano de 1957 e iniciou o de 1958 em meio a uma grande discussão em torno de uma propaganda de rádio que acabou desaguando na Comissão de Defesa da Classe, envolvendo a Clínica G. Araújo e Gumercindo Sanches Filho. O relator da comissão, Hélio Cherubini, levou à diretoria a necessidade de se contratar um advogado para resolver a questão. Foi contratado Walter Simardi. Em janeiro, o caso já estava encaminhado ao Conselho Regional de Medicina (CRM) e ao presidente da APM, Darcy Itiheu. A questão só foi resolvida no segundo semestre de 1959.

Em 1959, sob a presidência de Raul de Aguiar Ribeiro, a SMC instituiu finalmente uma secretaria, que passou a funcionar na entrada do prédio, destinando um local para a implantação da biblioteca. Houve proposta para instalação de um bar, que não foi aprovada. Para concretizar o sonho da biblioteca, foram expedidos ofícios aos laboratórios solicitando auxílio. Nesses anos, as reuniões de diretorias passaram a ser realizadas duas vezes por mês, sempre na segunda e quarta terças-feiras, enquanto a Comissão Científica deveria se reunir nas terças-feiras anteriores às das reuniões para definir a escolha de conferencistas, os assuntos e as normas e, até mesmo, para escalar conferencista substituto para casos de emergências. Melchiades Cardoso de Oliveira sugeriu que nos finais de ano a SMC deveria oferecer um cursinho de ética profissional para os acadêmicos de medicina.

Ainda em 20 de janeiro de 1959, Helion de Mello e Oliveira sugeriu a realização do 1º Simpósio sobre Queimaduras. Posto em discussão, os médicos apontaram os nomes dos palestrantes: Antonio Lopes dos Santos Filho para falar sobre "Urgência em Queimaduras", Melchiades Cardoso de Oliveira para abordar o tema "Cirurgia na Queimadura", Milton Dias Ferreira da Silva para o tema "Medicação na Queimadura", marcando a última quarta-feira de março para a realização do evento. Enquanto se preocupavam com assuntos científicos para enriquecer os conhecimentos dos associados, os dirigentes da SMC voltaram seus olhos para as cidades da região, acolhendo sugestão de Helion de Oliveira de que algumas reuniões científicas deveriam ser realizadas fora de Rio Preto, descentralizando suas atividades.

Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, que deixou a presidência da SMC para implantar a Faculdade de Medicina (FAMERP)

No final de abril de 1959, a diretoria da SMC se reuniu com os representantes dos hospitais privados da cidade, Irineu Sanches, da Santa Helena, Luiz Bonfá, do Nossa Senhora das Graças, Heitor Jacintho Guimarães, do Hospital das Clínicas, e Raul de Aguiar Ribeiro, da Casa de Saúde São José, para a instituição de um "Fundo Científico" destinado para custeio de congressos e simpósios médicos, mediante a criação de uma "ficha médica" com valor de Cr$ 10,00 (dez cruzeiros) por paciente internado. Essa quantia era equivalente a 2,5% da média do preço de consulta médica da época, que era de Cr$ 400,00. A medida entrou em vigor a partir de 1º de maio. No dia 18 de maio, a diretoria foi surpreendida com doações feitas por Clemem Scott Pires Ferreira, viúva do médico A. Pires Ferreira, que encaminhou à SMC um cheque no valor de Cr$ 20.000,00, um jogo de gamão e a biblioteca do marido.

No dia 26 de junho, os médicos receberam o professor Antonio Pinto de Carvalho, da FAFI, que fez uma conferência sobre filosofia, abordando o tema "A Crise da Civilização Contemporânea". Na mesma época, a diretoria discutiu a compra de uma máquina de escrever, orçada em Cr$ 39.000,00. A

máquina foi adquirida em prestações. Ao mesmo tempo, a SMC começou a receber doações em dinheiro dos laboratórios, na ordem de Cr$ 2.000,00 a Cr$ 5.000,00 para aquisição de livros para sua biblioteca.

Dr. Radovir Antonio dos Santos

Em agosto de 1959, a SMC se viu envolvida no jogo político, ao receber uma doação de 2.500 doses da vacina Sabin, contra a poliomielite, das mãos do associado Lotf João Bassitt para ser oferecida à população. A doação foi duramente combatida pelo colega Radovir Antonio dos Santos, que protestou, dizendo que a distribuição dessas vacinas fazia com que a SMC se imiscuísse na política partidária. Ambos eram candidatos, Lotf a prefeito e Radovir a vereador, e estavam em plena campanha eleitoral. O presidente Raul de Aguiar Ribeiro levou a questão para a diretoria, que decidiu bancar a distribuição das vacinas, assumindo o compromisso de não se referir ao doador quando as vacinas estivessem sendo aplicadas. Aliás, os diretores defenderam Lotf, argumentando que em momento algum ele tinha feito alarde ou propagado a doação seja em palanques ou pela imprensa. Lotf perdeu a eleição naquele ano e Radovir foi eleito vereador.

No mês seguinte, em setembro, a SMC acionou os hospitais da cidade e da região para que acatassem a decisão do CRM que proibia a irradiação sistemática de boletins informativos a respeito do estado de seus doentes. A Casa de Saúde São Luiz acatou imediatamente a medida, mas a Santa Helena decidiu contestar a proibição, dizendo que seus boletins não feriam a ética médica e requereu a opinião da Comissão de Defesa da Classe que, por sua vez, decidiu encaminhar o assunto diretamente ao CRM, que demorou nove meses para dirimir a situação, confirmando que essa prática estava definitivamente proibida.

Ainda em setembro, no dia 22, a diretoria aprovou, por unanimidade, o regulamento para o relançamento da Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto. Em novembro, a SMC decidiu oferecer apoio cabal à campanha encetada pela Associação Comercial e Industrial, presidida por Waldemar de Oliveira Verdi, para trazer para a cidade os sinais de televisão. O apoio à campanha foi defendido por Eduardo Silva Araújo, que entendia que a vinda da televisão era um sinal inequívoco de progresso que beneficiaria toda a população e atrairia investimentos para a cidade. Também foi aprovado oferecimento de apoio à campanha encabeçada por Vicente de Paulo Barbosa, solicitando do governo estadual uma série de obras e melhorias para a cidade.

A SMC abriu a década de 1960 realizando uma reunião conjunta com o Sindicato Rural, em 19 de janeiro, para ouvir uma palestra sobre "Doença de Chagas", ministrada por Vitor Homem de Mello, diretor do Serviço de Endemias Rurais, a convite de Antonio de Pádua Ribeiro, representante regional da instituição. Essa doença, transmitida pelo bicho barbeiro era muito forte na região, ao ponto de, em 1956, o prefeito Alberto Andaló ter adotado medida para proibir, categoricamente, a construção de casas de pau-a-pique no município, como forma de diminuir a proliferação do barbeiro, que se procriava nas frinchas de barro e saibro que cobriam as paredes feitas de ripas de bambu e madeira.

Em fevereiro de 1960, o sócio Radovir Antonio dos Santos, eleito vereador, apresentou projeto de lei na Câmara Municipal para dar o nome do cientista Carlos Chagas a uma das ruas da cidade e pediu o apoio da SMC para a proposta. Discutida, a diretora decidiu consultar a maioria dos sócios e, se houvesse "uma opinião contrária" a SMC, não se manifestaria. Todos aprovaram a idéia e ofereceram apoio ao projeto. O nome de Carlos Chagas foi dado a uma nova avenida que estava em construção margeando o rio Preto, na altura das ruas São Paulo, na Maceno, e General Glicério, perto do Palestra EC. Mais tarde, em 1966, a avenida foi renomeada, passando a se chamar Philadelpho Manoel Gouveia Neto, em homenagem ao prefeito falecido em 11 de janeiro de 1966.

Em 17 de maio de 1960, a diretoria da SMC decidiu abrir uma guerra para combater a "paqueragem", acionando a Delegacia Regional de Polícia, propondo um combate silencioso a essa prática que, no ver da maioria dos médicos, era prejudicial à classe como um todo. A "paqueragem" funcionava na estação ferroviária, no ponto de ônibus da rua General Glicério, que funcionava como rodoviária, nas proximidades dos pontos de táxi e, muitas vezes, perto das clínicas e hospitais onde pacientes eram abordados e convencidos a procurar outro médico ou outra

clínica. Os "paqueiros" recebiam comissões de alguns médicos para abordar pessoas doentes ou com aspecto de doentes que desciam dos trens e dos ônibus. Essa prática de angariar pessoas era antiga e muito em voga na cidade. A posição da SMC foi vital na eliminação desse tipo de abordagem, colocando fim nessa prática que aviltava a imagem dos médicos.

Outro velho assunto que continuava atormentando os médicos era a prática ilegal de medicina por parte de alguns farmacêuticos estabelecidos na cidade. No dia 2 de junho, por exemplo, atendendo convite de Ivan Mocdeci Miziara e Francisco Sizenando Junior, a SMC recepcionou Cervantes Arantes, inspetor regional de Farmácias, para debater a questão. Estabeleceu-se que caberia à SMC encaminhar um ofício à Inspetoria Regional de Farmácias formalizando a denúncia de existência do exercício ilegal da medicina por parte de farmacêuticos, requerendo vigilância e fiscalização e, também, que todos os médicos apresentassem fatos concretos e comprovados desse exercício para que os infratores fossem investigados e punidos.

Em 20 de julho de 1960, a SMC decidiu aprovar e apoiar a realização de um banquete em homenagem ao governador Carvalho Pinto, que estava de visita marcada à cidade para entregar uma verba à Santa Casa para aquisição do Hospital das Clínicas. A diretoria entendia que a Santa Casa deveria se instalar no novo prédio, cujas obras estavam paralisadas desde o final da década de 1950, e considerava a doação do governo justa, lembrando que ela empregava dois terços dos médicos radicados na cidade.

Em 13 de outubro de 1960, a diretoria decidiu adquirir um piano para a sede, em prestações de Cr$ 5.000,00, autorizando a negociação com Florindo Mani, que os diretores reconheciam como profundo conhecedor do assunto. Mani era maestro e fundador da Orquestra Sinfônica de São José do Rio Preto e proprietário de uma loja de instrumentos musicais.

Oscar Dória sugeriu à SMC, em 9 de maio de 1961, que patrocinasse a criação de uma escola de auxiliar de enfermagem como forma de melhorar o padrão hospitalar da região. Ele informou que, ao receber verbas do governo estadual para adquirir o Hospital das Clínicas a Santa Casa, havia assumido o compromisso de instalar, por meio de um convênio, uma escola de enfermagem, mas, para isso, era preciso repassar essa obrigação para a SMC. Dória foi convidado a trocar em miúdos a proposta, o que aconteceu em 13 de maio. Ele apresentou o plano da escola, que foi aprovado por unanimidade e coube a ele elaborar um dossiê completo da criação e funcionamento. Entretanto, para viabilizar o projeto seria necessária uma reforma estatutária, formando-se uma comissão composta por Helion de Mello e Oliveira, Lauro Ribeiro e Irineu Sanches para estudar as reformas. Enquanto estudava a implantação dessa escola, a SMC preocupava-se também em se engajar na luta pela implantação da Faculdade de Medicina na cidade, que vinha sendo vítima de preterição política por parte do governo estadual. Tanto que, no dia 10 de julho, a SMC organizou uma grande reunião para discutir a luta pela instalação da faculdade.

Em 21 de julho de1961, os médicos rio-pretenses filiados à SMC começaram a discutir a livre escolha como proposta a ser levada à reunião das regionais e filiadas da APM, que aconteceria em Araraquara, no dia seguinte. Os rio-pretenses decidiram apoiar a instituição de uma tabela de honorários médicos para todo o interior paulista e, sobre a livre escolha, a SMC decidiu que só a apoiaria no sentido amplo, isto é, desde que os institutos de previdência social que tivessem médicos mensalistas, de qualquer tipo, colocassem também seus segurados e beneficiários no regime de livre escolha, e que os mensalistas não ganhariam por consultas e tratamento e, sim, continuariam a ter seus vencimentos mensais. Para os médicos rio-pretenses filiados à SMC, somente com a aprovação desse segundo item seria possível apoiar uma terceira proposta em discussão: o cancelamento de novos credenciamentos, adjudicações e contratações. E, a partir dessa base, os institutos deveriam contratar os médicos somente por meio de concurso público para cargos diretivos e de triagens. Nos dias 26 e 27 de julho, a diretoria voltou a se reunir para discutir o assunto, em especial o da última reunião, quando convidou médicos mensalistas e sem estabilidade dos institutos para conhecer deles a sua opinião, uma vez que eram os interessados diretos na resolução. No final dessa reunião, decidiu-se convocar uma assembléia geral extraordinária para deliberar sobre a questão e tomar uma decisão em nome de todos.

Em agosto, no dia 7, os diretores retomaram o assunto da construção de um clube de campo para os médicos. Antonio Lopes dos Santos apresentou um relatório sobre a questão, enquanto o contador e economista Adelino Mendes fazia um esboço de viabilidade econômica do projeto. Na mesma noite, foi lida a proposta de reforma do estatuto e decidido que seria feita uma lista de angariação de fundos para as obras do clube de campo. Em 9 de outubro, Lopes dos Santos e Evandro Enes Lins apresentaram à diretoria um parecer contrário à proposta de construção do clube de campo, apontando que a situação economia não era favorável.

Dr. Oscar de Barros Serra Dória, diretor da SMC, idealizador do Hospital das Clínicas, em 1953, atual HB

Em 27 de janeiro de 1962, a SMC discutiu vários assuntos vinculados diretamente à entrada, em abril, da lei que estabelecia o plano de livre escolha e a tabela de honorários médicos. A nova conformação do atendimento médico exigia mudanças de postura, que foram anotadas em ata, na forma de plano de ação: a) fazer tabela dos hospitais; b) fazer lista dos médicos que militam na cidade; c) mimeografar o plano de livre escolha e a regulamentação dos honorários; d) oficiar a todas as instituições atingidas a respeito do prazo em que iria entrar em vigor a nova tabela de preços e de atendimento de livre escolha; e) convocar assembléia geral da SMC para apresentar todos os problemas a todos os associados; f) entender-se com todos os médicos da cidade da nova circunscrição; g) ir a Mirassol, José Bonifácio, Tanabi, Monte Aprazível e Nova Granada.

No dia 4 de março de 1962, a SMC encaminhou documento à Câmara Municipal a respeito da instalação do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU) na cidade, exigindo que o serviço fosse apenas de urgência e que o médico fosse contratado por meio de concurso público de acordo a legislação federal e as normas da APM, proibindo totalmente a acumulação de cargos. No mês seguinte, em 11 de abril, a SMC decidiu publicar no jornal Diário da Região a sua posição com relação ao SAMDU e reafirmar a posição adotada pela entidade de que todos os cargos médicos fossem ocupados mediante concurso público. Na mesma noite, a diretoria aprovou os dias 27, 28 e 29 de julho para a realização da Jornada da APM em Rio Preto.

Enquanto a APM e a SMC lutavam para fazer valer a livre escolha, os institutos não tomaram conhecimento e, no dia 30 de abril de 1962, portanto, já com as novas normas valendo havia um mês, os médicos discutiram a possibilidade de suspender o atendimento aos beneficiários dos institutos. O prazo para normalização da situação foi fixado em 31 de maio. Por outro lado, acirrava-se a questão dos médicos com mais de um emprego. Um dos problemas mais graves era que a Santa Casa pagava uma ajuda de custo que não poderia ser considerada como salário, portanto, não seria emprego. No dia 22 de maio, após uma tentativa frustrada de negociar a livre escolha com institutos locais, a SMC decidiu encaminhar uma circular, informando que a partir de 2 de junho o atendimento aos beneficiários dos institutos estaria suspensa. Ainda em maio, no dia 29, os médicos voltaram a se reunir para definir as bases do atendimento hospitalar aos doentes graves e de urgência encaminhados pelos institutos que não estavam pagando os médicos de acordo com a tabela de honorários da APM e sem respeitar a livre escolha. Dessa reunião, participaram o advogado Aristides Lopes, agente do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETC), e o médico Elias José Raduan, do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários (IAPB).

Os meses de junho e julho de 1962 foram cheios de marchas e contramarchas na defesa do plano de livre escolha e da tabela de preços da APM. O IAPB, pressionado pela Associação Profissional dos Bancários, foi um dos que mais discutiu a tabela, inclusive através da imprensa. O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC), por sua vez, não aceitou e apresentou uma tabela alternativa que foi duramente combatida pela SMC. Em 11 de julho, o presidente Raul de Aguiar Ribeiro informava que havia ocorrido uma reunião na APM em São Paulo, onde se chegara a um denominador comum com os institutos em relação à tabela de honorários, porém, não havia ainda um acordo sobre a livre escolha. Enquanto os representantes dos institutos apontavam dificuldades para adotar a livre escolha, a APM teimava em afirmar que essa questão era da maior importância para a categoria.

No dia 20 de julho, a SMC recebeu o representante do IAPB em Rio Preto, Jairo Morais Barbosa, que apresentou uma proposta de conciliação para volta à normalidade: credenciamento de todos os médicos da cidade no IAPB de forma que seus beneficiários poderiam escolher quem quisesse e fazer o pagamento dos serviços médicos de acordo com a tabela do Departamento Nacional da Previdência Social (DPNS). O presidente da SMC telefonou para Ruy Pacheco, secretário-geral da APM, que julgou a questão enquadrada dentro das reivindicações. O acordo foi firmado com os bancários.

No dia 2 de agosto, foi a vez de a diretoria dialogar com

Aristides Lopes, do IAPETC, mas as negociações não prosperaram. Lopes disse que estava insistindo para solucionar o impasse, mas encontrava resistência na direção do instituto porque a livre escolha ainda não havia sido plenamente aceita. Diante da recusa dos institutos em aceitar a tabela e a livre escolha, o presidente Raul de Aguiar Ribeiro mudou o foco do diálogo, procurando entender-se com os sindicatos das categorias diretamente atingidas pelo não atendimento. O primeiro contato foi com o presidente do Sindicato dos Motoristas, Olímpio Pinheiro, que entendeu a situação da classe médica e se propôs a cobrar uma posição positiva do IAPETC. Depois, manteve contato com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil.

Por causa da posição da APM em defesa da classe, com a adoção da tabela de honorário, a livre escolha e o emprego único, muitos médicos que trabalhavam para os institutos perderam seus empregos, como Nelvio Pala, do IAPB, Irineu Sanches, do IAPETC, e Linneu de Alcântara Gil, do IAPC, que, em agosto, foram chamados para readmissão, mas não aceitaram os cargos de volta, em solidariedade à política desencadeada pela APM e pela luta da SMC. Em 20 de setembro, a Cruz Azul, cujos beneficiários eram os membros da Força Pública (atual Polícia Militar), encaminhou ofício à SMC a respeito da livre escolha médica e hospitalar. No início de outubro, o IAPETC acenou positivamente às reivindicações dos médicos. Em dezembro foi eleita uma nova diretoria na SMC para o biênio 1963/1964, mas a disposição na luta em defesa da livre escolha não diminuiu. Ao contrário, logo na primeira reunião, a nova diretoria lidou com denúncia de que alguns médicos não estavam cobrando suas consultas de acordo com a tabela da APM.

O ano de 1963 teve início com a diretoria enfrentando um novo problema: dirimir a questão da remuneração dos anestesistas em relação à tabela de honorários para os institutos, em especial o IAPB, que pagava 30% do preço do ato cirúrgico incluindo as taxas e despesas decorrentes da anestesia. Na Santa Casa, onde havia o maior volume de atendimento médico, duas propostas estavam em análise. Uma, de Afiz Nassif, defendendo que dos 30% o anestesista ficasse com 20% e o hospital com 10%, e outra de Heide Santos, que previa divisão meio a meio.

Assim como cabia à SMC defender os interesses dos médicos, volta e meia a diretoria se via obrigada a discutir e decidir sobre denúncias envolvendo os colegas. Foi assim em 8 de janeiro de 1963, quando o agente do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) denunciou três médicos de estarem ocupando dois cargos ao mesmo tempo. Segundo o agente, dois dos médicos que atendiam no IAPI eram funcionários do Estado e um terceiro atendia também no IAPETC. Dessa forma, o IAPI solicitava da SMC que indicasse os médicos que deveriam ocupar o lugar daqueles que seriam demitidos. Os médicos envolvidos foram ouvidos e argumentaram que não eram funcionários do instituto e sim credenciados, portanto, não podiam ser considerados como empregados. Raul de Aguiar Ribeiro lembrou aos colegas que a lei geral do país permitia ter um emprego efetivo e um credenciado desde que não houvesse superposição de horários. Diante da argumentação, a SMC respondeu ao IAPI que não podia indicar nomes sem que houvesse vagas e que essas vagas não existiam porque elas estavam ocupadas.

Nos dias 30 e 31 de março de 1963, a SMC voltou às suas atividades normais, com ênfase no conhecimento científico dos associados, sediando a 1ª Rodada de Radiologia do Interior do Estado de São Paulo, sob a coordenação de Crescêncio Centola, que anunciou, no dia 11, que estava mantendo entendimentos para a vinda de Ferreira Filho e Plínio Bove, da USP, entre outras autoridades da radiologia brasileira.

No dia 10 de abril, foi realizada uma assembléia extraordinária para resolver várias questões pendentes da categoria, entre elas a questão da livre escolha que, segundo o vice-presidente Helion de Mello e Oliveira, estava "um pouco parada". Em maio, a situação da livre escolha com o IAPETC se agravou, com a diretoria dando um ultimato para que em 90 dias o instituto credenciasse todos os médicos da cidade ou, então, os médicos credenciados deveriam se descredenciar e paralisar totalmente o atendimento aos seus beneficiários. Por outro lado, o IAPI dava mostras de que aceitaria a livre escolha médica e hospitalar e que iniciaria o credenciamento pela Santa Casa. Antonio Lopes dos Santos, médico do IAPI, colocou seu cargo no instituto à disposição da SMC e foi aconselhado a continuar trabalhando, pois não havia nenhuma contradição no exercício de seu cargo com o movimento da APM. Em 17 de junho, a diretoria fez um balanço da campanha pela livre escolha, analisando em especial a questão do IAPI, que se tornara responsável também pelo atendimento médico dos trabalhadores rurais.

Ainda em 17 de junho, o presidente Lauro César Ribeiro propôs a compra da área construída do futuro "Edifício Fritz Jacobs", para ampliação da sede da SMC, convocando a tesouraria para expor a situação financeira da entidade. O assunto provocou ampla discussão entre os diretores, apontando prós e contras, até

que Helion de Oliveira sugeriu que fossem convocados os colegas José Arroyo Martins e Lotf João Bassitt para que aconselhassem a diretoria "entranhados que estão em tais assuntos". A sugestão foi aprovada, todavia, a diretoria só voltou a se reunir em setembro, mas nada foi discutido sobre a compra do imóvel.

Um novo assunto tomou conta da diretoria da SMC em 18 de outubro de 1963: a instalação do curso de medicina pela Organização Toledo de Ensino. O presidente Lauro Ribeiro expôs aos sócios que a SMC não estava participando diretamente da questão porque a faculdade seria particular, "portanto ela tem dono e assim o dono faz o que quer", referindo a Antonio Eufrázio de Toledo, dono da Organização Toledo.

A livre escolha voltou a ser discutida em outubro, com a diretoria admitindo a existência de descontentamento porque não se havia conseguido uma orientação em conjunto com outras cidades e com a própria APM. Decidiu-se então convidar o presidente da APM, Francisco Melega, para vir a Rio Preto e auxiliar os médicos da cidade a definirem uma tática de luta pela livre escolha. Entrou em discussão a posição do IAPFESP, que estava tentando nomear médicos pelo critério político, contrariando os propósitos da livre escolha. Não há registro da vinda de Melega a Rio Preto em 1963.

A SMC começou o ano de 1964 realizando uma festa para comemorar o 38º aniversário de sua fundação, com Durval Rosa Borges projetando um filme sobre caçadas na África, acompanhado de palestra, uma vez que ele era protagonista do filme, tendo participado das referidas caçadas. Após o filme, houve corte do bolo, cachorro quente, chope e refrigerantes. Em maio de 1964, a situação da livre escolha e a relação com os institutos continuava precária e piorara bastante com a posição do IAPB que, além de estar com os pagamentos em atraso havia meses, agora encaminhara um ofício considerado ofensivo à classe médica, em especial aos pediatras credenciados. A diretoria decidiu encaminhar uma resposta, aprovando um voto de repulsa aos termos usados no referido ofício. Em agosto, a situação estava ainda pior. Muitos médicos haviam desistido de defender a livre escolha. Edilberto de Araújo defendeu uma campanha junto a esses médicos para que aceitassem o movimento da livre escolha. O presidente Lauro César Ribeiro disse que a situação ia mais além, apontando, por exemplo, as Santas Casas, que começavam a resistir em relação à livre escolha. Disse também que na própria APM a livre escolha estava sendo "deturpada e acomodada", afirmando que apenas em Rio Preto "está-se mantendo uma posição condigna" e por final preconizou que a tentativa da APM de expandir a questão da livre escolha para o âmbito federal "está fadado ao fracasso completo".

Em outubro, a situação tornou-se ainda mais precária com a Santa Casa assinando convênios com várias entidades autárquicas. Lauro Ribeiro disse que essa posição da Santa Casa prejudicava os demais hospitais que estavam mantendo a ética do movimento. Ele fez um balanço de um ano e meio de luta pela livre escolha e chegou à conclusão que "as perspectivas não são das melhores" e diante da situação ele defendeu a realização de uma assembléia geral para resolver a situação com a categoria, porém, antes da convocação pretendia ir à sede da APM, em São Paulo, para saber como os dirigentes estaduais estavam encarando a situação.

Em 3 de fevereiro de 1965, a SMC discutiu a possibilidade fundação do Sindicato dos Médicos. Os diretores chegaram à conclusão que a fundação deveria ser bem estudada para que o sindicato pudesse ser reconhecido sem problemas. O presidente Helion de Oliveira informou que o assunto já havia sido discutido com o sindicato em São Paulo e que a taxa seria de Cr$ 4.200,00, a ser paga em 1966. Em 17 de março de 1966, a diretoria chegou à conclusão que o problema com a Previdência, que havia unificado todos os institutos, era confuso e complexo e estava trazendo muitos aborrecimentos para a classe médica em geral. Em abril, uma notícia trouxe alento aos médicos: a possibilidade de separar a assistência médica dos funcionários das organizações estatais, cuja remuneração seria feita pela tabela do DNPS. Também estava em curso, por trabalho realizado pela AMB e APM, junto ao governo federal, uma proposta para que houvesse a transferência total dos serviços de assistência médica para a responsabilidade do Ministério da Saúde. Dessa forma, a SMC decidiu enviar um telegrama de apoio ao esforço do ministro da Saúde, Raimundo de Brito, e buscar o apoio da Câmara Municipal à proposta.

Em agosto, no dia 12, a SMC tomou conhecimento da tabela de honorários pagos pela Petrobrás, que eram bem melhores que o do DNPS. Pela primeira vez, cogitou-se a elaboração de uma tabela própria da SMC para ser obedecida por entidades não autárquicas. Para os médicos rio-pretenses, estava acontecendo uma socialização unilateral da medicina que estava trazendo prejuízos morais e econômicos para todos. Crescêncio Centola propôs a convocação de uma assembléia geral para "assinar um protocolo geral de toda a classe em Rio Preto em defesa da profissão que está cada vez mais aviltada". Em setembro, Edson Gomes levou à diretoria a postura energética e firme que os anestesistas estavam usando com o IAPI, obrigando o pagamento pela tabela do DNPS. Aos poucos, a questão com os institutos foi desaparecendo das atas de reuniões

da diretoria, por conta de sua unificação e criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), promovida pelo governo militar, pelo Decreto-Lei nº 72, de 21 de novembro de 1966, assinado pelo presidente Humberto Castelo Branco. No dia 13 de março de 1967, em reunião presidida por Carlos Cabbaz, a SMC recebeu o coordenador geral do INPS, Eduardo Silva Araújo, para discutir os assuntos relativos à assistência médica. Nessa noite, Domingo Braile sugeriu ao INPS que fornecesse guia de atendimento ao previdenciário sem o nome do médico, possibilitando dessa forma que a pessoa escolhesse o médico de sua preferência. Voltava à baila a questão da livre escolha.

Em 23 de fevereiro de 1967, a diretoria decidiu criar uma Comissão Jurídica e três nomes foram indicados para integrá-la: Vicente de Paulo Barbosa, Paulo Nímer e José Froes Filho. Este último tornou-se o consultor jurídico da SMC.

Seis meses depois, em 27 de junho de 1967, o presidente Raul de Aguiar Ribeiro levou aos diretores a proposta que havia recebido para assumir o grupo de trabalho da Fundação Regional de Ensino Superior da Araraquarense (FRESA), com o objetivo de instalar e fazer funcionar em Rio Preto a Faculdade de Medicina. Diante da dificuldade que teria para conciliar as duas atividades, além de sua vida profissional, Raul recebeu a orientação para renunciar ao cargo de presidente da SMC, sendo substituído pelo vice-presidente Carlos Eduardo Elias Cabbaz. Ao mesmo tempo, decidiu-se que Oscar de Barros Serra Dória seria o representante da SMC na estrutura da FRESA.

O movimento pela livre escolha atingiu um ponto insustentável em julho de 1967, quando a SMC decidiu, a exemplo da SMC de Araraquara, declarar uma assembléia geral permanente, que foi presidida por Linneu de Alcântara Gil. No dia 17, a SMC fez reunião conjunta com os diretores dos hospitais da cidade, José Arroyo Martins, Deocleciano Funes e Paulo Carneiro, para discutir a paralisação do Pronto Atendimento (PA) do INPS. O coordenador do INPS, Eduardo Silva Araújo, também esteve na reunião e foi o primeiro a usar a palavra, afirmando que havia estado em São Paulo, com os coordenadores da área médica do INPS e que estes lhe haviam dito que o fechamento do PA em Rio Preto era impraticável e que os médicos que nele atuavam eram regidos pelo estatuto do servidor federal. Ele observou ainda que os médicos poderiam ser demitidos com a paralisação, salientando que a SMC não tinha poder para promover o fechamento. Para Araújo Silva, a livre escolha já estava sendo praticada de maneira informal e que a SMC deveria se dar por satisfeita "com o atual estado das coisas". Em seguida, vários argumentos foram colocados em discussão, até que o presidente Carlos Cabbaz quis saber qual atitude deveria tomar a SMC. A resposta foi imediata, com Carlos Roberto Roquette Lima, Edilberto de Araújo e Francisco Sizenando Junior afirmando que o caminho era aplicar as punições decididas no dia 6, quando foi decretada a assembléia permanente. Álvaro Bellini, por exemplo, disse que a partir do dia seguinte não atenderia mais no PA, enquanto Nelson de Carvalho Seixas anunciava seu pedido de demissão do INPS por não concordar com a política adotada pelo órgão. Seixas foi dissuadido pelos colegas, que pediram para ele esperar uma resolução do INPS. Os diretores dos três hospitais também declararam que apoiavam os atos punitivos. Por sugestão de Antonio Roberto Ismael, a SMC decidiu adotar três medidas informativas: 1) cientificar os colegas funcionários do INPS de que as medidas punitivas teriam início a partir do dia seguinte contra aqueles que não cooperassem com a SMC; 2) que a fiscalização seria feita por intermédio de protocolos assinados; e 3) dar conhecimento a todos os diretores de hospitais das cidades vizinhas pertencentes à regional de Rio Preto sobre essas medidas punitivas, alertando-os que também estavam sujeitos às penalidades existentes. Participaram dessa reunião de embate com o INPS os médicos Carlos Cabbaz, presidente interino da SMC; Linneu Alcântara Gil, que presidia a assembléia permanente; Eduardo Silva Araújo, coordenador geral do INPS; Leonardo Lania, Bolívar Vidal, José Arroyo Martins, Deocleciano Funes, Paulo Carneiro, Aniloel Nazareth Filho, Cleo Oliveiro Roma, Álvaro Bellini, Irineu Sanches, Joaquim Nagamine, Edilberto Araújo, Luiz Bonfá, Francisco Sizenando Junior, Nelson Seixas, Ivan Rollemberg, Lauro Ribeiro, Roquette Lima, Neon de Mello e Oliveira, Antonio Cury, Waldemar Mano Sanches, Emirene M. T. Navarro da Cruz, João Freitas, Antoine Younes, Antonio Roberto Ismael, João Roberto Antonio, Fred Navarro da Cruz, Newton Cucolicchio, Nélvio Pala e Oscar Dória.

Continuando a assembléia permanente, a SMC voltou a se reunir no dia 19 e vários médicos que não estiveram presentes na última agora compareceriam para reforçar ainda mais a posição da SMC contra o PA do INPS: Radovir Antonio dos Santos, Mello Mendes, Sylla Pardo, Amadeu Menezes Lorga, Antonio Pedro de Pádua, Milton Dias, José Neves Araripe, José Tarraf Filho e Hubert Richard Pontes. Logo de início, Carlos Cabbaz anunciou que o INPS havia redigido um documento que obrigava os médicos que eram seus funcionários, a se declararem a favor ou contra o atendimento no PA. Eduardo Silva Araújo disse que a determinação havia vindo de São Paulo e que a

recalcitrância da SMC poderia causar a demissão de pelo menos vinte médicos se eles insistissem em não dar as consultas. Sizenando Junior lembrou aos colegas que, na assembléia geral do dia 6, todos os médicos sabiam qual seria a atitude do INPS e que, diante disso, os médicos haviam pesado as conseqüências de sua decisão. Para ele, qualquer atitude contrária às decisões do dia 6 jogaria a classe médica no descrédito. Silva Araújo chegou a propor que a SMC esperasse as modificações que o INPS estava estudando, mas Radovir Antonio dos Santos disse que qualquer decisão contrária àquela adotada só poderia ser levada a efeito por meio de uma outra assembléia geral. Carlos Cabbaz encerrou a reunião anunciando uma nova assembléia para o dia 22, para definir todas as questões.

Vencidos os problemas com o INPS e a livre escolha, as consultas e triagens no PA, com nova diretoria, agora presidida por Radovir Antonio dos Santos, eleito para substituir Raul de Aguiar Ribeiro, a SMC voltou a discutir, em 22 de agosto de 1967, a instalação do clube médico, a mais antiga aspiração dos sócios, por várias vezes aventada e nunca levada a efeito. Nessa noite, a diretoria autorizou o presidente Radovir a tomar as medidas necessárias para apresentação de propostas concretas. Na esteira do assunto, a diretoria aprovou por quatro votos a favor e três contrários (Domingo Braile, Leonardo Lania e Nélvio Pala) a permissão do jogo, sob a coordenação de Fuad Mimessi, em caráter experimental, pelo período de dois meses. Logo na reunião seguinte, em 21 de setembro, Carlos Cabbaz sugeriu que se fizesse a reforma da sede social, enquanto o presidente sugeria a compra de um terreno para o clube médico. Por fim, ficou decidido que Cabbaz apresentaria um plano para a reforma, que seria feita ou não se houvesse verba para tal. No mês seguinte, no dia 26, foi lido o regulamento do clube médico, que na verdade, resumia-se a jogos de carteado, sob a responsabilidade de Fuad Mimessi. Como só poderiam ter acesso aos jogos os sócios da SMC, a diretoria discutiu e criou a figura do "sócio convidado" ou, simplesmente, "o convidado do clube médico", que poderia entrar e participar dos jogos na sede social. No dia 16 de novembro, ao fazer um balanço da renda dos jogos, a diretoria descobriu que a parte da SMC, em dois meses, era de NCr$ 515,00. Era uma renda considerável, levando-se em conta que o balancete geral da SMC apontava um saldo total de NCr$ 3.960,60. Isto significava que os jogos haviam rendido para os cofres da SMC, em dois meses de experiência, o equivalente a quase 15% da renda total auferida ao longo dos anos de contribuições dos médicos associados. Ao discutir sua continuidade, Carlos Cabbaz se declarou favorável à existência do "clube médico (jogo), pois o mesmo tem dado mais movimento à sede". Domingo Braile disse que o aluguel dos salões usados para o jogo daria uma renda superior a NCr$ 700,00, portanto, bem superior à apurada com a jogatina. No final, a diretoria decidiu manter o jogo por mais seis meses e criar uma comissão para fiscalizá-los.

Também em novembro de 1967, a diretoria decidiu retomar a impressão da revista médica, com o presidente Radovir indicando os colegas João Anacleto, Edilberto de Araújo e Aluízio Mendonça Costa para formarem a comissão editorial e mais uma comissão científica que deveria analisar os artigos a serem publicados. No dia 21, foi apresentado o novo regulamento da revista, criando o Conselho de Redação, com quatro membros e, para preencher dois lugares que se encontravam vagos, foram indicados João Roberto Antonio e Edson Gomes. Para o cargo de diretor comercial, foi contratado Fuad Mimessi, experiente diretor de publicidade de várias rádios paulistas e rio-pretenses.

Ainda em novembro, Radovir dos Santos lembrou de mais um sonho antigo dos associados da SMC: a construção de um clube de campo. Era diferente do clube médico. Ele propôs a compra de uma chácara de propriedade de Gilberto Lopes da Silva, com três alqueires e distante da cidade cerca de seis quilômetros e com telefone instalado. O assunto, mais uma vez, não prosperou.

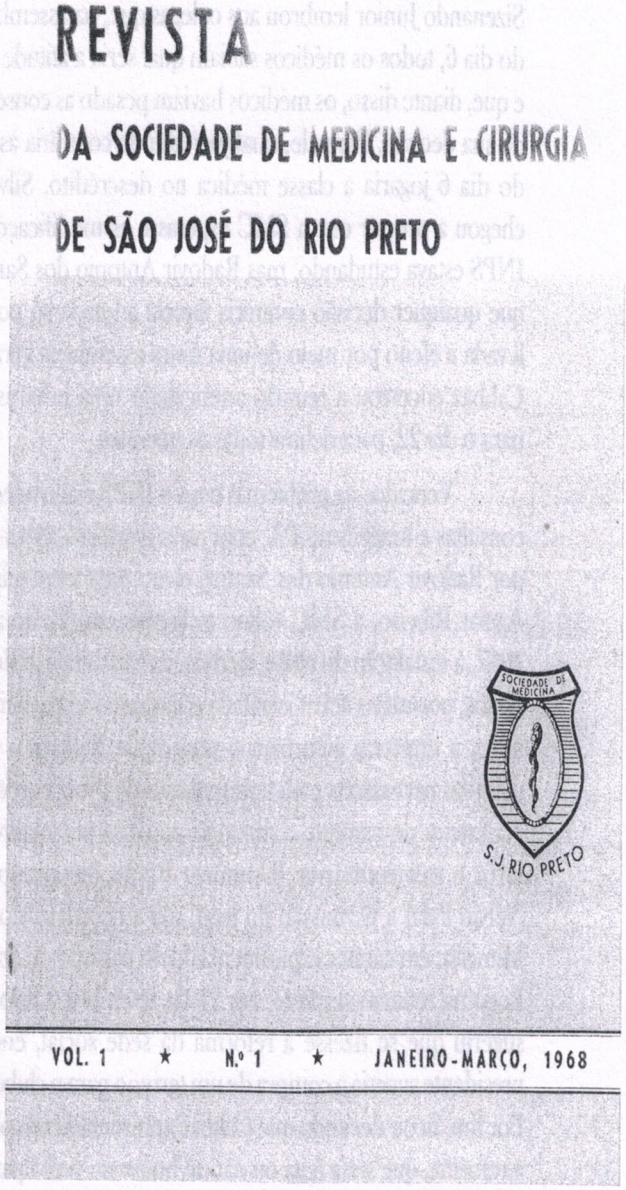
A SMC entrou o ano de 1968 discutindo atendimento e livre escolha do INPS, dessa vez em Mirassol, onde os médicos e o agente credenciado do governo não estavam se entendendo. No dia 29 de janeiro de 1968, a diretoria recebeu o coordenador interino do INPS, Hubert Richard Pontes, para discutir uma série de pontos relativos aos atendimentos na cidade e à ampliação do PA, e a questão de Mirassol. Outra polêmica surgiu envolvendo o prefeito Lotf João Bassitt que acabou sendo declarado, em 9 de fevereiro, "persona non grata" na SMC por ter tratado de maneira intempestiva uma questão envolvendo um colega de profissão e por se ter colocado contra a instalação da Faculdade de Medicina, contra a Santa Casa e contra a FRESA. O voto de "persona non grata" foi aprovado por unanimidade. Nessa mesma noite, em reunião que teve início às 22 horas, a diretoria decidiu ceder todos os livros e revistas da biblioteca à Faculdade de Medicina, para facilitar a consulta pelos alunos, incentivar seus estudos e atender a determinações do Ministério da Educação (MEC). Na sede, só ficariam os livros e as revistas adquiridos no decorrer do ano e que seriam doados para pesquisas de alunos e professores no início de cada ano. Fazendo parte do esforço

coletivo dos rio-pretenses pelo funcionamento do curso médico, a SMC doou, em junho de 1968, cadeiras e utensílios solicitados pelos dirigentes da faculdade.

Ainda em fevereiro, o presidente Radovir dos Santos colocou em pauta a reforma da sede social, mas foi interpelado pelos colegas Carlos Cabbaz e Antoine Younes, que declararam ser contra a reforma e opinaram que se deveria concentrar todos os esforços para a compra de um alqueire de terra e construção de uma nova sede com espaço para todos os esportes, ou, então, deveria se estudar a construção de uma nova sede. No início do segundo semestre, a SMC já estava em franca campanha pela construção do clube de campo e reforma da sede. No dia 10 de setembro, o presidente Radovir dos Santos anunciou que a Santa Casa havia doado à SMC, para implantação do clube de campo, um alqueire de terra. Não houve uma doação na verdadeira acepção da palavra, mas sim uma compensação que beneficiou toda a categoria. A Santa Casa devia para os médicos parcelas de pagamento do Funrural (programa de atendimento e assistência médica do governo federal dirigido para trabalhadores rurais). Do montante do pagamento de cada atendimento, parte ficava com o hospital e parte com o médico; entretanto, a Santa Casa, quase sempre em crise financeira, foi acumulando dívida com os médicos por conta da parcela do Funrural. O presidente da SMC, Radovir dos Santos, em nome de toda a categoria médica, cobrou o pagamento das parcelas e a Santa Casa propôs quitar a dívida com o repasse de um alqueire para a construção da sede nova. Radovir aceitou, pois a proposta beneficiaria todos os médicos, do presente e do futuro.

A SMC continuava, em 1968, sendo a caixa de ressonância dos problemas e dos anseios dos médicos rio-pretenses e da região. Tanto que, em 2 de julho, a diretoria discutiu com os diretores dos hospitais e laboratórios a nova tabela de honorários e classificações hospitalares do INPS. Um dos pontos mais graves da questão foi discutido e decidido que seriam denunciados todos os convênios com empresas que tinham vínculos com o INPS, pois feriam a livre escolha e prejudicavam o próprio INPS na distribuição de verbas.

A SMC atingiu, no final da década de 1960, tal respeito entre médicos e instituições correlatas que, em 21 de novembro o próprio INPS a ela recorreu para denunciar médicos que estariam desviando pacientes previdenciários para suas clínicas particulares. A denúncia foi encaminhada para a comissão de defesa de classe. Os dois médicos envolvidos pela denúncia foram ouvidos pela comissão, que apurou a cobrança de sobretaxa por internação em quarto padrão. Foram advertidos verbalmente.



Capa da primeira edição da Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia, em 1968

Em 2 de janeiro de 1969, o presidente Radovir dos Santos apresentou à diretoria um plano para troca do terreno doado pela Santa Casa por um terreno da FRESA, nos fundos na Faculdade de Medicina. Ele explicou que, aparentemente, a FRESA levaria vantagem na permuta, porém, fez ver que a troca era conveniente para a SMC. Outros colegas argumentaram que havia informações de que a Prefeitura pretendia abrir várias ruas que retalhariam o terreno vindo da Santa Casa, prejudicando o projeto de construir a sede e os espaços esportivos.

Nessa reunião, também foi eleito o novo conselho de redação da Revista da SMC, integrado por Jorge Menezes, Leonardo Lania, Sinsei Toma e Waldir Tognola. Para o cargo

de editor, foi indicado e aprovado João Roberto Antonio. Domingos Braile defendeu a idéia de que a SMC deveria realizar um congresso médico. A diretoria colocou em discussão a conveniência de se fazer esse congresso em parceria ou não com a APM.

No dia 2 de fevereiro de 1969, a SMC foi palco de uma reunião importantíssima para a história da medicina rio-pretense: definir o futuro do "Hospital da Real Beneficência Portuguesa" (Infante D. Henrique). A primeira iniciativa do presidente Radovir foi esclarecer o que era verdade e o que era boato no emaranhando de informações sobre o hospital. O primeiro deles era a de que o INPS pretendia arrendar uma parte do hospital da Beneficência para instalação do Serviço de Pronto Atendimento (SPA), que, em outras palavras, significava a possibilidade de implantação de um hospital público, o que não era visto com bons olhos pelos hospitais em funcionamento e para boa parte dos médicos rio-pretenses. Wilson Daher, coordenador do INPS e um dos diretores da SMC, foi convidado para expor a situação e disse que não havia recebido nenhuma orientação ou comunicação superior sobre o caso e que, a seu ver, o que existiam eram apenas boatos sobre o funcionamento do SPA. José Arroyo Martins informou que a situação da Beneficência era financeiramente muito crítica, com uma dívida em torno de Cr$ 300 milhões, e que havia um movimento, inicialmente da FRESA e depois de um grupo de médico, para arrendar o hospital. Afiz Nassif rebateu a informação dizendo que a dívida real deveria girar em torno de Cr$ 500 milhões. Amadeu Lorga informou que havia estado com o diretor da Beneficência, Antonio Teixeira Correa Leite, e esse lhe havia informado que existiam duas propostas verbais de arrendamento, uma do INPS e outra da Santa Casa, mantendo a administração e o nome atuais do hospital. Lorga disse que a Beneficência tinha necessidade urgente de uma injeção de caixa na ordem de Cr$ 100 milhões para resgatar uma dívida com o Comind. Arroyo Martins propôs que se formasse uma sociedade anônima, com venda das ações para um grupo de médicos, para arrendar a Beneficência sob o controle da SMC. Domingo Braile, diretor clínico do hospital da Beneficência, foi convidado a falar e disse que não interferiria na questão administrativa, limitando-se a dirigir a parte clínica; entretanto, sabia que Correa Leite era o único diretor interessado no hospital, porque os demais diretores haviam abandonado a direção por causa da dívida de curto prazo que atingia a casa dos Cr$ 100 milhões. Braile informou também que a Beneficência tinha 900 sócios remidos que não pagavam pela tabela do DNPS quando ficavam em quarto padrão. Havia também 900 contribuintes e 70 sócios honorários. Deocleciano Funes apresentou uma proposta para a SMC assumir a administração do hospital. Diante da quantidade de propostas e das informações, Radovir dos Santos decidiu formar uma comissão, integrada por José Arroyo Martins, Afiz Nassif, Amadeu Lorga, João Freitas, Nélvio Pala e Hagope Yacobian, representando os hospitais de Mirassol, para estudar a viabilidade da proposta feita por Funes. Paulo Macedo Garcia, por sua vez, informou que a Santa Casa havia feito uma contraproposta à Beneficência, todavia abriria mão se a SMC assim o desejasse. Diante disso, a diretoria e os médicos reunidos decidiram aguardar as negociações da Santa Casa com a Beneficência. Esse assunto nunca mais voltou a ser discutido na SMC. O que se sabe é que, ao deixar a presidência da Beneficência Portuguesa, em 25 de janeiro de 1970, Correa Leite entregou à nova diretoria, encabeçada pelo vice-presidente Antonio Maria Gaspar, um patrimônio estimado de Cr$ 1,5 milhão, segundo registraram Dinorath do Valle e Walter do Valle no livro "Monumento à Vida", que narra a história da Sociedade Beneficência Portuguesa, lançado em 1997. Para afugentar as dívidas, Correa Leite contou com empréstimos junto ao Banco Português do Brasil e da Caixa Econômica Federal, sob a presidência de Paulo Salim Maluf, por apresentação do deputado José Jorge Cury.

A abertura do SPA do INPS foi confirmada finalmente em março de 1969 e os médicos foram convocados para fazer novo credenciamento. Para discutir o assunto e orientar os colegas, o coordenador Wilson Daher participou de reunião extraordinária em 27 de março. A SMC e os representantes dos hospitais e serviços auxiliares chegaram à conclusão que o credenciamento obrigatório e a abertura do SPA seriam prejudiciais para os hospitais e classe médica e que, diante disso, seria repetido o movimento de 1967, com fechamento dos hospitais e suspensão do atendimento aos previdenciários. Para assegurar o sucesso do movimento, a SMC e seus associados acordaram que o médico que contrariasse a determinação firmada teria vetado o atendimento de seus pacientes nos hospitais e serviços auxiliares, em contrapartida o médico do INPS que fosse punido teria solidariedade irrestrita da SMC, dos colegas e dos hospitais e serviços. Dias depois, em 29 de abril, nova reunião discutiu o credenciamento dos serviços auxiliares.

No dia 28 de julho, voltou à cena o funcionamento do SPA, e Wilson Daher leu para os diretores as novas resoluções da coordenação estadual do INPS. Os presentes confirmaram que continuava valendo a decisão tomada em março.

O terreno onde hoje se encontra a sede da SMC

Independente do SPA, os médicos, hospitais e serviços auxiliares tomaram ciência de que estava terminantemente proibida qualquer cobrança de diferença ou sobretaxa de pacientes atendidos em quarto padrão. Na verdade, a implantação do SPA tornou-se inexorável e a luta dos médicos, dos hospitais e dos serviços auxiliares contra as inovações advindas da criação do INPS e surgidas das necessidades nacionais foi aos poucos arrefecendo e outras preocupações foram tomando conta das atividades da SMC.

Em 7 de julho de 1969, por exemplo, a SMC anunciou a realização de uma assembléia geral para angariar recursos financeiros para a realização do Congresso Médico do Oeste Paulista e custear as obras do clube médico, também chamado de clube de campo. Por sugestão de Domingo Braile, os dois assuntos foram separados para discussão e solução. As obras do clube médico demandavam tempo e altos recursos financeiros e a diretoria de Radovir Antonio dos Santos tinha como meta promover a sua inauguração e iniciar um novo tempo para a instituição.

No dia 18 de outubro, dia de São Lucas, o santo padroeiro dos médicos, o presidente Radovir Antonio dos Santos realizou a primeira reunião no clube de campo. As comemorações tiveram início na sexta-feira com a celebração de uma missa na igreja da Redentora e inauguração dos retratos dos colegas falecidos, na "Galeria da Saudade", entronizando as fotografias de José Mendes Pereira e Antonio Pedro de Pádua. No sábado, foram realizados um jogo de futebol e um jantar, momento em que se deram algumas homenagens, com Raul de Aguiar Ribeiro saudando os homenageados: Aniloel Alves Nazareth, que recebeu título de sócio benemérito e sócio remido; Ernani Pires Domingues, João Deoclécio da Silva Ramos e José Maria Rollemberg Sampaio, que receberam os títulos de sócios remidos. Edmundo Cabral Botelho e Sellmann Nazareth, que também seriam homenageados com a entrega de seus títulos, não puderam comparecer por motivos de força maior. Coube ao fundador, ex-presidente e diversas vezes orador da SMC, João Ramos, fazer a saudação em nome dos homenageados. Após as homenagens, Radovir dos Santos fez uma ampla prestação de contas sobre a construção do clube de campo: a) área totalmente cercada; b) construção do portão de entrada com guarita; c) perfuração do poço artesiano; d) barracão de alumínio; e) obras de terraplanagem do campo de futebol e da quadra de vôlei e basquetebol; f) casa do zelador, funcionando como vestiário; g) iluminação elétrica provisória feita pelo colaborador Luiz Volpe e h) diversas pranchas de arte com o projeto da futura sede social da SMC idealizada pelos arquitetos José Carlos de Lima Bueno e Ezio Glacy de Oliveira.

No dia 1º de abril de 1970, a diretoria incumbiu João de Freitas com a tarefa de construir a Casa do Médico, com as alterações feitas na planta original, reduzindo de 2.000m² para 1.000m² a área construída.

No final do mês, no dia 30, em reunião extraordinária e conjunta com representantes dos hospitais e serviços auxiliares de saúde, foi discutida como assunto principal apresentado pelo presidente Radovir Antonio dos Santos, "a idéia de fundação de uma cooperativa médica, a exemplo de Santos, sem finalidades lucrativas, na base de formação de convênios com empresas ou mesmo com pessoas". O secretário leu para os diretores os modelos das cooperativas de Santos e Campinas, ambas denominadas "Unimed". O assunto foi amplamente debatido e acabou prevalecendo a sugestão de se convidar Edmundo Castilho, de Santos, considerado profundo conhecedor do funcionamento da Unimed daquela cidade, para vir a Rio Preto expor aos médicos interessados toda a dinâmica de funcionamento desse modelo de cooperativa de serviços médicos. No dia 26 de maio, a diretoria informou que a fundação da Unimed de Rio Preto aconteceria na próxima sexta-feira, dia 28, com assinatura dos sócios fundadores, abrindo um interstício de uma semana, a findar na sexta-feira, dia 4 de junho, para a eleição da primeira diretoria. Na reunião seguinte, em 11 de junho, a diretoria deu ciência da eleição da diretoria da Unimed, com Mário Valadão Furquim sendo eleito seu primeiro presidente; Edgard Beolchi, superintendente; Amadeu Lorga, secretário; Tácio de Barros Serra Dória e Domingo Marcolino Braile, primeiro e segundo tesoureiros; a comissão técnica foi formada por Gilberto Lopes da Silva Filho, Hagope Yacubian, José de Seixas, João Tajara da Silva Filho e Cleo Oliveiro Roma. O conselho fiscal foi integrado por Ivan Valle Rollemberg, Luiz Bonfá e Oscar Marcelo da Silva Dória, tendo como suplentes Aldemir Bilaqui, Irineu Sanches e Edson Gomes.

Também no dia 11, os diretores da SMC discutiram e aprovaram um empréstimo de Cr$ 80.000,00, junto ao Departamento de Previdência da APM, para complementação das obras da Casa do Médico, oferecendo em hipoteca a sede social do centro da cidade. As obras foram viabilizadas e, mais tarde, por interferência de Ivan Rollemberg, que presidia a SMC e o Departamento de Previdência da APM, as duas diretorias chegaram a um acordo sobre a dívida: o imóvel da Casa do Médico tornou-se propriedade da APM e o empréstimo anulado. A participação da APM na construção da nova sede da SMC foi fundamental para a diretoria de Radovir Antonio dos Santos, que contou com o apoio total e irrestrito do presidente Ítalo Domingos Le Voci, e de Nicolau Oppide Sobrinho, superintendente.

A nova sede foi inaugurada no dia 25 de agosto de 1971, com a realização do XX Congresso Médico Regional da APM e do II Congresso Médico do Oeste Paulista. Para abrir os congressos, foi convidado o professor Carlos Silva Lacaz, secretário de Higiene e Saúde da Prefeitura de São Paulo, para ministrar conferência sobre "Humanização da Medicina". No dia seguinte, a primeira palestra do programa foi proferida por Pedro Kassab, presidente da AMB, abordando o tema "A Organização da Assistência Médica e suas Perspectivas". Entre os vários palestrantes de renome, destacavam-se Ítalo Domingos Le Voci, presidente da APM, João Gilberto de Souza, presidente da Associação Médica de Minas Gerais, José Aristodemo Pinotti, Paulo Fratelli, Acron J. Diamant, e Jeber Juabre, fundador da Unimed de Campinas. Naqueles dias em que os rio-pretenses faziam fila no Cine Ipiranga para ver *O Homem que eu Amo,* com Jean-Paul Belmondo e Annie Girardot, os médicos reunima-

se paa aprender mais e para inaugurar um espaço sonhado havia tempos por uma plêiade de colegas desde os distantes anos da segunda metade da década de 1920, abrindo, assim, uma nova página na história da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto.

A sede antiga, palco de tantas festas e de muitas conferências científicas, foi alugada. O glamour dos anos de 1950 e 1960 ficou na memória dos médicos que a freqüentaram. Aniloel Nazareth Filho lembra que quando era estudante freqüentava as reuniões da SMC acompanhando seu pai. "Meu pai era freqüentador assíduo e como a SMC não tinha sede as reuniões aconteciam no salão da Prefeitura, ali na esquina da Jorge Tibiriçá com a Voluntários de São Paulo, onde hoje está o Banco do Brasil", relembra Aniloel Filho. Seu pai correu livro de ouro na cidade para levantar fundos para a construção da sede na rua Marechal Deodoro, recordando que foi rifado um automóvel importado Mercury.

Aniloel Filho casou-se com Rachel Macedo Caron Nazareth, também formada em Medicina. O casal decidiu morar em São José do Rio Preto. Chegaram de mudança em 1952, quando Mário Valadão Furquim iniciava sua presidência pela segunda vez, e tiveram a oportunidade de protagonizar a inauguração do retrato de Aniloel Alves Nazareth na galeria de presidentes. "O salão da sede foi palco de muitas festas; festas de casamento, bailes, recitais de pianos..." lembra a Dra. Rachel, afirmando que "apesar da beleza do salão e da sede, a SMC não tinha dinheiro e quando vinham as personalidades convidadas sempre esbarrávamos no mesmo problema: a falta de dinheiro". Foi dela a idéia que resolveu o problema: levar o convidado para almoçar e jantar na casa de um médico; sempre o médico da respectiva especialidade da personalidade convidada. Ela lembra da visita de Plínio Bove e Euríclides Zerbini, que vierem acompanhados de suas mulheres. "Nós as recebíamos, preparávamos o jantar, passeávamos com elas, formávamos, na verdade, uma grande família" disse Rachel Nazareth, que mais tarde presidiu o Departamento Feminino da SMC por dezesseis anos.

A SMC também está presente nas boas lembranças de Manoel Cavalcanti Albuquerque, informando que "na realidade, eu nasci dentro da SMC". Seu pai também era médico, foi sócio de João Tajara da Silva e era freqüentador assíduo da SMC, gosto que passou para o filho, que argumenta: "o Clube Médico supre uma necessidade não só do médico enquanto profissional, mas principalmente como o ser humano que é, que precisa sair da rotina, vivenciar a parte social, a parte cultural, ter uma atividade esportiva, afinal, na vida é preciso ter um pouco de cada coisa, é preciso dosar, nem tudo doce nem tudo amargo". Ele se recorda de quando começaram as obras da sede atual e do quanto o local era afastado do centro. "Não havia casas por perto e hoje é um jardim no meio da cidade, com bons gramados, muitas árvores, bem cuidado... minha freqüência é muito prazerosa", diz Cavalcante.

A médica Lydia Buchalla Bagarelli que chegou a Rio Preto em 1955 e encontrou tempos difíceis para organizar sua carreira como ginecologista, numa época em que só havia outra mulher na profissão, a Dra. Ivone Xavier Funes, lembra que a SMC sempre teve papel preponderante na medicina rio-pretense, lugar onde venceu o medo de falar em público e fez sua primeira conferência sobre colpocitologia (teste de Papanicolau). Ela foi pioneira nesse tipo de exame em São José do Rio Preto, antecipando-se em alguns anos aos laboratórios que só mais tarde tiveram a iniciativa de fazer os exames colpocitológicos. Por conta desse pioneirismo, a Dra. Lydia esteve duas vezes na SMC fazendo palestra e, também, por duas vezes, foi homenageada pelos colegas.

Aluno do professor e especialista em medicina tropical Luiz Pereira Barreto, o médico Nélvio Pala formou-se em 1953, na Escola Paulista de Medicina, e cinco anos mais tarde já estava clinicando em São José do Rio Preto. Ingressou na SMC, onde foi tesoureiro e da qual foi freqüentador assíduo durante muitos anos. "Sempre fui muito ligado à SMC, inclusive fui fundador da Unimed, que surgiu lá dentro. A SMC sempre teve um ambiente muito bom em matéria de relacionamento e sempre contou com grandes figuras, pessoas que fizeram a história na medicina de Rio Preto, como Mário Furquim, Oscar Dória e tantos outros que nem me dá vontade de lembrar de tanta saudade..."

Ricardo Dória formou-se em medicina em 1971, no mesmo ano em que Radovir Antonio dos Santos promovia a inauguração da nova sede da SMC, mas ele lembra que desde menino a freqüentava na rua Marechal Deodoro, acompanhando o pai, Oscar de Barros Serra Dória. Filiado à SMC, que freqüenta até hoje, ele ocupou vários cargos de direção: vice-presidente, tesoureiro, secretário, presidente de defesa de classe e do departamento de cirurgia. Ele considera a SMC importante para o médico a ponto de defender a idéia de que todo médico para ser aceito na Unimed deveria ter como condição *sine qua non* ser associado da SMC, lembrando que no passado a instituição conseguiu unir "todos os médicos em torno de uma causa comum, como por exemplo a luta contra as mudanças das normas do INPS".

Neon de Mello e Oliveira nunca fez parte de nenhuma diretoria da SMC, apesar de freqüentá-la desde criança. Seu pai, Synésio de Mello e Oliveira, presidiu a SMC três vezes (1940/

41, 1945/46 e 1949/50) e seu irmão Helion de Mello e Oliveira foi presidente em 1965. Neon diz que sempre atuou na SMC, na retaguarda, nunca num cargo específico de diretoria. Presidiu algumas vezes o Departamento de Otorrinolaringologia, porém não considera isso como cargo de diretor. Ele tem boas e fortes recordações da sede antiga: "o prédio tinha dois pavimentos, no térreo tinha a parte social e no andar de cima tinha o anfiteatro; nesse andar de baixo tinha um pequeno bar, um salão de snooker, uma pequena biblioteca e algumas salas onde o pessoal se reunia pra jogar baralho; outros passavam lá à tarde para tomar um cafezinho e colocar a conversa em dia", reforçando que o forte da SMC era "a parte científica, eram as palestras, as conferências que permitiam aumentar o cabedal de conhecimento de cada um".

As palestras, segundo Neon, atraíam a atenção de todos os médicos, lembrando que naquela época, nos anos 60, não existia uma nítida separação de especialidades, o que permitia que todos os médicos comparecessem às palestras independentemente da sua especialidade. "Eu, por exemplo, sou especialista titular de otorrinolaringologia, mas ia a palestras que abordavam a questão da hepatite; isto é, o médico não ia para ouvir uma palestra sobre a sua especialidade mas sim para ouvir sobre a prática de medicina, sobre a prática médica", diz Neon, que se formou em 1959, frisando que "o importante era o conhecimento".

Ao mudar sua sede para a Alameda Oscar de Barros Serra Dória, a SMC fechou um ciclo de sua profícua existência. O imóvel, na rua Marechal Deodoro, construído sobre terreno doado pelo médico alemão Fritz Jacobs e sua mulher, Ana, foi alugado e espera, para breve, um destino mais grandioso do que apenas pertencer à memória de um grupo de médicos que o frequentavam e cujo número diminui a cada ano que passa. Assim sonhava o casal Jacobs quando fez a doação inalienável.

O Dr. Radovir Antonio dos Santos coloca a pedra fundamental da sede da SMC, observado por Daud Jorge Simão, Dr. Domingos Le Vocci e Dr. Luiz Bonfá

Cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Casa do Médico em 1969. O Dr. Domingos Italo Le Vocci, presidente da Associação Paulista de Medicina, dá entrevista ao repórter João Albano, acompanhado dos Drs. Raul de Aguiar Ribeiro, Lino Braile, Nicolau Oppido Sobrinho, diretor do Departamento de Previdência da APM, Luiz Bonfá, tesoureiro da SMC, e Antonio Lopes dos Santos Filho

O presidente da SMC, Radovir condece entrevista sobre a futura sede, ao repórter dialista João Albano, e observado pelo Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, pelo Prof. Daud Jorge Simão, o funcionário da SMC, Alcides, e a funcionária Cidinha (atrás, de óculos)

Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, fala em entrevista, no lançamento da pedra fundamental da Casa do Médico. Atrás, vêem-se os Drs. Nicolau Oppido Sobrinho e Edgar A. Beolchi

Os convidados chegam para o lançamento da Pedra Fundamental

NOTICIÁRIO

CASA DO MÉDICO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO

No dia 7 de março de 1970, foi lançada a pedra fundamental da Casa do Médico de São José do Rio Prêto, em solenidade que contou com a presença de ilustres dirigentes da classe médica paulista. A saber: Prof. Italo Domingos Le Vocci, Presidente da APM; Dr. Nicolau Oppido Sobrinho, Presidente do Departamento de Previdência da APM; Dr. Roberto Pasqualin, Tesoureiro da APM; Dr. Lauro Barros Abreu, Presidente da Comissão Científica da APM; Dr. Henrique Arouche de Toledo, Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP); Dr. Carlos Tasso, Secretário do CREMESP e os Conselheiros Dr. Fábio Doria do Amaral e Antônio Gouveia Giudice. Presente também o Dr. Aluisio Cherubini, Vice-Prefeito Municipal e Secretário do Govêrno e o Professor Daud Jorge Simão, Secretário da Educação da Prefeitura Municipal e Presidente da Fundação Riopretense de Ensino Superior da Araraquarense (FRESA).

A Casa do Médico de São José do Rio Prêto foi projetada pelos arquitetos riopretenses, Dr. José Carlos de Lima Bueno e Dr. Esio Glacy, será construída sob os auspícios do Departamento de Previdência da APM, que aplicará na construção a importância de duzentos mil cruzeiros, ou seja 3/4 do valor orçado do imóvel. O restante será coberto com recursos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Prêto.

A Casa do Médico de São José do Rio Prêto que será levantada na área onde se está construindo o Clube Médico, terá incialmente 800 m2 de construção, com possibilidade de ampliações futuras.

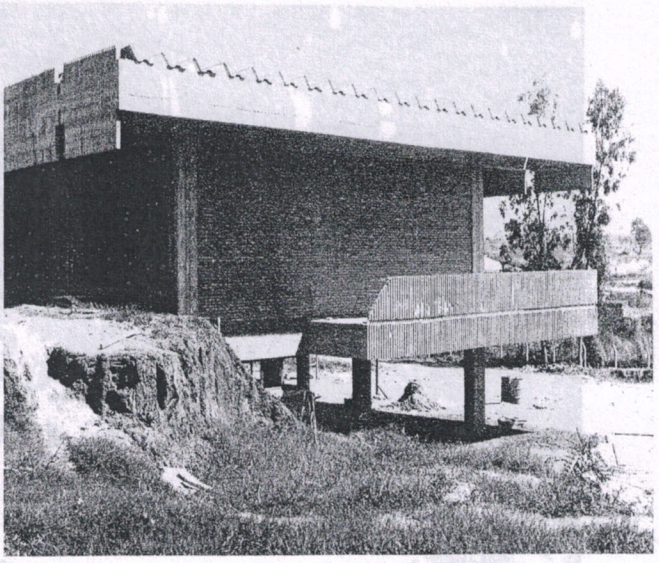
Seu término está programado para o segundo semestre de 1971.

Para supervisionar, em seu nome, as obras, a Diretoria da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Prêto, delegou poderes ao colega Dr. João Freitas, levando em conta suas qualidades pessoais e experiência em construção.

PROF. ITALO DOMINGOS LE VOCI — Presidente da APM e DR. NICOLAU OPPIDO SOBRINHO — Presidente do Departamento de Previdência da APM — discursando por ocasião do lançamento da pedra fundamental da Casa do Médico.

A Casa do Médico em construção

Os alicerces da Casa do Médico em 1969

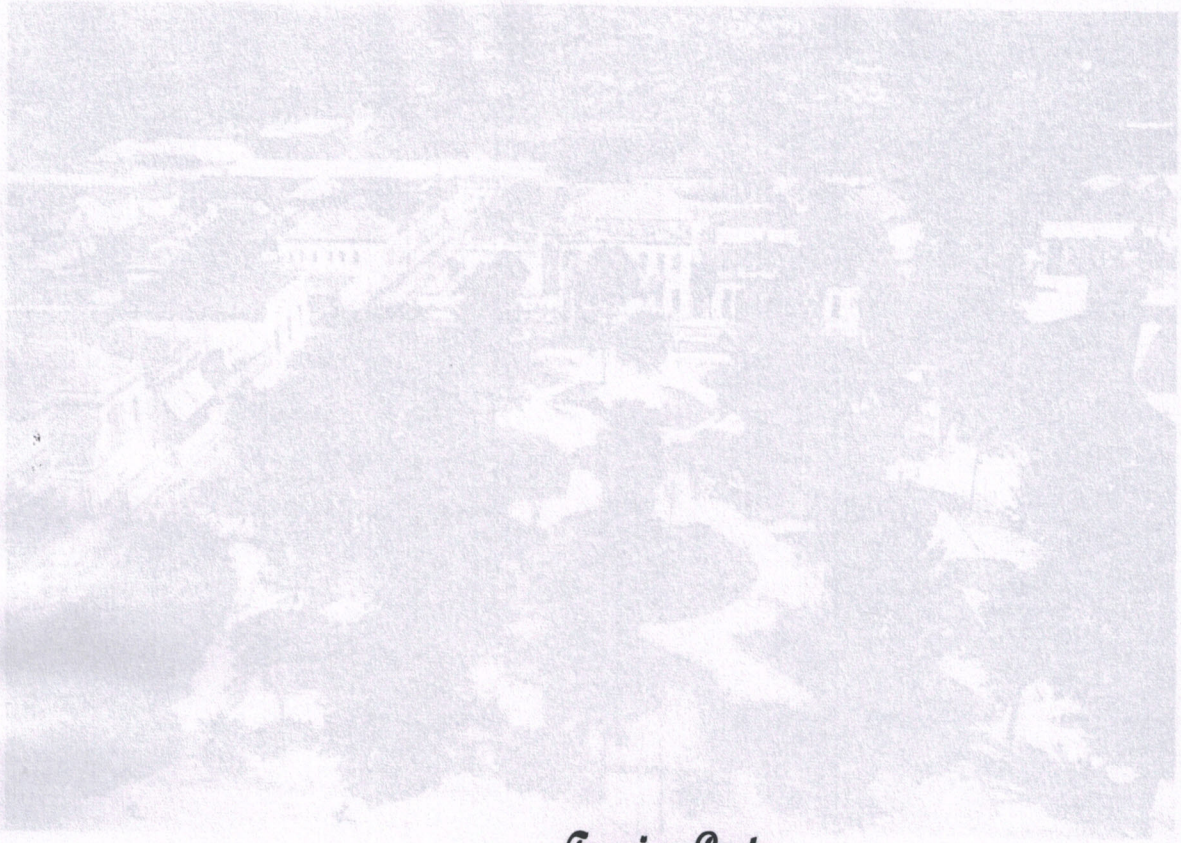


Diversas fases da construção da Casa do Médico entre 1970 e 1971

Dr. Nicolau Oppido Sobrinho dando por inaugurada a Casa do Médico. Na mesa, Radovir A. Santos, Ítalo Domingos Lê Vocci, Adail Vettorazzo, Raul de Aguiar Ribeiro, Cléo Oliveiro Roma, Armando Casseb, Arlindo Antonio dos Santos, Venceslau Botelho, Luiz Gonzaga Moreira e o reporter Adib Muanis

Solenidade de inauguração com a presença de médicos, autoridades e convidados especiais

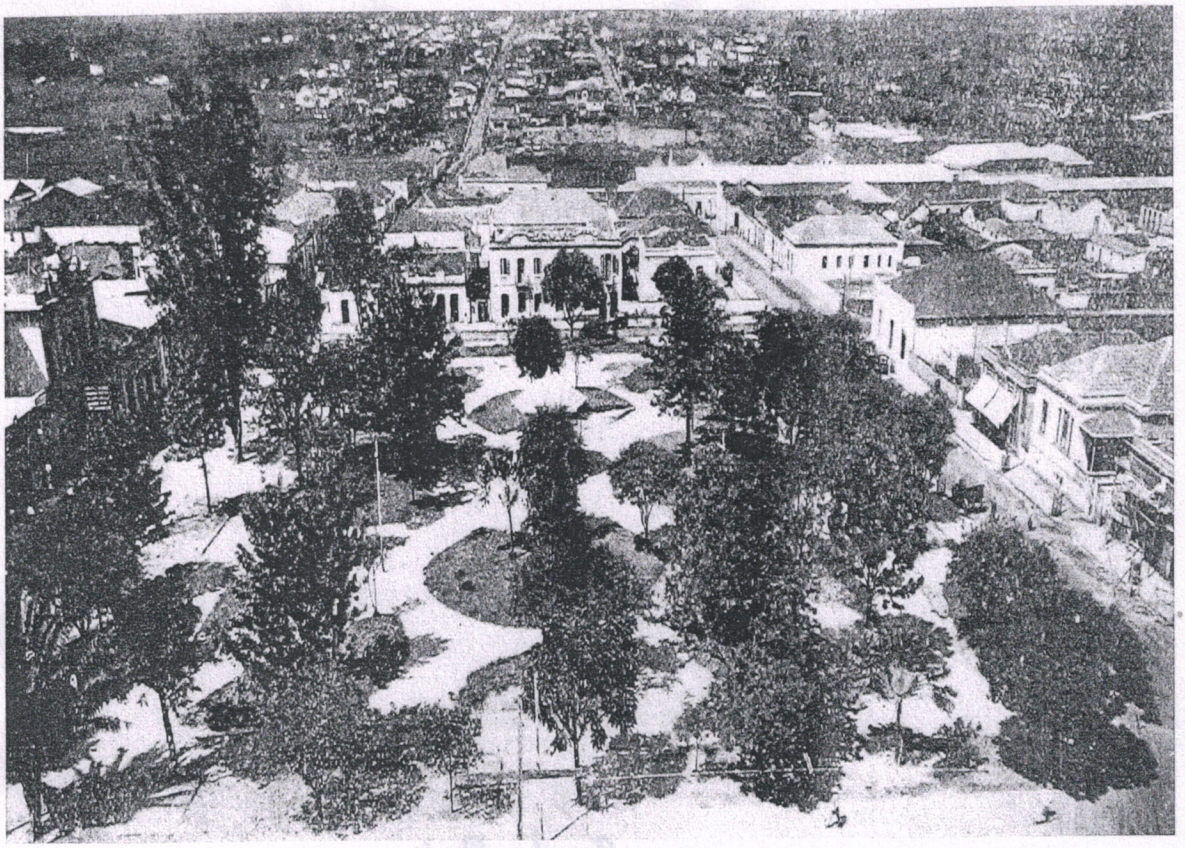
Os engenheiros responsáveis pela construção da Casa do Médico (SMC), José Carlos de Lima Bueno e Ésio Glacy de Oliveira ladeados por Eduardo Boskovitz e Rubens Muanis



Terceira Parte

Lelé Arantes

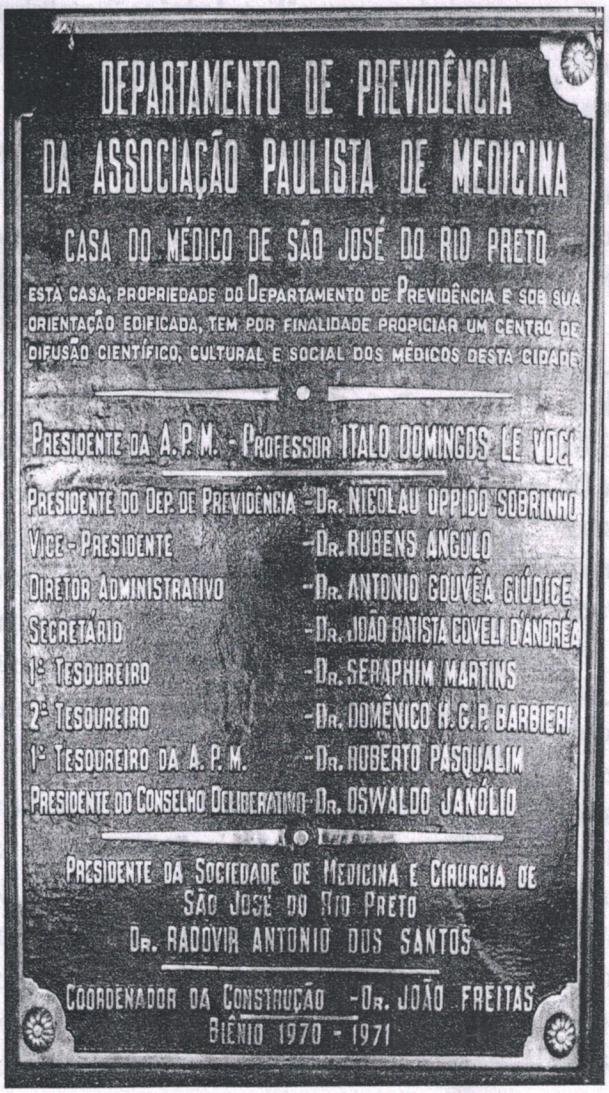
Theodoro Demonte



Theodoro Demonte

Na foto de cima a praça D. José Marcondes, vendo-se ao fundo o bairro da Maceno. Na foto de baixo, a praça Rui Barbosa com destaque para a torre da Catedral de São José. Ambas são de 1929, três anos após a fundação da SMC

A SMC e a Nova Sede



Placa de inauguração da Casa do Médico

A inauguração da nova sede em 25 de agosto de 1971 foi mais que um marco de passagem do fim de um período de muito trabalho para outro de muitos esforços e investimentos. Todos os presidentes que sucederam Radovir Antonio dos Santos atuaram, ou na manutenção, ou na ampliação, ou nas reformas que o espaço científico, sociocultural e esportivo exigiu para o bem-estar de todos os freqüentadores ao longo das últimas três décadas e meia.

Radovir presidiu a SMC por cinco anos e foi substituído por Ivan Rollemberg, em 1972. Então com 44 anos, Ivan conhecia bem os trâmites da instituição, que freqüentava desde a infância, acompanhando seu pai, o médico José Maria Rollemberg Sampaio, que havia sido presidente em exercício, em 1951. Aliás, sua festa de casamento aconteceu na antiga sede da SMC. "Eu me casei lá, em 1954; foi a primeira festa de casamento realizada naquela sede", lembra Ivan Rollemberg. Antes de assumir a presidência da SMC, ele havia ocupado vários cargos na APM; um deles foi a presidência do Departamento de Previdência da APM. Ocupando esse cargo, conquistou um empréstimo em favor da SMC para a construção da nova sede e, mais tarde, com a dissolução do Departamento de Previdência, a APM recebeu como sua propriedade o edifício construído para ser a "Casa do Médico" de Rio Preto. O terreno é da SMC, mas o prédio da sede, isto é, apenas o imóvel construído, é da APM.

Coube a Rollemberg dar continuidade às obras, como a construção dos vestiários masculino e feminino e da piscina. Para

assegurar renda, ele colocou à venda os armários dos vestiários. Decorridos os anos, Ivan lembra, atualmente, com um sorriso maroto, que vendeu caro os armários para os médicos: "a SMC comprava por 12 e vendia por 300. É como se hoje você vendesse cada armário por 5 mil reais... mas, naquela época, médico ganhava bem e todos compraram porque sabiam que o dinheiro estava sendo investido no patrimônio coletivo dos médicos e de seus familiares". Rollemberg presidiu a SMC por três gestões, até 1977.

Da época da sede antiga, Aparecida de Lourdes Antonio Arroyo, mais conhecida por Cidinha, começou a trabalhar na SMC em 1967, bem no finalzinho do ano, a convite de Manola Arroyo, secretária executiva. Está completando quatro décadas de trabalho. Ela lembra que a sede antiga era um lugar sossegado, com uma excelente biblioteca muita freqüentada pelos médicos. Na época, eram cerca de 150 sócios. No ano seguinte, em 1968, a diretoria decidiu imprimir a Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia, com periodicidade trimestral. Oscar Marcelo Silva Dória foi o editor da revista e ela, Cidinha, teve a responsabilidade de datilografar os artigos dos médicos. Nesse mesmo ano houve a fundação da Faculdade de Medicina e uma das condições era a criação de uma biblioteca. Essa biblioteca foi doada para a Faculdade de Medicina. Cidinha conhece cada fato, cada momento alegre ou triste da SMC, dividindo com diretores as ansiedades e os sonhos, os projetos e as realizações, e assim resume 40 anos de trabalho e dedicação: "eu gosto de trabalhar aqui". Tanto ela como o marido, Paulo César Arroyo, trabalham na SMC.

Ivan Rollemberg saiu em 1977. O Dr. João Freitas, que havia sido o responsável pelas obras da nova sede, ao lado de Radovir Antonio dos Santos, foi eleito para os biênios de 1978 a 1979 e de 1980 a 1981. Como havia sido diretor de obras, o Dr. Freitas conhecia cada detalhe das obras e dos projetos. Sua presença na presidência da SMC foi importante para concluir aquele período de construções estabelecido pelo projeto original que estava em andamento desde a primeira gestão de Radovir.

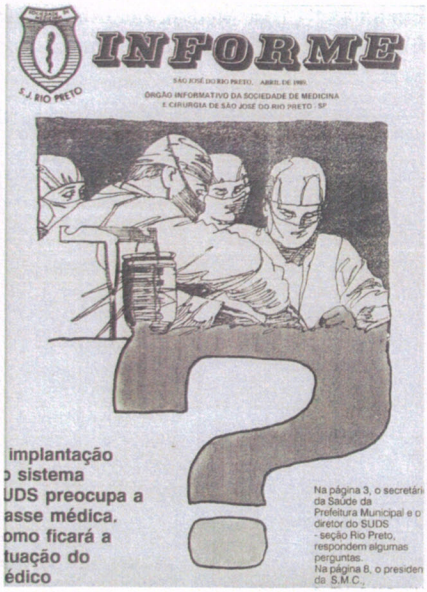
O Dr. Aldemir Bilaqui foi eleito para suceder o Dr. João Freitas. Na sua gestão, foram adquiridos mais dois terrenos, onde foram construídas as duas quadras de tênis de saibro e um quiosque. Foi na sua administração que a Santa Casa passou a escritura definitiva do terreno em favor da SMC. Bilaqui afirma que deu grande ênfase à parte científica e aponta como uma de suas marcas a fundação do Sindicato dos Médicos de São José do Rio Preto e a luta para que o sindicato tivesse sua própria sede. Ele entendia que era importante desvincular das duas instituições por terem objetivos estatutários diferentes, apesar de ambas lutarem em defesa dos interesses da categoria.

Entre 1984 e 1986 a SMC foi presidida por Aldônio Ferreira de Faria Junior que deu ênfase na organização da contabilidade da instituição. Ele recorda que havia problemas com pagamentos de INPS (atual INSS) que ameaçava sufocar o setor administrativo da SMC e requeriam decisão imediata. Para regularizar e profissionalizar a parte contábil ele buscou apoio da APM, que destacou um auditor que fez várias viagens a Rio Preto. Nesse período, a SMC registrou as escrituras dos terrenos que haviam sido adquiridos e comprou mais um terreno que fazia vizinhança com a sede. O Dr. Aldônio destaca o trabalho realizado na região para implantar e fortalecer a política regional da APM, fazendo diversas visitas aos médicos nas cidades de Votuporanga, Jales, Fernandópolis e Catanduva, acompanhado dos colegas Carlos Seixas, Luiz Fernando Micuci e José Eduardo Pereira, o Zodo. Os dois pontos mais altos da sua administração, segundo o próprio Aldônio, foi a luta para impedir a implantação da medicina de grupo na cidade e atuação do Dr. João Roberto Antonio,a parte social, para atrair a freqüência dos médicos à sede, organizando grandes festas como a "Noite Árabe" e a "Noite Italiana". Aldônio afirma que essas festas "fizeram sucesso tão retumbante que até hoje são lembradas pelos associados".

O Dr. Durval Franco Vilela assumiu a presidência em 1986 e encontrou pela frente um imóvel que precisava de reformas urgentes e a eterna falta de dinheiro que ronda a maioria das instituições privadas brasileiras. Não bastasse, na sua gestão, os médicos que trabalhavam na Prefeitura decidiram deflagrar uma greve e receberam o apoio integral da SMC. "Foi uma luta, porque a Prefeitura dizia que não tinha como pagar o salário dos médicos; aliás, essa briga da classe médica com o poder público parece que é eterna. Ninguém quer pagar médico, o governo não quer pagar médico, então é uma tragédia... basta você ver que a tabela de serviços médicos está defasada há treze anos", comenta o Dr. Vilela, lembrando que em sua administração a prioridade foi juntar os recursos financeiros necessários para organizar um fundo que custeasse e garantisse as reformas na administração posterior.

Coube ao seu sucessor, Eliseu Roberto Denadai (1988-1989), que havia sido seu tesoureiro, tocar as obras das reformas. A diretoria optou por fazer uma reforma completa e evitar remendos. Para isso, contratou um projeto de reestruturação dos espaços da sede para que não tivesse mais problemas de infra-estrutura, como deficiências elétricas e hidráulicas, com objetivo de melhorar as condições para realização de eventos. O acesso ao salão de festas, por exemplo, foi mudado, deslocando-se a

Sociedade de Medicina
Cirurgia Jornal
RIO PRETO
São José do Rio Preto — Outubro de 1987 — Nº 2
10º CONGRESSO MÉDICO DO OESTE PAULISTA
história
Todo o programa da Semana do
Eleições: datas
C.H. e Cor


INFORME
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - ABRIL DE 1985
ÓRGÃO INFORMATIVO DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP
implantação
o sistema
UDS preocupa a
asse médica.
omo ficará a
tuação do
édico
Na página 3, o secretári
da Saúde da
Prefeitura Municipal e o
diretor do SUDS
- seção Rio Preto,
respondem algumas
perguntas.
Na página 8, o presiden
do S.M.C.,

Jornal do
Médico
Órgão informativo da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto Nº 06 Abril/1994
CH de abril
CRS
193,05
(reajuste de 42,7% em relação a março)
Piso de abril
559,35
Campanha co
fome reforça o

Jornal do
Médico
Rio Preto torna-se símbolo nacional da luta por uma tabela de honorários justa

Jornal do
Médico
Planos de Saúde têm até dia 15 de fevereiro para se posicionarem sobre implantação da CBHPM
CFM convoca para fórum on-line sobre ato médico
Confira agenda dos primeiros eventos científicos
AMB e Unidas se reúnem para debater CBHPM
Sogesp tem representante de Rio Preto
Aulas de flauta começam dia 04 de fevereiro
Rio Preto e região se despedem de Manoel Arroyo
Festa de Natal da Sociedade de Medicina doa brinquedos para a AMICC

Jornal do
Médico
Sociedade de Medicina e Cirurgia
80 ANOS
ESPECIAL
2006
Jantar no dia 25 comemora 80 anos da Sociedade de Medicina

O Jornal do Médico em suas diversas fases ajuda a registrar e a contar a história da SMC

Assembléia Geral Extraordinária do movimento S.O.S. - Classe Médica, em 27 de junho de 2004

Dr. Annibal Araújo Correa, presidente do sindicato dos médicos; Dra. Maria Lúcia M. Salomão, secretária municipal de saúde; Dr, Wirton M. Palermo, vice-presidente da AMB; Dra. Regina R. Parizi Carvalho, presidente do CREMESP; Dr. Horácio José Ramalho, presidente da Assembléia; Dr. Eleuses Vieira de Paiva, presidente da SMC; Dr. Fernando Araújo representante APCD; Dr. José Paulo Cipullo, secretario da Assembléia

escada que era construída no meio do salão, para o canto do imóvel, permitindo ganho de espaço. "A reforma foi um trabalho revolucionário desenvolvido por duas diretorias, a do Dr. Durval, que cortou gastos e fez a captação dos recursos, e a minha, que contratou os serviços", informa Eliseu Denadai, reconhecendo a importância da atuação do seu antecessor para o sucesso da sua administração, salientando que "os louros ficaram para o Dr. Eliseu, mas os méritos, na verdade, são do Dr. Durval".

O salão de festas, com a mudança da escada e as reformas, com a colocação de forro de madeira e ar condicionado central, passou a ter lugar para 400 pessoas; antes, tinha espaço para 100 pessoas. Embaixo, ao lado da secretaria, construiu-se um anfiteatro para 100 pessoas, para pequenos eventos. Em toda parte o imóvel recebeu sonorização e refrigeração. Denadai chamou a arquiteta Ivany Fonseca Pinto Bellini e a paisagista Adelaide Kahuam Medina para desenvolverem um plano diretor para reformas e adequações de todo o imóvel da sede e seu ajardinamento. "Aquelas árvores que fazem sombra hoje no estacionamento fui eu que plantei, cada uma delas, pessoalmente", diz Denadai, sem disfarçar o contentamento. Foi também nessa época que a SMC passou a receber as mensalidades por meio de boleto bancário; até então, a cobrança era feita por um cobrador que visitava os médicos nas suas clínicas.

"Minha presidência coincidiu com o governo de Fernando Collor de Mello e foi duramente atingida pelo Plano Collor, que confiscou poupanças e mudou a moeda", narra Horácio José Ramalho (1990-1991), que sucedeu Eliseu Denadai. Aquela era uma época em que todas as instituições viviam de aplicações por causa da inflação enorme e galopante que dominava o País. O Plano Collor congelou as aplicações e bagunçou as finanças da SMC. "A dificuldade financeira foi tão grave que alguns diretores ajudaram a pagar o décimo terceiro salário dos funcionários", lembra o Dr. Horácio.

Apesar da crise interna e do choque econômico que restringiu os investimentos na área de marketing, a SMC manteve a realização do Congresso Médico do Oeste Paulista e foi na gestão do Dr. Horácio Ramalho que ela adquiriu o último terreno para a expansão do patrimônio. Horácio recorda que o terreno era de um italianó que morava fora do Brasil e sobre esse terreno estava prevista a construção de um edifício que acabaria com toda a privacidade dos freqüentadores da piscina da SMC. "A dificuldade para efetuar a compra foi muito grande, mas nós compramos, impedimos a construção do prédio e foi a última área útil que incorporamos ao patrimônio da SMC", diz o Dr. Horácio.

O Dr. José Paulo Cipullo, que havia sido diretor científico, diretor de defesa da classe, presidido duas edições do Congresso Médico do Oeste Paulista, foi finalmente eleito presidente da SMC para suceder Horácio Ramalho, em 1992. Com a casa arrumada e prédio reformado, ele investiu na luta em defesa da classe, com o objetivo de melhorar o atendimento dos planos de saúde, tanto para o médico quanto para o usuário. "Nós estávamos lutando para que o médico tivesse uma remuneração adequada, compatível com sua função na sociedade", disse o Dr. Cipullo, lembrando que "essa é uma luta antiga da SMC que perdura até os dias de hoje". Ele se recorda do seu discurso de posse, quando afirmou que "se o Brasil fosse igual a SMC nós seríamos um grande País. Por quê? A SMC tem um ambiente de lazer, uma espécie de clube, com piscina e tudo, mas tudo é o conjunto das obras de todas as diretorias, porque cada uma fez a sua parte, cada uma fez alguma coisa. Ninguém parou o que outro começou. Mesmo que você não concordasse com uma determinada obra ela continuaria pois havia sido aprovada por uma diretoria anterior. Não é somente uma questão de união, mas também de respeito".

Ele recordou que na sua gestão, por exemplo, foram iniciadas as obras de duas quadras de tênis. Cipullo tentou, na condição de presidente e amparado por sua diretoria, vender o prédio da antiga sede, na rua Marechal Deodoro, para construir um novo prédio na sede atual, mas esbarrou na doação feita pelo Dr. Fritz Jacob, que proíbe a sua alienação e sua venda. "Ficou só na idéia", lamenta Cipullo, que atualmente ocupa o cargo de diretor cultural, ao lado da Dra. Regina Volpato Bedone.

O Dr. Eleuses Vieira de Paiva foi eleito presidente da SMC em 1993, começando uma carreira associativa que o levaria à presidência da APM e da AMB, as duas instituições máximas da medicina estadual e nacional. Havia sido presidente do Conselho Fiscal na gestão de Horácio Ramalho e diretor distrital da APM na gestão do Dr. Cipullo. Ao assumir a SMC, Eleuses e sua diretoria elaboraram um planejamento estratégico, com vistas aos dois congressos médicos, o do Oeste Paulista e a Jornada de Oncologia. Eram dois grandes eventos envolvendo os 12 departamentos científicos e diante disso, a diretoria procurou estreitar os laços com a Famerp para fortalecer os vínculos da SMC com os alunos, seus futuros associados, e os professores, na maioria associados de longo tempo.

Eleuses Paiva lembra que na condição de presidente da SMC deu início a uma discussão sobre a valorização do profissional, partindo da premissa econômica aliada à melhoria

das condições de trabalho dos médicos e do atendimento à população. "Não era um movimento corporativo, era um movimento de valorização profissional e de atenção à saúde da população", comenta Eleuses, indicando que o movimento eclodiu em âmbito nacional em 1994, na época em que o governo Itamar Franco instituiu o Plano Real, aplicando a URV, o que provocou uma perda na ordem de 30% na tabela de honorários médicos. "Nós iniciamos esse movimento aqui em São José do Rio Preto e houve uma rápida adesão de todo o Estado de São Paulo, alastrando-se pelo Brasil inteiro, com o foco centrado em Brasília e aqui" diz Eleuses, afirmando que "esse movimento obrigou o Ministério da Fazenda e as cooperativas médicas a reconhecerem o pleito, aceitando as nossas reivindicações." Para ele, foram a força desse movimento e a iniciativa na defesa da classe que o guindaram à presidência da APM. Ele lembra que todos os 65 presidentes regionais da APM estiveram em São José do Rio Preto para convidá-lo a ser candidato a presidente da APM. "Essa trajetória que me levou depois à presidência da AMB teve início aqui, na SMC," diz Eleuses, sem escamotear sua gratidão, reforçando que "até então, a APM jamais havia tido um presidente do Interior". Em 1999, ele chegou à presidência da AMB, na primeira eleição de chapa única da história da instituição.

Eleito presidente da APM em 1995, Eleuses renunciou à presidência da SMC, assumindo o cargo o vice-presidente Olavo Amorim Junior, que deu continuidade ao "Movimento SOS Classe Médica" que ele reputa como a mais bem sucedida mobilização por remuneração digna do trabalho médico já realizada no Estado, com dimensões nacionais. Coube a ele implantar a Videoteca da SMC, com a aquisição inicial de 112 fitas com temas médicos diversos, com a finalidade de abrir ainda mais o leque de conhecimento dos associados. O Dr. Olavo deu continuidade aos eventos programados, como a realização do XIV Congresso Médico do Oeste Paulista, com a presença de 83 professores convidados, manteve o cronograma de obras de acordo com o "Plano Diretor de Reformas" e realizou os eventos esportivos, culturais e sociais programados.

Foi sucedido pelo Dr. Mário Abbud Filho, o último presidente do século 20. Ele deu continuidade ao movimento em defesa dos honorários médicos e voltou seus olhos para vários problemas estruturais, realizando intervenções nos espaços da sede. Cuidou do campo de futebol *society*, que estava depauperado e sem gramado, construiu uma nova quadra e cobriu a antiga quadra de tênis. O Dr. Abbud trouxe à discussão o sonho de construir um centro de convenções com capacidade para receber grande público, de maneira a ampliar a possibilidade de se realizar eventos de nível internacional na cidade, que favoreceria direta e indiretamente a medicina regional. Todavia, apesar de ter o projeto para a obra, o sonho esbarrou na questão financeira.

Mário Abbud não descuidou das partes científica e cultural. Na sua gestão, trouxe à cidade os dois maiores cientistas brasileiros da época: Ivan Izquierdo, neurocientista argentino radicado no Rio Grande do Sul há muitos anos, e Sérgio Ferreira, professor doutor da USP, que atuou durante muito tempo com o ganhador de um Prêmio Nobel de Medicina, responsável pela descoberta de uma droga usada no tratamento de hipertensão. É preciso ressaltar que Sérgio Ferreira é um dos cientistas brasileiros mais citados na produção científica mundial. Na área cultural, a SMC recebeu a visita do jornalista Augusto Nunes, que atuou no jornal O Estado de S. Paulo e no Jornal do Brasil, para apresentar uma interface da imprensa com a medicina.

Foi nas administrações de Eleuses Paiva e Mário Abbud que a SMC começou a se informatizar, comprando os primeiros computadores, sob a orientação do primeiro tesoureiro João Aris Kouyoumdjian. Até então, a SMC possuía um velho computador com "monitor de fósforo verde, porém com um bom banco de dados dos sócios (d-Base III plus)", lembra Aris. "Hoje, tudo pode parecer muito óbvio, mas naquela época a transformação da secretaria foi um processo quase heróico e houve muita dedicação das funcionárias; o dinheiro era curto e muitas coisas foram aprendidas na prática e outras pelo esforço de cada uma, em casa ou em cursos fora da SMC", informa João Aris, que foi responsável pela implantação do sistema de informatização da secretaria, não economizando elogios para os esforços das funcionárias Milene Leonardo Martins, Beatriz Helena Recife e Ana Paula Bauab Bressan, sob a coordenação da secretária Cidinha.

João Aris também produziu a primeira *home page* da SMC. Além de ser a primeira *home page* de uma instituição médica, era avançadíssima para a época, porque, segundo Aris, permitia a busca do profissional médico com a respectiva especialidade e endereço de atendimento.

A SMC adentrou o século 21 sob a presidência de Luiz Fernando Colturato, eleito para substituir Mário Abbud Filho; na primeira gestão trienal. Ele já havia ocupado os cargos de diretor social, diretor de esporte e vice-presidente, portanto, era veterano de diretoria e conhecia as necessidades da SMC, investindo seus esforços para oferecer mais diversão e conforto

ao associado. Na área administrativa, ele comprou computadores de ponta e introduziu softwares para a mudança de programação do cadastro de associados e sistema de cobrança.

Na parte científica ele aponta a reativação do "Clube do Rim" como uma das marcas da sua administração, assim como o Congresso Médico do Oeste Paulista que ele destaca como recorde de público da época. Uma das grandes preocupações da SMC nos últimos anos era a redução do número de associados: enquanto a cidade via aumentar consideravelmente o número de médicos, na SMC a situação era inversa, com crescente redução do número de sócios. Colturato decidiu reconquistar os sócios e, segundo a sua avaliação, obteve sucesso, afirmando que "um grande número de sócios voltou para a SMC".

No setor de obras, ele aponta a conclusão da cobertura da quadra de tênis, que estava inaugurada, mas não concluída. "Hoje, ela é a única quadra de tênis coberta que temos em São José do Rio Preto", diz Colturato, indicando como obra da sua administração um grande trabalho de reformas na sede, como a remodelação total da cozinha e seu respectivo aparelhamento e do vestiário da parte social. Aponta também a reinauguração do salão de *snooker* e um serviço grande e caro na filtração da piscina. Para Colturato, o marco principal da sua administração foi a participação efetiva da diretoria e a busca de consenso para a tomada de decisões.

Em 2003 o Dr. Pedro Teixeira Neto sucedeu Luiz Fernando Colturato, de quem fora tesoureiro; havia sido antes diretor de esportes na gestão de Aldônio Ferreira de Faria Junior, quando introduziu a colônia de férias. "Tenho muito orgulho disso porque fomos pioneiros; só anos mais tarde, o Monte Líbano e o Auto-móvel Clube introduziriam esse conceito de férias", ressalta Tei-xeira, informando que colocava as barracas de camping no campo de futebol para a criançada dormir. "As crianças passavam o dia todo lá, onde comiam e dormiam", narra Teixeira, lembrando que o professor de educação física, Edson Roberto Pupin, supervisionava vários professores que davam atividades recrea-tivas, esportivas e culturais, praticavam futebol, vôlei, natação e outros esportes, além de aulas de pinturas e artesanato. "Era uma maravilha aquilo e as crianças adoravam passar uns dias longe dos pais", recorda Teixeira.

Com relação a obras e reformas, o Dr. Pedro Teixeira diz que não fez nenhuma obra pra deixar seu nome, citando apenas a sala cultural, a galeria de ex-presidentes e o aumento da aparelhagem da sala de ginástica. "Meu forte foi a luta na defesa da classe e dos interesses da população", apontando como exemplos a questão do Ato Médico e congelamento da tabela de honorários médicos, informando que "quando nós começamos a nossa gestão, o valor da consulta médica dos planos de saúde girava em torno de R$ 27,00, chegando no máximo a R$ 29,00; quando a terminamos, após a luta da nossa diretoria, o valor havia subido para R$ 40,00, com uma média de R$ 35,00. Foram muitas negociações e muita luta para implementar a Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos (CBHPM)", disse o Dr. Teixeira, reforçando que "a CBHPM foi recentemente aprovada na Câmara Federal e deverá ser votada muito em breve no Senado."

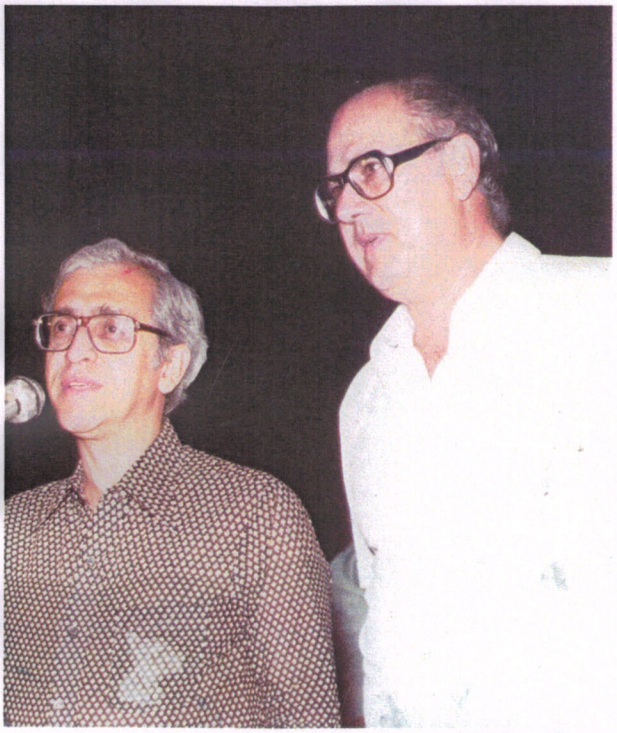
Essa luta em torno da CBHPM continuou na presidência da Dra. Regina Maria Bedone Volpato. Em março de 2006, representantes dos convênios médicos voltaram a se sentar à mesa de negociação, na sede da SMC, para discutir a implantação de um novo valor para o CH para todas as especialidades médicas da cidade. A luta da SMC tem como finalidade beneficiar toda a população médica, embora a implantação da nova CBHPM continue sendo motivo de luta e movimentos reivindicatórios. A complexidade da questão e sua importância para os médicos levaram a SMC a contratar um advogado especializado nessa área para representar os interesses dos associados e prestar informações e esclarecimentos.

Dr. Ivan Rollemberg e sua esposa Noemia, na Semana do Médico de 1975

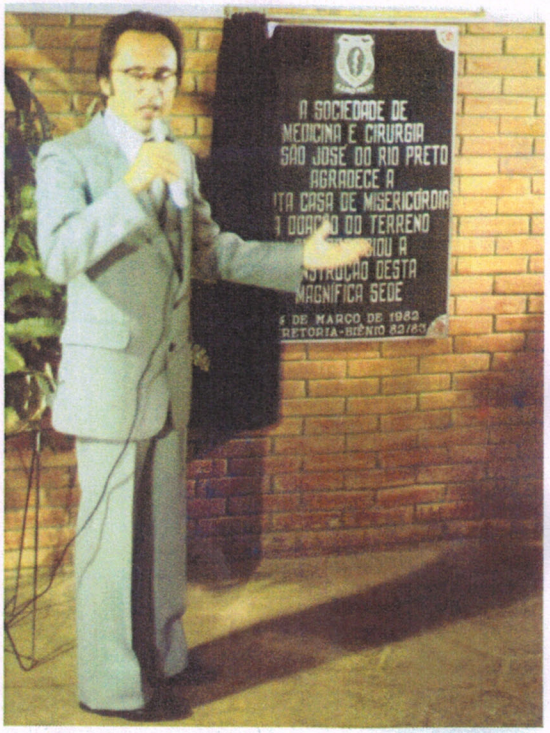
Inauguração do vestiário, corte simbólico da fita inaugural por Noemia Rollemberg e Marialicia Ribeiro, sob os olhares do Dr. Ivan Rollemberg, em 1976

Álvaro José Bellini, Carlos Sandin, Nelson Nagib Gabriel, Hélvio Fochi, Sérgio Aloísio Coimbra Garzon, José Tajara da Silva, Carlos de Marqui e seu filho, e Roberto José Mussi, em março de 1976

José Bertazzo, Miguel Hernandes, Sérgio A. C. Garzon e João Freitas



Dr. Amadeu Menezes Lorga, presidente da Unimed de São José do Rio Preto, e Dr. João Freitas, na Semana do Médico de 1979



Dr. Aldemir Bilaqui inaugura placa de agradecimento a Santa Casa, no dia 4 de março de 1982

Dr. Durval Franco Villela e a esposa Sônia, no jantar de encerramento da Semana do Médico, em Outubro de 1986

Dr. Eliseu Denadai assinando sua posse para a gestão de 1988/1989

O Dr. Eliseu Denadai, presidente, e sua esposa Carmem Silvia Braga Denadai recebendo ramalhete de flores de Noemia Rollemberg, no jantar de encerramento da Semana do Médico em outubro de 1989

Dr. Victor Bastos Navarro da Cruz, diretor social do biênio 1988/1989 e sua esposa Dra. Maria Luiza Navarro da Cruz com Manola Arroyo, secretária da SMC, Leda Faria, Dr. Helio Augusto Pascoal da Gama e amigos

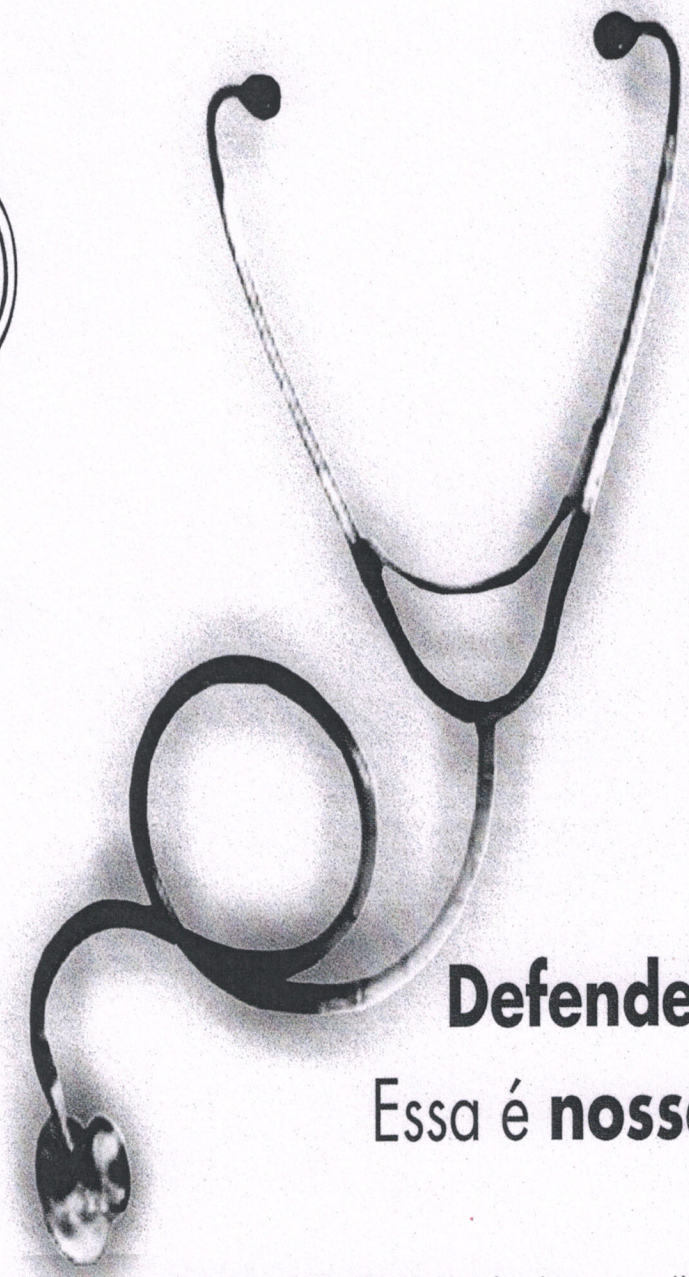
Dr. Horácio Ramalho discursando em sua posse na gestão de 1990/1991

Dr. João Batista Barberato e esposa Wanda Barberato, Dr. Horácio Ramalho e esposa Dra. Vera Ramalho, na noite da posse

Os ex-presidentes Dr. Aldônio Ferreira de Faria Junior, Dr. Eliseu Denadai, Dr. Ivan Rollemberg e Dr. Durval Vilela ladeiam o Dr. Horácio Ramalho

Dr. Horácio Ramalho assinando a escritura de aquisição dos terrenos dos quiosques em abril de 1991

Dr. Darci Rubens Nogueira, Dr. Olavo Amorim Junior, diretor social, e Dr. Miguel Hernandes Filho, no aniversário de 65 anos da SMC, em 18 de março de 1991



Defender a classe.
Essa é **nossa missão**

Presidente: Dr. Hubert Éloy Richard Pontes
Vice: Dr. Américo Olimpio Passos Correa
Diretor cultural: Nage Jorge Racy

Diretores suplentes
Dr. Cesar Augusto Gelsi
Dr. Pedro Gildo Venturelli
Dr. Antonio Miguel M. Pires D'Ávila
Dr. Emanuel Pedro Tauyr
Dr. Antonio Donizeti Castilho
Dr. Carlos Eduardo Grassi Mazetto
Dr. Carlos Lobanco Ricardi

1º Secretário: Dr. Miguel Porto Scaff
2º Secr. (In memorian) Dirceu Ricardo Angelotti
Conselho Fiscal:
Dr. José Maria Domingos
Dr. João Armando Padovani Junior
Dr. Mauro Sérgio Penteado

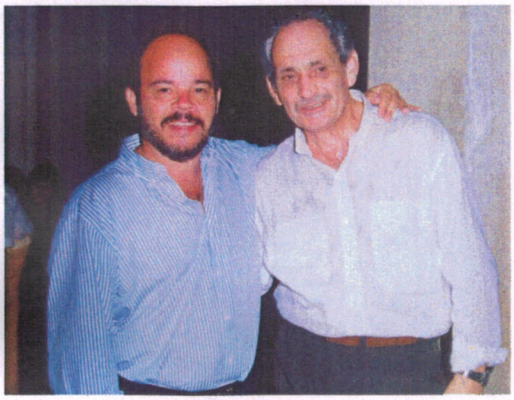
Suplentes do Conselho Fiscal
Dr. Huilton Montoro Chagas
Dr. Celso Alexandre Bottas
Dr. Valdomiro Lopes da Silva Junior

1º Tesoureiro Dr. Plínio Luis Lupino
2º Tes. Drª Débora Macedo Casassanta

Delegação Federativa:
Dra. Marisa Richard Pontes Costa Lima
Dr. Rui Nogueira Barbosa

Suplentes da Delegação Federativa:
Dr. Norberto Mendonça Garcia
Dr. Paulo Henrique Ismael

Alameda Dr. Oscar de Barros Serra Dória, 5663 - (17) 3227-8855 - Cep 15090-180 - São José do Rio Preto - SP - Base territorial: Bálsamo, Cedral, Icém Mirassol, Nova Granada , Bady Bassitt, Monte Aprazível, Neves Paulista, José Bonifácio, Poloni, Palestina, Potirendaba, Tanabi, Uchoa e São José do Rio Preto



Dr. Olavo Amorim Junior, diretor social, e o presidente Dr. José Paulo Cipullo

Dr. José Paulo Cipullo discursa na sua posse para a gestão de 1992/1993

O Dr. José Paulo Cipullo e a esposa Cleide Cipullo no jantar do Dia do Médico, em outubro de 1992

Dr. Eleuses Veira de Paiva em seu discurso de posse para a gestão de 1994/1995

Dr. João Aris Kouyoumdjian, tesoureiro e esposa Dra. Nivea Kouyoumdjian, Dr. Eleuses Vieira de Paiva e a esposa Sonia, no jantar de aniversário de 68 anos da SMC, em março de 1994

O Dr. José Paulo Cipullo homenageia a secretária Aparecida Antonjo Arroyo na posse do Dr. Eleuses

Dr. Ivan Bedone, diretor social do biênio 1994/1995 com sua esposa Dra. Regina M. Volpato Bedone no Jantar de 69 anos da SMC, em 1º de abril de 1995

A SMC presta homenagem às mulheres no Dia Intercional da Mulher: Dra. Maria Zélia Correa, Dra. Ana Maria Garcia Cardoso, Claudia Frange Togni, Patrícia Abbud, Heloisa Palmegiani, Dra. Emirene M. Trevisan Navarro da Cruz, Dra. Vera Márcia G. Tápparo, Dra. Regina Maria Volpato Bedone, Dra. Nivea V. Kouyoumdjian, Sonia Vieira de Paiva e Maria de Fátima Cassettari Mimessi

O Dr. Olavo Amorim Jr., vice-presidente e esposa Maria José Amorim, Dr. Eleuses Paiva, presidente e esposa Sonia Paiva, Dr. Jorge Zaiden Menezes e esposa Eliana Menezes, na Festa do 69º aniversário da SMC

Dr. Mario Abbud Filho assinando o livro de posse para a gestão de 1998/1999

O Dr. Luiz Fernando Colturato, vice-presidente, Dr. Marcos Teixeira Cesar, 1º secretário, Dr. Mario Abbud e Dr. Evandro Ennes Lima Jr., diretor social

O Dr. Mario Abbud Filho e a esposa Dra. Patricia, Dr. Evandro Ennes Lima Jr. e a esposa Dra. Beatriz, no 73º aniversário da SMC, em março de 1999

Dr. Eleuses Vieira de Paiva, presidente da APM e a esposa Sonia, Dr. Evandro Ennes Lima Jr., diretor social da SMC e a esposa Dra. Beatriz Cherubini Lima, Dr. João Aris Kouyoumdjian, tesoureiro e a esposa Dra. Nivea, e o Dr. Mario Abbud Filho e a esposa Patrícia no Jantar do Dia do Médico em outubro de 1997

O Dr. Luiz Fernando Colturato, presidente, e o Dr. Marco Aurélio van Erven, diretor social, no aniversário de 74 anos da SMC, em março de 2000, em entrevista ao jornalista Nenê Homsi

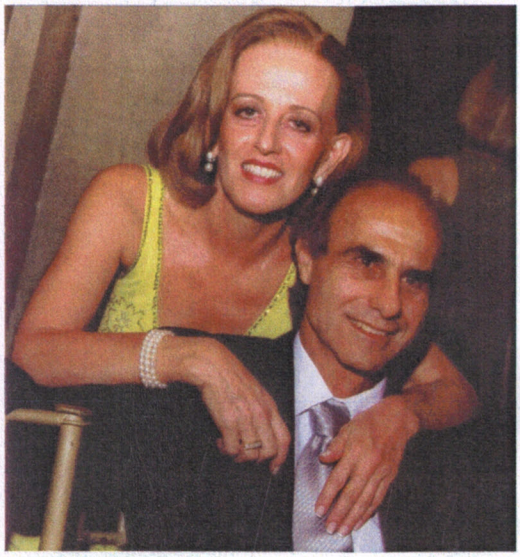
Dr. Pedro Teixeira Neto, tesoureiro, Dr. Luiz Fernando Colturato, e o prefeito Edinho Araújo, no aniversário de 75 anos da SMC, em março de 2001

Dr. Luiz F. Colturato, presidente com a esposa Lucy no aniversário de 76 anos da SMC, em março de 2002

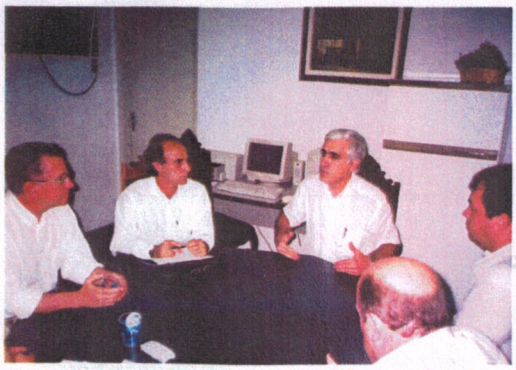
Dr. Luiz Fernando Colturato discursa na sua posse para a gestão de 2000/2002

Lucy Colturato, Dr. Marco Aurélio Van Erven, diretor social, e a esposa Fernanda Van Erven na Festa do Queijo e Vinho, em julho de 2000

Dr. Pedro Teixeira Neto discursando em sua posse para o triênio 2003/2005



Dr. Pedro e a esposa Célia, no aniversário de 77 anos da SMC, em março de 2003



O secretário de Meio Ambiente, José Carlos de Lima Bueno, o presidente Pedro Teixeira Neto, o dentista José Carlos Cuginoti, na reunião sobre coleta de lixo em 23 de janeiro de 2003

Atrás: Noemia e Ivan Rolemberg; na frente, Célia Teixeira, Maureen Leão Cury, prefeita em exercício; Dr. Pedro Teixeira Neto e Dr. Antonio Barbosa Oliveira Filho

Assembléia Geral Extraordinária discute os planos de saúde em 11 de novembro de 2003. Em cima, da esquerda para a direita os médicos: José Eduardo Pereira (Zodô), Orlando Cesar Mazzota, Eleuses Vieira de Paiva, Pedro Teixeira Neto e Rui Nogueira Barbosa. Na foto de baixo, os médicos que compareceram à Assembléia

Ciência e Conhecimento

No ano de 1969, nascia o que viria a ser um dos mais importantes eventos da classe médica regional. A primeira edição do Congresso do Oeste Paulista, idealizado pelo Dr. Domingo Marcolino Braile, foi realizada no antigo prédio da SMC, na rua Marechal Deodoro. O evento, que surgiu da necessidade de estimular o avanço científico e a integração entre a classe, completou em 2005 dezoito edições de sucesso.

Em suas oito primeiras edições, o Congresso, que reunia a classe médica a cada biênio, manteve-se fiel à exclusividade da categoria. Durante os quatro dias do evento, discutia-se apenas medicina, sem discriminação de especialidades. Foi em 1985, na sua 9ª edição, que o então diretor científico da SMC e presidente do Congresso, o médico José Paulo Cipullo, na gestão de Aldônio Ferreira de Faria Junior, resolveu inovar, realizando paralelamente o 1º Congresso de Enfermagem do Oeste Paulista.

Na gestão de Durval Franco Vilela, em 1987, na 10ª edição do Congresso, foram incorporados outros assuntos de interesses médicos. Presidido pelo diretor científico da época, José Agostinho Vicentin, a organização tinha como uma das preocupações tornar a filosofia de abordagem dos temas mais abrangente. A partir dessa perspectiva, assuntos antes nunca abordados, e alguns considerados polêmicos, como a Homeopatia e a Aids, foram acrescentados à programação. Para apresentar a Homeopatia no Congresso, foi convidado o professor e médico homeopata Dr. Matheus Marin, de Campinas, que atendeu pedido dos médicos da SMC, José Agostinho Vicentin e Nelson Falsarella, e da farmacêutica Creuza Manzalli de Toledo. Esse congresso histórico teve a participação em peso em outras especialidades médicas, como a Oftalmologia, uma das primeiras especialidades a fazer história na medicina rio-pretense, com a apresentação do curso de "Cirurgia de Catarata com Implante Intraocular", além de trazer para a região as principais novidades da sua área, que haviam sido apresentadas no Congresso Internacional de Catarata, no Rio de Janeiro, daquele ano.

De 24 a 26 de agosto 1989, durante o XI Congresso do Oeste Paulista, a classe médica foi protagonista de decisões que mudavam o rumo da saúde nacional. A implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS), atual SUS, provocou intensas e interessantes discussões entre os participantes. Para debater a questão, considerada de importância capital para a categoria médica, a SMC trouxe o secretário adjunto do Sindicato dos Hospitais do Estado de São Paulo, Dr. Chafic Fahat, o presidente da Associação Médica Brasileira, Dr. Antonio Celso Nunes Nassif, e o presidente da Federação Nacional dos Médicos, Dr. Roberto Chabo, convidando o secretário municipal de Saúde, Dr. Ivan Mocdeci Miziara, responsável pela implantação da municipalização da Saúde em Rio Preto.

Em 1991, quatro médicos foram homenageados durante o XII Congresso por terem se destacado na prática da medicina em Rio Preto: Dr. Raul de Aguiar Ribeiro e Dr. João Freitas, como ex-presidentes da SMC; Dra. Ivone Xavier Funes, por ter

sido a primeira mulher a atuar em medicina na região e o Dr. Leonan Sellmam Nazareth, como um dos médicos mais antigos da cidade.

Com os congressos, a cada dois anos a classe médica se reunia nas dependências da SMC para discutir e respirar ciência, cumprindo a principal finalidade dos fundadores, em 1926. Médicos de cidades vizinhas se juntavam às rodas de discussão para debater assuntos de importância na medicina e para ouvir convidados que eram autoridades em suas especialidades, vindos de vários centros médicos do País e alguns do exterior. Em 2001, a SMC decidiu realizar os Congressos trienalmente e passou sua agenda de programações para o ano seguinte. Dessa forma, em 2002, foi realizado o 17º Congresso Médico do Oeste Paulista, registrando o maior número de inscrições já averiguado, até então, na sua história, com mais de 1.600 inscritos e 374 temas em discussão, dos quais 171 pertenciam exclusivamente à área médica. Este Congresso foi coordenado pelo Dr. Wilson Miguel Cecim Coelho.

Desde a sua fundação, a SMC realizou centenas de palestras, jornadas, colóquios, congressos, cursos e encontros dos mais variados tipos que ocuparam o espaço social da sede. Dificilmente se passou um mês sem que um evento científico reunisse em uma sala um grupo de médicos atraídos pelo desejo do saber. Alguns bateram recorde de participantes, chegando a reunir mais de cinco centenas de médicos em um só evento. As jornadas são eventos que ganharam importância singular na estrutura da SMC, por não terem a estrutura de um congresso, que exige enormes gastos e grande esforço de realização. São famosas as jornadas da SMC, não apenas pela oportunidade de reencontrar os colegas e, principalmente, pela qualidade dos assuntos abordados e dos apresentadores convidados.

Um exemplo foi V Jornada de Oncologia, realizada de 24 a 27 de agosto de 1988, com a presença de palestrantes importantes o Dr. Antônio André Perdicares, presidente do Departamento de Ensino da Sociedade Brasileira de Cancerologia, do Prof. Dr. Ricardo Pasquini, pioneiro na América Latina em Transplante de Medula Óssea, e o Dr. Marcos Brasilino de Carvalho, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço. Nas jornadas, via de regra, são discutidas e apresentadas as inovações científicas, como foi o "Curso de Atualização em Tumores Pediátricos", ministrado pelos médicos Sidnei Epalman e João Luiz F. da Silva, a pedido de um grupo de pediatras rio-pretenses que sentia a necessidade de atualização sobre o tema. Paralelamente à programação dessa jornada, aconteceu a primeira sessão de temas livres, concretizada pelo Dr. Márcio Constantino Mimessi. Nela, foram inscritos 28 trabalhos e dentre eles os cinco melhores foram selecionados para publicação especializada.

Ainda na Oncologia, entre os dias 24 e 26 de agosto de 2000, foi realizada a X Jornada, com a presença de cerca de 600 especialistas. Entre os palestrantes despontou um convidado internacional, o Dr. Luís Souhami, diretor da Divisão de Radio-Oncologia da Universidade McGill, de Montreal, Canadá.

Entre 16 e 19 de agosto de 2000, outro sucesso retumbante entre os médicos sob a coordenação da Dra. Reny Volpato Bertazzo, foi a realização da V Jornada de Ginecologia e Obstetrícia da Sogesp-Regional de Rio Preto, registrando a presença de 520 médicos e 52 estandes de expositores.

A variedade de assuntos, sempre foi a marca das atividades da SMC e sua presença histórica, aliada ao alto conceito que envolve a medicina exercida em São José do Rio Preto, são fatores imprescindíveis para atrair palestrantes de renome e inibir a presença de aventureiros. A SMC é, sem sombra de dúvidas, responsável direta pela cultura do conhecimento que viceja entre os médicos rio-pretenses, o que coloca a medicina local entre as melhores do Brasil. Tudo isso foi conquistado graças à quantidade e à qualidade de atividades científicas que a SMC disponilibiliza aos seus associados desde 1926. Isso foi comprovado e corroborado em 1994, na presidencia do Dr. Eleuses Paiva e direção científica de Mario Abbud Filho, quando a SMC foi apontada em primeiro lugar no ranking da APM, pela quantidade de atividades científicas colocadas à disposição de seus associados, entre todas as regionais da APM. A colocação foi obtida graças a uma média de 15 eventos por mês, entre jornadas, cursos e palestras.

Exemplo claro foi a vinda do presidente da AMB, Dr. Mário da Costa Cardoso Filho, no dia 28 de março de 1992, para ministrar palestra sobre "Política de Saúde do Governo e Associação Médica Brasileira", abordando com os médicos rio-pretenses a nova tabela de Coeficiente de Honorários (CH), que passara a variar em função do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) e não mais imposta pelo Governo. Ainda em 1992, a SMC foi sede de um dos mais importantes eventos científicos nacionais, o IX Congresso Brasileiro de Arritmias Cardíacas. Eventos com essa qualidade e a regularidade na oferta de conhecimento médico emprestam à SMC posição de destaque entre suas congêneres brasileiras.

A diversidade de especialidades que procura contemplar faz da SMC um centro de estudos científicos de muita importância

no interior paulista. Nessa diversidade, pode-se apontar por exemplo, a presença de 150 médicos que se reuniram em seu salão nobre, durante os dias 28 e 29 de abril de 1995, para discutir os avanços da gastroenterologia, com a realização do "Programa de Atualização em Gastro 95", organizado pelo Dr. Wilson Monteiro Junior, que trouxe para abrir os trabalhos o Dr. Luiz Gonzaga Vaz Coelho, de Belo Horizonte, promovendo em seguida uma mesa redonda sobre o tema "Pancreatite aguda e grave", com o médico paulistano Telesforo Bachela.

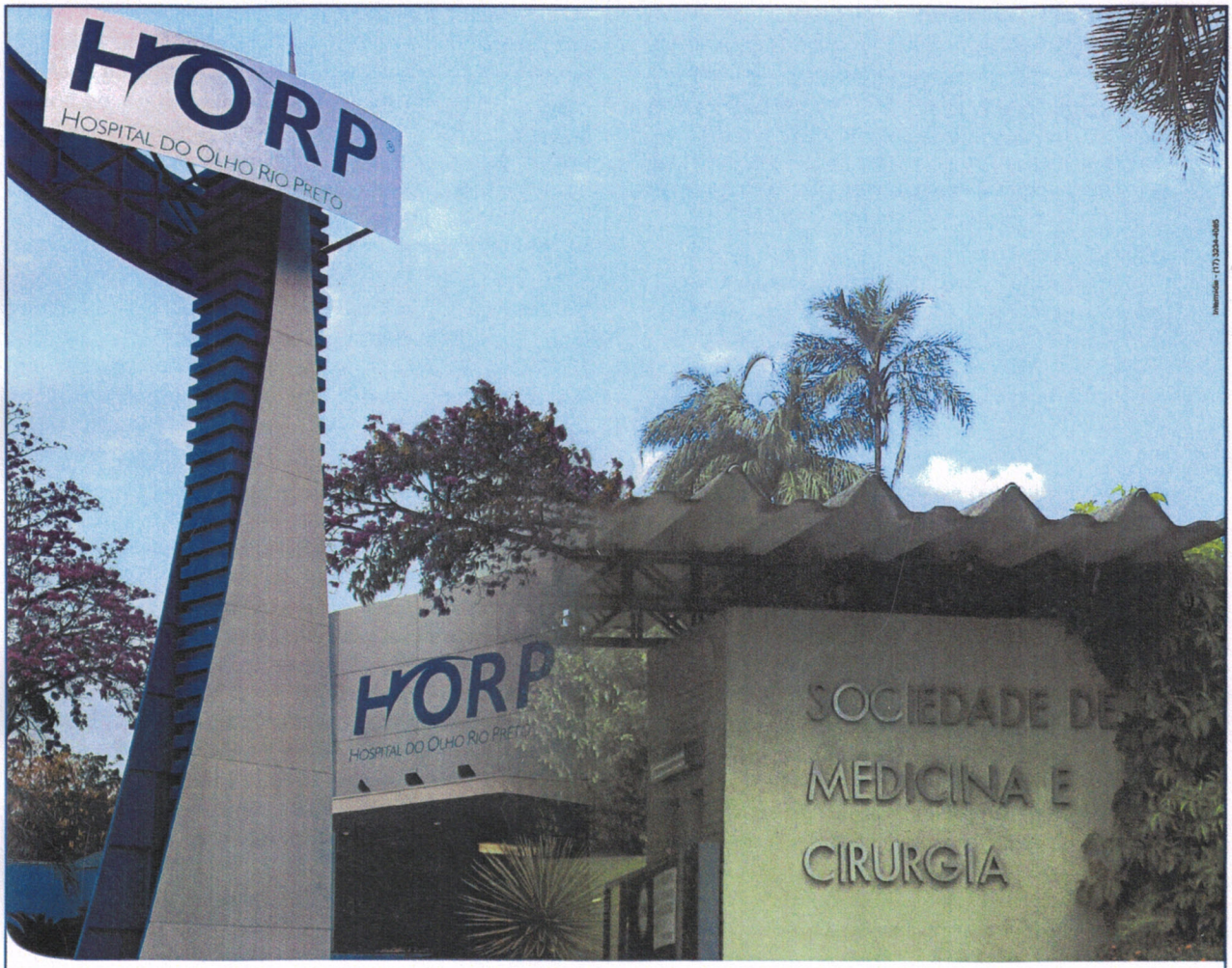
No dia 29 de maio de 1996, a SMC recepcionou o médico estadunidense Alfred L. Weber, do Massachusetts Eye and Ear Departament, para conferência que tratou dos temas "Tomografia e Ressonância Magnética na Base do Crânio", "Doenças Orbitárias" e "Doenças do Seio da Face e Ouvido", organizada em conjunto pela Diretoria Científica e pelo Departamento de Neurociências, dirigidos, respectivamente, por José Carlos Ayoub e Antonio Ronaldo Spotti.

Sempre de olhos nas inovações médicas, a SMC sediou o II Simpósio Internacional de Reprodução Humana, nos dias 15 e 17 de março de 1997, coordenado pelo Dr. Edilberto de Araújo Filho, que trouxe especialistas como o Prof. Dr. José P. Balmaceda, do Chile, co-inventor do Gift; o Prof. Dr. Francesco Viscomi, chefe do Setor de Endoscopia da Febrasgo, de São Paulo; e o Prof. Dr. André Fonseca Arnoux, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Fetal, do Rio de Janeiro.

Outro nome que merece destaque na história dos profissionais que passaram por São José do Rio Preto a convite da SMC é o do cientista Sérgio Ferreira. O médico, que na ocasião era chefe do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), ocupou o lugar central da mesa para proferir a palestra "Como se Inventa um Medicamento", no dia 20 de outubro de 1998, dentro da programação oficial da Semana do Médico. O Dr. Ferreira se tornou conhecido no País ao descobrir no veneno *Bothrops jararaca* uma substância que potencializava os efeitos farmacológicos da bradicinina; esse estudo foi um dos pontos de partida para o desenvolvimento da mais nova substância hipotensora existente na medicina. O médico se tornou uma notoriedade nacional pela descoberta e recebeu o "Prêmio Ciba Award for Hypertension Research", outorgado pela American Heart Association. Em Rio Preto, ele recebeu o título de sócio-honorário da SMC, pelas mãos do Dr. Miguel Zeratti Filho.

Em 1999, a SMC recebeu em seu auditório central, no dia 24 de novembro, o médico-chefe do Departamento do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (USP), o Prof. Dr. Wagner Gattaz, sobre "Depressão, Fobia e Pânico".

Em 2005, foi realizado o XVIII Congresso Médico do Oeste Paulista, sob o comando do Dr. Renato Ferreira da Silva, então diretor científico da SMC, que provocou uma verdadeira revolução ao abrir espaço para outras categorias de saúde como a Psicologia, Fisioterapia, Enfermagem, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Assistência Social e Farmácia, com a presença de profissionais de várias regiões do País, como Rondônia, Tocantins e Rio de Janeiro. "Abrimos bastante a área de interesse do Congresso e tivemos um recorde de participação, triplicando o número de participantes", comenta Pedro Teixeira Neto. Para o presidente do evento, Dr. Renato Silva, o Congresso mostrou e provou que "a cidade precisa construir um centro de convenções para abrigar grandes eventos", retomando o sonho preconizado em 1999 pelo então presidente Mário Abbud Filho.



HORP®
HOSPITAL DO OLHO RIO PRETO
25 anos

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP
82 anos

Orgulho de ajudar a fazer de Rio Preto a terra da Medicina de Excelência

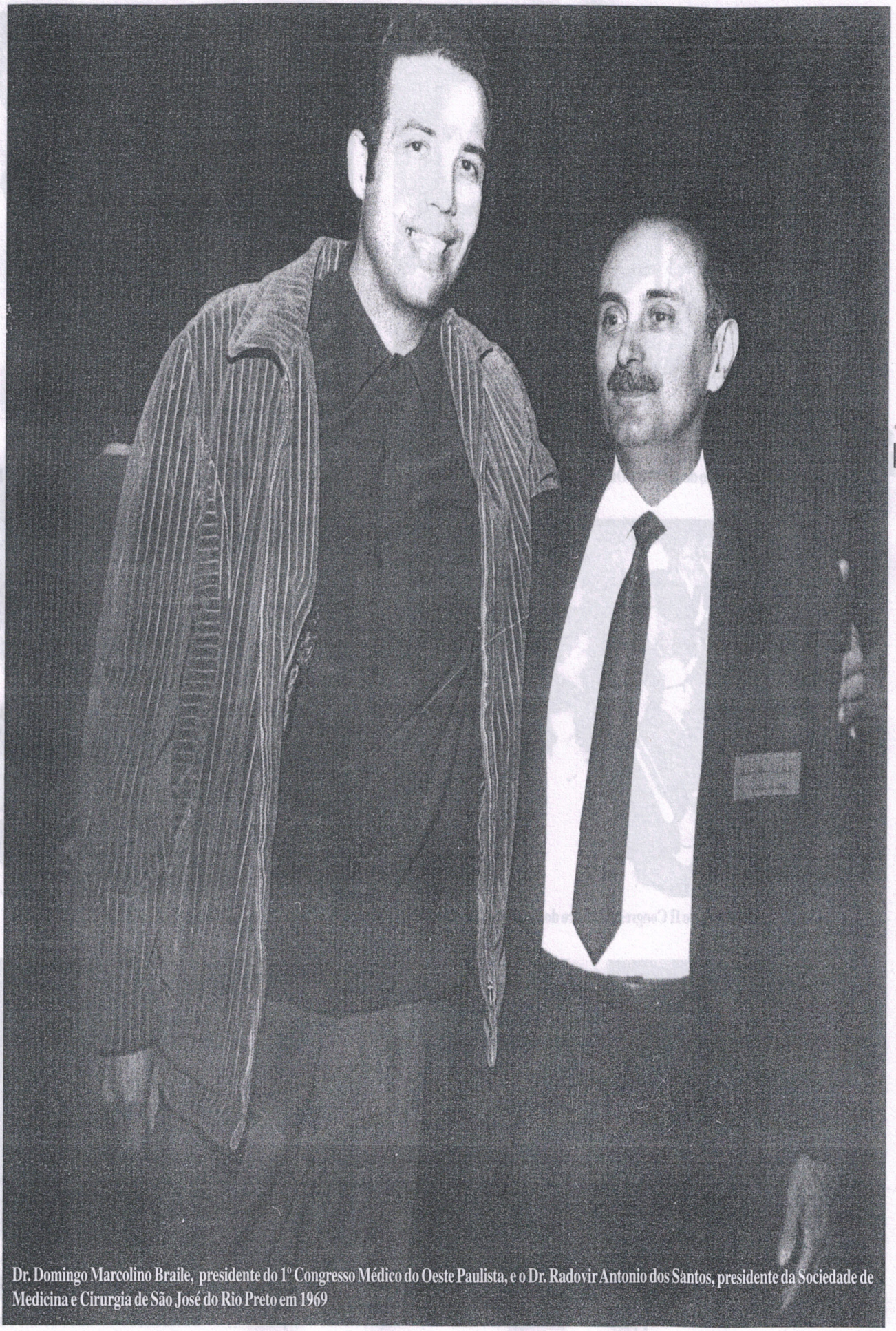
HORP - Hospital do Olho Rio Preto - Av. José Munia, 4.500 - S. J. Rio Preto - Fone: (17) 3201-1000 - www.horp.com.br

Abertura do 1º Congresso Médico do Oeste Paulista. Na mesa: Radovir Antonio dos Santos, Domingo Braile, Raul de Aguiar Ribeiro, Daud Jorge Simão, (N.I.), Euriclydes de Jesus Zerbini, em pé: Linneu de Alcântara Gil falando aos participantes

João Carlos Anacleto, Dured Fauaz, José Carlos Laurito, Dante Nascimbeni e Marcio Brandão de Figueiredo

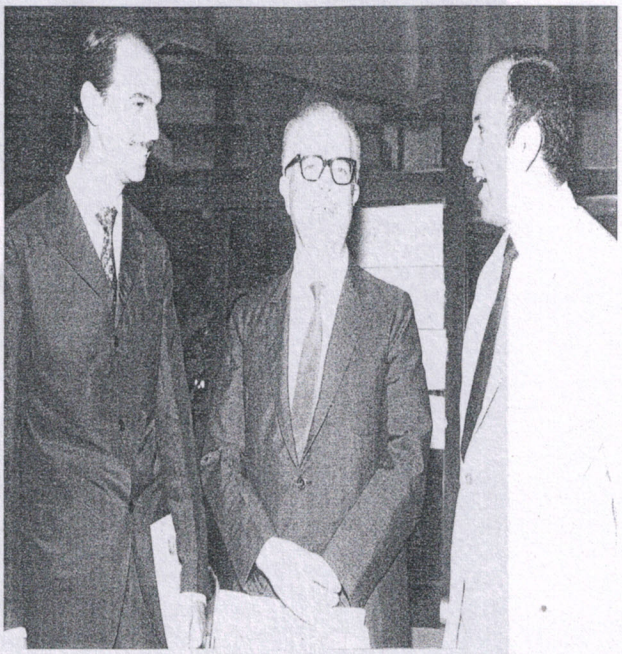
Martha Sestini dos Santos, Marília Palla, Lola Bonfá, Ivete Zeratti e Nara Araújo

Prof. Dr. Euriclydes de Jesus Zerbini (em pé) ministra a aula inaugural do 1º Congresso, observado por Radovir Antonio dos Santos, presidente da SMC, Domingo Marcolino Braile, presidente do congresso, e Raul de Aguiar Ribeiro, diretor da Faculdade de Medicina
Na foto ao lado, entre outros participantes estão: Oscar de Barros Serra Dória e ao seu lado o médico mexicano Arturo Tinoco; Alice Oliveira, Maria Cecília Braga Braile, Maria Braile, Ivone Xavier Funes, Rachel e Aniloel Nazareth Filho, Crescencio Centola, Marialicia Ribeiro, Dora Correa, Martha Sestini e Zezé Cury



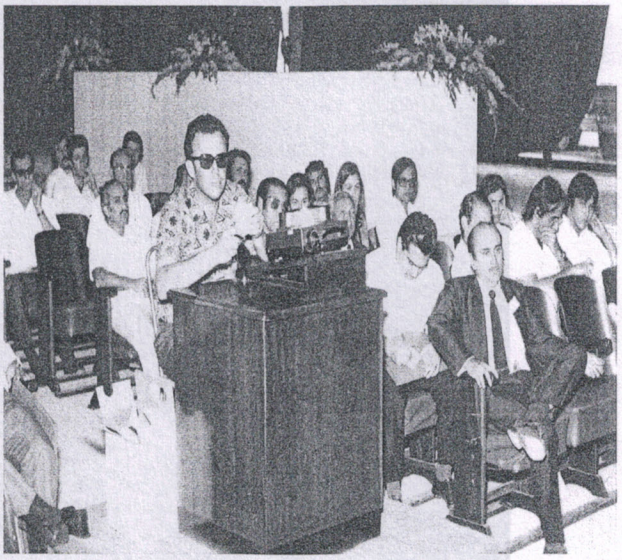
Dr. Domingo Marcolino Braile, presidente do 1º Congresso Médico do Oeste Paulista, e o Dr. Radovir Antonio dos Santos, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto em 1969

Dr. Radovir Antonio dos Santos e Dr. Mario Machado de Lemos



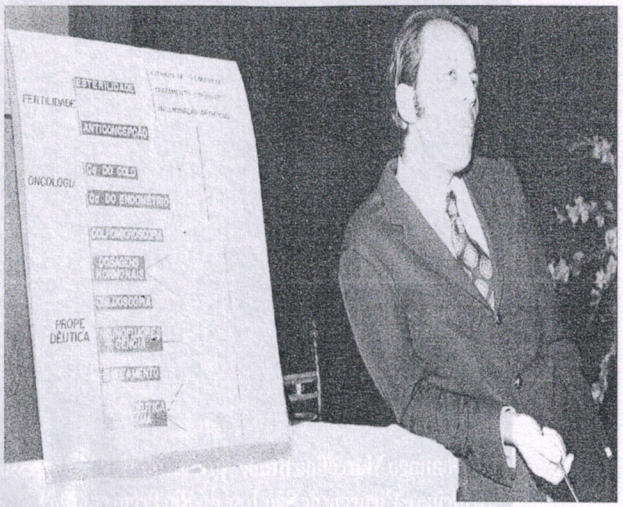
Adail Vettorazzo, Oscar de Barros Serra Dória e o vereador José Barbar Cury

Médicos participam do II Congresso Médico do Oeste Paulista



Edilberto de Araújo faz projeção de slides no II Congresso

Médicas e convidadas na recepção do II Congresso



O médico e professor José Aristodemo Pinotti faz conferência no Congresso

Na recepção ao Secretário de Saúde, Mário Machado de Lemos estão presentes vários médicos e autoridades, entre eles o presidente Radovir Antonio dos Santos, o deputado estadual Arlindo Antonio dos Santos, o prefeito Adail Vettorazzo, Daud Jorge Simão, José Arroyo Martins, José de Mello Mendes, Wilson Henrique, Olavo Martins dos Santos e Cássio da Silva Melo

Prof. Dr. Pedro Kassab, presidente da AMB e Dr. Radovir Antonio dos Santos, presidente da SMC

Manola Arroyo, secretária da SMC e secretária executiva do II Congresso

Dr. Mário Machado de Lemos, secretário de Saúde do Estado de São Paulo

Noemia Rollemberg, Martha Sestini dos Santos, Dr. Paulo Carneiro da Costa e o prefeito Adail Vettorazzo (atrás)

Anísio Haddad, Adail Vettorazzo, convidado, Dr. Radovir Antonio dos Santos e Dr. Mario Machado de Lemos

Banquete do II Congresso Médico em 1971, vendo-se na foto, entre outros, o Dr. Domingo Braile e sua esposa Maria Cecília, Dr. Dácio Fausto Pereira dos Santos e esposa Aydê, Dra. Maria Aracy F. Oliveira, Adélia e Dr. Paulo Carneiro da Costa, Dr. Marcelo Dória e Eliner, Dr. Hélvio Fochi, Dr. Benedito Gonçalves de Souza, Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, Dr. José Arroyo Martins, Dr. Carlos Roberto Roquete Lima e Dr. Cléo Oliveiro Roma

Secretaria executiva do II Congresso Médico: Elza Padovan, Oduvaldo da Lafi, Maria José da APM, Manola Arroyo, Ivone Bertolini, Aparecida Arroyo, Onofre e Alcides G. Amaral

Vista panoramica de São José do Rio Preto na época do II Congresso Médico, em 1971

UROLOGIA
Eliseu Denadai

Experiência e Pioneirismo

Urologistas

Eliseu Roberto Mello Denadai
Júlio Martins Filho
Rubens Carlos Martucci
Rui Nogueira Barbosa

Nefrologistas

Débora Macedo Casassanta
Neide Missai Murai

Ultra-sonografista

Emerson Gomez

Rua Antônio de Godoy, 4473 - Redentora - 15015-100 - São José do Rio Preto - SP - Fone/ FAX: (0xx17)32343111

www.urologia.com.br

XIII Congresso Médico do Oeste Paulista, em1993, da esquerda para direita: Carlos Egberto Rodrigues, José Francisco Gandolfi, Maria Lucia Machado Salomão, Valdecir Carlos Tadei, José Paulo Cipullo, prefeito Manuel Antunes, Ivan Valle Rollemberg e Laerte Miola (vice-diretor do Ibilce)

XV Congresso Médico do Oeste Paulista, em 1997, da esquerda para direita: Antonio Paulo Lorga, Regina Ribeiro Parizi Carvalho (presidente do Cremesp), José Victor Maniglia; enfermeira Ana Maria de Araújo Lois (presidente do VII Congresso de Enfermagem), José Carlos Aidar Ayoub, (presidente do XV Congresso), Mário Abbud Filho (presidente SMC 1995/1997), Eleuses Vieira de Paiva (presidente da Associação Paulista de Medicina), Nazir Tarraf (presidente Unimed), Luiz Fernando Spinola Micuci (conselheiro do Cremesp)

XIV Congresso Médico do Oeste Paulista, em agosto de 1995: José Paulo Cipullo, Carlos Egberto Rodrigues, Wirton Miguel Gentil Palermo (secretário geral da AMB), Mario Abbud Filho (presidente do XIV Congresso), Olavo Amorim Junior (presidente da SMC), José Francisco Gandolfi (diretor da Funfarme), Moacir Alves Borges, Miguel Zerati Filho e Annibal Araujo Correa (presidente do sindicato dos médicos de São José do Rio Preto)

Dr. Jorge Carlos Machado Curi (presidente da APM), Dr. Pedro Teixeira Neto, Dr. Eleuses Vieira de Paiva, Dra. Regina Maria Volpato Bedone, Dr. Krikor Boyaciyan (presidente Cremesp)

XVIII Congresso Médico do Oeste Paulista, em Agosto de 2005: Dr. Horácio José Ramalho, Dr. Domingo Braile, Dra. Marta Ferrari, Dr. Renato Ferreira da Silva (presidente do XVIII Congresso), Dr. Pedro Teixeira Neto (presidente da SMC), Dr. Mario Abbud Filho e Dr. William Duca

Congresso Médico bate recorde e reúne mais de 2 mil participantes

Da esquerda para a direita, Dr. Domingo Braile, Dra. Marta Ferrari, o presidente do Congresso, Dr. Renato Silva, Dr. Mário Abbud Fº., Dr. Horácio Ramalho, Dr. Pedro Teixeira e Dr. Willian Duca

Grande número de participantes, qualidade de trabalhos apresentados e interdisciplinaridade marcam Congresso que sinalizou a necessidade da criação de um espaço na cidade para realização de congressos e eventos de grande porte.

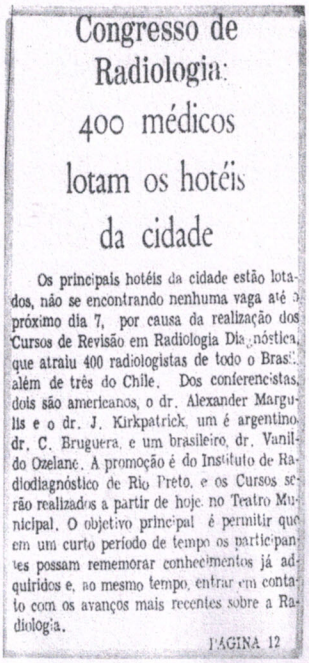
Pág. 03

75 ANOS

SMC se notabiliza também como palco de eventos nacionais e internacionais

A Sociedade de Medicina e Cirurgia é a organizadora e palco de congressos de renome internacionais, entre eles destaca-se o Congresso Médico do Oeste Paulista. Organizado a cada dois anos desde 1969, o Congresso ganhou projeção nacional e conquistou condição de destaque no calendário médico científico do Estado de São Paulo.

Uma particularidade ainda empresta mais destaque ao Congresso Médico. Ele é o único evento científico de multi-especialidades do interior do Estado de São Paulo



Congresso de Radiologia: 400 médicos lotam os hotéis da cidade

Os principais hotéis da cidade estão lotados, não se encontrando nenhuma vaga até o próximo dia 7, por causa da realização dos Cursos de Revisão em Radiologia Diagnóstica, que atraiu 400 radiologistas de todo o Brasil, além de três do Chile. Dos conferencistas, dois são americanos, o dr. Alexander Margulis e o dr. J. Kirkpatrick, um é argentino, dr. C. Bruguera, e um brasileiro, dr. Vanildo Ozelane. A promoção é do Instituto de Radiodiagnóstico de Rio Preto, e os Cursos serão realizados a partir de hoje no Teatro Municipal. O objetivo principal é permitir que em um curto período de tempo os participantes possam rememorar conhecimentos já adquiridos e, ao mesmo tempo, entrar em contato com os avanços mais recentes sobre a Radiologia.

PAGINA 12

Notícias de jornais registram e enfatizam os eventos científicos, em especial os congressos, realizados pela Sociedade de Medicina e Cirurgia

BRAILE

NESTE NOME TEM CORAÇÃO!

BRAILE BIOMÉDICA
Tecnologia Médica...de Coração!
www.braile.com.br

INSTITUTO DOMINGO BRAILE
Excelência em Diagnósico e Tratamentos das Doenças Cardovasculares
www.institutodomingobraile.com.br

São José do Rio Preto - SP

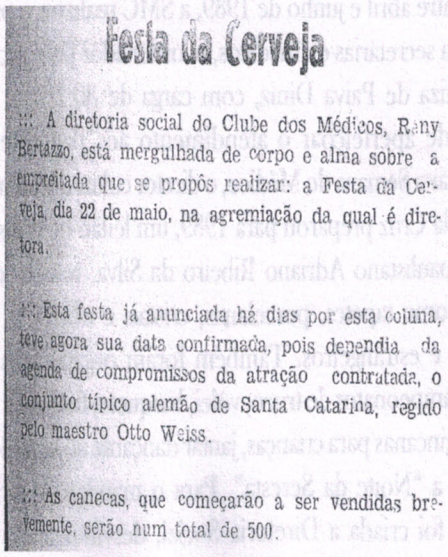
Atividades Sociais e Culturais

A atuação sociocultural sempre foi, desde a sua fundação, uma das prioridades da SMC. Para os diretores, não bastavam apenas os encontros científicos e de defesa da classe. Eles entendiam que oferecer eventos culturais e sociais era fundamental para o lazer do médico e sua vida estafante em clínicas e hospitais, lidando com os diversos problemas de saúde de seus pacientes. A cultura e os eventos sociais sempre foram vistos como uma maneira de quebrar o cotidiano médico, fazendo com que o profissional, na sua pausa de descanso, pudesse se deparar com atividades díspares oferecidas pelo universo sociocultural. Por outro lado, sempre foi considerável o número de médicos ligados à cultura, médicos que atuam com artes plásticas, música, literatura, etc. A SMC sempre viu nas ações culturais e sociais um fator de ligação entre os próprios médicos e dos médicos com a sociedade em geral.

Como fonte de bem-estar, os eventos culturais, atrelados aos eventos sociais, proporcionaram, ao longo da existência da SMC, a realização de centenas de eventos, como jantares dançantes, festas temáticas, shows, bailes, sessões de cinemas, cursos de arte, lançamento de livros com noites de autógrafos, como o lançamento do livro "Dez-Contos de Natal", do médico Liberato Caboclo, que levou para o salão de festas da SMC mais de 300 convidados no encerramento do ano 2000, cafés literários e encontros filosóficos.

Nos anos de 1980, por exemplo, era comum encontrar, a partir das 18 horas, um grupo que se reunia após os jogos de vôlei, para as mulheres, e de futebol, para os homens, para saborear um gostoso churrasco nas dependências da SMC, tendo como fundo musical a boa música do maestro Manivela (Joaquim Pereira dos Santos). Em 27 de novembro de 1987, por exemplo, o diretor cultural Wilson Daher organizou o primeiro "Jantar de Confraternização" por adesão, à luz de vela, sons de violino, taças de vinho e a bacalhoada preparada pela Bambina, tradicional restaurante rio-pretense. Em agosto do ano seguinte, foi realizada a "Festa Alemã", servindo cerveja, chope e joelho de porco cuja receita foi assinada por Waldir Tognola. Em 1986, por exemplo, a "Festa do Havaí" marcou época na sede da SMC.

Tradicionais no calendário social da SMC, os jantares dançantes em comemoração ao aniversário de fundação da



Festa da Cerveja

A diretoria social do Clube dos Médicos, Rany Bertazzo, está mergulhada de corpo e alma sobre a empreitada que se propôs realizar: a Festa da Cerveja, dia 22 de maio, na agremiação da qual é diretora.

Esta festa já anunciada há dias por esta coluna, teve agora sua data confirmada, pois dependia da agenda de compromissos da atração contratada, o conjunto típico alemão de Santa Catarina, regido pelo maestro Otto Weiss.

As canecas, que começarão a ser vendidas brevemente, serão num total de 500.

A exemplo da Festa da Cerveja, as festas e eventos da SMC sempre estiveram bons espaços na imprensa rio-pretense

instituição sempre reúnem médicos e suas famílias em noites memoráveis pelo brilho de sua realização, pela elegância e pelo requinte. Todo ano, no mês de março, a festa conta com um tema, uma proposta e uma decoração diferentes. Em 1989, a classe médica celebrou os 63 anos da SMC com a "Festa da Cerveja", que contou com a presença do grupo musical Liebstraun, especializado em cultura alemã. Associados e convidados lotam o salão da sede durante os jantares de comemoração do aniversário da SMC. Em 1991, por exemplo, estavam presentes os presidentes da APM e da Federação das Unimed do Estado de São Paulo, para a dupla comemoração: 65 anos de vida da SMC e os 20 anos de inauguração da nova sede.

Geralmente, as festas de aniversário da entidade são aproveitadas para homenagear os médicos que se destacam por algum motivo junto à coletividade ou no exercício da profissão. Em 1998, por exemplo, foram homenageados os Drs. Aluízio Rossi, Jair Pinto e Said Badui Tannus. No ano seguinte, foi a vez de prestar homenagem aos médicos Edson Mandarino, José Custódio Corrêa e Ivan Valle Rollemberg, ex-presidente da SMC, responsável pela inauguração da sede nova em 1971.

Ainda nos anos de 1980, uma iniciativa se tornaria um dos eventos mais tradicionais da SMC, no mês de junho, a "Festa Junina". Por ter caráter beneficente, todas as barracas, com doces e bebidas típicas, são de responsabilidade de instituições sociais da cidade, que têm a oportunidade de vender quitutes, doces e bebidas típicos das festas juninas. Entre as instituições participantes figuram o Serviço Social São Judas Tadeu, Creche Irmã Julieta, Centro Social do Parque Estoril, Alarme, Grupo do Futuro, Casa do Caminho, Associação de Amigos dos Autistas, Associação dos Amigos da Criança com Câncer (AMICC) e outras.

Entre abril e junho de 1989, a SMC realizou o primeiro curso para secretárias de médicos, coordenador pela professora Maria Luiza de Paiva Diniz, com carga de 30 horas, com o objetivo de aperfeiçoar o atendimento aos pacientes. Para comemorar a Semana do Médico, o diretor cultural Victor Bastos Navarro da Cruz preparou para 1989, um leilão de artes com o leiloeiro paulistano Adriano Ribeiro da Silva, reunindo peças valiosas como tapetes, porcelanas, cristais e obras de artistas nacionais e estrangeiros. Também foram organizadas conferências, campeonatos de truco, vôlei, basquete, futebol e futebol de salão, gincanas para crianças, jantar dançante ao som de Hélio Branca e a "Noite da Seresta". Para o mandato de Horácio Ramalho foi criada a Diretoria Social, desvinculando a ação cultural da social. O primeiro diretor social eleito foi Olavo Amorim Junior.

O primeiro evento organizado por Olavo Amorim Junior foi a "Festa dos Anos 60", que reuniu médicos e familiares com trajes de época. O sucesso foi repetido em junho com a "Festa Junina" e em agosto com a "Festa do Queijo e do Vinho". Nesse mesmo período, Amadeu Menezes Lorga anunciou a pretensão de reorganizar a Banda dos Médicos, que em 1º de dezembro de 1979, havia sido reportagem da revista Manchete, da Editora Bloch, ganhando três páginas, com fotografia dos 25 médicos que compunham a banda. Uma chopada realizada em 10 de julho, na SMC, reuniu os músicos para reativação da banda.

Ainda em 1989, a SMC lançou o primeiro Guia Médico, contendo relação de todos os médicos associados, dividido por especialidades, com endereços, telefones atualizados e horários de atendimento. E foi no final dos anos de 1980, que o artista plástico de renome nacional Cláudio Malagoli, falecido em 1993, doou para a SMC um quadro a óleo retratando sua antiga sede, na rua Marechal Deodoro. O quadro é uma obra de arte de valor inestimável por causa da assinatura de Malagoli, um dos expoentes das artes plásticas do século 20 no Interior paulista.

Em 1991, pela primeira vez, a SMC realizou um evento social para o Dia dos Namorados, organizando com um jantar à base bacalhau, vinho e música romântica. No seguinte, em 1992, foi realizado pela segunda vez o leilão de artes.

Datas especiais, como o Dia Internacional da Mulher, são amiúde comemoradas pela SMC, como em 1993, com a organização de palestra e debate sobre o "Amor nos Anos 90", com coquetel e sorteio de brindes, sob o comando do Departamento Feminino, dirigido por Rosangela Canizza Pacheco. Ainda em 1993, o diretor social Roberto Sant'Ana Sérgio organizou a "Festa Anos 70". A festa junina, sem esquecer seu lado filantrópico, teve a apresentação da dupla sertaneja Dioran e Dioracy.

Em 1995, a escritora e jornalista Dinorath do Valle fez conferência na SMC na comemoração do Dia Internacional da Mulher. Nesse ano, a novidade foi a chegada do Papai Noel de pára-quedas no campo de futebol, com palhaços, sorvetes, cachorro quente, refrigerantes e presentes para a criançada. Na parte social, dirigida por Ivan Bedone, o ponto alto foi o encerramento da Semana do Médico, com a apresentação de Leopoldo e Orquestra, de Tupã. As festas desse período foram bastante concorridas, como a do 69º aniversário da SMC, quando os mais de 250 participantes foram brindados com o baile-show

A sede da rua Marechal Deodoro, no terreno doado por Fritz Jacobs, em quadro do artista plástico Cláudio Malagolli, exposto na sala de reunião da Diretoria da SMC

com a banda "Três do Rio", de renome internacional. Nessa festa, quatro associados foram homenageados, Rachel Macedo Caron Nazareth, Orlando de Arruda Barbato, Edgard Archimedes Beolchi e Sylvio Jorge de Macedo, com a presença do Dr. Mario Cardoso Filho, presidente da AMB. Foi em 1995, que o presidente Eleuses Paiva lançou o Anuário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José de Rio Preto, com tiragem de 6 mil exemplares, contendo dados curriculares de 850 associados, com endereço de atendimento e telefone.

Em 1996, já sob a direção do Dr. Evandro Ennes Lima Junior, na comemoração dos 70 anos da SMC, foram homenageados os médicos Eduardo Silva Araújo e Bolívar Vidal, em jantar dançante animado pela Fascinação Banda Show. Na festa junina desse ano, mais de mil pessoas estiveram presentes. Em 2 de agosto, a SMC realizou o "Festival de Queijos e Vinhos", em parceria com o jornalista Waldner Lui. Em setembro, a Diretoria Cultural, dirigida pelo Dr. Altino Bessa Marques Filho, realizou curso de história da arte, ministrado pelo professor Romildo Sant'Ana e, em outubro, um curso de história da música, com o professor Reinaldo Amaral. Em dezembro, as crianças recepcionaram o Papai Noel, numa festa organizada pela diretora do Departamento Feminino, Bárbara Lania Pereira, com direito a apresentação do Coral e da Banda da SMC, sob a regência de Eunice Dumbra.

O aniversário da SMC em 1997, foi comemorado com um "Jantar Árabe", cujo convite foi um *tarbuch* (turbante árabe). Uma grande tenda árabe foi montada para receber os participantes e as bailarinas de dança do ventre. Os homenageados foram os médicos Aniloel Nazareth Filho, Hélio Cherubini, Milton Ferreira da Silva Dias e Paulo Macedo Garcia; os três primeiros com 71 anos de idade. Em junho foi realizada a festa "Uma Noite na Itália", com música, vinhos e gastronomia italiana.

Em março de 1998, a SMC viveu uma noite diferente com o Departamento Feminino, dirigido pela Dra. Regina Maria Volpato Bedone, ao prestar homenagem a dez mulheres rio-pretenses que se destacaram por suas atividades. A Dra. Raquel Volpato Serbino, coordenadora de Ensino do Interior de São Paulo, proferiu a palestra "Mulher, Educadora da Cidadania" e logo após foram homenageadas a arquiteta Claudia Frange Togni, a paisagista Mariângela Padilha Anselmo, bióloga Eloísa Helena Tajara da Silva, odontopediatra Marisa Cunha Lemos Carrazzone, a psicóloga Patrícia Nunes Silva Abbud, a médica fisiatra Regina Helena Morganti Fornari Chueire, a médica psiquiatra Regina Aurora Ismael, a médica pediatra e oncologista Leila Neves Bastos Borim, a médica radiologista e mastologista Selma de Pace Bauab e a professora Naidiléa de Lima Salomão Gorayeb. Em setembro, foi realizada a "Noite do Bolero", animada pelo maestro Luiz Carlos Ribeiro.

Após dois anos sem realização, o diretor social Marco Aurélio van Erven retomou a "Festa do Queijo e do Vinho" em julho de 2000, cuja primeira edição havia acontecido no mandato de Aldemir Bilaqui (1982/1983), organizada pela diretora social da época, a Dra. Reny Volpato Bertazzo. O Dr. João Roberto Antonio, que sucedeu Reny Bertazzo em 1984, manteve a realização dessa festa com grande sucesso. Em 2000, as comemorações da Semana do Médico, foram encerradas com concurso de fantasia inspirado em bruxas, vampiros, feiticeiras e magos, com Elias Henrique Carvalho e Kátia Rollemberg ganhando os prêmios de melhor fantasia, masculina e feminina; ambos foram agraciados com uma viagem a Miami, Estados Unidos, oferecidas pela Varig e Rodojet. Ana Benfatti e Dino Benfatti ganharam uma viagem ao Porto Seguro como prêmio *hours concours*, oferecido pela Alcred.

Em 2001, a professora Eunice Dumbra reabriu inscrições para o curso de flauta para crianças. Dentro das comemorações da Semana do Médico, em 2001, o diretor social Marco Aurélio van Erven promoveu, além das atividades tradicionais, como o jantar dançante, uma exposição de quadros dos médicos artistas plásticos Osvaldo Miura, José Carlos Padovez e José Álvaro Lourenço Gasques, com abertura em 23 de outubro. O ano foi encerrado com apresentação das crianças flautistas da SMC e a tradicional chegada do Papai Noel.

A SMC abriu 2002 prestando uma homenagem ao ex-presidente Dr. João Freitas, que completava 48 anos como associado. Dentre suas inúmeras contribuições à SMC, ele foi o administrador da construção da nova sede, na Alameda Oscar de Barros Serra Dória. Em março, foi comemorado o 76º aniversário de fundação da SMC com duas atrações musicais: a Tropical Brazilian Band e Amartini & Bluesmarkers, especializada no swing de New Orleans. O jantar dançante do dia do médico foi marcado pelo "Baile de Máscaras - Carnaval de Veneza". A Dra. Marilene D'Alessandro ganhou uma viagem para Porto Seguro.

O ano de 2003 teve início com duas novidades: em fevereiro foi realizado o "Show de Talentos", sob a batuta do maestro Manivela, com várias apresentações musicais interpretadas por médicos associados. "Um sucesso cheio de

gratas surpresas", foi assim que Manivela definiu a noite artística de 12 de fevereiro que contou com brilhante apresentação do Dr. Frederico. Navarro da Cruz. Em março de 2003, o jornalista Marcelo Gomes apresentou o novo visual do Jornal do Médico, com novo formato para facilitar o manuseio para leitura e impresso em papel couchê brilho, valorizando a estética do periódico e o investimento dos patrocinadores, circulando com 12 páginas, ampliando a ampliando a participação dos médicos com artigos e opiniões, como os Drs. Antonio Barbosa de Oliveira Filho, com "A fome do tigre"; Carlos Roberto Seixas, com "Alerta aos cooperados"; Sidney Amadeu Nassar Pardo, com "Consulta ao oftalmologista deve começar na infância"; Lilian Togni, com "Dacriocintilografia"; Regina Volpato Bedone, com "8 de Março - Dia Internacional da Mulher"; Vicenzina Santangelo, com "Quem tem medo de sofrer já está sofrendo de medo" e Paulo Boskovitz com "Vínculos". Fundado em agosto de 1987, pelo presidente Durval Franco Vilela, que aprovou proposta de Luca Fogaça, o Jornal do Médico vem desde então registrando em suas páginas a história das diretorias da SMC.

Os 77 anos da SMC foram comemorados com um jantar assinado pelo Buffet Dair de Faria, com animação musicar da Banda Millenium, organizado pela diretora social Regina Volpato Bedone. Em 1º de julho de 2003, foi realizada mais uma noite cultural, sob o comando do diretor Osvaldo Miura e o maestro Manivela. O Dia do Médico foi comemorado com uma festa do chope, churrasco e, como reza a tradição, um jantar dançante. Também foi realizada uma sessão solene na Câmara Municipal, para prestar homenagem pública em nome da população rio-pretense, por meio de requerimento apresentado pelo vereador e médico Luiz Alberto Andaló, filho do ex-prefeito Alberto Andaló. Para a chegada do Papai Noel, a SMC incentivou as crianças a levarem brinquedos que depois foram doados para uma instituição que cuida de crianças carentes. As atividades culturais de 2003 foram encerradas com a apresentação do grupo "Ensaios de Terça - Cordas & Vozes", liderado pelo Dr. Miura, no Sesc Rio Preto.

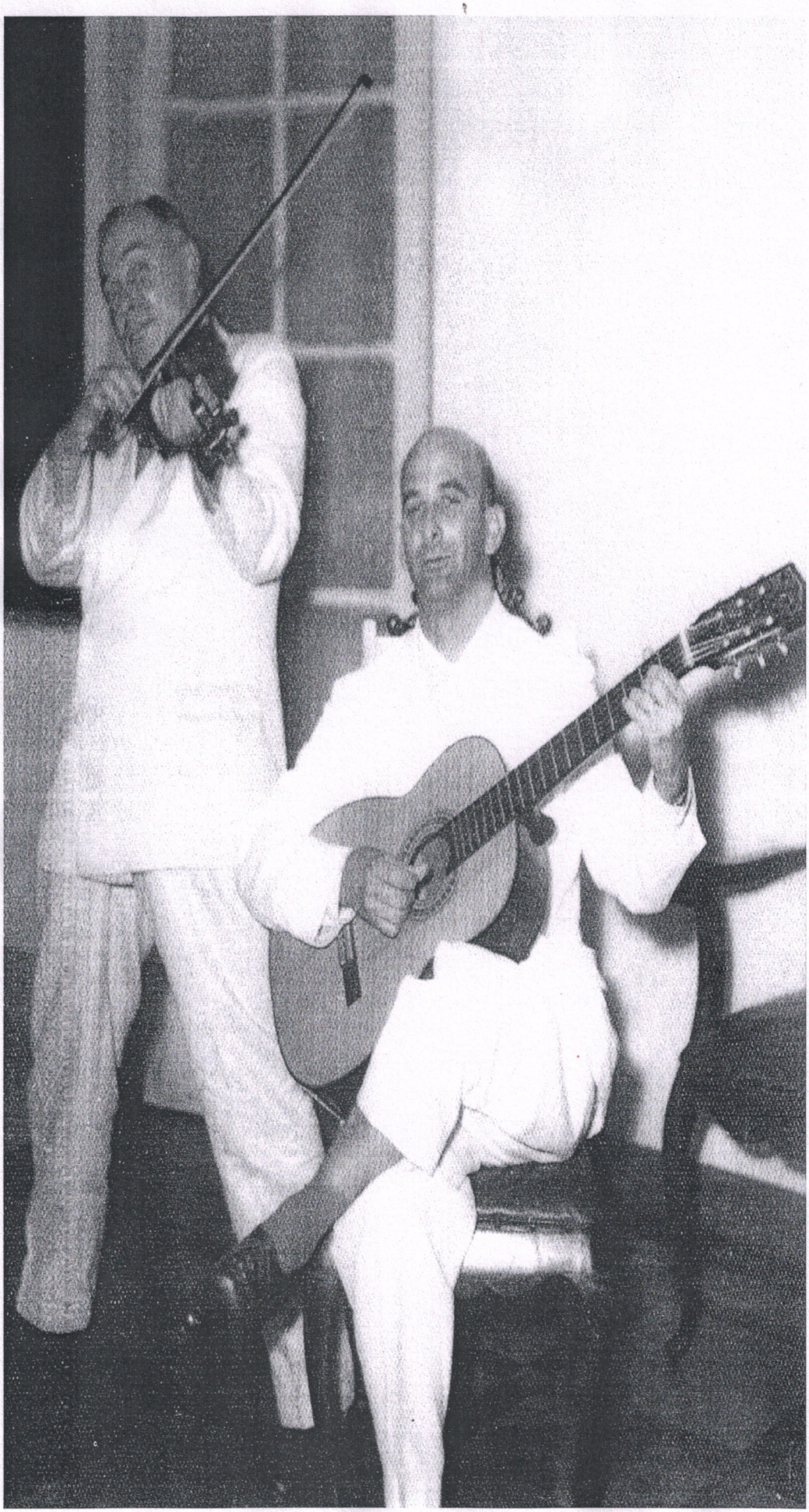
O violonista João Kuyummjian, filho do médico João Aris Kuyummjian, se apresentou na sede da SMC em 18 de março de 2004 e, no dia 23, foi a vez de José Rastelli, um dos mais afamados violonistas rio-pretenses. O Dia Internacional da Mulher foi comemorado com um desfile de modas e jóias, coquetel e jantar, e a performance "O DNA da moda", coordenado por Ana Maria de Souza Polotto e Cássia Cálio do Nascimento. Homenageando os médicos Adolfo Orse Neto, Carlos Eduardo Elias Cabbaz e Nelson de Carvalho Seixas a SMC comemorou o 78º aniversário de sua fundação com a festa "A Bahia é liiiinda", com comidas típicas como o acarajé, jogo de búzios e apresentação de grupos de dança e capoeira. Para comemorar a Semana do Médico, a diretora social Regina Volpato Bedone preparou "Um noite no Havaí", com animação da Banda Albatroz. Em novembro, a SMC recebeu o médico e enófilo paulistano Eliano Pelline, para ministrar palestra sobre vinho e sexualidade.

No aniversário de 79 anos da SMC, em março de 2005, a diretoria prestou homenagem a duas médicas, Maria Aracy F. Oliveira e Lídia Buchala. A animação musical foi da Banda Santa Ifigênia, e cancha do médico cantor Cacau Lopes, com serviço gastronômico assinado pelo Buffet Dalila e a decoração por Daniela Zancaner. Em outubro de 2005, foi inaugurada a Galeria de Presidentes da SMC, com a finalidade de guardar a memória de 30 ex-presidentes da instituição. Em novembro, a Unimed, sob a presidência do Dr. Horácio Ramalho, promoveu um jantar para cerca de dois mil convidados, no Clube Monte Líbano, aproveitando para apresentar a nova diretoria da SMC que, pela primeira vez em 80 anos, havia eleito para seu cargo máximo, uma mulher, a Dra. Regina Maria Volpato Bedone. A posse da nova diretoria aconteceu na noite de 16 de dezembro, numa festa memorável para os anais da história da instituição.

A SMC adentrou 2006 anunciando para fevereiro mais uma apresentação do violonista João Kuyumdjian no salão nobre, em parceria com a Associação Rio-pretense de Cultura Artística (Arca), com renda revertida à Amicc. Para março, foram programadas uma homenagem às mulheres no Dia Internacional de Mulher e a comemoração do 80º aniversário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto. O primeiro evento aconteceu no dia 7 de março, com coquetel, exposição de arte, desfile de moda e homenagem às mulheres médicas por sua atuação destacada nos vários segmentos da sociedade rio-pretense: Áurea Regina Mauad, Marisa Richards, Rita Sanches, Rosa Soubhia, Silvanita Yacubian, Valéria Braile, Vera Márcia Táparo e Vicenzina Santangelo. As telas e artesanatos foram apresentadas pelas médicas Andréa Lima, Maria Aparecida Sueko Arima, Maria Virginia Cury, Regina Ismael e Reny Volpato Bertazzo. No dia seguinte, 8 de março, a diretoria social Miriam Guidotti Haddad presenteou as mulheres com um jantar oriental, com danças *bon odori* e apresentação dos tambores japoneses.

Coube à diretora social Miriam Guidotti Haddad organizar a festa de aniversário dos 80 anos, na qual a SMC prestou uma homenagem ao médico Rubens Rocha Vieira, professor titular de Microbiologia e Imunologia da Famerp, que completava igualmente 80 anos de vida e 55 anos de carreira. A festa, com participação de mais de 300 pessoas, que teve como tema "O fantasma da ópera", foi estruturada pela Cenacon, Buffet Dair de Faria e Roni Vieira Festas. A elegância e fineza foram dignas da efeméride em comemoração. Aos 80 anos, a SMC se tornou uma das mais cinco mais antigas instituições de caráter privado de São José do Rio Preto e uma das mais sólidas e respeitadas instituições do Interior.

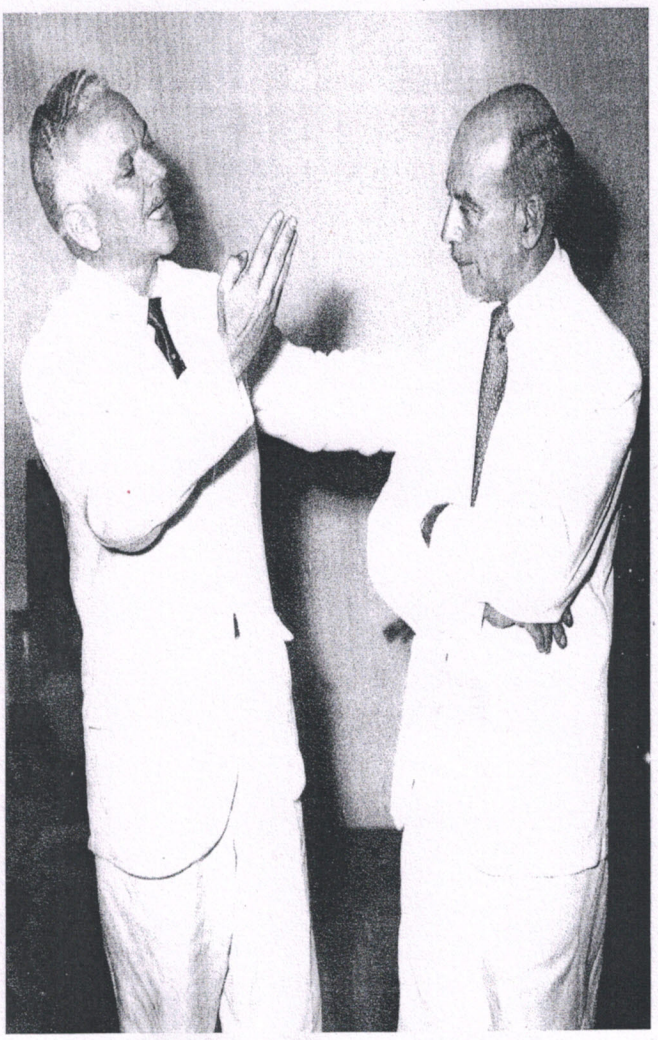
Convite para a festa de comemoração dos 80 anos de fundação da SMC, que teve como tema a peça de teatro "O Fantasma da Ópera"



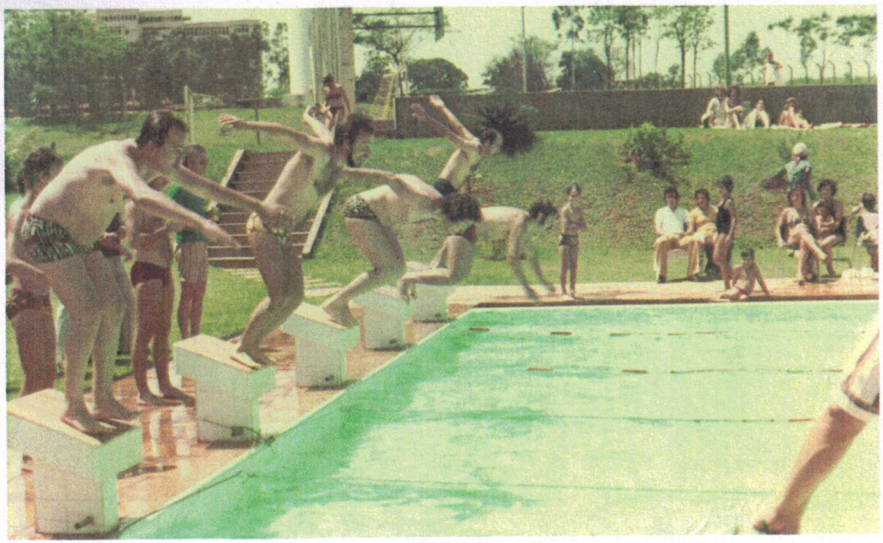
Dr. Luiz Bonfá toca violino acompanhado pelo Dr. Walter Benfatti no violão, em noite de festa da SMC

Uma das primeiras festas da SMC

Dr. Lineu de Alcântara Gil e o dentista Raul Silva



Dr. Raul Silva e Dr. Mario Valadão Furquin, ex-presidente da SMC



Vista geral da piscina no dia da sua inauguração, em outubro de 1971

Churrasco realizado na SMC, na semana do médico em 1971

Os médicos Adalberto Menezes Lorga, Ivan Valle Rollemberg, Walter Benfatti e Dured Fauaz no churrasco da Semana do Médico em 1971

Em clima de descontração e ambiente familiar as mulheres participam do jantar de encerramento da Semana do Médico em outubro de 1971

Acima: Dr. Aluyzio Mendonça Costa, Dr. Victor Navarro da Cruz, Dr. Ivan Rollemberg, Dr. Aldemir Bilaqui, Dr. Radovir Antonio dos Santos e Dr. Neon de Mello e Oliveira, na festa em comemoração aos 56 anos da SMC, em 4 de março de 1982

O Dr. Eduardo Boskovitz e sua esposa Vick, em conversa com Dr. Ivan Valle Rollemberg, na inauguração dos Vestiários da SMC em 1976

Dr. Aldemir Bilaque, Dra. Reny Volpato Bertazzo e o marido Dr. José Bertazzo, no jantar de encerramento da Semana do Médico de 1982

Dr. Ivan Rollemberg e Noemia, Dr. Proença, Manola Arroyo, Dra. Reny Volpato, Dra. Vânia Salles Moraes e marido Luiz Alberto Rodrigues, na Festa do Queijo e do Vinho, em 1983

Dr. Domingo Braile, sua esposa Maria Cecília e sua filha Valéria

Ao som do hino nacional italiano vemos o presidente Dr. Aldonio Ferreira de Faria Junior e a esposa Olga, o Dr. Marcelo Dória e Cristina, o Dr. João Roberto Antonio, entre outros, na Festa Italiana, em 25 de agosto de 1984

Na festa do Queijo e Vinho, em 1983, Dr. Antonio Soares de Souza e Dorotheia, Dr. Acayaba e Nair, Dr. Artur S. Souza e Lucy, Dr. João B. Barberato, Dr. Aued e esposa Lelinha, e Dra. Maria Cecília Braile

Dr. Aldonio Ferreira de Faria Junior, presidente da SMC, e sua esposa Olga, Dr. João Roberto Antonio, diretor social da SMC, e sua esposa Cidinha Cury, e as odaliscas de São Paulo, em 9 de junho de 1984, na "Noite Árabe"

Dr. Durval Franco Vilela, o Dr. Tufik Bauab Junior e sua esposa Dra. Selma de Pace Bauab, Dr. Wilson Monteiro Jr. e esposa Maria Regina (Marrê), na festa de comemoração aos 60 anos da SMC, em 7 de março de 1986

Dr. João Roberto Antonio, Manola Arroyo e Dr. Aldonio Ferreira de Faria Junior na "Festa dos Anos 60", em 1984

Dr. João Luiz Bassan Faria, diretor social 1986/1987, e a esposa Leda, o jornalista Roberto Toledo e a esposa Valéria, no aniversário dos 60 anos da SMC

Da esquerda para a direita: Dra. Maria Helena Dias Sardilli, Fabíola Zancaner Lopes, Maria Helena Nunes, Maria Tereza Constantini Gomes, Noemia Rolemberg, Dra. Regina Aurora Rosário, Dra. Amélia Marita Kawano, Sandra Buissa Mussi, Dra. Roberta Volpato Bertazzo

Marilicia Ribeiro, esposa do Dr. Raul de Aguiar Ribeiro recebe uma rosa, na comemoração da Semana da Mulher, em 2004

Dr. Ivan Bedone e sua esposa Dra. Regina Maria Volpato Bedone, e o Dr. Pedro Teixeira Neto e sua esposa Célia, na festa "A Bahia é muito liiiiinnnnda", que comemorou os 78 anos da SMC, em 26 março de 2004; e na foto ao lado, uma vista geral da festa

Os ex-presidentes Eleuses Vieira de Paiva, Luiz Fernando Colturato, Ivan Valle Rollemberg, o presidente Pedro Teixeira Neto, a diretora social Regina Maria Volpato Bedone, e o ex-presidente Horácio José Ramalho, cantam parabéns no 79º aniversário da SMC, em 2 de abril de 2005

Dr. Pedro Teixeira Neto e Dra. Regina Maria Volpato Bedone cortam o bolo de aniversário; na foto embaixo, vista geral da festa dos 79 anos

Inauguração da galeria dos ex-presidentes, em outubro de 2005. Na foto em cima, o presidente da SMC, Pedro Teixeira Neto, a presidente eleita Regina Maria Volpato Bedone, e Dr. Raul de Aguiar Ribeiro, cortam a fita de inauguração da galeria, aplaudidos pelos médicos Horácio José Ramalho, Mario Abbud Filho, Aldonio Ferreira de Faria Junior, Eliseu Roberto Denadai, Dr. José Paulo Cipullo, Luiz Fernando Colturato, Nelson de Carvalho Seixas e Ivan Valle Rollemberg. Na foto ao lado, parte da galeria de fotografias

Comemoração do Dia Internacional da Mulher, em 7 de março de 2006: Dra. Rita de Cássia Martins Ferreira da Silva, diretora científica, Dra. Regina Maria Volpato Bedone, presidente da SMC, e Dra. Miriam Regina Guidotti Haddad, diretora social

Na primeira foto ao lado, a Dra. Amélia Marita Kawano, e na segunda, Dra. Beatriz Antunes Araújo, no desfile de moda e jóias da Semana da Mulher, em 7 de março de 2006

A presidente Dra. Regina Maria Volpato Bedone e a Dra. Miriam Regina Guidotti Haddad cortam o bolo de aniversário dos 80 anos da SMC, em 25 de março de 2006

Horácio José Ramalho, Helencar Ignácio, Ivan Rollemberg, Miriam Regina Guidotti Haddad, a presidente Regina Maria Volpato Bedone, Eleuses Vieira de Paiva, Rubens Rocha Vieira (homenageado da SMC, por completar 80 anos de vida), Jorge Alberto Tomé (atrás), Pedro Teixeira Neto e Rui Nogueira Barbosa.
Na foto ao lado, Helencar Ignácio, Dr. Waldemar L. Machado de Lima, Ivan Rollemberg, Miriam Regina Guidotti Haddad, José Paulo Cipullo, Regina Maria Volpato Bedone, Rubens Rocha Vieira, Eleuses Vieira de Paiva, Jorge Alberto Tomé, Pedro Teixeira Neto e Rui Nogueira Barbosa brindam com champanhe os 80 anos da SMC

As fotos mostram a alegria e a descontração na comemoração do 80º aniversário de fundação da SMC

Dr. Jorge Selem Haddad Filho e sua esposa Dra. Miriam Regina Guidotti Haddad, diretora social, e a Dra. Regina Maria Volpato Bedone, presidente, e seu marido Dr. Ivan Bedone

Bolo dos 80 anos presta homenagem a todos os presidentes da SMC

Vida Esportiva

A partir da construção da nova sede, na Alameda Dr. Oscar de Barros Serra Dória, no bairro Bosque da Saúde, a SMC ampliou seus horizontes como instituição que congrega uma categoria profissional, passando a oferecer aos associados um espaço de esportes, lazer e descontração; um espaço diferente, com bastante área verde, onde o médico, que luta diariamente para salvar vidas, pudesse descansar, desfrutar algum tipo de esporte, encontrar seus amigos, reunir seus familiares, enfim, curtir o lado descontraído da vida. Instalado o "Clube Médico", a prática de esportes tornou-se uma das fortes atrações da SMC.

A diretoria de esportes tornou-se, com isso, um dos departamentos mais ativos da SMC, com a organização de diversos campeonatos e variadas modalidades de disputas internas. A prática de esportes, por meio de competições em diversas modalidades, se tornou um importante componente de congraçamento entre os médicos e seus familiares. Um exemplo disso foi o I Campeonato de Pipas, organizado pelo diretor esportivo, Dr. Luiz Fernando Colturato, no dia 21 de agosto de 1988. O sucesso foi imediato e eletrizante: mais de cinqüenta pipas sobrevoando o céu logo acima da SMC, com premiação em várias modalidades. O primeiro lugar para a pipa mais criativa ficou com João Manuel Tajara, a mais original para Camila Larsen Ciorlia, a maior pipa para Marina Sanches e a menor para Tiago Aued; o vôo mais alto para Marcelo Batistela e Gustavo Teixeira, o empinador mais jovem foi Beatriz Barbeiro Teixeira e, mais velho, Antonio Barbosa de Oliveira Filho. Os jurados da competição foram os médicos Regina Aurora Ismael, João Batista Barberato, Carlos Dario Berto, Elias Henrique de Carvalho Neto e Miguel Zerati Filho. Mais que uma simples competição, esse campeonato de pipas foi uma festa de integração e congraçamento entre crianças, jovens e adultos.

A diretoria esportiva realizou, ainda em 1988, a 1ª Copa Lustres Vila Rica de Tênis, sob a organização do Dr. Roberto Sant'Ana Sérgio. No dia 24 de setembro, foram disputadas duas categorias diferentes: simples e em duplas, masculino e feminino. O campeonato, que se estendeu até o mês de outubro, tinha também o objetivo de promover melhorias na área esportiva. Com o dinheiro arrecadado com as inscrições, iniciou-se a construção das barragens necessárias para as obras das outras duas quadras de tênis.

O campeonato de mini-campo adulto, torneio tradicionalíssimo entre os associados, reuniu 100 atletas em março de 1989. A final foi marcada pela disputa entre os times "Internacional" e "Palmeiras". A vitória ficou com o primeiro, cujo time foi integrado pelos médicos Milton Ferreira da Silva Dias Filho, Carlos Sandim, Pedro Teixeira, Ricardo Dória, Antonio Cláudio Bongiovani, João Gomes Netinho, Wahi Jalikjian, Pedro Rafael Conde, Guaraci Garcia Silveira, Nilo José Leal e Luiz Fernando Colturato. No mesmo ano, aconteceu, de maio a junho, o 1º Campeonato de Truco Pai/Filho. A vitória da competição ficou para Dr. João Luiz Bassan Faria e seu filho Gustavo Faria, que venceram as dezoito duplas participantes.

Edson Baffi

Edson Baffi

Fachada e entrada da atual sede da SMC, na Alameda Dr. Oscar de Barros Serra Doria

Em 1990, comandado por Cidinha Sanches e Vanda Barberato, o vôlei feminino venceu todos os amistosos que jogou contra os times do Palestra EC, Automóvel Clube, Clube Monte Líbano e AA Banco do Brasil. Havia oito anos que as associadas da SMC estavam jogando vôlei feminino com afinco, desde que Sonia Pedroso juntou um grupo de amigas para um despretensioso jogo de vôlei. O que parecia um passa-tempo acabou se tornando uma das atividades esportivas mais tradicionais da entidade. Foi através dela que as mulheres passaram a integrar o dia-a-dia da SMC. Com reuniões às segundas e quartas-feiras, o grupo treina com dedicação e devoção.

Também em 1990, Luciana Teixeira e Rodrigo Amorim foram os campeões do Campeonato de Tênis Infantil, que aconteceu entre os meses de novembro e dezembro. Os segundos lugares ficaram para Leila Anselmo e Ivan Bedone Filho. O Torneio Início de Mini-Campo Infantil reuniu cinqüenta adolescentes entre oito e dezesseis anos. A medalha de ouro ficou com a equipe "Júpiter", composta por Henrique Gandolfi, Rodrigo Ramalho, Fabian de Mauro, Thiago Bassi, Eduardo Palmegiani, Bruno Zancaner, Lucas Bassi e Marcelo P. Dias.

No primeiro semestre de 1991, duas equipes masculinas de futebol de salão disputaram a III Copa Café e Leite da Liga Rio-pretense de Futebol de Salão. Na categoria "Café" participaram atletas com mais de 35 anos, na "Leite", os atletas com menos de onze anos. Os adultos consagraram-se campeões invictos após a vitória na final sobre a equipe do Sesi, com um resultado de 4x0 para a SMC. O time campeão era formado por Luiz Fernando Colturato, Vagner Luiz Sanches, Antonio Ronaldo Spotti, Carlos Gabriel Fiqueiredo, Massaru Uehara, Guaraci Garcia, Luiz Gustavo Colturato e Celso Caldeira. Na categoria "Leite", os jogadores Juliano Barberato, Rodrigo Ramalho, Leandro F. Colturato, Eduardo Palmegiani, Ivan Bedone Filho, Lucas Bassi, Gilberto Brandolezi Junior e André Martucci terminaram o campeonato em quarto lugar.

A primeira participação da equipe da SMC no Campeonato Dente de Leite Mirim, realizado pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Turismo, trouxe a medalha de prata para a entidade, em 1991, conquistada pela equipe formada pelos atletas mirins: Adriano P. Machado de Lima, Alexandre Gandolfi, André Martucci, Cristiano Mikhail, Eduardo Lemos P. de Carvalho, Fábio P. Machado de Lima, Fernando Araújo do Valle, Gilberto Brandolezi Junior, Gustavo Fonseca Faria, João Carlos de Mauro Filho, Jorge Henrique Góes Shukumine, Juliano de O. Barberato, Luís Henrique Seixas, Márcio Henrique Seixas, Rodrigo José Ramalho, Thiago Gasperin Bassi e Tiago Aued.

Em clima de descontração e sempre com o intuito de integrar seus associados, foi organizado em dezembro de 1991, o I Campeonato Interno de Mini-Campo "Panela". Todos os times deveriam ser formados por colegas próximos, que integrassem a mesma "panelinha" de amigos. Na partida final, prevaleceu a experiência, com a vitória da equipe "Os Bons", formada pelos médicos Santana, Mocaiber, De Lobo, Dulcimar, Eduardo Silva, Marcos Cícero, Murilo, Lula e Piuí, sobre a equipe de médicos recém-associados, com o time "Nipo-Brasileira". Ainda na mesma linha, o Torneio de Futebol "Dr. Miguel Hernandes" se destacou pela criatividade. Cada uma das seis equipes participantes levava o nome de um dos funcionários da entidade, em uma homenagem feita àqueles que no dia-a-dia zelam pela SMC. A equipe Schmidt venceu a equipe Baiano por 4x0 e ficou com o primeiro lugar da disputa. Os outros times eram: Miro, João, Antonio e Carmo.

Disputado pela primeira vez em junho de 1992, o Torneio de Sinuca consagrou campeões os médicos Carlos Alberto Aued e Mário Abbud Filho. Em agosto de 1996, foi a vez do Dr. Antônio de Siqueira Campos Jr. sentir o gosto da vitória, ao vencer o I Torneio de Xadrez da SMC, competição que teve como árbitro o então tetracampeão paulista de xadrez do Interior, Leomar Borges.

Em 1994, o professor de vôlei, José Emídio Mendes Abrahão, mais conhecido como Zeta, atuando na SMC desde 1982, foi promovido a gerente das atividades esportivas com a missão de melhorar a qualidade das aulas e dos treinamentos das equipes da entidade, coordenando dez professores que davam aulas de tênis, futebol de salão e de campo, vôlei, basquete, condicionamento físico, aeróbica, hidroginástica e ioga. Essa tarefa lhe foi confiada pelo diretor do Departamento de Esportes e Recreação, Dr. Marco Aurélio van Erven, durante a gestão do Dr. Eleuses Paiva.

Realizada às vésperas de feriado, entre os dias 11 e 13 de abril de 1995, a segunda etapa do "Torneio Dr. Cipullo" reuniu 60 tenistas, divididas em 30 duplas inscritas para três categorias, de acordo com o nível técnico dos jogadores. Também em 1995, em julho, a SMC sagrou-se campeão da 1ª Olimpíada dos Profissionais Liberais (DEMA). A competição colocou frente a frente médicos, advogados, engenheiros e dentistas em oito modalidades esportivas durante um dia inteiro. O título de campeã veio das vitórias no xadrez, com a Dra. Elaine Tarraf, o Dr. Jorge Sukumine e o Dr. Carlos Macedo; no tênis, com o Dr. César Pereira Watanabe e Dr. Jorge Zahar; na sinuca, com o Dr. Edson Cartapatti e Dr. Pascoal A. Camarero Carrazone; no

truco, com o Dr. Carlos Egberto Rodrigues e Dr. João Luiz B. Faria, e no tênis de mesa, com o Dr. Marco Antonio Dias e Dr. Luiz Fernando Reis.

Em 1997, o time de futsal masculino da SMC foi campeão do I Torneio Olímpico Proflan e vice-campeão no Campeonato Aberto da Cidade, promovido pela Liga Rio-pretense de Futsal. Ainda no mesmo ano, a equipe feminina de vôlei trouxe para a entidade a medalha de bronze no Campeonato Senior's de Rio Preto, promovido pela Liga Rio-pretense de Voleibol.

Entre uma bola de tênis e outra que recolhia nos jogos e treinos dos médicos, Alessandro de Carvalho Rodrigues, o boleiro de 17 anos da SMC, aprendeu cada traquejo do esporte. Em janeiro de 1998, o talento do adolescente o premiou com o primeiro lugar no Estado de São Paulo entre os tenistas de 17 e 18 anos. O sucesso foi resultado do seu trabalho na SMC, aliado ao seu esforço e habilitação própria, e a dedicação do professor de tênis Edson Silva. Em 2000, Massaro Uehara e Luís Fernando Caldeira da Silva sagraram-se campeões de truco na Semana do Médico.

Representando o Brasil na VI Copa do Mundo de Equipes Médicas de Futebol, a equipe da SMC viajou para Barcelona, na Espanha, entre os dias 3 e 10 de julho de 2000. Com jogos no estádio de Camp Noul, a competição contou com a participação de times formados por médicos da Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Inglaterra, Holanda, Estados Unidos, França, País de Gales, Rússia, Brasil, Portugal, Áustria, Romênia, Hungria, Itália, Suécia, Austrália, Alemanha e da Catalunha (região autônoma da Espanha, da qual Barcelona é a capital). Invictos durante todo o campeonato, os jogadores rio-pretenses trouxeram para o Brasil a medalha de bronze após vencer a Alemanha na disputa do terceiro e quarto lugares. Uma manobra de tabela na última hora levou duas equipes espanholas a disputarem o título.

O time da SMC que foi a Barcelona em 2000 era formado pelos médicos Kassey Henrique de Vasconcelos, Mário Fernando B. Domingues, José Geraldo B. A. Filho (Uberaba-MG), Geovanne Furtado Souza (Catanduva-SP), João Carlos Ferreira Leal, Márcio de Oliveira Carneiro, Carlos Sandin, Carlos Gabriel Figueiredo, José Carlos Cacau Lopes, Luciano Barcelos (Franca-SP), Antônio Ronaldo Spotti, Evaristo Dane de Oliveira, Marco Aurélio Daineze (Franca-SP), José Dalmo Araújo Filho, Kenji Miyazaki, Euclides Gabilheri Júnior, Roberto Carlos Garcia e Roberto Kaoru Yagi.

Em julho de 2004, a equipe de futebol da SMC voltou a Barcelona e dessa vez sagrou-se campeã do 10º Campeonato Mundial para Equipes Médicas (World Championship For Medical Teams). Dois anos depois, em 2006, os médicos da SMC sagraram-se bicampeões mundiais na Alemanha, num campeonato que teve a participação de dez equipes, representando todos os continentes, exceto a África. Os médicos brasileiros jogaram contra a Coréia do Sul, Austrália, Hungria, Alemanha e Espanha. O time da SMC existe há quase 30 anos, com renovações na equipe, e joga todos os sábados no campo da SMC. A Unimed patrocina os uniformes e cada médico-jogador custeia seus próprias passagens e estadia. Acompanhando o espírito do campeonato, a conquista do Campeonato Mundial para Equipes Médicas equivale a ganhar a Copa Mundial de Futebol, da qual o Brasil é pentacampeão.

O envolvimento dos associados com as atividades esportivas promovidas pela SMC foi sempre muito forte. Prova disso foram os recordes de inscrição alcançados durante os campeonatos. Em 2001, na edição do Intramédicos de Tênis, 80 tenistas se inscreveram para disputar o título anual da competição. No ano seguinte, durante as cartadas do Campeonato de Truco, 34 duplas participaram dos jogos, que tiveram como campeões Luiz Fernando Colturato e seu filho Leandro Freitas Colturato. Em janeiro de 2003 foi realizado o V Torneio de Truco de Verão que teve como campeã uma dupla mista formada por Ivan Bedone Filho e Paula Volpato Sanitá; a dupla Leandro Colturato e Nicanor Batista Neto ficou com o segundo lugar.

O esporte, no conceito que lhe é característico e peculiar em todo o mundo, sejam em grandes competições como as Olimpíadas, os Pans e os mundiais, ou nos nacionais, como os Jogos Regionais e os Abertos, é um dos fios condutores que une e atrai pessoas na SMC. É um segredo desvendado desde o primeiro momento de funcionamento da sede da SMC na Alameda Oscar de Barros Serra Dória.

Fotografias Edson Baffi

Vida Esportiva

Edson Baffi

Edson Baffi

Em pé: o juíz Márcio, Sidney D´andrea, Nagib Nassif, Segisfredo Nicolau Caldo, Ricardo Dória, Edilberto Araújo, Ivan Rollemberg; agachados: Mocayber Gorayeb, Walter Negrelli, Nelson Nagib Gabriel, Rubens S. Birolli e José Bertazzo, na Semana do Médico em 1971

Antonio Roberto Bazolla, Humberto Liedkte Jr., João Octávio Pirozzi, José Fernando Vieira da Silva, José Pardo Filho, Walter Negrelli, Gilberto Keniti Anai e Ariobaldo Krempel de Castro, na Semana do Médico, em outubro de 1971

Time formado pelos médicos: Hélvio Fochi, Antonio Carlos Montanhez, Francisco Marchezini, A. Rossi Esteves, Paschoal Carrazone, Ademar M. Lorga e Adalberto M. Lorga

Semana do médico em 1975 - Jogo de Futebol entre Clínicos e Cirurgiões

Semana do Médico de 1975. Time de Clínicos, em pé: Dr. Márcio Augusto Fioroni, Dr. Helvio Fochi, Dr. Antonio Paulo Lorga, Dr. Antonio Sérgio Balbino, Dr. Amadeu Menezes Lorga, Dimas S. Hernandez e Dr. Adhemar Menezes Lorga. Agachados: José Eduardo Quaranta Balbino, Dr. João Tajara Filho, Dr. Adalberto Menezes Lorga, Dr. Antonio Ayrton de Lima, Dr. Carlos Eduardo Elias Cabbaz

Time Cirurgiões, em pé: Dr. Gilberto Keniti Anai, Dr. Waldemar Mano Sanches, Dr. Pérgio Bertolini, Dr. José Dalmo de Araújo, Dr. José Bertazzo, Dr. Octávio Almeida Luz, Dr. Joaquim Barbeiro. Agachados: Dr. Carlos Abib Cury, Dr. Nelson Nagib Gabriel, Dr. Oscar Ricardo Silva Dória e Dr. Edilberto de Araújo

Médicos assistem a uma partida na Semana do Médico em 1977, no alto: Dr. Osvaldo Mazzer, Dr. Sami Zerati, Dr. Waldemar Mano Sanches, Dr. José Fernando Vieira e Dr. Wilson Daher, embaixo: filho do Dr. Dalmo, Dr. José Dalmo de Araújo, Dr. Ivan Valle Rollemberg, Dr. Luiz Bonfá e Dr. José Bertazzo

Dr. José Adriano Zancaner, Dr. Pedro Antonio Minaes, Dr. José Bertazzo, Dr. Oscar de Barros Serra Dória, Dr. Ivan Valle Rollemberg, Dr. Hubert Richard Pontes e Dr. Antonio Yacubian. Jogando xadrez, Dr. Jorge Shukumine e Dr. Milton Ferreira da Silva Dias, na Semana do Médico em 1977

Time de vôlei da SMC em 1984, em pé: Sheila Lima, Ledir Godinho, Marisa Floriano, Marisa Bassi, Leda Faria e o técnico Zeta; agachadas: Lelinha Aued, Ceres Tajara, Helenice Giorgi e Margarete Golim

Equipe feminina de vôlei da SMC: Dra. Lina, Nair, Dra. Ana Luíza, Heloísa, Dra. Suzana, Márcia e Dra. Livia, conquistou o título do Torneio de Vôlei do Rio Preto Automóvel Clube em 2001

Corrida de saco na Semana do Médico, em 1982

O Dr. Sergio Lopes Peres saltando de pára-quedas, foi a atração do churrasco de abertura da Semana do Médico, em 1982

Time de futebol da SMC homenageado em 1982, na Semana do Médico, em pé: Wagner Sanches, Luis Alberto Ciorlia, José Francisco Gandolfi, Carlos Gabriel Figueiredo, Luis Celso Pedro Rosan e Aldemir Bilaque, agachados: Pedro Teixeira Neto, Mocayber Gorayeb Neto, Miguel Hernandes, Oscar Ricardo Silva Doria e Luiz Fernando Colturato

Da esquerda para a direita: Dr. Helder Silva Sanches, Dra. Ana Luiza R. Siqueira Campos, Dra. Ana Maria Reis Toledo e Dr. Guilherme A. M. Medeiros, no 10º Intramédico de Tênis, em setembro de 2005

Da esquerda para a direita: Dr. Paschoal Antonio Camarero Carrazone, Dr. Márcio Luiz Paráboli Silva, Dr. Ivan Rollemerg Filho e Dr. Wilson Monteiro Junior, no 10º Intramédico de Tênis

Time de futebol, formado com maioria de médicos rio-pretenses, que representou o Brasil no World Championship for Medical Teams, em Barcelona, Espanha, no ano de 2004, sagrando-se campeão mundial. Em pé: Euclides Gabilheri Filho, Léo, Luís, Mário Fernando Domingos, Carlos Gabriel Figueiredo, Antonio Ronaldo Spotti, Ferrari, João Carlos Leal, Arnaud, Raul e Geovanne Furtado Souza. Agachados: Vinícius (filho do Dr. Euclides Gabilheri Filho), José Carlos Cacau Lopes, Pedro Teixeira Neto, João Paulo, Guaraci Silveira Garcia, Annicchino, Rodrigo, Márcio Carneiro e João Geraldo (filho do Dr. Geovanne)

Galeria de troféus conquistados pelos médicos esportistas, em várias modalidades, em especial as conquistas de âmbito mundial no futebol. Os troféus estão expostos na secretaria da SMC

1º Campeonato Brasileiro de Futebol de Equipes Médicas de 21 a 24 de abril de 2005. Em pé: Ferrari, João Volpe, Luciano, Carlos Gabriel Figueiredo, Geovanne Furtado Souza, Mário Fernando Domingos, João Carlos Leal, Márcio Carneiro e Paulo. Agachados: Luíz Fernando Barcelos, Dainese, Léo, Pedro Teixeira Neto, Rodrigo, Arnaud, Guaraci Silveira Garcia e Flávio Pimenta

Cirurgiões, esquerda para direita de pé: José Sandin Filho (goleiro), Dr. José Pardo Filho, Dr. Valdemar M. Sanches, Dr. Pedro Rosan, Dr. José A. C. Pedroso, Dr. João Otávio Pirozzi, Dr. José Fernando Vieira e Dr. Ivan Rollemberg; esquerda para direita agachados: Dr. Osvaldo Mazer, Dr. José F. Gandolfi, Dr. Antônio R. Bozzola, Dr. Antônio R. Spotti, Dr. Agnaldo Vasconcelos, Dr. Marcio da Silva e Dr. Sidney D'Andrea

I Torneio de Futebol mini-campo, em abril de 2005. Em pé: Georges Bezas, Miguel Hernandez, Geovanne Furtado de Souz, Nagib Nassif, Gerson Ignácio, Clóvis Castilho, Milton Dias Filho. Agachados: Nenê, Oswaldo Miura, Pedro Teixeira Neto, Ricardo Francisco Lobo e Esmeraldino

Clínicos, esquerda para direita em pé: Dr. Pedro Minaes, Dr. Antonio Carlos Pires, Dr. Luiz Alberto Ciorlia, Dr. Carlos Sandin, Dr. Irineu Maia, Dr. Hélio Rezende e Dr. Ivan Rollemberg; esquerda para direita agachados: Dr. Egberto Palmegiane, Dr. José Carlos Polachini, Dr, Julio Farinazzo, Dr. Ademar Lorga, Dr. Darci Nogueira e Dr. Miguel Hernandes Filho

Médicos jogam biribol na Semana do Médico, em outubro de 2005

Em pé: Márcio, Carlos Eduardo Ferreira, Antonio de Siqueira Campos, Paulo Peres, Roberto Sant'Anna Sérgio, Nagib Buissa. Agachados: Zico, Jercelino Miguel Campanha, Jorge Sukumine e Marcelo Biroli, no torneio de futebol de mini-campo, em abril de 2005

Aos 80 anos

Em 2005, no dia 16 de dezembro, a SMC empossou a primeira mulher presidente da entidade, a médica Regina Maria Volpato Bedone, que liderou a chapa "Vanguarda". Foi a primeira vez que uma mulher concorreu à presidência da instituição, sendo eleita por unanimidade para suceder o Dr. Pedro Teixeira Neto.

Conhecida pelo espírito de luta e pela determinação que sempre pautou sua carreira profissional, a Dra. Regina tem a consciência de que sua atuação como presidente da SMC representa um marco histórico na trajetória da instituição e também, na área médica, onde as mulheres atualmente ocupam cargos de grande responsabilidade, antes ocupados apenas pelos homens. Ela lembra que além de ter participado de muitos eventos científicos, sociais e culturais, também inúmeros fatos de sua vida pessoal aconteceram na SMC, como por exemplo, sua festa de casamento, as festas dos aniversários dos filhos, as bodas de ouro de seus pais e também as suas próprias bodas de prata.

Antes de ser eleita presidente, Dra. Regina foi diretora do Departamento Feminino na gestão do Dr. Mário Abbud Filho e diretora do Departamento Social na gestão do Dr. Pedro Teixeira Neto.

Em 1998, no Dia Internacional da Mulher, como diretora do Departamento Feminino, prestou homenagens às mulheres, representadas por médicas e esposas de médicos.

Como diretora social, no triênio da gestão do presidente Pedro Teixeira Neto (2003-2005), organizou as festas de aniversário dos 77, 78 e 79 anos da SMC e as festividades da "Semana do Médico". Participou também do movimento de classe que reivindicava ganhos nos honorários médicos e reconhecimento e implantação da CBHPM (Classificação Brasileira Hierarquizada dos Procedimentos Médicos) e colaborou nas edições do Jornal do Médico.

Como presidente eleita da SMC para o triênio 2005-2008, participou, ao lado do então presidente Pedro Teixeira Neto, da inauguração da "Galeria dos Presidentes da SMC". Em 2006, na presidência, Dra. Regina iniciou um trabalho objetivando a união da classe médica para fortalecer a SMC por meio do associativismo.

A SMC, como entidade de classe, tem o dever de continuar trabalhando pela preservação dos direitos dos médicos, atribuição que a instituição jamais abriu mão, independente das dificuldades e obstáculos encontrados pelo caminho. Nesses 80 anos de existência, muitas lutas foram travadas e na maioria delas os médicos puderam comemorar suas vitórias; conuistas que foram importantes para a classe médica e para a população em geral.

Em 8 de março de 2006, nas festividades do Dia Internacional da Mulher, Dra. Regina Maria Volpato Bedone foi homenageada pela Câmara Municipal de São José do Rio Preto. Os vereadores rio-pretenses reconheceram, ao outorgar-lhe essa importante homenagem, em nome do povo de São José do Rio Preto, a sua postura inovadora à frente dos destinos da SMC. Projetos arrojados surgem na sua gestão como a proposta

de transformar a antiga sede da rua Marechal Deodoro no Museu da Medicina de São José do Rio Preto e a elaboração deste livro que narra a história dos 80 anos da SMC. Será a recuperação da memória dos médicos pioneiros que, no início do século 20, deram início às atividades que hoje conferem à cidade o caráter de referência em medicina, com vários de seus médicos atuando como palestrantes em congressos médicos de âmbitos nacional e internacional. Antes, com freqüência, os médicos buscavam colegas de renome para aqui aportarem, trazendo conhecimentos e informações avançadas; hoje, é a cidade que envia palestrantes, exportando conhecimento e tecnologia. A SMC, por sua história e trajetória, conforme tudo que está registrado em suas memórias, é a grande responsável pela construção dessa medicina avançada que a cidade abriga.

Ressaltando uma postura ética e democrática, a presidente da SMC, Regina Maria Volpato Bedone, solicitou que a narrativa do livro da história da entidade "SMC - 80 ANOS DE LUTAS E CONQUISTAS" terminasse na data do aniversário dos oitenta anos da instituição, em 4 de março de 2006, e nenhum dia a mais. Dra. Regina acredita que caberá a outros colegas darem continuidade a essa história, por entender, assim como os autores, que a história não tem ponto final.

A história está sempre sendo escrita e reescrita, recebendo novas informações de acordo com o olhar de cada historiador, de cada pesquisador. Esta que está em suas mãos, caro leitor, é a nossa versão dessa história grandiosa que os médicos rio-pretenses construíram na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto.

Discurso de Posse da Dra. Regina Maria Volpato Bedone
Gestão 2005/2008

É muito bom lançar o olhar ao passado!

Rejuvenesce a alma. Fortalece a mente.

Em 1971, jovem e caloura da faculdade de medicina, lancei minha âncora nesta cidade e me tornei rio-pretense para sempre.

Os anos da juventude são inesquecíveis.Temos a ilusão de que o presente é o futuro. Vivemos com grande paixão e inconsequência. Conquistamos amigos e eles são jóias preciosas que guardamos para sempre na memória. Nossos professores são nossos ídolos a quem dedicamos todo respeito e admiração. Nossa escola simboliza as conquistas que tivemos. Nossos pais são eternos heróis.

Depois, como disse o poeta Reiner Maria Rilke, "a vida agarra-se ao difícil". Com o diploma nas mãos partimos em novas viagens e descobrimos que ser médico exige vocação, renúncia, compaixão, competência, dedicação, perseverança e aprimoramento.

A medicina é arte, é bem precioso, é total doação.

Ela nos gratifica e também nos consome. É um diamante que precisa ser repartido com todos: com os pacientes, com a comunidade e com a família.

Aqueles que abraçam a profissão médica devem amar sua escolha porque sabem que encontrarão um trabalho árduo. E eu também o sei. Para presidir uma entidade médica pressupõe-se uma profissional competente, com conhecimento técnico e científico suficientes, com capacidade de liderança, ser idônea e também conseguir conciliar sua vida familiar com seu trabalho.

Estes são os grandes desafios que enfrentarei nos próximos três anos. A coragem, o entusiasmo, a vontade de realizar me fazem otimista.

Estes bons sentimentos que me animam agradeço ao meu marido, Ivan, meu amor e companheiro. Suas atitudes de incentivo, compreensão e generosidade foram determinantes para minha decisão.

Aos meus filhos Rebeca, Ivan Igor e Raquel a minha gratidão pela confiança que depositaram em mim. Aos meus pais dou graças por terem realizado o meu sonho de ser médica. Aos meus irmãos e irmãs, agradeço os bons exemplos e que me deram. Aos amigos Célia e Pedro, meu reconhecimento por terem confiado em meu trabalho.

Hoje é um dia muito especial. Com certeza, é o mais importante da minha vida profissional. Ser presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto é uma grande honra para nós, médicos, que amamos a nossa profissão e a esta entidade que nos representa e acolhe.

A Sociedade de Medicina faz parte da história da minha vida. Aqui, participei de jornadas e congressos quando ainda era estudante. Ao longo de todos esses anos, neste mesmo local, presenciei muitos acontecimentos científicos, políticos, sociais e culturais.

Ser presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia me proporcionará exercer minha cidadania com plenitude. Estarei mais ainda compromissada com meus colegas, com minha cidade, com meu estado e com meu país.

Felizmente, tenho exemplos vivos, muito próximos, para espelhar-me: Dr. Eleuses Vieira de Paiva, Dr. Pedro Teixeira Neto, Dr. Horácio José Ramalho, Dr. Renato Ferreira da Silva. São colegas que exercem liderança ímpar nos cargos que ocupam. Agradeço por terem escolhido o meu nome.

Obrigada aos colegas da gestão 2002-2005 que me incentivaram a aceitar este cargo; Dr. Rui Nogueira Barbosa, meu querido professor Dr. Eduardo Paulo Boskovitz, Dr. Orlando César Mazota, Dr. Walter Benfatti Júnior, Dr. Gerson Ignácio, Dr. Osvaldo Miura, Dr. Antonio Barbosa de Oliveira Filho e Dra. Ana Luiza Siqueira Campos.

Estendo ainda meus agradecimentos aos colegas que corresponderam ao meu apelo e aceitaram compor comigo a chapa Vanguarda.

Senhores, o lema da minha vida sempre foram três palavras escritas por meu pai em meu álbum de recordações no dia do meu aniversário de onze anos; "Quem persiste triunfa". (E eu persisto!).

Sabe-se que a mulher representa a metade da população economicamente ativa mundial (Eu persisto!).

Depois de oito mil anos de opressão, ela começa a sobressair em muitos setores da sociedade: nas estruturas políticas, sociais e econômicas. Está abandonando os mitos de Eva e Pandora. No Brasil, desde 1980, após a revolução sexual, a mulher procura construir a igualdade de gêneros: igualdade entre mulheres e homens, que respeite as diferentes orientações sexuais; igualdades raciais e étnicas, que façam com que as diferenças de cor e origem também sejam mais urna expressão da rica diversidade humana; igualdade de oportunidades para todas as pessoas.

No privado e no público a mulher está alterando relações cristalizadas e desiguais de poder.

O aumento da escolaridade feminina foi uma conquista da mulher brasileira ao longo do século XX. Ela se empenhou para ter acesso às escolas e universidades. Pesquisas realizadas em 1996 e em 2000 pelo Conselho Federal de Medicina mostraram que as cadeiras da graduação médica são cada vez mais ocupadas pelas mulheres. Estão desempenhando tarefas e assumindo cargos anteriormente destinados exclusivamente aos médicos.

No Estado de São Paulo temos 84 regionais que representam a Associação Paulista de Medicina e no último 31 de agosto foram eleitas médicas presidentes em 8 regionais.

Com coragem e determinação, a mulher começa a realizar os sonhos que sonhou.

Talvez Simone de Beauvoir estivesse certa ao dizer "não se nasce mulher, torna-se mulher": mulher concreta, com sexo, com nome, com biografia, com experiência, com futuro.

As Marias de Milton Nascimento expressam com magia os dons femininos; a força, a raça, a gana. É a estranha mania de ter fé na vida, é acreditar que a vida sempre vale à pena e requer luta constante.

Colegas da Vanguarda, eu espero que possamos caminhar juntos nos próximos três anos. Não existe Sociedade de Medicina sem médicos.

Colegas médicos e médicas, dados de pesquisa recente realizada pelo IBOPE mostraram que o médico é o profissional de maior credibilidade na opinião dos brasileiros, com um índice de 81% de confiança. O povo sabe em quem confiar! Cada médico é uma força poderosa e a nossa força de luta aumentou nos últimos dez anos.

O associativismo é fundamental para atingirmos os objetivos que foram traçados pela Associação Médica Brasileira e pelo Conselho Federal de Medicina, entidades que fizeram uma parceria de sucesso absoluto.

Em 2003, estas entidades uniram-se a outras entidades médicas e escreveram a Carta de Brasília que já faz parte da história da Medicina brasileira.

O Ato Médico, a Classificação Brasileira Hierarquizada de Proce-dimentos Médicos (CBHPM) e a Qualificação Profissional do médico são temas importantes deste documento que precisamos concretizar.

As lutas destas entidades médicas pelos mesmos objetivos frutificaram. Nasceu a proposta de criação da "Ordem dos Médicos do Brasil", símbolo da nossa união e meta para alcançarmos no futuro.

Neste triênio pretendemos trabalhar estando sempre em sintonia com o Presidente da Associação Médica Brasileira Dr. José Luiz Gomes do Amaral e o Presidente da Associação Paulista de Medicina Dr. Jorge Carlos Machado Cury recentemente empossados.

Senhores, senhoras, caros colegas, amigos e amigas, querida família, meu marido e meus filhos, inspirada em Thiago de Mello, deixo agora o meu recado: "Não tenho um caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar". Peço a Deus que Ele cuide dos meus passos.

Obrigada!

Dra. Regina Maria Volpato Bedone assina o termo de posse para a gestão de 2006/2008

A presidente Regina Maria Volpato Bedone cumprimenta o vice-presidente Rui Nogueira Barbosa

A Dra. Regina Maria Volpato Bedone com seu marido Dr. Ivan Bedone no dia da sua posse na SMC

Associados, convidados e autoridades participam da posse de Regina Maria Volpato Bedone, no dia 16 de dezembro de 2005

Dra. Regina Maria Volpato Bedone recebe das mãos dos vereadores Eni Fernandes e Dourival Lemes dos Santos placa em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres, conferida pela Câmara Municipal de São José do Rio Preto, no dia 8 de março de 2006

Posse da Diretoria da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio reto

Triênio 2005/2008

Presidente

Dra. Regina Maria Volpato Bedone

Vice-Presidente

Dr. Rui Nogueira Barbosa

1º Tesoureiro	Dr. Fernando Vilela Salis
2º Tesoureiro	Dr. Helencar Ignácio
1º Secretário	Dr. Geovanne Furtado Souza
2º Secretário	Dr. Waldemar Luiz Machado de Lima
Diretor Defesa de Classe	Dr. Jorge Alberto Thomé
Diretora Científica	Dra. Rita de Cássia M. Alves da Silva
Diretor Esportes	Dr. Mário Fernando B. Domingos
Diretora Social	Dra. Miriam Regina Guidoti Haddad
Diretor Cultural	Dr. Eduardo Paulo Boskovitz

Delegados Eleitos Junto à A.P.M.

Dr. Emerson Gomez

Dr. Horácio José Ramalho

Conselho Fiscal

Membros Efetivos:

Dr. Antonio Yacubian Filho

Dr. Carlos de Marqui

Dra. Celita Fiorini Dalul Gómez

Dr. Manoel Carlos Libano dos Santos

Dra. Mariângela Coelho Pinto Bordin

Dr. Octávio Almeida Luz

Dr. Osvaldo Miura

Paulo César Bonadio

Dr. Sérgio Henrique Ledesma

Dra. Vera Helena Almeida Gama

Membros Suplentes:

Dr. André Luiz Reis

Dr. Aparecido João Falopa

Dra. Áurea Regina Maud

Dr. Marcos Teixeira Cesar

Dra. Vera Márcia M.G. Tápparo

Convite registra o momento histórico da posse de Regina Maria Volpato Bedone, a primeira mulher a presidir a SMC em 80 anos de existencia

Diretoria para o trienio 2006/2008, Jorge Alberto Tomé, Helencar Ignácio, Waldemar Luis Machado de Lima, José Paulo Cipullo, Regina Maria Volpato Bedone, Rita de Cássia Martins Ferreira da Silva, Miriam Regina Guidotti Haddad, Áurea Regina Mauad, Rui Nogueira Barbosa e Geovanne Furtado Souza

Aos 80 anos

Sala onde estão expostas as fotografias dos ex-presidentes da SMC

Presidentes

1º Diretoria - 1926/1927
José Mendes Pereira

2º Diretoria - 1927/1928
José Mendes Pereira

3º Diretoria - 1928/1929
Esperidião de Queiroz Lima

4º Diretoria - 1929/1930
Floriano de Lemos

5º Diretoria - 1930/1931
Justino de Carvalho

6º Diretoria - 1931/1932
João Deoclécio Ramos

7º Diretoria - 1932/1933
José Borges de Carvalho

8º Diretoria - 1933/1934
José Borges de Carvalho

9º Diretoria - 1934/1935
José Borges de Carvalho

10º Diretoria - 1935/1936
José Borges de Carvalho

11º Diretoria - 1936/1937
José Borges de Carvalho

12º Diretoria - 1937/1938
José Borges de Carvalho

13º Diretoria - 1938/1939
Justino de Carvalho

14º Diretoria - 1939/1940
Aguinaldo Pondé

15º Diretoria - 1940/1941

Synésio de Mello e Oliveira

16º Diretoria - 1941/1942

Mário Valadão Furquim

17º Diretoria - 1942/1943

Edmundo Cabral Botelho

João Deoclécio Ramos

18º Diretoria - 1943/1944

José Mendes Pereira

19º Diretoria - 1944/1945

Synésio de Mello e Oliveira

20º Diretoria - 1945/1946

Francisco Sizenando Júnior

21º Diretoria - 1947/1948

Aniloel Nazareth

22º Diretoria - 1948/1949

Aniloel Nazareth

23º Diretoria - 1949

Synésio de Mello e Oliveira

José Maria Rollemberg Sampaio[1]

24º Diretoria - 1950

Aniloel Nazareth

25º Diretoria - 1951-1952

Mario Valadão Furquim

26º Diretoria - 1953/1954[1]

Mario Valadão Furquim

27º Diretoria - 1955/1956

Mario Valadão Furquim

28º Diretoria - 1957/1958

Mario Valadão Furquim

29º Diretoria - 1959/1960

Raul de Aguiar Ribeiro

30º Diretoria - 1961/1962

Raul de Aguiar Ribeiro

31º Diretoria - 1963/1964

Lauro César Pereira Ribeiro

32º Diretoria - 1965/1966

Helion de Mello e Oliveira

Crescêncio Centola[2]

[1]Completou o mandato

[2]Completou o mandato em 1966

33º Diretoria - 1967/1968

Raul de Aguiar Ribeiro

Radovir Antônio dos Santos[3]

Carlos Eduardo Elias Cabbaz[4]

34º Diretoria - 1969/1971

Radovir Antônio dos Santos

35º Diretoria - 1972/1973

Ivan Valle Rollemberg

36º Diretoria - 1974/1975

Ivan Valle Rollemberg

37º Diretoria - 1976/1977

Ivan Valle Rollemberg

38º Diretoria - 1978/1979

João Freitas

39º Diretoria - 1980/1981

João Freitas

40º Diretoria - 1982/1983

Aldemir Bilaqui

41º Diretoria - 1984/1985

Aldonio Ferreira de Faria Jr.

42º Diretoria - 1986/1987

Durval Franco Vilela

43º Diretoria - 1988/1989

Eliseu Roberto Mello Denadai

44º Diretoria - 1990/1991

Horácio José Ramalho

45º Diretoria - 1992/1993

José Paulo Cipullo

46º Diretoria - 1994/1995

Eleuses Vieira de Paiva

Olavo Amorim Junior[5]

47º Diretoria - 1996/1997

Mário Abbud Filho

48º Diretoria - 1998/1999

Mário Abbud Filho

49º Diretoria - 2000/2002

Luiz Fernando Colturato

50º Diretoria - 2003/2005

Pedro Teixeira Neto

51º Diretoria - 2006/2008

Regina Maria Volpato Bedone

[3]Assumiu com a renúncia do titular

[4]Interino em 1967

[5]Completou o mandato em 1995

Diretorias

1º Diretoria - 1926/1927
Presidente: José Mendes Pereira
Vice-Presidente: Cenobelino de Barros Serra
Secretário: Israel Alves dos Santos
Orador: Floriano de Lemos
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues

2º Diretoria - 1927/1928
Presidente: José Mendes Pereira
Vice-Presidente: Fritz Jacobs
Secretário: João Deoclécio Ramos
Orador: Peregrino da Silva
Tesoureiro: Justino de Carvalho

3º Diretoria - 1928/1929
Presidente: Esperidião de Queiroz Lima
Vice-Presidente: Fritz Jacobs
Secretário: João Deoclécio Ramos
Tesoureiro: José Borges de Carvalho
Orador: Floriano de Lemos

4º Diretoria - 1929/1930
Presidente: Floriano de Lemos
Vice-Presidente: Gilberto Lopes Silva
Secretário: Sellmann Nazareth
Tesoureiro: Synésio de Mello e Oliveira
Orador: Israel Alves dos Santos

5º Diretoria - 1930/1931
Presidente: Justino de Carvalho
Vice-Presidente: João Deoclécio Ramos
Secretário: Francisco Purita
Tesoureiro: Aguinaldo Pondé
Orador: Elyeser Magalhães

6º Diretoria - 1931/1932
Presidente: João Deoclécio Ramos
Vice-Presidente: José Borges de Carvalho
Secretário: José Reis Dias
Tesoureiro: José Mendes Pereira
Orador: Levinio de Souza e Silva

7º Diretoria - 1932-1933
Presidente: José Borges de Carvalho
Vice-Presidente: Israel Alves dos Santos
Secretário: Edmundo Cabral Botelho
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: Justino de Carvalho

8º Diretoria - 1933/1934
Presidente: José Borges de Carvalho
Vice-Presidente: Israel Alves dos Santos
Secretário: Edmundo Cabral Botelho
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: Levinio de Souza e Silva

9º Diretoria - 1934/1935
Presidente: José Borges de Carvalho
Vice-Presidente: Sellmann Nazareth
Secretário: Luiz Antonio de Oliveira Coimbra
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: João Deoclécio Ramos

10º Diretoria - 1935/1936
Presidente: José Borges de Carvalho
Vice-Presidente: Levínio de Souza e Silva
Secretário: Paulo Elejalde
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: Herbert Harrison Mercer

11º Diretoria - 1936/1937

Presidente: José Borges de Carvalho
Vice-Presidente: Levínio de Souza e Silva
Secretário: Justino de Carvalho
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: Herbert Harrison Mercer

12º Diretoria - 1937/1938
Presidente: José Borges de Carvalho
Vice-Presidente: Justino de Carvalho
Secretário: Francisco Purita
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: João Deoclécio Ramos

13º Diretoria - 1938/1939
Presidente: Justino de Carvalho
Vice-Presidente: Edmundo Cabral Botelho
Secretário: Aguinaldo Pondé
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: João Deoclécio Ramos

14º Diretoria - 1939/1940
Presidente: Aguinaldo Pondé
Vice-Presidente: Synésio de Mello e Oliveira
Secretário: Mário Valadão Furquim
Tesoureiro: Ernani Pires Domingues
Orador: Francisco Purita

15º Diretoria - 1940/1941
Presidente: Synésio de Mello e Oliveira
Vice-Presidente: Solon da Silva Varginha
Secretário: Francisco Sizenando Junior
Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
Orador: Justino de Carvalho

16º Diretoria - 1941/1942
Presidente: Mário JoséValadão Furquim
Vice-Presidente: Edmundo Cabral Botelho
Secretário: Fuad Daud
Tesoureiro: Alberto Naffah
Orador: João Deoclécio Ramos

17º Diretoria - 1942/1943
Presidente: Edmundo Cabral Botelho e João Deoclécio Ramos
Vice-Presidente: João Deoclécio Ramos e Aniloel Nazareth
Secretário: Fausto d'Oliveira Quaglia
Tesoureiro: Alberto Naffah
Orador: Herbert Harrison Mercer

18º Diretoria - 1943/1944
Presidente: José Mendes Pereira
Vice-Presidente: Aniloel Nazareth
Secretário: Sebastião Lins Prado
Tesoureiro: Olavo Martins dos Santos
Orador: João Deoclécio Ramos

19º Diretoria - 1944/1945
Presidente: Synésio de Mello e Oliveira
Vice-Presidente: Tácio de Barros Serra Dória
Secretário: Orlando de Arruda Barbato
Tesoureiro: Eduardo Silva Araújo
Orador: João Deoclécio Ramos

20º Diretoria - 1945/1946
Presidente: Francisco Sizenando Júnior
Vice-Presidente: Aniloel Nazareth
Secretário: Oscar de Barros Serra Dória
Tesoureiro: Eduardo Silva Araújo
Orador: Herbert Harrison Mercer

21º Diretoria - 1947/1948
Presidente: Aniloel Nazareth
Vice-Presidente: Synésio de Mello e Oliveira
1º Secretário: Deocleciano Funes
2º Secretário: João Fava Neto
1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
Orador: João Deoclécio Ramos
Bibliotecário: Eduardo Silva Araújo

22º Diretoria - 1948/1949
Presidente: Aniloel Nazareth
Vice-Presidente: Synésio de Mello e Oliveira
1º Secretário: Deocleciano Funes
2º Secretário: João Fava Neto

1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
Orador: João Deoclécio Ramos
Bibliotecário: Eduardo Silva Araújo

23º Diretoria - 1949
Presidente: Synésio de Mello e Oliveira
Vice-Presidente: José Maria Rollemberg Sampaio
1º Secretário: Wenceslau Botelho
2º Secretário: João Fava Neto
Orador: Sebastião Lins Prado
1º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
2º Tesoureiro: Luiz Bonfá
1º Bibliotecário: Alípio de Castilho
2º Bibliotecário: Diógenes Funes

24º Diretoria - 1950
Presidente: Aniloel Nazareth
Vice-Presidente: Alberto Naffah
1º Secretário: Rodovir Antonio dos Santos
2º Secretário: Edgard Archimedes Beolchi
1º Tesoureiro: Olavo Martins dos Santos
2º Tesoureiro: Thales de Mendonça
Orador: Assiz Souza
1º Bibliotecário: Alípio de Castilho
2º Bibliotecário: Heitor J. Guimarães

25º Diretoria - 1951-1952
Presidente: Mario Valadão Furquim
Vice-Presidente: Oscar de Barros Serra Dória
1º Secretário: Luiz Duarte
2º Secretário: João Tajara da Silva
1º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
2º Tesoureiro: Luiz Bonfá
1º Bibliotecário: Rodovir Antônio dos Santos
2º Bibliotecário: José Arroyo Martins
Orador: Alípio de Castilho

26º Diretoria - 1953-1954
Presidente: Mario Valadão Furquim
Vice-Presidente: Oscar de Barros Serra Dória
Secretário Geral: Paulo Carneiro da Costa
1º Secretário: Gumercindo Sanches Filho
2º Secretário: Lupércio Moreira
1º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
2º Tesoureiro: Lotf João Bassitt
Orador: Francisco Sizenando Junior
Bibliotecário: Hélio Cherubini

27º Diretoria - 1955/1956
Presidente: Mario Valadão Furquim
Vice-Presidente: Orlando de Arruda Barbato
Secretário Geral: Linneu de Alcantara Gil
1º Secretário: Élcio Ramos Rosário
2º Secretário: Aniloel Nazareth Filho
Orador: Raul de Aguiar Ribeiro
1º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
2º Tesoureiro: Luiz Bonfá
Bibliotecário: Ivan Valle Rolemberg

28º Diretoria - 1957/1958
Presidente: Mario Valadão Furquim
Vice-Presidente: Raul de Aguiar Ribeiro
Secretário Geral: Helion de Mello e Oliveira
1º Secretário: Nelson de Carvalho Seixas
2º Secretário: Luiz Bonfá
Orador: Linneu de Alcantara Gil
Bibliotecário: Gilberto Lopes da Silva Junior

29º Diretoria - 1959/1960
Presidente: Raul de Aguiar Ribeiro
Vice-Presidente: Helion de Mello e Oliveira
Secretário Geral: Nelson de Carvalho Seixas
1º Secretário: Duílio Pelegrino
2º Secretário: Gilberto Lopes da Silva
1º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
2º Tesoureiro: Luiz Bonfá
Orador: Linneu de Alcantara Gil
Bibliotecário: João Freitas
Comissão de Defesa de Classe: Francisco Sizenando Junior, Hélio Cherubini e Ivan Miziara
Comissão Cientifica: José Carlos Laurito, Milton Ferreira da Silva Dias e Melchiades Cardoso de Oliveira
Delegados Eleitores: Mario Valadão Furquim, Oscar de Barros Serra Doria, Wenceslau Botelho e José Arroyo Martins

Suplentes Delegados Eleitores: Ourival Nascimbene, Aloísio Rossi, Leonardo Lania e José Melo Mendes

30º Diretoria - 1961/1962
Presidente: Raul de Aguiar Ribeiro
Vice-Presidente: Helion de Mello e Oliveira
Secretário Geral: João Freitas
1º Secretário: Crescêncio Centola
2º Secretário: Elias José Raduan
1º Tesoureiro: Lauro César Pereira Ribeiro
2º Tesoureiro: Irineu Sanches
Orador: Linneu de Alcântara Gil
Bibliotecário: Delcides Garcia da Costa

31º Diretoria - 1963/1964
Presidente: Lauro César Pereira Ribeiro
Vice-Presidente: Helion de Mello e Oliveira
Secretário Geral: Irineu Sanches
1º Secretário: José de Mello Mendes
2º Secretário: Edilberto de Araujo
1º Tesoureiro: Arlindo Antônio dos Santos
2º Tesoureiro: Benedito Gonçalves de Souza
Orador: Heyde Coelho dos Santos
Bibliotecário: Afiz Nassif

32º Diretoria - 1965/1966
Presidente: Helion de Mello e Oliveira
Crescêncio Centola asume em 1966
Vice-Presidente: Crescêncio Centola
Radovir Antônio dos Santos assume em 1966
Secretário Geral: Edilberto de Araujo
1º Secretário: Irineu Sanches
2º Secretário: José de Seixas
1º Tesoureiro: Amadeu Menezes Lorga
2º Tesoureiro: Dante Nascimbeni
Orador: Sylla Pardo
Bibliotecário: Edison Gomes

33º Diretoria - 1967-1968
Presidente: Raul de Aguiar Ribeiro
Carlos Eduardo Elias Cabbaz, assume em 27/6/1967
Radovir Antônio dos Santos, eleito em 22/7/1967
Vice-Presidente: Carlos Eduardo Elias Cabbaz
Secretário Geral: Leonardo Lania
1º Secretário: Domingo Marcolino Braile
2º Secretário: Antoine Assad Younes
1º Tesoureiro: Nélvio Pala
2º Tesoureiro: Luiz Bonfá
Orador: João Deoclécio Ramos
Bibliotecário: João Roberto Antônio
Comissão Cientifica: José Carlos Laurito e Edilberto Araújo
Comissão de Defesa de Classe: Oscar de Barros Serra Dória e Crescêncio Centola
Delegado Eleito Junto à APM: Irineu Sanches
Diretores do Clube Médico: Radovir Antônio dos Santos, Luiz Bonfá e Ivan Valle Rollemberg

34º Diretoria - 1969/1971
Presidente: Radovir Antônio dos Santos
Vice-Presidente: Domingo Marcolino Braile
Secretário Geral: Hubert Richard Pontes
1º Secretário: Cléo Oliveiro Roma
2º Secretário: Wilson Daher
1º Tesoureiro: Nélvio Pala
2º Tesoureiro: Valdemar Mano Sanches
Orador: Linneu de Alcântara Gil
Bibliotecário: Paulo Carneiro da Costa
Comissão Cientifica: José Carlos Laurito, Edilberto Araújo
Comissão de Defesa de Classe: José de Seixas e Marden Ivan Negrão
Delegado Eleito Junto à APM: Irineu Sanches
Diretores do Clube Médico: Radovir Antônio dos Santos, Ivan Valle Rollemberg, Valdemar Mano Sanches

35º Diretoria - 1972/1973
Presidente: Ivan Valle Rollemberg
Vice-Presidente: Edilberto de Araujo
Secretário Geral: Adalberto Menezes Lorga
1º Secretário: Afiz Nassif
2º Secretário: Hubert Richard Pontes
1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: Valdemar Mano Sanches
Orador: Linneu de Alcântara Gil
Bibliotecário: Carlos Roberto Roquelte Lima
Comissão Cientifica: Sinsei Toma e Felix Roberto Zyngier
Comissão de Defesa de Classe: Antonio Roberto Ismael e Francisco Sizenando Jr
Delegados Eleitores: Irineu Sanches e Crescêncio Centola

36º Diretoria - 1973/1975
Presidente: Ivan Valle Rollemberg
Vice-Presidente: José Dalmo de Araujo
Secretário Geral: Afiz Nassif
1º Secretário: Hubert Richard Pontes
2º Secretário: Adalberto Menezes Lorga
1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: Cesar Fernandes Filho
Orador: Schubert de Araújo Silva
Bibliotecário: Sinsei Toma
Comissão Cientifica: João Roberto Antonio e Dante Nascimbeni Filho
Comissão de Defesa de Classe: Ivan Mocdeci Miziara e João Freitas
Delegados Eleitores Junto à APM: Irineu Sanches e Crescêncio Centola

37º Diretoria - 1975/1977
Presidente: Ivan Valle Rollemberg
Vice-Presidente: Adalberto Menezes Lorga
Secretário Geral: Afiz Nassif
1º Secretário: Hubert Richard Pontes
2º Secretário: José Dalmo de Araujo
1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: César Fernandes Filho
Orador: Schubert de Araújo Silva
Bibliotecário: Sinsei Toma
Comissão Cientifica: João Roberto Antonio e Dante Nascimbeni Filho
Comissão de Defesa de Classe: Ivan Mocdeci Miziara e João Freitas
Delegados Eleitores Junto à APM: Irineu Sanches e Ivan Valle Rollemberg

38º Diretoria - 1978/1979
Presidente: João Freitas
Vice-Presidente: Waldir Antonio Tognola
Secretário Geral: Oscar Ricardo Silva Dória
1º Secretário: Ariobaldo Krempel de Castro
2º Secretário: José Bertazzo
1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: José Roberto D'Alessandro
Orador: Wilson Romano Calil
Bibliotecário: Irineu Luiz Maia
Comissão Cientifica: Antonio Ricardo Toledo Gagliardi e Antonio Hélio V. Rezende Pinto
Comissão de Defesa de Classe: João Tajara da Silva Filho e Hélvio Fochi
Delegados Eleitores Junto à APM: Amadeu Menezes Lorga, José Paulo Cipullo, Irineu Sanches e Ítalo Bozolla

39º Diretoria - 1980/1981
Presidente: João Freitas
Vice-Presidente: Waldir Antonio Tognola
Secretário Geral: Oscar Ricardo Silva Dória
1º Secretário: Ariobaldo Krempel de Castro
2º Secretário: José Bertazzo
1º Tesoureiro: Luiz Bonfá
2º Tesoureiro: José Roberto D'Alessandro
Orador : Wilson Romano Calil
Bibliotecário: José Eduard Pereira
Comissão Cientifica: Antonio Ricardo Toledo Gagliardi e Roberto Acayala de Toledo
Comissão de Defesa de Classe: João Tajara da Silva Filho e Hélvio Fochi
Delegados Eleitores Junto à APM: Amadeu Menezes Lorga, José Paulo Cipullo, Irineu Sanches e Edison Gomes

40º Diretoria - 1982/1983
Presidente: Aldemir Bilaqui
Vice-Presidente: Oscar Ricardo Silva Dória
1º Secretário: Arthur Soares de Souza
2º Secretário: Lindolpho Guimarães Correa Neto
1º Tesoureiro: Durval Franco Vilela
2º Tesoureiro: Aluyzio de Mendonça Costa
Diretor de Defesa de Classe: José Eduardo Pereira
Diretor Cientifico: Hélio A. Paschoal da Gama
Diretor Cultural: Edison Gomes
Diretor de Recreação Social: Reny Volpato Bertazzo
Diretor de Recreação Esportiva: Pedro Rosan
Delegados Eleitores junto à APM: Ivan Valle Rollemberg, Waldir Antonio Tognola, Antonio Roberto Bozzola e José Carlos Nicolau
Conselho Fiscal: Sérgio Aloísio Coimbra Garzon (Presidente), Roberto Luiz Kaiser, Paulo Cesar da Silva, Helio Lichiotto, José A. Claudino Pedroso, Edemir Maciel, José Vacare Tezine, Jair Pinto, Roberto Luiz Kaiser, Roberto Acayaba de Toledo e Nelson de Carvalho Seixas.
Suplentes: Ítalo Bozzola, José Tajara da Silva, Agnaldo de Paula Vasconcelos, Deocleciano Funes e Rubens Rocha Vieira

41º Diretoria - 1984/1985
Presidente: Aldonio Ferreira de Faria Jr
Vice-Presidente: Aldemir Bilaqui
1º Secretário: Oscar Marcelo Silva Dória
2º Secretário: Schubert Araújo Silva
1º Tesoureiro: Durval Franco Vilela
2º Tesoureiro: Eliseu Roberto Mello Denada
Diretor de Defesa de Classe: Edilson Gomes
Diretor Cientifico: José Paulo Cipullo

Diretor Cultural: Eduardo Paulo Boskovitz
Diretor de Recreação Social: João Roberto Antonio
Diretor de Recreação Esportiva: Rudendorff Caffagni
Delegados Eleitores Junto à APM: Flavio Rossi, José Carlos Rodrigues Moreira, Hélvio Fochi, Omar Ismael, José Carlos Nicolau e Tufik Bauab Jr.
Conselho Fiscal: Altino Bessa Marques Filho, Egberto Palmegiani, Francisco de Assis Cury, Ítalo Bozzola, Oscar Ricardo Silva Dória, Paulo Antonio Zola, Renato Keniti Kawano, Pedro Antonio Minaes, Pedro Teixeira Neto e Rubens Plácido Goes. Suplentes: Krikor Darakjian, Paulo César Bonadio, Paulo Cesar da Silva, Renato Provincialli e Sebastião Antonio Miglioli

42º Diretoria - 1986/1987
Presidente: Durval Franco Vilela
Vice-Presidente: Oscar Ricardo Silva Dória
1º Secretário: Hamilton Luiz Xavier Iunes
2º Secretário: Francisco Correa de Camargo Neto
1º Tesoureiro: Eliseu Roberto Mello Denadai
2º Tesoureiro: José Mario Pozzetti
Diretor de Defesa de Classe: Carlos Roberto Seixas
Diretor Cientifico: José Agostinho Vicentin
Diretor Cultural: Roberto Acayaba de Toledo
Diretor de Recreação Esportiva: Geraldo Joel Neto Godinho
Diretor de Recreação Social: João Luiz Bassan Faria
Conselho Fiscal: Ary Laineth Jr, Italo Bozzolla, João Carlos Anacleto, José Rodrigues Simões Neto, Luiz Cândido Borges Barreto, Marco Aurélio van Eiven, Mocayber Gorayeb Neto, Olavo Amorim Jr, Osvaldo Peresi Filho, Sergio Aloísio Coimbra Garzon. Suplentes: Arthur Soares de Souza Jr, Gilberto Keniti Anai, Horácio José Ramalho, José Raimundo Veneziano e Walter Anselmo Jr
Delegados Eleitores Junto à APM: Ivan Valle Rolemberg, Aldemir Bilaqui, Flavio Rossi, José Carlos Nicolau, Paulo César Bonadio, Tufik Bauab Jr.

43º Diretoria - 1988/1989
Presidente: Eliseu Roberto Mello Denadai
Vice-Presidente: Luiz Roberto Martini
1º Secretário: Jose Carlos Rodrigues Moreira
2º Secretário: Newton Antonio Bordin
1º Tesoureiro: Horácio José Ramalho
2º Tesoureiro: Antonio Ronaldo Spotti
Diretor Cultural: Wilson Daher
Diretor de Defesa de Classe: Antonio Carlos Pires
Diretor Cientifico: Domingo Marcolino Braile
Diretor Esporte: Luiz Fernando Colturato
Diretor Social: Victor Bastos Navarro da Cruz
Delegados Eleitores Junto à APM: Durval Franco Vilela e Ivan Valle Rollemberg
Conselho Fiscal: Oscar Ricardo Silva Dória, Omar Ismael, Paulo Antonio Zola, Manoel Carlos Líbano dos Santos, Humberto Liedtke, Cesar Olimpio Golin, Osvaldo Tadeu Grecco, Antonio Soares de Souza, Adolfo Orse Neto, Ubirajara Paroneto de Oliveira. Suplentes: Antonio Hélio Oliani, Cássio Luis Giorgi, José Pardo Filho, Renato Provincialli e Alberto da Fonseca

44º Diretoria - 1990/1991
Presidente: Horácio José Ramalho
Vice-Presidente: Crescêncio A.P. Centola
1º Secretário: José Mario Pozetti
2º Secretário: José Rodrigues Simões Neto
1º Tesoureiro: João Batista Barberato
2º Tesoureiro: Roberto Acayaba Toledo
Diretor de Defesa de Classe: José Paulo Cipullo
Diretor Cientifico: Tufik Bauab Jr
Diretor Cultural: Maria Lúcia Machado Salomão
Diretor Social: Olavo Amorim Junior
Diretor Esportivo: Luiz Fernando Colturato
Delegados Eleitores Junto à APM: José Eduardo Pereira e Ivan Valle Rollemberg
Conselho Fiscal: Júlio D. Paes Neto, Eleuses Vieira de Paiva, Ivan Bedone, Aguinaldo P. Vasconcelos, Irmo Bassi Jr, Osvaldo Tadeu Greco, Alberto Fonseca, Dino Benfati, Júlio Cesar P. Cardoso Jr., Luiz Cândido B. Barreto, Marco Aurélio van Erven
Suplentes: José Adriano Zancaner, Marco Aurélio Van Erven, Mario José Goes, José Purini Neto, Carlos A. Aued

45º Diretoria - 1992/1993
Presidente: José Paulo Cipullo
Vice-Presidente: Luiz Fernando Colturato
1º Secretário: Manoel Carlos Líbano dos Santos
2º Secretário: Wilson Monteiro Junior
1º Tesoureiro: Orlando Cesar Mazzota
2º Tesoureiro: Antonio Soares de Souza
Diretor de Defesa de Classe: Fausto Nasser
Diretor Cientifico: Américo Souza Poça D'Água Filho

Diretor Cultural: Maria Lucia Machado Salomão
Diretor Recreação Social: Olavo Amorim Junior
Diretor de Recreação Esportiva: Paschoal Antonio Camarero Carrazone
Delegados Eleitores Junto à APM: Ivan Valle Rollemberg e Júlio Cesar Pereira Cardoso Jr.
Conselho Fiscal: Aldonio Ferreira de Faria Jr., Marco Aurélio van Erven, Emerson Gomes, Irmo Bassi Junior, Omar Ismael, José Carlos Aydar Ayoub, Nagib Nassif, Osvaldo Miúra, Ivan Bedone e Dino Benfatti
Suplentes: Paulo Antonio Zola, Jorge Sukumine, José Roberto Filiage, Carlos Alberto Aued e Ubirajara Paronetto de Oliveira
Diretor Distrital: Eleuses Vieira de Paiva

46º Diretoria - 1994/1995
Presidente: Eleuses Vieira de Paiva
Olavo Amorim Junior, assume em 1995
Vice-Presidente: Olavo Amorim Junior
1º Tesoureiro: João Aris Kouyoumdjian
2º Tesoureiro: Jorge Shukumine
1º Secretário: José Bertazzo
2º Secretário: João Gomes Netinho
Diretor de Defesa de Classe: Fausto Nasser
Diretor Cientifico: Mario Abbud Filho
Diretor Cultural: Ana Maria Garcia Cardoso
Diretor Recreação Social: Ivan Bedone
Diretor de Recreação Esportiva: Marcos Teixeira Cesar
Delegados Eleitores às Assembléias da APM: José Paulo Cipullo e Orlando Cesar Mazota
Conselho Fiscal: Airton Moscardini, Dured Fauaz, Egberto Palmegiani, Irmo Bassi Junior, José Carlos Rodrigues Moreira, Márcio Constantino Mimessi, Marco Antonio Fernandes Dias, Oscar Ricardo Silva Dória, Osvaldo Tadeu Greco e Roberto Acayaba de Toledo
Suplentes: Cesar Olimpio Golin, Crescêncio A. P. Cêntola, Mario Jabur Filho, Paulo Henrique Alves Togni e Pedro Vilela Machado Filho
Diretor Distrital: Miguel Zerati Filho

47º Diretoria - 1996/1997
Presidente: Mário Abbud Filho
Vice-Presidente: Luiz Fernando Colturato
1º Tesoureiro: João Aris Kouyoumoljian
2º Tesoureiro: Rosa Maria C. Soubhia
1º Secretário: Marcos Teixeira Cesar
2º Secretário: Waldir Antonio Tagnola
Diretor de Defesa de Classe: Oscar Ricardo Silva Dória
Diretor Cientifico: José Carlos Aydar Ayoub
Diretor Cultural: Altino Bessa Marques Filho
Diretor Recreação Social: Evandro Ennes Lima Jr.
Diretor de Recreação Esportiva: Dimas Levi Bechara
Diretoria de Departamento Feminino: Bárbara Lania Pereira
Delegados Eleitores às Assembléias da APM: José Paulo Cipullo e Olavo Amorim Junior
Conselho Fiscal: Antonio Roberto Moriel, Edilberto de Araújo, Fausto Nasser, Irmo Bassi Junior, Jorge Sukumine, José Bertazzo, Marco Aurélio van Erven, Mário Luciano Macri, Roberto Acayaba de Toledo, Vera Márcia G. Tápparo
Suplentes: Egberto Palmegiani, Ivan Bedone, José Carlos R. Moreira, Marco Antonio Ferreira Dias e Pascoal Antonio Camarero Carrazzone

48º Diretoria - 1998/1999
Presidente: Mário Abbud Filho
Vice-Presidente: Luiz Fernando Colturato
1º Tesoureiro: João Aris Kouyoumdjian
2º Tesoureiro: Rosa Maria C. Soubhia
1º Secretário: Marcos Teixeira Cesar
2º Secretário: Waldir Antonio Tagnola
Diretor de Defesa de Classe: Oscar Ricardo Silva Dória
Diretor Cientifico: Miguel Zerati Filho
Diretor Cultural: Altino Bessa Marques Filho
Diretor Recreação Social: Evandro Ennes Lima Jr.
Diretor de Recreação Esportiva: Paulo Antonio Zola
Diretoria de Departamento Feminino: Regina Maria Volpato Bedone
Delegados Eleitores à APM: Horácio José Ramalho, José Paulo Cipullo e Olavo Amorim Junior
Conselho Fiscal: Antonio Roberto Moriel, Edilberto de Araújo, Irmo Bassi Junior, Jorge Sukumine, José Bertazzo, Marco Aurélio van Erven, Mário Luciano Macri, Roberto Acayaba de Toledo e Vera Márcia G. Tápparo
Suplentes: Egberto Palmegiani, Ivan Bedone, José Carlos R. Moreira, Marco Antonio Ferreira Dias e Pascoal Antonio Camarero Carrazzone

49º Diretoria - 2000/2002
Presidente: Luiz Fernando Colturato
Vice-Presidente: José Carlos Cacau Lopes
1º Tesoureiro: Pedro Teixeira Neto
2º Tesoureiro: Wahi Jalikjian
1º Secretário: Antonio Barbosa de Oliveira Filho
2º Secretário: Marcos Teixeira Cesar

Diretor Cientifico: Wilson Miguel Cecim Coelho
Diretor de Defesa de Classe: Maria Helena M. Dias Sardilli
Diretor de Recreação Esportiva: João Carlos Ferreira Leal
Diretor Recreação Social: Marco Aurélio van Erven
Diretor Cultural: Altino Bessa Marques Filho
Diretoria de Departamento Feminino: Ana Maria dos Reis Toledo
Delegados Eleitores à APM: Emerson Gomez, Fernando Vilela Salis e José Victor Maniglia
Conselho Fiscal: Edilberto Araújo Filho, Helencar Ignácio, Ivan Bedone, Jorge Alberto Thomé, Jorge Cury Junior, Jose Bertazzo, José Dalmo de Araújo Filho, José Ricardo Bertazzo, Mário Luciano Macri e Osvaldo Miura
Suplentes: Egberto Palmegiani, Gerson Ignácio, Irineu Luiz Maia, Izabel Cristina B. Pirozzi e Jorge Sukumine

50º Diretoria - 2003/2005
Presidente: Pedro Teixeira Neto
Vice-Presidente: Antonio Barbosa de Oliveira Filho
1º Tesoureiro: Orlando Cesar Mazzota
2º Tesoureiro: Eduardo Paulo Boskovitz
1º Secretário: Rui Nogueira Barbosa
2º Secretário: Walter Benfatti Junior
Diretor Cientifico: Renato Ferreira da Silva
Diretor de Defesa de Classe: José Carlos Cacau Lopes
Diretor de Esportes: Gerson Ignácio
Diretor Social: Regina Maria Volpato Bedone
Diretor Cultural: Osvaldo Miura
Diretoria de Departamento Feminino: Ana Luiza R. F. Siqueira Campos
Delegados Eleitores à APM: Emerson Gomes, José Paulo Cipullo e Luiz Fernando Colturato
Conselho Fiscal: Antonio Miguel Morena Pires D'Avila, Edilberto Araújo Filho, Egberto Palmegiani, Francisco Ricardo Marques Lobo, Izabel Cristina F. Pirozzi, José Bertazzo, José Dalmo de Araújo Filho, Mario Fernando B. Domingos, Miguel Zerati Filho e Vera Helena R. Faloppa
Suplentes: Carlos Dario Berto, Helencar Ignácio, Irineu Luiz Maia, Jorge Alberto Thomé e Jorge Sukumine

51º Diretoria - 2006/2008
Presidente: Regina Maria Volpato Bedone
Vice-Presidente: Rui Nogueira Barbosa
1º Tesoureiro: Helencar Ignácio
2º Tesoureiro: Áurea Regina Mauad
1º Secretário: Geovanne Furtado Souza
2º Secretário: Waldemar Luiz Machado de Lima
Diretor Cientifico: Edilberto de Araújo Filho
Diretor de Defesa de Classe: Jorge Alberto Thomé
Diretor de Esportes: Mário Fernando B. Domingos
Diretor Social: Miriam Regina Guidotti Haddad
Diretor Cultural: José Paulo Cipullo
Delegados Eleitores à APM: Emerson Gomes e Horácio José Ramalho
Conselho Fiscal: Antonio Yacubian Filho, Carlos de Marqui, Celita Fiorini Dalul Gómez, Manoel Carlos Líbano dos Santos, Mariângela Coelho Pinto Bordin, Octávio Almeida Luz, Osvaldo Miura, Paulo César Bonadio, Sérgio Henrique Ledesma e Vera Helena Almeida Gama
Suplentes: André Luiz Reis, Aparecido João Faloppa, Áurea Regina Mauad, Marcos Teixeira Cesar, e Vera Márcia M. G. Tápparo

Bibliografia

ARANTES, Lelé. *Dicionário Rio-pretense*. São José do Rio Preto, SP: Ed. Rio-pretense, 1997.

ARANTES, Lelé. *Dicionário Rio-pretense, 2ª Edição*. São José do Rio Preto, SP: Ed. Casa do Livro, 2002.

BRANDI, Agostinho. *São José do Rio Preto 1852-1894*: roteiro histórico do distrito. São José do Rio Preto, SP: Casa do Livro, 2002.p.29.

CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana do Paranaíba de 1700 a 2000*. 2ª ed. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico, 2002.

GOMES, Leonardo. *Gente que ajudou a fazer uma grande cidade – Rio Preto*. São Paulo, SP: Gráfica São José, 1975.

HIPÓCRATES. *Aforismos, Antologia*. Tradução de José Dias Moraes. São Paulo, SP: Martins Claret, 2004

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Objetiva, 2001.

LEMOS, Alberto. História de Araraquara. Araraquara, SP: Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria, {data}. p.14.

LEMOS, Maria de Lourdes. *Comunicação pessoal*. Rio de Janeiro, RJ: 2006/2007

LUCA, Tânia Regina de. *Marcha para o oeste paulista: história viva*. São Paulo, SP: Duetto, 2007. p. 32 (temas brasileeiros)

MONBEIG, Pierre. *Pioneiro e fazendeiros de SãoPaulo*. São Paulo: Hucitec, 1984.p113.

NOGUEIRA, Carlos Rodrigues. *São José do Rio Preto, 1852-1845*. São Paulo, SP: João Bentivegna, 1952.

NUNES, Luís Antonio. "Aspectos históricos de São Paulo nas décadas de 1920/1930." In.*75 anos da Associação Paulista de Medicina*. São Paulo, 2005.

PALOMBA, Guido Arturo (org.). *75 Anos da Associação Paulista de Medicina*. São Paulo, SP: APM, 2005.

SILVA, Márcia Regina Barros da. *Projetos republicanos para a saúde: o ensino livre de medicina*, Boletim Instituto de Saúde, 2006.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. *A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 1895 – 1913*.- F. Tese (doutorado em FFCLH-USP) – Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e historia, Universidade, São Paulo 2001.

VALLE, Dinorath, VALLE, Walter. *Monumento à Vida*. São José do Rio Preto, SP: 1997

www.biblio.com.br/conteudo/biografias/clementinofraga.htm

www.fab.mil.br/fab/personalidades/sdumont/guerra.htm

www.mosquitocatalog.org/pdfs/003200-2.PDF

www.providaanapolis.org.br/terapeut.htm

www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1278&tipo=D

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100004

www.sfo.asso.fr/

www.sobedrj.com.br

www.time.com/time/magazine/article

http://www.worldmedicalfootballfederation.com/index.html

FONTES:

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Ed. Objetiva, RJ, 2001

Livro de Atas da Sociedade de Medicina e Cirurgia de 4/3/1926 a 19/6/1937

THS/ARANTES EDITORA

Textos, História e Serviço de Comunicação Ltda.

CNPJ 02.821.566/0001-00 - IE Isenta

Rua Bernardino de Campos, 2976 - sala 704

15015-300 - São José do Rio Preto - SP

Fone/Fax (17) 3222-5666 - (17) 3012-2142

E-mail: ths.arantes@superig.com.br

www.thseditora.com

Este livro foi impresso pela Prol Gráfica,
para a THS/Arantes Editora, em março de 2008